

ROYALLY MATCHED

New York Times Bestselling Author

EMMA CHASE



Disponibilização: Eva

Tradução: Ane

Revisão Inicial: Rafa S.

Revisão Final: JJ Garcia

Leitura Final: Cherry, Nane

Formatação: Eva

ROYALLY Series

EMMA CHASE



Alguns homens nascem responsáveis, alguns têm a responsabilidade imposta a eles. Henry John Edgar Thomas Pembrook, Príncipe de Wessco, acaba de receber uma mina de ouro cheia de responsabilidades, despejada em seu colo real.

Ele não está lidando muito bem com isso.

Na esperança de ajudar seu neto a agir à altura dos acontecimentos, a rainha Lenora concorda em lhe dar "espaço", mas enquanto a rainha está longe, o príncipe vai jogar. Depois de um encontro casual com uma produtora de televisão americana, Henry finalmente toma uma decisão por conta própria:

Bem-vindo ao Matched: Royal Edition.

Um reality show de namoro com vinte das mais belas do mundo de sangue azul, reunidas no mesmo castelo. Apenas uma vai ganhar a tiara de diamantes, apenas uma ganhará o coração do belo príncipe.

Enquanto Henry se deleita com as artimanhas sensuais das concorrentes atrevidas enquanto lutam, literalmente, por sua afeição, é a garota mais silenciosa, com óculos, no canto com a voz de um anjo e um corpo que tentaria um santo que chama a sua atenção.

Quanto mais Henry conhece Sarah Mirabelle de Zinnia Von Titebottum, mais encantado ele fica, por sua beleza simples, sua força, o seu espírito amável... e o seu impertinente senso de humor.

Mas Roma não foi construída em um dia e... uma realeza irresponsável não mudara da noite para dia.

À medida que ele se esforça para corrigir seus erros, velhas palavras assumem novos significados para o Príncipe. Palavras como dever, honra e acima de tudo... amor.



ROYALLY MATCHED

EMMA CHASE

Capítulo 01

Henry

"BOLAS."

Cortei.

Pelo menos eu acho que é o termo correto. Encaixar? Cortar? Picar? Não tenho certeza. Eu nunca fui um fã de golfe. É muito lento. Muito quieto. A porra de um *tédio*. Gosto dos meus esportes da maneira que eu gosto de foder—selvagem, barulhento e sujo.

O futebol é mais o meu jogo. Ou rugby. Contato corpo a corpo. Polo também é bom.

Merda, neste ponto, me contentava com uma vigorosa partida de Quadribol.

"O que foi aquilo, Alteza?" Sir Aloysius indaga.

Eu passo o taco para Miles, meu caddie[1], e viro rapidamente para enfrentar os homens responsáveis pela minha tarde de tortura.

"Eu apenas disse *bolas*."

Lord Bellicksbub, pronunciado de forma semelhante à Beelzebub, Conde de Pennington, cobre sua barba cinzenta com sua mão envelhecida e tosse, seus olhos se arregalando desconfortavelmente. Eu não deveria dizer coisas assim. É *inapropriado*. Grosseiro. Sob o posto de príncipe herdeiro, herdeiro do

[1]Garoto que ajuda um jogador carregando os seus tacos.

trono de Wessco. Que é o título a que estou preso agora, graças ao meu irmão mais velho ter se apaixonado—o bastardo—abdicando do trono, e casando-se com a sua maravilhosa garota americana.

No último ano, me disseram uma vez, aliás, me falaram mil vezes, que o herdeiro deve agir *corretamente*.

Mas nunca fui muito bom em fazer o que me dizem.

É um problema.

Ou um reflexo. Se eles dizem à esquerda, eu vou para a direita. Se eles dizem sente-se, eu salto. Se eles dizem para me comportar, eu fico bêbado e passo o fim de semana fodendo com as três sobrinhas do arcebispo.

Eram boas garotas. Pergunto-me, o que elas estão fazendo nesta sexta-feira?

Não, eu retiro o que disse. Não estou perguntando isso. Porque esse era o velho Henry. O Henry divertido, despreocupado que todo mundo queria estar perto.

Agora eu tenho que ser o Henry de quem ninguém quer ficar perto. Sério. Acadêmico. Exemplar, mesmo que isso me mate, e isso é definitivamente possível. Decoro[2] é o que minha avó, a Rainha, exige. E o que o Parlamento, membros como Aloysius e Belzebub, espera. É o que o meu povo precisa. Todos eles estão contando comigo. Dependendo de mim. Para liderá-los no futuro. Para ser bom.

Para ser... o Rei.

Cristo, meu estômago rola toda vez que eu penso nessa palavra. Quando alguém diz isso em voz alta eu quase vomito. Se eu devo ser a Grande Esperança Real para o meu país, estamos todos bem e verdadeiramente fodidos.

"Ponto bem-feito, príncipe Henry", Sir Aloysius diz. "A marca da bola faz toda a diferença."

---

[2]Acatamento das normas morais; dignidade, honradez, decência.

Ele está cheio disso. Ele sabe exatamente o que eu quis dizer. Mas é assim que a política é jogada. Com fraude, sorrisos falsos e facas de açougueiro nas costas.

Eu odeio politicagem ainda mais do que eu odeio golfe.

Mas esta é minha vida agora.

Aloysius estreita os olhos para o caddie. “É melhor que tenhamos bolas decentes na próxima sessão ou pessoalmente assegurei que você nunca mais trabalhe nos links[3] novamente. Peça desculpas ao príncipe por sua incompetência.”

O rapaz, agora com o rosto pálido, se curva. “Sinto muito, Sua Alteza.”

E meu estômago rola outra vez.

Como Nicholas suportou isso durante todos esses anos? Eu costumava pensar que ele era o rei do drama. Um pessimista e chorão.

Agora eu entendo. Eu andei um quilômetro em seus sapatos e já estão cheios de merda.

Você pensaria que ter sua bunda constantemente beijada seria agradável, mesmo que só um pouco. Mas quando é um ninho de cobras te sufocando, oferecendo um beijo negro e empurrando suas línguas bifurcadas, é revoltante.

“Não se preocupe”, eu digo ao rapaz, porque eu tenho o sentimento que se eu fizer um problema sobre isso, Aloysius vai descarregar tudo sobre ele.

Os caddies ficam para trás enquanto caminhamos em direção ao verde.

“Qual é a sua opinião sobre a legislação de repatriação, Vossa Alteza?” Beelzebub pergunta casualmente.

“Reparti - o quê?” Eu respondo sem pensar.

---

[3]O termo links se refere a um tipo específico de campo de golfe, é o estilo mais antigo de campo

“Repatriação”, diz Aloysius. “Permite que as corporações que foram sancionadas por violações trabalhistas frívolas, possam trazer de volta fundos estrangeiros para Wessco, sem penalidade. Isso lhes permitiria criar milhares de empregos para a classe trabalhadora. A legislação está paralisada no Parlamento há semanas. Estou surpreso que Sua Majestade não tenha falado com você.”

Ela provavelmente fez. Junto á dez mil outros fatos, de números e pedaços de legislação, informações e legalidades que eu preciso saber para ontem. Eu não sou um idiota. Na verdade, posso ser bastante brilhante quando me favorece. Eu sempre me saí bem na escola.

É difícil estar interessado em coisas em que não tenho interesse.

No começo minha avó me enviou informações via e-mails—memorandos. Mas depois que o servidor do Palácio caiu, ela começou a imprimir tudo. Provavelmente uma floresta inteira de papel está reunida no meu quarto agora, esperando por mim.

Sinto muito, meio ambiente.

Posso ser um merda em politicagem, mas colocar um rosto feliz para encobrir minhas falhas é algo em que eu sou um mestre. Jogando a parte. Fingindo.

Estive fazendo isso por toda a minha vida.

“Sim, claro, repatriação. Eu pensei que você havia dito *repetrificação,* isso é algo com que estou ainda me familiarizando, mas acredito que será uma causa muito importante para mim.”

Com suas expressões desconcertadas, cruzo os braços, abaixo a cabeça e explico solenemente: “A repetrificação é a distribuição de animais abandonados aos idosos. Vou enviar-lhe um memorando.”

Lord Bellicksbub acena com a cabeça. “Interessante.”

Sir Aloysius concorda. “De fato.”

Senhoras e senhores, isso é a minha ideia de um hole in one[4] a

[4]Hole in one é uma jogada na qual o golfista acerta a bola no buraco com apenas uma tacada.

tacada perfeita...

Sir Aloysius tira o taco do seu caddie e faz um teste antes de se aproximar da bola. E quanto ele se levanta, ele me pergunta: “E quanto à repatriação? Isso também soa como uma causa digna para você?”

Desta vez eu tento pensar antes de falar. Vovó ficaria orgulhosa.

Depois de um momento, eu aceno. “Mais oportunidades para a classe trabalhadora é sempre uma coisa positiva. Penso que é uma boa ideia.”

Beelzebub sorri lentamente, seus dentes amarelos brilhando no sol fresco da tarde.

“Excelente.”



“O que você estava pensando?”

Afinal, parece que vovó não ficou tão orgulhosa.

Ela bate o Sunday Times em sua mesa, deixando a manchete gritar por ela.

COROA INVERTE POSIÇÃO—APOIA A POLÊMICA REPATRIAÇÃO

Da minha cadeira, em frente à poderosa mesa da rainha, aponto para o papel. “Não foi o que eu disse.”

Eu deveria saber quando fui convocado aqui que algo estava errado. Ser chamado para o escritório da rainha não é tão diferente que ser levado para a sala do diretor, nada de bom vem disso.

Ela fecha o rosto, as linhas ao redor de sua boca mais nítidas e

profundas do que era há um ano. Eu tenho esse efeito nas pessoas.

"Há meses estamos pressionado para inviabilizar a aprovação desta legislação. A única coisa que impediu uma votação final foi nossa extenuante desaprovação. E agora você, em um único golpe, desfez todo esse trabalho."

Sinto minha pele apertar e uma coceira por baixo do meu terno. Passo uma mão pelo meu cabelo, que já me disseram que precisa de um corte. É exatamente por isso que ele está quase tocando meus ombros.

"Eu não desfiz nada! Era uma observação improvisada. Uma conversa."

A rainha apoia suas as mãos sobre a mesa, inclinando-se para frente. "Você é o Príncipe da Coroa, você não tem o luxo de fazer comentários desprevenidos. Você fala pela Casa de Pembrook e cada palavra, ação e respiração têm o potencial de ser torcida e regurgitada por qualquer lado que a ache útil. Já discutimos isso, Henry."

Eu costumava ser o favorito da vovó. Sempre tivemos uma relação especial. Ela se divertia com minhas histórias e minhas aventuras. Tudo virou fumaça no dia em que fui nomeado seu sucessor. Ela não se diverte mais comigo, inferno eu acho que ela nem gosta mais de mim.

"Você se importou em ler nossa posição sobre o assunto? Eu mandei Christopher enviá-la semanas atrás."

Christopher é o secretário particular da rainha, seu lacaio. Em seu tempo livre suspeito que ele ande por aí com uma Gimp Ball[5] na boca e a foto da rainha impressa nela.

"Não tive tempo."

"Você não se importou em ter tempo."

---

5 

Quando as desculpas caem, o desvio é sempre o caminho a percorrer. “Você foi à única que insistiu para que eu participasse daquela estúpida partida de golfe com os idiotas um e dois.”

Suas palavras são rápidas e afiadas como a rajada de uma metralhadora. “Porque eu tolamente pensei que você estivesse familiarizado com a frase ‘mantenha seus amigos próximos e seus inimigos mais próximos ainda’. Tolice minha.”

Minhas narinas ardem. “Eu não pedi nada disso!”

Ser posto nesta posição. Ser sobrecarregado com esta esmagadora responsabilidade. Eu nunca quis as chaves do reino, estava mais que feliz em só passar pela porra da porta.

Minha avó se endireita e levanta o queixo. Insensível e inabalável.

“Não, você também não era minha primeira escolha.”

Ouch.

Um soco no estômago de uma senhora de setenta e oito anos não devia causar muito dano. Mas vindo de uma mulher que realmente admiro e que é o mais próximo que tive de uma mãe desde os meus dez anos de idade? Isso dói.

Então eu reajo da maneira que sempre faço. Eu me inclino para trás em minha cadeira, descansando o tornozelo no joelho, com um sorriso nos lábios até onde o olho pode ver.

“Bem, parece que estamos no mesmo barco vovó. Devemos renomear o Palácio de Wessco, você prefere Titanic ou Hindenburg.”

Ela não vacila ou pisca e com certeza não sorri. Seus olhos cinzentos são tão afiados e brilhantes como a lâmina de uma guilhotina.

E tão letais quanto.

“Você faz piadas. Se esta legislação for aprovada, irá reverter proteções aos trabalhadores de baixa renda. Os expondo a práticas de trabalho injustas e possivelmente perigosas. Você acha que eles ainda vão rir de suas piadas, Henry?”

Droga, ela é boa. A culpa materna é eficaz, mas a culpa da rainha é uma de um nível completamente diferente.

Meu sorriso é levado do meu rosto.

“Vou colocar uma declaração explicando que fui induzido ao erro por Sir Aloysius e que minhas palavras foram tiradas de contexto.”

Ela balança a cabeça. “O que só servirá para dizer ao mundo que você foi um tolo que pode ser facilmente enganado.”

“Então vou dar uma declaração dizendo que refleti sobre o assunto e mudei minha opinião.”

“O que demonstrará que a sua palavra não pode ser confiável, que suas opiniões são fluidas e o que você disser não significa nada.”

Cristo, isso é como uma armadilha chinesa de dedos, quanto mais duro você luta, mais forte ela prende. Eu não fumo, mas preciso de um cigarro agora. Ou uma dose de uísque.

Uma pistola também pode ser uma boa opção.

“Então, o que diabos eu devo fazer?”

“Nada”, ela assobia. “Vou consertar isso. Você vai para Guthrie House e vai ficar por lá. Não fale com ninguém; não receba nenhum convidado. Apenas... leia, Henry. Eduque-se para o bem de todos nós.”

E é assim que uma rainha envia um príncipe para seu quarto.

Ela se vira, olhando pela janela, suas mãos pequenas e enrugadas, dobradas firmemente atrás das suas costas.

Eu levanto minha mão em sua direção, querendo dizer... algo mais. Uma desculpa ou uma promessa de fazer melhor. Mas depois de um momento desisto. Porque isso não importa, já fui dispensado.

Determinado, cruzo a porta do Guthrie House, o palácio histórico do Herdeiro legítimo e minha residência durante o último ano. Prisão Doce Prisão. Subo as escadas de dois em dois para o meu quarto. É bom ter um propósito, uma direção, um plano.

E o meu plano é beber até esquecer meu fodido nome. Todos eles.

As páginas que cobrem as paredes vibram como asas de pássaros quando entro no quarto. Eu não estava brincando quando disse que minha avó me mandou uma floresta de documentos. Colei todos ao redor do quarto para que eu pudesse ler enquanto me visto, durmo, e quando acordo. Tenho que manter meus olhos fechados quando bato uma punheta—doutrinas governamentais é uma ducha de água fria. Eu espero secretamente absorver as informações através da simples proximidade. Não funcionou até agora; Osmose[6] é uma besteira.

Encolho os ombros no meu terno da marinha—uma coisa constrangedora e desconfortável. Embora me tenham dito que o uso como um chefe, não com estilo. Toda vez que o visto, me sinto deslizando na pele de outra pessoa.

Eu lembro quando tinha cinco ou seis anos, vesti um dos ternos de papai. Mamãe tirou uma dúzia de fotos, rindo da minha meiguice. Gostaria de saber se elas estão no sótão em algum lugar ou, mais provavelmente, na posse do historiador real que vai publicá-las depois que eu estiver morto. Para provar que o Príncipe Henry já foi um menino de verdade.

Eu idolatrava meu pai. Ele sempre parecia tão alto para mim... maior que o mundo. Era sábio e seguro, não havia um trabalho que não pudesse fazer, também tinha uma veia brincalhona. Gostava de quebrar as regras. Levava Nicholas e eu para concertos e parques de diversões, mesmo que isso deixasse os cabelos da equipe de segurança brancos. Ele não se importava se nós jogássemos e muitas vezes ficarmos sujos. Uma vez ele saiu de uma reunião com o Primeiro Ministro para participar de uma guerra de bolinhas de neve que estávamos travando no pátio

[6]É a passagem do solvente de uma solução já diluída para outra com maior concentração, através de uma membrana semipermeável.

Alguns dias parecem que ainda estou usando o terno do meu pai. E não importa o quanto eu tente... nunca vai caber.

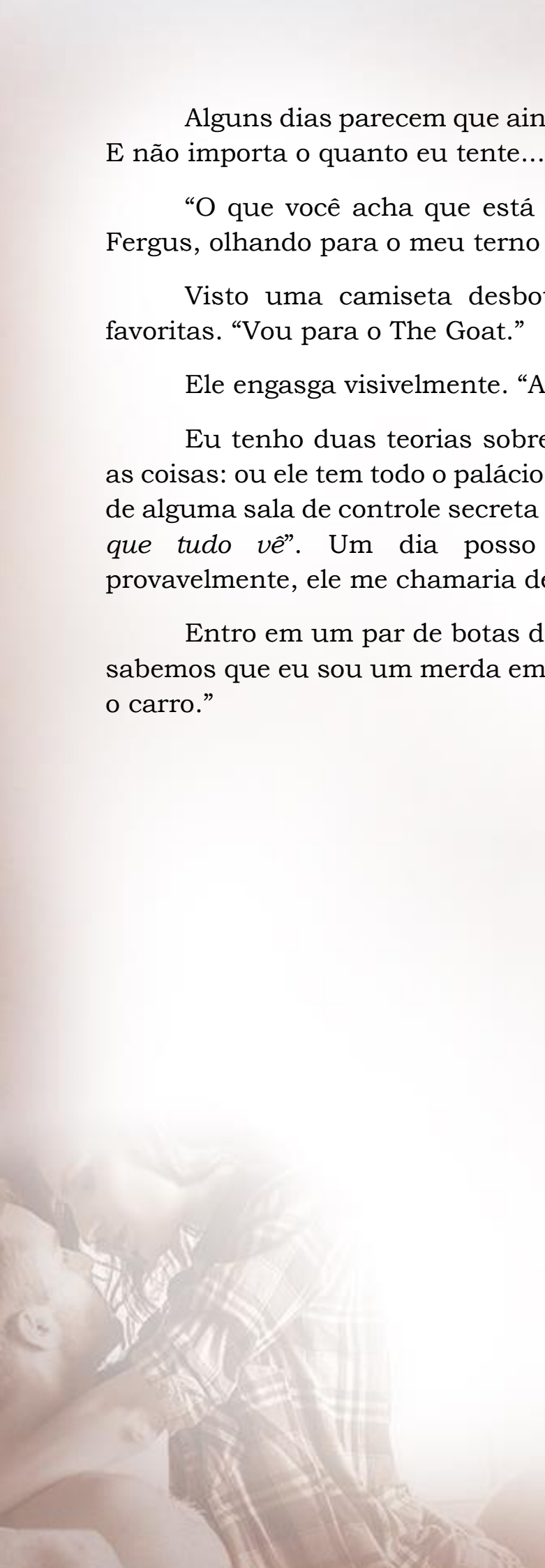
"O que você acha que está fazendo?", pergunta meu mordomo Fergus, olhando para o meu terno no chão.

Visto uma camiseta desbotada e fecho minhas calças jeans favoritas. "Vou para o The Goat."

Ele engasga visivelmente. "A rainha te pediu para ficar."

Eu tenho duas teorias sobre como Fergus sempre parece saber as coisas: ou ele tem todo o palácio vigiado por câmeras que ele observa de alguma sala de controle secreta ou é onisciente, vidente do tipo "*olho que tudo vê*". Um dia posso perguntar isso a ele, embora, provavelmente, ele me chamaria de cretino por perguntar.

Entro em um par de botas de combate. "Exatamente. E nós dois sabemos que eu sou um merda em fazer o que me dizem. Mande trazer o carro."



Capítulo 02

Henry

Se a capital fosse um campus universitário, a The Horny Goat seria o meu espaço seguro. O meu casulo. O meu Snuggie[7] se esses viessem com garrafas de álcool nos bolsos.

É um marco histórico, um dos edifícios mais antigos da cidade com um telhado que tem vazamento, paredes tortuosas e pisos eternamente pegajosos. Consta, que no passado já foi um bordel o que é bastante poético. Não por causa da devassidão, mas por causa dos segredos que estas paredes sempre mantiveram. E ainda o fazem. Nem uma notícia sobre meu irmão ou sobre mim vazou alguma vez por baixo da sua frágil porta. Nenhuma citação real embriagada, proferida aqui, foi alguma vez repetida ou reproduzida.

O que acontece em Vegas nem sempre fica em Vegas, mas o que acontece no The Goat nunca vê a luz do dia.

O homem responsável pelo silêncio é o seu proprietário, Evan Macalister; The Goat está em sua família há gerações. Quando eu sento no banco do bar, ele é o cara robusto, com uma camisa de flanela que coloca uma caneca espumante na minha frente.

Levanto minha mão. “Esqueça, a cerveja—este é um trabalho para o uísque.”

---

[7]Um tipo de cobertor para se usar quando sentado ao sofá. Esse lençol tem mangas compridas como de uma roupa para que possa colocar os braços e manusear o controle remoto, usar o celular, comer, beber, etc.

Ele pega uma garrafa atrás do bar, me servindo uma dose. “Dia difícil no Palácio, Sua Alteza?”

“Eles são tudo o que eu pareço ter ultimamente.” Eu trago a dose para os meus lábios, inclino a cabeça para trás, e engulo.

A maioria das pessoas bebe para entorpecer os sentidos, para esquecer. Mas a queimadura que desce em minha garganta é uma dor bem-vinda. Faz com que me sinta acordado. Vivo. Isso me dá foco.

Eu aceno para outra dose.

“Onde está Meg hoje á noite?” Pergunto.

Ela é a filha de Macalister, e um antigo encontro noturno do meu irmão antes de conhecer a pequena Olive. Eu não sou exigente quando se trata de mulheres, não me importo com sobras e não há qualquer problema com Meg, mas eu não a foderia mesmo se o mundo estivesse acabando. Minha única regra quando se trata do sexo oposto é não mergulhar meu pavio em nenhuma parte remotamente perto de onde meu irmão já esteve.

Isso é nojento.

Ainda assim, eu prefiro olhar para seu belo rosto e sua bunda.

“Saiu com o garoto que ela está vendo. Tristan ou Preston ou qualquer nome desse tipo.” Ele derrama uma dose para si mesmo, resmungando. “Ele é um bastardo inútil.”

“Não somos todos?”

Ele ri. “É disso que minha mulher gosta de me lembrar. De acordo com ela, eu estava sem esperança antes que ela tivesse as mãos em mim.”

Levanto meu copo. “Para as boas mulheres, que elas nunca deixem de nos ver como poderíamos ser, e não o que realmente somos”.

“Amém.” Ele bate o seu copo com o meu e nós viramos juntos as nossas doses.

“Eu vou beber a isso.”

Esta piada vem de uma pequena morena que senta no banquinho ao meu lado.

Eu posso praticamente sentir James, o segurança, a minha sombra com cabelos claros, nos vigiando do seu lugar perto da porta. Estou acostumado com os detalhes da segurança, não é novo, mas desde o ano passado ficou mais pesada, mais rigorosa como um nó.

“O que vai querer senhorita?” Macalister pergunta.

“Qualquer coisa que o Príncipe Henry esteja bebendo” ela responde com um sorriso, deixando dinheiro suficiente no bar para pagar as duas bebidas.

Eu gosto das mulheres. Não, eu amo as mulheres. A maneira como andam, como pensam, o som de suas vozes, o cheiro de suas peles, seu calor e suavidade. Mas não há nada de suave nessa mulher. Ela tem todos os aspectos, maçãs do rosto proeminentes, pernas tonificadas, um queixo pontudo e cabelos escuros cortados logo abaixo de suas orelhas. Muito atraente, magra, e afiada como uma flecha. Ela soa americana e parece perto da minha idade, mas há um ar agressivo sobre ela que eu só encontrei em mulheres de meia-idade. Lobas, eu adoro lobas, mulheres que são experientes o suficiente para saber exatamente o que querem e confiante o suficiente para dizer em voz alta.

Estou intrigado. E excitado. Eu não tive uma boa foda desde... o casamento de Nicholas. Cristo, há meses. Não é à toa que sou um caso perdido.

Macalister enche um copo de cerveja e coloca na frente dela. Em seguida, ele reabastece meu copo e anda para a outra extremidade do bar.

Eu me viro no banco, erguendo meu copo. “Saúde.”

Seus olhos são azul-gelo. “Tchim-tchim.”

Dou uma piscadela. “Uma das minhas posições favoritas[8].”

[8] No original *Bottoms up* e em tradução literal ***Bota pra baixo***

Ela murmura então vira o copo como uma profissional. Lambendo os lábios, e olha para o meu antebraço esquerdo. “Tatuagem legal.”

São duas tatuagens, na verdade. O brasão real começa abaixo do meu pulso e sobre ele, o escudo militar de Wessco. Eu fiz a primeira aos dezesseis anos, quando escapei dos seguranças após o toque de recolher no colégio interno e fui para a cidade com alguns amigos. Pensei que eu poderia usar mangas compridas e minha avó nunca saberia. Essa ilusão durou exatamente um dia, foi o tempo que levou para minhas fotos no estúdio de tatuagem explodir em todos os jornais. Fiz a segunda alguns anos atrás logo após o treinamento básico com os rapazes da minha unidade.

“Obrigado.”

Ela estende a mão. “Eu sou Vanessa Steele.”

Definitivamente americana. Se ela fosse de Wessco, se curvaria. Eu aperto sua mão; está seca e lisa. “Henry. Mas você já deve saber disso.”

“Eu sei. Você é um homem difícil de entrar em contato.”

Dou um gole em minha cerveja. “Então quando terminar minha bebida você pode me tocar até o seu coração ficar feliz, querida.”

Vanessa riu, com os olhos brilhando. “Você é ainda melhor do que eu imaginava.” Ela bate uma unha vermelha no balcão de madeira. “Tenho uma proposta para você.”

“Eu adoro uma boa proposta. Sua casa ou a minha?” Então eu estalo meus dedos, lembrando. “Teremos que parar antes no Palácio. Há um NDA[9] que você deve assinar; um detalhe técnico. Então vamos direto para a parte boa.”

Vanessa apóia seu cotovelo no balcão do bar. “Não esse tipo de proposta. Não quero dormir com você, Henry.”

“Quem falou em dormir? Estou falando em sexo. Bom sexo.

[9]Acordo de confidencialidade

Bastante.”

Isso coloca um rubor em suas lindas bochechas e ela ri. “Eu não quero fazer sexo com você.”

Eu acaricio sua mão. “Agora você está apenas sendo boba. O jogo de gato e rato pode ser tentador, mas não é necessário.” Minha voz cai para um sussurro. “Eu sou uma coisa garantida.”

Seu sorriso é malicioso e confiante. “Então, eu ouvi sobre isso. Mas esta é uma oportunidade de negócio, e eu nunca misturo negócios com prazer.”

E tão rápido quanto possível, meu interesse cai. Hoje em dia, “negócio” é a ducha fria mais eficaz. “Pena.”

“Não precisa ser. Eu sou uma produtora de televisão. *Matched,* você já ouviu falar?”

Eu aperto os olhos, lembrando. “Um reality show, não é? Tipo *Survivor*, mas com gatas brigando de biquínis?”

“Isso mesmo.”

Pelo canto do olho, noto o movimento de Macalister para um de seus seguranças; um homem robusto, com um pescoço grosso. Vanessa também deve ter notado, porque começa a falar rapidamente.

“Estou montando uma edição especial, uma *Royal Edition* quero que você seja a estrela. Vamos cuidar de tudo, fazer todos os arranjos; vinte belas garotas de sangue azul em um castelo lutando entre si por sua atenção e tudo que tem a fazer é assistir. Vai ser uma festa de um mês, sem parar. E no final, você pode assinalar seu mais importante dever real: escolher a sua rainha.”

Até agora, o arranjo dela não é de todo ruim. A parte adormecida e negligenciada em mim, que lembra os dias fáceis, simples, descontraídos, agita e se estende. É o tipo de sentimento que começa nas noites mais frias do inverno, um anseio de um sol doce do verão.

O segurança aparece atrás dela. “Hora de ir, senhorita.”

Vanessa levanta do banquinho. “Pense em mim como a versão

feminina de Billy the Kid[10].” Ela pisca. “Eu vou fazer você famoso.”

“Já sou famoso.”

“Mas você não está gostando muito, não é, Henry? Posso fazer algo por você, que ninguém mais pode, farei o ser ‘famoso’ ficar divertido de novo.” Vanessa desliza um cartão pelo balcão. “Pense nisso, então me ligue.”

Eu a observo enquanto atravessa o bar e sai pela porta. E embora eu não tenha nenhuma intenção de aceitar sua oferta interessante, guardo seu cartão em minha carteira. Apenas no caso.



Os anos oitenta foi uma década extremamente subestimada em termos de composição musical. Eles quase não recebem o respeito que merecem. Eu tento usar a minha plataforma no mundo pra chamar a atenção para essa farsa, cantando baladas dos anos oitenta sempre que eu tiver chance. Como agora, que eu canto “What About Me” no palco do karaokê. É um hit maravilhoso, um exercício ativo para uma alma mergulhada em auto piedade. Meus olhos estão fechados enquanto erro a letra e balanço atrás do microfone.

Não no tempo da música—estou tão bêbado, que tenho sorte de ainda estar em pé.

Geralmente eu toco guitarra também, mas minhas funções motoras caíram no esquecimento horas atrás. Eu sou um músico fantástico não que alguém realmente perceba. Esse talento se perde na sombra dos títulos, do mesmo modo que a talentosa descendência de duas estrelas conquistadas é descontada pelo peso de seu nome familiar.

Minha mãe me deu o amor pela música, ela tocava vários instrumentos. Eu tinha tutores, primeiro para o piano, depois para o

[10]Billy the Kid, era assassino, pistoleiro e ladrão de gado e cavalo. Virou uma lenda nos EUA. Sendo retratado e romantizado em diversos filmes. Ela usa isso para afirmar que o transformaria em uma lenda, também.

violino, mas a guitarra realmente me conquistou. O palco de karaokê no The Goat costumava ser minha segunda casa e, nas últimas horas, pensei seriamente na possibilidade de me mudar para ele.

Se Harry Potter era o menino debaixo das escadas, eu poderia ser o príncipe debaixo do palco. Por que diabos não?

Enquanto mergulho no refrão pela segunda vez, vozes sussurram na periferia da minha consciência. Eu as ouço, mas não escuto realmente.

"Cristo, há quanto tempo ele está assim?"

Eu gosto dessa voz. É calmante. Profunda e reconfortante. Isso lembra meu irmão, mas não pode ser ele. Porque Nicholas está em uma terra muito, muito distante.

"Ele teve um dia difícil."

E isso soa como Simon o melhor amigo do meu irmão. Ele me verifica de vez em quando, porque ele é um bom homem.

"Tem sido uma fase particularmente difícil nos últimos meses", Simon diz - não se confunda com o jogo eletrônico[11].

"Meses?" A voz suave engasga.

"Não queríamos te preocupar até que houvesse algo para realmente se preocupar."

Essa voz é uma beleza. Podia quase passar pela esposa deslumbrante e assustadora de Simon, Franny. Eu me pergunto se Franny tem uma irmã gêmea? Então eu a pegaria, se ela tivesse.

"James me contatou quando ele se recusou a ir para casa. Nos últimos dois dias ele foi de mal para..."

"...o fundo do poço", Franny diz, terminando a frase de Simon. Eles são fofos assim.

Hashtag meta de relacionamento.

---

[11] Referência à versão eletrônica do jogo Simon Says, algo semelhante ao nosso "O mestre mandou".

“Uau. Vocês, garotos reais não fazem nada pela metade, não é?” Diz uma voz bonita e distintamente americana. “Até mesmo suas rupturas mentais são históricas.”

A música termina e depois de um momento, eu abro os olhos.

Um cliente solitário, sentado na mesa em frente, aplaude e a cinza do cigarro entre seus dedos cai em câmera lenta no chão.

E então eu olho para cima.

E meus olhos absorvem uma visão gloriosa.

Meu irmão mais velho, Nicholas, em pé, alto e ereto no bar, seu rosto marcado com preocupação. Pode ser apenas uma fantasia. Uma ilusão. Mas vou pegar o que posso conseguir.

Eu começo a sorrir e andar para frente, mas esqueço do palco e do fato que estou em cima dele. E esse primeiro passo é uma mentira absoluta. Porque um momento depois, todo o meu mundo fica negro.



Quando abro os olhos, estou no chão, em minhas costas, olhando para o teto manchado de água do The Goat. E... acho que há um chiclete lá em cima. Que tipo de bastardo demente coloca chiclete no teto? Deve ser um perigo para a saúde.

O rosto do meu irmão surge sobre mim, bloqueando todo o resto. E um alívio doce e abençoado surge em meu peito. “Nicholas? Você está realmente aqui?”

“Sim, Henry,” ele diz gentilmente. “Eu estou realmente aqui.” Sua mão grande descansa em minha cabeça. “Você sofreu uma queda, tudo bem?”

Bem? Eu poderia voar.

“Eu tive o sonho mais ridículo.” Aponto para o meu irmão. “Você estava lá.” Aponto para Simon ao lado dele. “E você.” Depois Franny,

todos eles se amontoaram no chão ao meu redor. “E você também. Você… abdicou do trono, Nicholas. E todos queriam me fazer rei.” Uma risada maníaca escapa pelos meus lábios… até que eu viro para a direita e vejo olhos azuis-escuros, lábios doces. E cabelos negros e turbulentos.

Então eu grito como uma garota. “Ahhhh!”

É Olivia. A esposa do meu irmão. Sua esposa muito americana.

Volto para Nicholas. “Não foi um sonho, né?”

“Não, Henry.”

Deito no chão. “Caraaaalho”.

Então me sinto um pouco mal.

“Desculpe Olivia. Você sabe que te acho fora de série.”

Ela sorri gentilmente. “Tudo bem, Henry. Lamento que esteja tendo dificuldades.”

Esfrego minha mão sobre o meu rosto, tentando pensar claramente.

“Está tudo bem. Este novo plano é melhor, não terei mais que viver debaixo do palco.”

“Você ia viver debaixo do palco?” Nicholas pergunta.

Eu balanço a minha mão. “Esqueça. Era uma ideia estúpida do Potter. O extraordinário menino bruxo, minha bunda.”

E agora meu irmão parece muito preocupado.

Eu gesticulo para ele. “Mas agora você está aqui. E pode me levar com vocês para os Estados Unidos.”

“Henry…”

“Dê-me suas massas cansadas, pobres, amontoadas que desejam ser livres[12], isso me descreve perfeitamente! Eu sou essa

[12] Ele recita a frase do texto gravado no pedestal da Estátua da Liberdade, o famoso poema “The New

massa cansada, Nicholas!”

Ele aperta meus braços, tremendo um pouco. “Henry. Você não pode se mudar para a América.”

Pego sua camisa. E minha voz se transforma na de um garoto de oito anos, confessando que ele vê pessoas mortas. “Mas ela é tão má, Nicholas. Ela é. Tão. Má.”

Ele bate em minhas costas. “Eu sei.”

Nicholas e Simon me ajudam a levantar, segurando-me firme para que consiga ficar de pé. “Mas vamos dar um jeito”, diz Nicholas. “Vai dar tudo certo.”

Eu balanço a cabeça. “Você continua dizendo isso. Estou começando a pensar que você não sabe sobre que porra está falando.”

Colossus” (O Novo Colosso) de Emma Lazarus, poetisa norte-americana

Capítulo 03

Henry

Depois disso, as coisas ficaram confusas. A realidade é reduzida a imagens instantâneas. A ida de carro para o palácio. O vômito nas roseiras que minha tia-avó Lady Adaline mandou plantar fora do palácio. Nicholas e Simon colocando-me na cama enquanto Olivia comentava sobre os papéis colados nas paredes, dizendo que isso lembra o galpão de Russell Crowe em Uma mente brilhante. Então... há apenas o abismo suave.

Mas o vazio não dura muito. Porque tenho insônia - a aflição dos campeões. Tem sido assim desde que me lembro. Eu só durmo por um punhado de horas, mesmo nas noites em que meu sangue é principalmente álcool. Com o relógio de cabeceira apontando uma hora da manhã, me arrasto para a cozinha, usando a parede como apoio. Meu estômago ronca com a ideia dos biscoitos da Cook[13].

Não me lembro de ter comido nada no The Goat; quanto tempo eu estive por lá? Um dia? Talvez dois. Cheiro minha axila e recuo. Definitivamente dois. Puta merda.

Depois de lavar meu rosto e pegar algo para comer, tropeço ao longo dos corredores do palácio. É o que faço à noite—isso me faz apreciar ainda mais os zumbis americanos. Eu não consigo permanecer no quarto, ou em qualquer sala, sem as paredes me sufocar. É bom mover-me, mesmo que não esteja indo a lugar algum.

---

[13] Em português é Cozinheira, como ele a chama.

Eventualmente ando até a Sala Azul, próxima aos aposentos privados da Rainha. A porta está ligeiramente entreaberta suficiente para ver que a luz está acesa, sinto o cheiro da lenha queimando na lareira e ouço vozes, vindo de dentro.

Inclino minha cabeça contra o batente da porta e escuto.

"Você está bem, meu filho", diz vovó. E há um afeto caloroso em seu tom que reconheço. Porque costumava ser reservado para mim.

Muito ciumento? Um pouco, sim.

"Casamento combina com você."

"Casamento *com Olivia* combina comigo", meu irmão retorna.

"Touché."

Ouço o tilintar da garrafa de cristal e o líquido sendo derramado. Meu palpite é xerez.

"Olivia está dormindo?" pergunta a Rainha.

"Sim. Dormiu algumas horas atrás. O jet lag[14] a atingiu com força."

"Eu estava esperando que o motivo fosse uma possível gravidez."

Meu irmão solta um riso abafado. "Estamos casados somente há três meses."

"Quando estava casada há três meses, eu já estava há dois meses e meio com seu pai no meu ventre. O que você está esperando?"

Eu posso praticamente vê-lo dar de ombros. "Não há pressa. Estamos... desfrutando um do outro. Aproveitando nosso tempo."

"Mas você planeja ter filhos?"

"Claro. Um dia."

Há um raspar de cadeira no chão de madeira e os imagino

[14]Jet lag é uma expressão em inglês que não possui uma tradução definida na língua portuguesa, mas é utilizada para caracterizar uma "descompensação horária" causada em um indivíduo quando troca de fuso horário.

sentados lado a lado, acomodados para uma conversa perto da lareira.

"Então me diga Nicholas, agora que a poeira baixou, você tem algum arrependimento?"

Sua voz é suave, mas seu tom é firme como ferro.

"Não, nenhum."

Minha avó cantarola, e eu a imagino bebendo seu drinque da maneira elegante que ela sempre faz em tudo.

"Mas estou curioso," diz Nicholas. "Se fosse você, se você tivesse que escolher entre o vovô e o trono, o que teria feito?"

"Eu amava seu avô profundamente, ainda o amo, você sabe disso. Mas, se tivesse sido forçada a escolher entre os dois, eu não o teria escolhido. Além dos meus filhos, minha soberania sempre será o amor da minha vida."

Há uma pausa carregada. Então Nicholas diz calmamente: "Nunca foi assim para mim. Você entende isso, não é?"

"Eu vejo isso agora."

"Eu sempre soube o que era esperado, e estava determinado a fazer o melhor, mas nunca amei. Eu nunca quis isso, não realmente."

"Mas você está contente agora, sim? Com os restaurantes, a caridade que você, Olivia e o Sr. Hammond supervisionam?"

Leva um momento para ele responder e quando o faz, a voz de Nicholas é melancólica. "Eu não estou contente, estou feliz. Ridiculamente feliz. Mais do que eu sonhava ser possível. Todo santo dia."

"Bom," minha avó proclama.

"Mas há uma coisa," Nicholas diz "uma rachadura no arco-íris." Suas palavras vão de macias a ásperas, como se elas estivessem presas em sua garganta por muito tempo. "Sei que te decepcionei. Não era minha intenção, mas aconteceu exatamente isso. Não te preveni ou o discuti com você. Eu desafiei minha rainha, e você me criou para fazer

melhor. E por isso me desculpe. Verdadeiramente."

Há um toque do cristal sobre a madeira—a rainha coloca o copo na mesa lateral, "Ouça-me com muito cuidado, Nicholas, porque só vou dizer isso uma vez. Você nunca me decepcionou."

"Mas..."

"Eu criei você para ser um líder. Você avaliou a situação considerou suas opções, e fez uma escolha. Você não hesitou; não esperou por permissão. Você agiu. Que... é exatamente o que os líderes fazem."

Há uma leveza em sua resposta, um alívio.

"Está bem."

Há outra pausa confortável, e eu imagino meu irmão tomando sua bebida. Possivelmente esvaziando seu copo. Porque então ele diz: "Falando em ações de líderes..."

"Sim", a Rainha suspira. "Podemos também falar sobre o elefante bêbado no quarto," ela graceja bruscamente. "Ele é... como é que eles dizem isso nos Estados Unidos? Um desastre"

"Ele é."

Eu giro, apoiando minhas costas contra a parede e deslizando até sentar no chão. Não estou acostumado com as pessoas falando sobre mim—inferno, meus prós e contras são frequentemente discutidos abertamente, mesmo quando estou na mesma sala. Mas isso... isso é diferente. Pior.

"Você se lembra de uma peça que Henry encenou na escola? Era o último Natal com mamãe e papai—ele tinha o papel de protagonista. Scrooge." Nicholas riu.

"Vagamente. Eu não assisti à apresentação."

"Não, nem eu. O meu pai falou comigo sobre isso. Eles estavam preocupados com o fato de que se eu fosse, a imprensa, seus professores e colegas de classe estariam tão ocupados me adulando que Henry estaria perdido na confusão. E eles estavam certos." A

cadeira range quando meu irmão se mexe. “Ele passou toda a sua vida à minha sombra. E agora ele está na frente e no centro, no resplendor do holofote. É natural que queime os olhos um pouco. Você tem que lhe dar tempo para se ajustar.”

“Ele não tem tempo.”

“Tem planos de morrer em breve?” Nicholas provoca.

“Claro que não. Mas nós dois sabemos que o inesperado pode acontecer. Henry deve estar pronto. Você não entende Nicholas.”

“Compreendo perfeitamente. Eu sou a única pessoa no mundo que pode entender.”

“Não, você não pode. Antes que você pudesse caminhar, foi treinado para assumir o trono. Mil coisas pequenas aconteceram ao seu redor diariamente, que você não teria sequer percebido. Foi à maneira como os outros falaram com você, às conversas que teve, os tópicos que te ensinaram, e a maneira como foram transmitidas. Henry tem uma vida inteira para recuperar.”

“O que ele nunca será capaz de fazer se você o quebrar” diz Nicholas com dureza. “Se você o convencer em mil pequenas maneiras diárias que nunca será o bastante. Que ele nunca vai acertar.”

O silêncio cai por várias batidas. Até que minha avó pergunta calmamente, “Você sabe a pior parte sobre envelhecer?”

“Disfunção erétil?” Meu irmão responde secamente.

“Oh, você não precisa se preocupar com isso”, responde a rainha, seu tom tão seco. “Está nos genes, e seu avô era um garanhão até o dia em que morreu.”

Eu sufoco um sorriso. Porque, como dizem os americanos, quando você mexe com o touro...

“Certo.” Meu irmão brinca. “Nada mais de xerez para você.”

“A pior parte de envelhecer”, prossegue vovó, “é saber que em breve você vai deixar aqueles que você mais valoriza continuarem sem você. E se eles não estão preparados... vulneráveis... é uma perspectiva

aterrorizante.”

Apenas o crepitar do fogo quebra a quietude.

Então a Rainha declara inequivocamente: “Eles o comerão vivo. Em seu curso atual, Henry falhará espetacularmente.”

Meu peito se contrai tão apertado que parece que meus ossos podem quebrar.

Porque ela está certa.

“Ele não vai.”

“Você não sabe disso,” ela retrocede.

“Maldição! Eu nunca teria abdicado de outra maneira.”

“O que?”

“Não me confunda - eu não teria casado com ninguém além de Olivia, e teria esperado uma vida inteira, até que as leis fossem mudadas. Mas não fiz porque eu sabia em meu coração e alma que Henry não será apenas um bom rei, ele será melhor do que eu poderia ter sido.”

Por um momento eu não respiro. Não posso. O choque das palavras do meu irmão derrubou o ar dos meus pulmões.

Vovó também, se seu sussurro é qualquer indicação.

“Você realmente acredita nisso?”

“Absolutamente. E, francamente, estou desanimado que você não.”

“Henry não está preparado para agir à altura dos acontecimentos”, vovó afirma claramente.

“Ele nunca precisou”, meu irmão insiste. “Nunca perguntaram a ele nem uma vez em toda a sua vida. Até agora. E Henry não só estará à altura... ele vai voar além dela.”

A voz da Rainha é baixa, como se estivesse em oração.

“Quero acreditar nisso. Mais do que eu posso dizer. Empreste-me um pouco da sua fé, Nicholas. Por que está tão certo?”

A voz de Nicholas é áspera, apertada com emoção.

“Por que… ele é como a mamãe.”

Meus olhos se fecham quando as palavras chegam aos meus ouvidos. Começando a queimar e ficarem úmidos. Não há maior elogio, não para mim, nunca.

Mas, Cristo, olhe pra mim… não está nem perto da verdade.

“Ele é exatamente como ela. Dessa maneira que ela tinha, de saber exatamente o que uma pessoa precisava—se era força ou orientação, bondade, conforto ou alegria—e sem esforço dar a eles. A forma como as pessoas costumavam gravitar em torno dela… em festas, toda a sala mudava quando ela entrava… porque todos queriam estar mais perto dela. Mamãe tinha uma luz, um talento, um dom—não importa como se chama—tudo o que importa é que Henry também tem. Ele não vê em si mesmo, mas eu vejo. Eu sempre vejo.”

Há um momento de silêncio e eu imagino Nicholas se inclinando para mais perto da Rainha.

“O povo teria me seguido ou a papai pela mesma razão que elas seguem você, porque somos confiáveis, sólidos. Eles confiam em nosso julgamento; sabem que nunca vamos decepcioná-los. Mas seguirão Henry porque o amam. Vêem nele seu filho, irmão, melhor amigo, e mesmo que agora ele não esteja programado para isso, ficarão ao seu lado porque querem que ele alcance o sucesso. Eu teria sido respeitado e admirado, mas vovó… ele será amado. E se eu aprendi alguma coisa desde o dia em que Olivia entrou em minha vida, isso é mais do que um raciocínio ou dever, honra ou tradição… o amor é mais forte.”

Por um tempo, não há som, exceto o ruído ocasional do fogo crepitando e o tilintar dos óculos da rainha batendo na mesa, a Rainha está considerando. Contempla antes de agir com sabedoria. É o que ela faz.

É o que os líderes fazem.

Eu tenho prestado bastante atenção ao longo dos anos para saber isso. E sou autoconsciente o suficiente para admitir que eu nunca fiz isso.

A Rainha inspira profundamente. “Nada que eu tenha tentado melhorou a situação. O que você sugere Nicholas?”

“Henry precisa de espaço para... adaptar-se. Tempo fora do centro das atenções, para processar o propósito de sua nova situação e deveres. Para aprender o que precisa, em seu caminho. E fazer do seu próprio jeito.”

“Espaço.” A Rainha bate o dedo na mesa. “Muito bem. Se o espaço é o que o garoto precisa, então terá espaço.”

Eu não tenho certeza se gosto do som disso.



Duas semanas depois, eu sei que não.

Castelo de Anthorp.

Ela me enviou para o maldito Castelo de Anthorp.

Não é no meio do nada, é no fim do nada. Na costa, com penhascos irregulares com o oceano gelado de um lado, e a floresta do outro—a coisa mais próxima que se assemelha a uma cidade está à uma hora de carro. Isso não é “espaço”; é um banimento.

“Banimento! Seja misericordioso, diga 'morte'. Pois o exílio tem mais terror em seu olhar.[15]*”*

Romeu era um buceta, mas neste momento, eu me sinto totalmente ele.

---

[15]Frase retirada do Ato 3, da obra Romeu e Julieta de William Shakespeare.

Sento no meio da cama maciça de quatro pilares, dedilhando minha guitarra na batida da lua, ondas disparando abaixo da minha janela aberta. O ar está fresco, mas o fogo que queima brilhante na lareira compensa isto. Meus dedos arrancam as notas familiares de "Aleluia" de Leonard Cohen. É uma canção reconfortante. Deprimida e triste, mas reconfortante em sua fácil repetição.

Desgostoso comigo mesmo, ponho minha guitarra de lado e visto meu roupão. Então vago pelo castelo um pouco, dizendo olá para as armaduras assustadoras que ficam de sentinela no final de cada corredor. Embora eu possa usar esse tempo para descansar, não quero nem tentar voltar a dormir.

Porque os sonhos voltaram. Pesadelos.

Eles foram implacáveis quando me dispensaram do serviço militar—lembretes do ataque que matou um grupo de soldados em um posto avançado, logo após a minha visita. Recebi um indulto depois que confessei a Nicholas e Olivia o que aconteceu, e eles sugeriram que eu entrasse em contato com as famílias dos homens caídos.

Mas na noite em que pisei no Castelo de Anthorp, eles voltaram com uma vingança—e uma nova e cruel reviravolta. Agora, quando eu rastejo para os corpos jogados no chão e verifico se existem sobreviventes, não são os rostos sem vida dos soldados que olham para mim. É o rosto de Nicholas, o de Olivia… e de vovó. Acordei ofegante e pingando com suor frio.

Não é divertido.

Então esta noite, eu vagueio.

Eventualmente acabo na biblioteca no primeiro andar. Eu caio na cadeira atrás da mesa, pego uma página de uma pilha de documentos e leio sobre as leis que governam o casamento do Príncipe Herdeiro, que é basicamente uma lista de requisitos para a noiva:

"Aristocracia verificável na linhagem, dentro de uma união conjugal reconhecida."

Embora, mais embaixo, afirme que bastardos são aceitáveis em

caso de uma emergência. Que compreensivos.

"Documentação certificada de cidadania wessoniana por nascimento natural."

Ao contrário de incubação—ovos chocados—ou clones, eu suponho.

"Virgindade, como evidenciado pela inserção dos dois dedos do Internista Real de confiança na vagina, para confirmar tecido de hímen intacto."

Quem pensou nisso foi um filho da puta doente. E definitivamente do sexo masculino. Duvido que eles fossem tão exigentes se a lei exigisse um exame de próstata para os membros do Parlamento.

"Eu estou fazendo chá. Você quer uma xícara?"

Olho para cima para ver Fergus de pé na entrada, em seu roupão e chinelos, seu rosto enrugado e mal-humorado.

"Eu não sabia que você estava acordado, Fergus."

"Quem pode dormir com você rondando pelos corredores como um gato?"

"Desculpe."

"Você quer uma xícara ou não?"

Guardo o papel de volta em sua pilha.

"Não, obrigado."

Ele se vira, depois faz uma pausa, e olha para mim, calmamente, acrescentando: "Foi o mesmo com a Rainha".

"O que foi o mesmo?"

"A falta de sono. Quando ela era moça, depois de apenas três horas de sono, ela estava de pé como aquele grotesco roedor com um tambor."

Ele quer dizer o Coelho Energizer.

“Eu não sabia isso sobre a vovó”, eu digo suavemente.

Fergus segue para a prateleira, passando o dedo pelas encadernações antes de deslizar um livro grosso para fora.

“A leitura costumava ajudar. Este era o seu favorito.”

Ele deixa cair, com um baque, um volume pesado sobre a mesa.

Hamlet. Interessante.

“Você percebe que todos morrem? O rei, a rainha e o doce príncipe estão todos mortos no final.”

Não é exatamente o material de sonhos agradáveis, especialmente para a minha família.

“Eu disse que era a escolha de sua avó, não a minha.”

Fergus sai sem outra palavra.

Folheio as páginas. E falo comigo mesmo.

“*Isto acima de tudo: a ti mesmo sê sincero*[16].” Mais fácil dizer do que fazer, Polônio.

Porque isso não deveria ser minha vida. Nada disso, sou eu. O título, a responsabilidade, vagando por este antigo e frio gigante de pedra com nada mais que o eco de meus próprios pensamentos. E embora eu devesse estar em “adaptação”, isso não está acontecendo.

Porque Nicholas está errado. Eu sou seu ponto cego; sempre fui. E usei isso ao meu favor quando me servia. Ele é bom, bem-intencionado... mas ele está errado.

E estamos todos fodidos por causa disso.

O silêncio se aproxima, deixando-me ansioso. Lembrando o maldito túmulo. E as palavras se repetem na minha cabeça como se fosse um fantasma sussurrando.

A ti mesmo sê sincero, Henry.

---

[16] Frase citada pelo personagem Polônio no livro *Hamlet* de William Shakespeare;

Talvez esse seja o problema. E a solução.

Eu pulo para os meus pés, andando. Pensando—penso melhor quando me movimento. Eu penso muito melhor depois de uma boa foda, mas, se os desejos fossem cavalos[17]...

O ponto é que não me sinto como eu mesmo em um longo tempo. Preciso recuperar meu ritmo. Preciso tirar o meu freio. Eu preciso me refazer por um tempo.

E então eu preciso foder dez mulheres—talvez uma dúzia completa.

Eu sou uma merda em política e golfe, terrível em tomar alguma decisão sábia ou de fazer o que me dizem, mas sempre fui bom em entreter, divertir. Dar um espetáculo. Fazer as pessoas felizes. Eu sou a vida da festa e um inferno de um anfitrião.

Empurro e puxo e ideia—como em uma massa de modelar—e depois de um momento, começa a tomar forma. Eu não pedi isso, mas é hora de ser eu mesmo. Se eu vou falhar espetacularmente, quero falhar do meu jeito. Sair com um estrondo.

Em uma festa. Uma festa de um mês, em um castelo cheio com vinte belas mulheres se digladiando entre si, puramente por minha atenção. Matched: Real Edition, de repente, parece uma maldita ideia brilhante.

O que poderia dar errado?

É como se Deus estivesse falando comigo, a pressão sobre meus ombros desaparece. O peso oprimindo meu peito, me fazendo pensar que estou constantemente tendo a porra de ataque cardíaco, relaxa.

E me sinto... bem. No controle.

Levanto-me, deixando os documentos e as leis ridículas para trás. Vou direto para o meu quarto, pego minha carteira na mesa, e retiro o cartão de visita que ainda está lá dentro.

---

[17]Se os desejos fossem cavalos, os mendigos montariam.", ditado popular americano. O significado em português seria "Se eu pudesse ter facilmente o que desejo, a vida seria fácil."

Então pego meu celular e disco.



Capítulo 04

Sarah

"OH, bolas."

Olho para o e-mail no meu celular—na convocação—do Sr. Haverstrom, meu chefe. E embora o ar fresco da tarde seja nítido, o suor imediatamente pica em minha testa.

O rabo de cavalo loiro de Annie estala como um chicote quando ela vira em minha direção. "Oh meu Deus, me diga que alguém lhe enviou uma foto de um pau!" Ela estende as mãos. "Deixe-me ver, deixe-me ver! Sobre que tipo de bolas você está falando? Bolas grandes, bolas estranhas...?"

"Colhões?" Willard acrescenta, inutilmente, da cadeira do outro lado da pequena mesa redonda do pátio.

Annie bate palmas. *Reprises de comédias baratas ainda fazem sucesso em Wessco*. "Eu amo essa parte." Ela come um bocado de salada com seu garfo. "Eu te contei sobre as bolas de Elliot?"

Encontro os olhos castanhos de Willard, então olho para o relógio. Três minutos e dezessete segundos.

Isso é quanto tempo faz desde que Annie mencionou Elliot Stapleworth, seu grande ex-namorado idiota. Elliot terminou com ela há duas semanas, mas ela ainda está desesperadamente apaixonada por ele. Annie merece coisa melhor. Especialmente porque ele não é apenas qualquer idiota—é um que nunca ouviu falar em depilação masculina.

“Elas eram os monstrinhos mais peludos que eu já tinha visto. Como dois ouriços bebê enrolados entre suas pernas, mas não de maneira bonita. Eu costumava ficar com seus pelos presos em minha garganta o tempo todo.”

Essa é uma imagem que eu não preciso ter na minha cabeça.

Willard olha com as sobrancelhas franzidas. “Que filho da puta, nojento. Nada mata um clima mais rápido. Mantenho meus meninos lisos como uma bunda de bebê.”

E essa é outra.

Eu olho diretamente para ele. “Eu poderia ter passado toda a minha vida sem saber disso.”

Ele dá uma piscadela pra mim.

Annie se inclina pra frente. “Mas, já que estamos no assunto, nos fale agora Willard, suas partes masculinas são... proporcionais?”

Willard tem um pouco mais de 1,47 de altura, apenas ligeiramente acima do limite de altura para nanismo. Mas sua personalidade tem mais de dois metros—ousado, direto e com uma inteligência sarcástica de sobra. Ele lembra Tyrion Lannister de *Game of Thrones*, só mais amável e mais bonito.

“Annie!” Eu ofego, corando.

Ela empurra meu ombro. “Você bem que quer saber.”

Não, eu não quero. Mas Willard quer responder.

“Eu sou abençoadamente desproporcional. Assim como os outros sentidos de um cego são mais desenvolvidos, Deus me compensou excessivamente nesse departamento.” Willard balança as sobrancelhas.

Annie assente com a cabeça. “Vou ter certeza de contar isso a Clarice quando estiver a convencendo a sair com você neste sábado.”

Annie é uma casamenteira notoriamente ruim. Embora Willard tenha desistido de suas tentativas mais de uma vez, ele continua

deixando-a tentar.

Qual é mesmo a definição de loucura?

Annie olha para mim. “Agora, de volta às suas bolas misteriosas, Sarah.”

“Sr. Haverstrom...”

Ela engasga. “Sr. Haverstrom? Nojento! Eu aposto que suas partes cheiram como vegetais verdes cozidos demais. Você pode dizer apenas por aquela cara permanentemente infeliz. Definitivamente bolas brócolis.”

Droga. Eu realmente gostava brócolis.

“Sarah não está se referindo às bolas literais do Sr. Haverstrom, Annie”, explica Willard.

Annie agita as mãos. “Então por que ela falou?”

Tiro meus óculos, e começo a limpar com um pano que tirei do meu bolso. “O Sr. Haverstrom me enviou um e-mail. Vou para o escritório dele depois do almoço. Parece sério.”

Dizer as palavras faz minha ansiedade disparar com força total. Meu coração acelera, minha cabeça fica em branco, a adrenalina corre pelas minhas veias, e posso sentir meu pulso bater na garganta. Mesmo quando eu sei que é bobagem, mesmo quando meu cérebro reconhece que não há nada para entrar em pânico, em situações imprevisíveis ou quando eu sou o centro das atenções, meu corpo reage como se eu fosse à próxima vítima em um filme de terror. Aquela que está tropeçando pela floresta com o psicopata que usa máscara e machado a poucos passos atrás. Eu odeio, mas é inevitável.

“Basta respirar devagar e firmemente, Sarah”, diz Willard. “Se for algo importante, provavelmente será para oferecer uma promoção. Você é a melhor; todo mundo sabe disso.”

Annie e Willard não são apenas meus amigos, eles são meus colegas de trabalho aqui na Concordia Library. Willard trabalha lá embaixo, em Restauração e Preservação, Annie no departamento

infantil, enquanto eu passo meus dias em Literatura e Ficção. Todo mundo acha que a ciência da biblioteca é tudo sobre estantes de livros e envio de avisos atrasados—mas é muito mais.

Trata-se de promover a comunidade e a tecnologia da informação, a organização, ajudar os outros a encontrar a agulha em qualquer palheiro. Da mesma forma que os médicos na sala de emergência devem ter diagnósticos e tratamentos ao seu alcance, bibliotecários, pelo menos os bons, precisam estar familiarizados com uma variedade de tópicos.

"Eu tenho um perfume, que roubei de Elliot, no meu armário", diz Annie.

Tempo: três minutos, quarenta e dois segundos. E o recorde de nove minutos, sete segundos continua firme e forte.

"Quer um beliscão antes de ir?" Annie oferece docemente.

Ela é uma boa amiga—como Helen é para Jane em Jane Eyre[18]. Tão gentil quanto bonita.

Balanço a cabeça. Então eu assumo minha atitude de mulher crescida. "Depois eu conto a vocês como foi."

Annie levanta os dois polegares em sinal de aprovação e Willard acena com a cabeça, seu cabelo castanho ondulado caindo sobre sua testa, como em uma antiga novela romântica. Com um último aceno para eles, deixo o pequeno pátio de pedra ao ar livre onde nos encontramos cada dia para o almoço.

No fresco e sombreado átrio, fecho os olhos e respiro o aroma familiar e reconfortante de livros e couro, papel e tinta. Antes de Wessco ser um país, este edifício era uma catedral escocesa, catedral de Concordia. Houve atualizações ao longo dos séculos, mas maravilhosamente, a estrutura original permanece nos três andares; grossas colunas de mármore; entradas arqueadas e tetos altos e intrincados. Trabalhar aqui às vezes me faz sentir como uma sacerdotisa—o tipo forte e poderosa. Especialmente quando rastreio

[18]Jane Eyre é um romance da escritora britânica Charlotte Brontë

um livro difícil de encontrar para alguém e o rosto da pessoa se ilumina. Ou quando apresento a um leitor uma nova série ou autor. Há privilégio e honra neste trabalho—mostrando às pessoas um mundo totalmente novo, cheio de personagens e lugares e emoções que eles não teriam experimentado sem mim. É mágico.

Mark Twain disse: "*Encontre um trabalho que você goste de fazer, e você nunca terá que trabalhar um dia em sua vida.*"

Na Concordia Library, eu não preciso trabalhar um único dia.

Meus calcanhares clicam no chão de pedra enquanto me dirijo às escadas em espiral. Passo pela mesa da recepção, e aceno para a velhinha Maud, que vem se voluntariando aqui vinte horas por semana desde que seu marido, Melvin, faleceu há dois meses. Em seguida, vejo George na mesa de sempre—ele é um regular, aposentado e um solteiro por toda vida. Pego dois dos jornais locais da pilha, e deslizo em sua frente quando passo.

"Boa tarde, George."

"Está agora, querida." Ele responde atrás de mim.

Ao longo da parede lateral há uma fileira de mesas de computador, alinhadas como soldados, e vejo a cabeça vermelha brilhante de Timmy Frazier curvada sobre um teclado, onde está digitando furiosamente. Timmy tem treze anos e é um bom rapaz, mesmo quando os bons rapazes ainda fazem coisas impertinentes. Ele tem cinco irmãos mais novos, um pai estivador, e uma mãe que limpa em tempo parcial em uma propriedade no topo da colina.

A propriedade da minha mãe.

Castlebrook é uma pequena e linda cidade—uma das menores em Wessco—uma antiga vila de pescadores que nunca prosperou, mas é apenas bem-sucedida o suficiente para impedir que os habitantes partam em busca de pastagens mais verdes. Estamos há cerca de cinco horas de carro da capital, e enquanto a maioria das pessoas aqui não se aventura muito longe, muitas vezes recebemos visitantes de outras cidades à procura de um fim de semana tranqüilo à beira-mar.

St. Aldwyn's onde todas as crianças locais freqüentam, é apenas a uma caminhada de dez minutos, mas eu aposto que Timmy poderia fazer em cinco.

"Há uma razão pela qual você não está na escola, Timmy Frazier?"

Ele dá um sorriso torto, mas não tira os olhos da tela ou para de digitar. "Eu vou voltar, mas tive que abandonar o quarto e quinto período para terminar este artigo para e entregá-lo no sexto."

"Você já pensou em completar sua tarefa no dia—ou, Deus me livre, alguns dias—antes que fique realmente atrasado?"

Timmy encolhe os ombros. "Melhor no último minuto do que nunca, Sarah."

Dou uma risada e bagunço seu cabelo vermelho, e continuo meu caminho para o terceiro andar.

Fico confortável com pessoas que conheço—eu sou sociável, até engraçada com eles. São as novas e situações imprevisíveis que me amarram. E estou a ponto de ficar atada em uma grande agora.

Merda, que se dane.

Fico de frente para a porta do Sr. Haverstrom, olhando as letras negras de seu nome gravadas no vidro fosco, ouvindo o murmúrio de vozes dentro. Não é que o Sr. Haverstrom seja um chefe ruim—ele é um pouco como Mr. Earnshaw de *O morro dos Ventos Uivantes*. Embora ele não tenha muito tempo de página, sua presença é forte e importante.

Tomo um fôlego, endireito minha coluna, e bato na porta com firmeza e decisão—a maneira que Elizabeth Bennet[19] faria. Porque ela não dava merda nenhuma sobre qualquer coisa. Então o Sr. Haverstrom abre a porta, com seus olhos estreitados, seu cabelo e pele pálidos, seu rosto alinhado e ranzinza, como um marshmallow esmagado.

Do lado de fora, eu aceno entrando no escritório, mas lá dentro,

[19]É a personagem principal da obra fictícia *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen

eu tremo e murcho.

O Sr. Haverstrom fecha a porta atrás de mim e paro quando vejo Patrick Nolan na cadeira em frente á mesa do Sr. Haverstrom. Pat é o subchefe do departamento de literatura e ficção comigo. Ele não se parece com o bibliotecário estereotipado—parece mais um triatleta olímpico, todos os músculos tensos e ombros largos e fome de competição em seus olhos.

Pat não é um grande idiota como Elliot, mas perto.

Sento na cadeira desocupada ao lado de Pat enquanto o Sr. Haverstrom toma seu lugar atrás da mesa. “Lady Sarah, eu estava apenas explicando ao Pat o motivo que pedi uma reunião com os dois.”

Não confunda o “Lady”, antes do meu nome como um símbolo de respeito. É apenas tradição, o equivalente a “Miss” para a filha de uma condessa. Não há nenhum poder real por trás disso.

Talvez eu esteja apenas sendo paranoica—isso acontece—mas há aquela sensação pesada e forte no meu estômago, como se a qualquer momento o fio que me segura no lugar vai se soltar, enviando meu órgão vital ao chão.

Eu me forço a falar. “Sim?”

“Fomos selecionados para sediar o Simpósio da Biblioteca do Distrito do Norte deste ano.”

Isso não é nada bom—é muito ruim. Muito, muito ruim.

“Como a instalação de acolhimento, cada departamento é obrigado a fazer uma apresentação, e dado o tamanho e o escopo do nosso departamento de Ficção e Literatura, não vejo nenhuma razão para você e Patrick não poderem fazer apresentações separadas, mas complementares.”

E há um *plaft* em meu estômago caindo. E o meu baço. Tenho certeza de que o fígado está lá em algum lugar também.

“Eu vou precisar do seu tópico e esboço até o final da semana para garantir que não haja sobreposição.”

Meus lábios se abrem e fecham, como a boca de um peixe, mas não há palavras. Respirar! Preciso respirar e falar. *Idiota.*

"Sr. Haverstrom, não tenho certeza de que eu..."

"Estou ciente de que você não fica confortável em falar em público", diz Haverstrom, falando por mim.

Isso acontece. Muito.

"Mas você terá que superar. Esta é uma honra e uma exigência de sua posição. Exceto por um ato de Deus, você não será desculpada. Se não conseguir cumprir todos os seus deveres, infelizmente serei forçado a substituí-la por alguém que possa."

Merda. Droga, droga, merda, merda.

"Sim senhor. Compreendo."

"Bom." Ele acena. "Vocês podem ir, então."

Todos se levantam, e Pat e eu nos dirigimos para a porta.

"Lady Sarah", Sr. Haverstrom diz: "Ficarei feliz em examinar sua apresentação com você quando estiver completa, se isso for útil. Eu quero que você tenha sucesso."

Sorrio forçadamente. "Obrigado, senhor."

Então ele aperta a mão de Patrick. "Pat, ainda estamos no raquetebol neste sábado?"

"Conte com isso, Douglas."

Internamente, suspiro. Mais desapontada comigo mesma, do que qualquer outra coisa. Porque eu jogo raquetebol—e sou realmente muito boa nisso. E se eu tivesse um pedaço de Miranda Priestly em mim, de O Diabo Veste Prada, diria a eles—para me convidarem, e que jogo como os meninos grandes.

Mas, eu não tenho.

O Sr. Haverstrom fecha a porta, deixando Patrick e eu sozinhos no corredor. Pat sorri com lentidão, inclinando para mim. Recuo até

que estou pressionada contra a parede. É desconfortável, mas não ameaçador. Principalmente porque, além de raquetebol eu tenho praticado aikido por anos. Então se Patrick tentar algo engraçado, ele terá uma surpresa muito dolorosa.

"Vamos ser honestos, Sarah: você sabe e eu sei que a última coisa que você quer fazer é uma apresentação diante de centenas de pessoas—seus colegas."

Meu coração tenta invadir minha garganta.

"Então, que tal isso? Você faz a parte de pesquisa, os slides que eu realmente não tenho tempo, e eu cuido da apresentação, te dando metade do crédito, é claro."

Claro. Eu já ouvi essa música antes—na escola "projetos de grupo" onde eu, a garota quieta, fez todo o trabalho, mas o com a fala suave, tomou toda a glória.

"Eu vou pedir para Haverstrom concordar no sábado—eu sou como um filho para ele", Pat explica antes de se aproximar o suficiente para que eu possa sentir o cheiro de alho em sua respiração. "Deixe o Grande Pat cuidar disso. O que você diz?"

Eu digo que há um lugar especial no inferno para as pessoas que se referem a si mesmas na terceira pessoa.

Mas antes que eu possa responder, a voz firme e segura de Willard viaja pelo corredor.

"Acho que deve recuar Nolan. Sarah não só fará isso, mas também será fantástica nisso."

Pat acena com a mão. "Quieto, mosquito—os adultos estão conversando."

E a adrenalina volta correndo, mas desta vez não é induzida pela ansiedade—é a raiva. Indignação.

Afasto-me da parede. "Não o chame assim."

"Ele não se importa."

“Eu me importo.”

Pat me olha com algo parecido com surpresa. Então zomba e se vira para Willard. “Você sempre deixa uma mulher lutar suas batalhas?”

Dou mais um passo adiante, o forçando recuar. “Acha que eu não posso lutar uma batalha porque sou uma mulher?”

“Não, eu não acho que você não pode lutar uma batalha, porque é uma mulher que mal consegue juntar três palavras se mais de duas pessoas estiverem na sala.”

Não estou ferida pela observação. Afinal, a maior parte é verdade.

Mas não dessa vez.

Sorrio devagar, diabolicamente. De repente, sou Cathy Linton[20] vindo à vida—obstinada e orgulhosa.

“Há mais de duas pessoas paradas aqui agora. E eu tenho mais de três palavras para você: foda-se, arrogante, burro do brejo convencido.”

Sua expressão é quase engraçada. Como ele não pudesse decidir se está mais chocado que eu sei a palavra *foda-se* ou que disse isso em voz alta para ele—e não no bom sentido.

Então seu rosto endurece e Pat aponta para mim. “Isso é o que eu ganho por tentar ajudar seu traseiro mudo? Divirta-se fazendo uma tola de si mesmo.”

Eu não pisco até Pat estar descendo as escadas.

Willard aplaude lentamente enquanto caminha pelo corredor para mim.

“Burro do brejo?”

---

[20]Catherine Linton é uma personagem forte e combativa da obra O Morro dos ventos Uivantes de Emily Brontë.

Encolho os ombros. “Foi o que veio.”

“Impressionante.” Então Willard se inclina e beija a minha mão. “Você foi magnífica.”

“Não foi tão ruim, certo? Foi bom.”

“E você não corou uma vez.”

Empurro meus cabelos escuros para fora do rosto, rindo de forma consciente. “Parece que esqueço tudo quando estou nervosa defendendo outra pessoa.”

Willard acena com a cabeça. “Boa. E embora eu odeie ser o pentelho que aponta alguma coisa, há algo que você deve provavelmente começar a pensar imediatamente.”

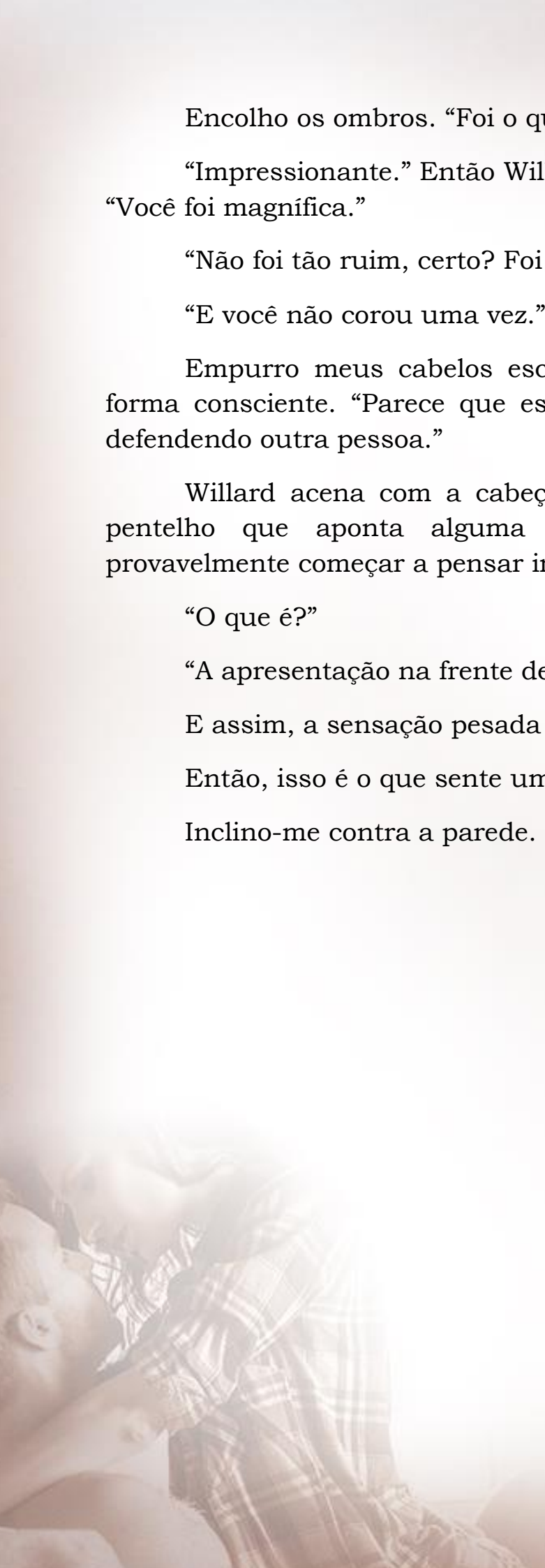
“O que é?”

“A apresentação na frente de centenas de pessoas.”

E assim, a sensação pesada e doentia retorna.

Então, isso é o que sente um condenado.

Inclino-me contra a parede. “Oh, bolas de brócolis.”



Capítulo 05

Sarah

Depois de sair do trabalho, caminho para o meu apartamento, cerca de meio quilômetro de distância. O meu edifício é simples, mas bem conservado com um jardim e área de lazer no terraço. Há um casal recém-casado com um bebê ainda novo no andar acima de mim—David, Jessica e o pequeno Barnaby—e um casal de idosos, Felix e Belinda, juntos há quarenta anos no andar abaixo.

Coloco minhas chaves na taça de cristal na porta, como sempre. Então tiro meu casaco e sapatos e coloco os dois no armário. Também, como sempre.

Eu não tenho uma colega de quarto ou um animal de estimação, então a minha sala continua exatamente como deixei esta manhã: limpa e impecável, com seu sofá bege e almofadas laranja, cortinas correspondentes, fotos de minha mãe e irmã na mesa de centro e minhas capas de livros favoritos emolduradas nas paredes.

A glória da minha sala de estar não é a televisão de tela plana ou no fogão a lenha no canto. E sim, a estante, colocada entre as duas janelas.

Seis prateleiras, tão altas quanto o teto, feitas de madeira flutuante. Encontrei num mercado de Natal há alguns anos. Era um pedaço gasto, simples e sem graça—como eu—mas posso dizer que as tábuas são feitas de material resistente, e elas não envergam. Então, a trouxe para casa, lixei e lustrei e coloquei minhas mais caras e valiosas posses sobre ela—minha coleção de livros clássicos de primeira edição.

A coleção completa de Jane Austen, as irmãs Brontë, Dickens... estão todos aqui. Embora eu aprecie o bom romance contemporâneo ou romance leve e despretensioso, estes são os pra quem sempre volto—histórias que, não importa quantas vezes reli, mas sempre retorno para mais.

O apartamento é pequeno, com apenas um pedaço de vista para o mar a partir da janela do quarto, mas eu o pago sozinha—não do fundo fiduciário da família.

Há uma satisfação em ganhar o próprio dinheiro. Autossuficiência, como saber esfregar os gravetos para iniciar um incêndio. Uma habilidade de sobrevivência. Eu saberia fazer no deserto se fosse necessário.

Bem... se o deserto fosse em Castlebrook, de qualquer forma.

A coisa funciona assim, quando você é dependente de outros, eles mantêm uma parte de sua felicidade em suas mãos. Eles podem alimentá-lo ou esmagá-lo a qualquer momento. Seu destino não lhe pertence. Já vi como isso funciona—não é bonito. Minha vida pode ser pequena e simples, mas é toda minha.

Na cozinha, encho o bule para o chá. Normalmente, começaria o jantar agora, mas é quarta...

Quartas-feiras e domingos são dias de jantar com minha mãe e Penélope.

Tenho ainda uma hora antes de precisar sair, então vai ser chá e... mais um pouco de Razão e Sensibilidade. É a leitura perfeita. Apenas drama suficiente e angústia para ser interessante, mas principalmente leve e divertido, com o final mais feliz. O coronel Brandon é o meu favorito—o marido ideal de todos os livros. Ele é bonito, sexy e honesto. Algum dia, eu vou encontrar um homem como ele—romântico, estável e confiável—eu não dou a mínima para o quão bobo isso soa. Quão imaturo ou fantasioso.

Porque eu tenho uma teoria.

Se os pesadelos podem se tornar realidade, e às vezes eles se

tornam... então assim podem nossos sonhos mais felizes.

Uma vez que meu chá de hortelã está pronto, afundo no longo sofá no meu quarto, jogo um cobertor de veludo macio sobre minhas pernas, abro o meu livro e bloqueio o mundo.



Algumas pessoas olham para sua família e se perguntam se foram adotadas. Outros esperam que tenham sido.

Nunca me perguntei sobre isso. Porque minha mãe é tão claramente a combinação da minha personalidade e da minha irmã. Ou talvez cada uma de nós seja a metade dela. Ela é reclusa— odeia cidades, evita festas, raramente deixa a propriedade, e não interage com amigos—pelo menos não humanos. Mamãe está mais contente na estufa cuidando e conversando com suas flores. Mas aqui, dentro dos limites de seu próprio feudo pessoal, ela dirige o show. Ela é colorida e exuberante, assim como Penélope. Nos últimos anos, aderiu às vestimentas de seda estampadas feitas à mão na China e tingiu seus cabelos de um nascer do sol vermelho—mistura da Sra. Dashwood de *Razão e Sensibilidade* e Shirley MacLaine em seu auge.

Alguns em nosso círculo social a chamam de excêntrica. Outros a chamam de Condessa Louca. Penny a chama de "fora de casinha." Mas eu não acho que mamãe é louca. É só que ela tentou viver pelas regras de outras pessoas e não deu certo. Então agora, ela vive como gosta... e todos podem ir para o inferno.

"Olá, minha querida", Mamãe me cumprimenta com uma voz calma.

Minha mãe sempre falou com calma e gentileza. É como ela foi criada. Mas calma não deve ser confundido com fraco. Às vezes, a resolução mais firme é afirmada silenciosamente.

Stanhope, nosso mordomo pega meu casaco, sacudindo as gotas

de chuva que começaram a pingar. Mamãe me guia até a sala de jantar com o braço em volta da parte inferior das minhas costas, o perfume familiar dos lírios que a cercam. “Como estão às coisas na biblioteca?”

“Horrível.”

“Horrível? Isso não soa bem. O que aconteceu?”

Nós nos juntamos a Penny na mesa, onde ela tecla em seu celular, mensagens de texto, e logo de cara, eu conto minha triste história. Embora nossos jantares semanais sejam informais, Penélope está vestida a rigor em um vestido azul Royal que favorece sua pele alva e seus claros cabelos loiros, presos em um nó suave. Penny sempre gostou de se vestir assim, e aos vinte e três anos, ela ainda vai aproveitar qualquer desculpa para o glamour.

Ao contrário de outras mães em nossa cidade, a minha nunca me empurrou para casar bem ou ter encontros promissores—Penélope tem encontros suficientes por nós duas.

Quando termino de explicar sobre a apresentação, mamãe diz: “Minha pobre menina. O que você vai fazer?”

“Eu realmente não tenho uma escolha. Vou ter que me apresentar no simpósio e rezar para não vomitar na plateia ou desmaiar.”

Penny sorri, ainda olhando para seu celular. “Talvez você deva isolar a primeira fila, apenas no caso. Pode chamar-lhes de os assentos da zona do esguicho.”

“Isso é útil, Pen, obrigada.”

Ela olha pra cima. “Isso pode ser bom para você, você sabe. Forçá-la a sair da sua zona de conforto.”

“O mesmo poderia ser dito sobre seu próximo serviço militar, Penélope”, comenta mamãe.

Em Wessco, todo cidadão, homem ou mulher, é obrigado servir dois anos no exército.

Penny se joga dramaticamente em sua cadeira, abrindo os braços

como Cristo na cruz. “Não é a mesma coisa! Eu serei um soldado terrível— não sou talhada para todo esse marchar, escalar e suar.”

Ela verifica suas unhas pintadas e brilhantes para se certificar que não tenham se lascado, apenas por falar sobre isso. “Eu tentei convencê-los a me deixar servir o meu tempo na WSO.”

O WSO é a Organização de Serviço Wessco—eles organizam shows para entreter os militares. E Penélope sempre sonhou com o estrelato—ela é muito baixa para ser modelo, mas certamente melodramática o suficiente para ser atriz.

“Isso é muito mais minha cara. Roupas brilhantes e dança. Mas, é contra as ordens, eles disseram.”

“Sim”, sorrio. “Os militares gostam de ter suas ordens seguidas. São engraçados assim.”

Penny mostra sua língua pra mim.

Antes que eu possa decidir qual gesto obsceno responder, troveja tão alto lá fora, que chocalha a porcelana de cristal na mesa.

A chuva bate nas janelas e, segundos depois, outro estrondo explode sobre a casa—sacudindo as paredes. Uma prateleira cede, enviando pratos decorativos e estatuetas ao chão, explodindo em fragmentos, como pequenas granadas de vidro.

Eu fecho meus olhos, mas não importa—tudo fica cinza.

Eu começo a ofegar. É sempre assim que acontece, como se eu estivesse presa debaixo d'água, até que estou prestes a me afogar.

“Aí está ela”, murmura mamãe de sua cadeira ao meu lado, enquanto Penélope esfrega pequenos círculos nas minhas costas do outro lado.

“Foi longo desta vez”, Penny diz com preocupação. “Mais de dez minutos.”

E a vergonha familiar se aperta dentro de mim.

“Desculpe,” eu sussurro.

“Nada disto, agora”, repreende mamãe, pressionando um pano fresco e úmido na minha testa.

“Vamos entrar na sala, mamãe” diz Penélope. “Sarah ficará mais confortável no sofá.”

Aceno, não estou preocupada em perder o resto da refeição—Acho que perdemos o apetite. Minha irmã me ajuda a levantar e embora meus joelhos estejam trêmulos, lhe dou um sorriso.

“Está tudo bem. Estou bem agora.”

Assim que estou sentada na sala, a empregada Jenny, coloca um copo de conhaque na minha mão. Eu o bebo lentamente.

“Tenho lido sobre um novo especialista em meditação, Sarah. Acho que você deve marcar uma entrevista com ele”, diz minha mãe. “Ele é um budista e ouvi rumores de ser muito bom.”

Estado provisório de fuga dissociativa é como os médicos chamam. Enraizada no estresse, ansiedade e trauma, desencadeada por ruídos altos, na maioria das vezes vidros quebrando. Mas é inconsistente. Há momentos em que posso ouvir o som e não tenho reação alguma; Outras vezes o eco de um único vidro caindo em um restaurante pode me fazer “desligar.”

Não é tão ruim quanto parece—para alguns podem durar semanas ou até dias, e as pobres pessoas afligidas passam a agir de maneiras inesperadas. Meus episódios duram de alguns segundos a alguns minutos. Eu não me movo nem falo—é como se estivesse... morta mas ainda respirando. Tentei medicação, mas não ajuda realmente e os efeitos colaterais são desagradáveis. Eu tentei hipnose, terapia, acupuntura... mas eles também foram ineficazes.

“Tudo bem, mamãe.”

Desfrutamos de nossas bebidas em silêncio por alguns minutos e, em seguida, Stanhope entra na sala.

“Há uma visita, condessa.”

“Um visitante?” Mamãe olha para as janelas encharcadas da chuva. “Quem estaria fora nesta confusão? Reconhece o carro?”

“Não, condessa. A jovem diz que seu nome é Nancy Herald. Ela pediu desculpas por não marcar uma hora e forneceu seu cartão. Parece ser uma proposta de negócio.”

Minha mãe faz um movimento arrebatador com as costas da mão.

“Não tenho interesse nem tempo para propostas de negócios. Mande-a embora, por favor.”

Stanhope coloca um cartão de visita na mesa, curva-se e sai da sala.

Penny o pega enquanto toma sua bebida, olha para ele e então cospe seu brandy por todo o tapete.

“Penélope!” mamãe grita.

Minha irmã levanta, agitando o cartão sobre sua cabeça como Veruca Salt[21] depois que colocou as mãos no bilhete dourado para a fábrica de chocolate.

“Stanhope!” Penny grita. “Não a deixe ir embora! Ela é uma produtora de televisão!”

Penny se vira para mim e com uma voz mais calma, mas urgente, e diz: “Ela é produtora de televisão.”

Como se eu não tivesse escutado na primeira vez.

Então ela sai correndo da sala. Ou... tenta. No meio caminho para a porta, seu calcanhar gruda no tapete e ela cai sobre seu rosto com um “Ooof.”

---

[21]Personagem do filme de Tim Burton, A Fantástica Fábrica de Chocolate

“Você está bem, Pen?”

Penélope se levanta, acenando com as mãos. “Estou bem! Ou eu estarei, contanto que ela não saia!”

A segunda tentativa é um encanto, e Penélope corre saindo da sala tão rápido quanto seus saltos de dez centímetros permitem.

Minha mãe balança a cabeça diante da forma de retirada da minha irmã.

“Muito açúcar, eu acho.”

Então ela vira seu copo.

“A produtora deve estar interessada em filmar na propriedade”, acrescenta minha mãe. “Parece que em todos os meses recebo um pedido.”

Pouco tempo depois, há o eco da conversa rápida e aguda de Penélope no hall e, pouco depois, entra na sala. Seu braço está ligado a uma mulher pequena, de cabelos escuros, vestida com um casaco encharcado. Stanhope segue atrás delas como uma sombra mal-humorada.

Penélope a apresenta como se fossem velhas colegas de escola, roubando a função de Stanhope.

“Mãe, Sarah, esta é Nancy Herald. Ela é produtora de televisão.”

Estendo e ofereço minha mão. “Olá, senhorita Herald. Você é produtora de televisão? Eu não tinha certeza.”

Olho para minha irmã. E ela zomba de volta.

“Assistente de produção, na verdade”, Nancy responde, apertando minha mão. “Prazer em conhecê-la.”

Stanhope funga. “Posso pegar seu casaco, senhorita Herald? E lhe servir uma bebida quente?”

“Obrigada.” Ela a roupa pingando. “Café seria fantástico, se você tiver.”

Sem se levantar, minha mãe gesticula para que Nancy sente "O que a traz aqui em um clima tão terrível, senhorita Herald?"

Ela sorri, senta e puxa uma pasta da bolsa em sua mão. "Antes de explicar, terei que pedir a cada uma de vocês para assinar um acordo de não divulgação. Eu sei que parece muito estranho, mas eu tenho uma oportunidade especial para..." Ela verifica sua papelada, "Sarah e Penélope Von Titebottum." Nancy olha para minha irmã e para mim. "Para vocês duas, mas é uma questão de segurança nacional, então eu preciso da evidência de sua confidencialidade por escrito. Vocês não estão sob nenhuma obrigação, exceto para manter a minha oferta sem ser divulgada."

Penélope implora com os olhos... e boca.

"Por favor, mamãe! Sarah, por favor, por favor, linda, por favor, por favor?"

Minha mãe bufa e revira os olhos. "Muito bem, dê aqui."

Cada uma assina o documento curto, de um parágrafo. E Stanhope coloca uma xícara e um pires na mesa para a Srta. Herald. Ela recolhe o formulário, toma um gole do líquido fumegante, e depois que nosso mordomo sai da sala, fechando a porta atrás dele, Nancy se inclina à frente.

"Vocês já ouviram falar da série de televisão *Matched*?"

"Fora de questão", minha mãe declara no momento em que a Srta. Herald termina nos contando sobre o reality show de namoro.

"Não!" grita Penny. "E certamente ainda está em questão."

"Não para mim." Balanço a cabeça. "Obrigado pela oferta, senhorita Herald, mas eu nem gosto de tirar fotos. E não tenho nenhum interesse em participar de um programa de televisão."

“E quanto a ser rainha?”, Nancy diz.

“Também não tenho interesse nenhum.”

Penny levanta a mão. “Mas eu sim! Eu ainda posso participar certo? Mesmo que Sarah não aceite?”

“Absolutamente.”

“Absolutamente não”, diz mamãe firmemente.

Penélope está ofendida. “Mãe, você está agindo como se não confiasse em mim.”

“Eu não confio.” Ela encolhe os ombros. “E com razão. Há muitos exemplos de sua falta de julgamento, querida. Vamos ver... houve o tatuador.”

“Foi uma fase.”

“O artista de circo.”

“Ele era interessante!”

“O condenado.”

Penny se contorce. “Viver na estrada não foi tão romântico quanto eu pensava.”

Ela cai de joelhos ao lado da cadeira da minha mãe. “Mas isso é diferente. Não é sobre um menino...”

“Não é?”

Penny revira os olhos. “Henry é muito divertido e é fantástico de se olhar, mas ele é um playboy—todo mundo sabe disso. Quando Henry se casar, ele não terá apenas uma amante; Terá um harém inteiro. Nós não iríamos funcionar.”

Então ela recorre à súplica. “Mas você sabe como eu amo atuar. Isso poderia abrir portas pra mim, mãe. Para uma carreira real na indústria.”

Minha mãe fecha os olhos. “Eu vou me arrepender disso... mas, tudo bem.”

Penny começa a surtar, e minha mãe levanta um dedo em ultimato.

"*Só* se Sarah for para ficar de olho em você, para ser sua voz da razão porque é evidente que você nasceu sem uma, então você pode participar."

Penélope lhe abraça. "Obrigada, mamãe!"

Então Penny vira para mim. Olhando tão esperançosa, quebrando meu coração.

"Sarah?"

"Penny... não posso. Eu tenho meu apartamento, meu trabalho. Eu apenas não posso atirar tudo para..."

"Seis semanas no total," a produtora informa.

"Por seis semanas. Sinto muito, Pen".

Ela arrasta-se de joelhos para mim—provavelmente queimando-se no tapete.

"*Por favor*, Sarah. Isso poderia mudar tudo."

É disso que eu tenho medo.

"Vai ser muito divertido. O melhor tipo de aventura."

E meu peito dói. Porque eu quero isso para ela—quero ser capaz de fazer isso por ela—mas ter a perspectiva de tanta mudança, tanta coisa desconhecida me aterroriza.

"Eu não acho que eu posso fazer isso, Pen," sussurro.

Ela agarra minhas mãos. "Vamos fazer juntas. Eu vou ter suas costas e você terá a minha."

Abro a boca... mas as palavras ficam presas na minha garganta.

"Penélope deve se apresentar para o serviço militar no próximo mês", diz a minha mãe a produtora.

"Nós somos capazes de tirá-la disso", diz a Srta. Herald. "Nós

estamos com um edital assinado pelo príncipe Henry que desculpa todos os concorrentes do trabalho, da escola, ou de algumas outras obrigações para o negócio confidencial do palácio. É um ato oficial de realeza."

Suas palavras me deixam com frio. "O que você acabou de dizer?"

"Um Ato de Realeza. É como uma proclamação, uma ordem da Coroa..."

"Ou um ato de Deus", eu sussurro.

"Sim, exatamente."

E as rodas em minha mente giram.

"Posso pegar um? Uma carta para meu empregador se eu for com Penny, como sua... assistente?"

"Claro. Muitas das meninas estão levando sua própria equipe—chefs, cabeleireiros, instrutores de ioga, cuidadores de cães—será interessante."

"Mas eu poderia ter a carta?" Pressiono. "Ser dispensada do trabalho por seis semanas completas?"

"Claro."

Meus olhos se encontram com Penélope e suas sobrancelhas se erguem. Porque ela sabe exatamente o que eu estou pensando.

"Isso muda as coisas, não é?"

Certamente que sim. Agora estamos indo para o menor de dois males.

E a escolha é clara.

Nunca fui uma líder de torcida, mas se tivesse pompons, eu os agitaria até que minhas mãos caíssem. Yay, *reality-show*!

"Mostre-nos onde assinar. Estamos dentro."

Capítulo 06

Henry

Estou impressionado. Duas semanas depois de ligar para Vanessa Steele, eu mal reconheço o lugar. O castelo está cheio de atividade—produtores e mulheres balançando figurativamente das vigas, instalando iluminação e câmeras—sem danificar a integridade histórica, é claro. Fergus teve um ataque sobre isso, mas eu conversei com ele.

Há sempre alguém com quem conversar, ou alguém dizendo olá, me fazendo uma pergunta ou mencionando o quanto está animado em trabalhar comigo.

Esta porra parece grande.

Os designers de cenários estão organizando adereços e vasos de flores aqui e ali e refletindo sobre as pinturas antigas, os trajes de armadura e o que Nicholas e eu sempre chamamos de Parede Fantástica da Morte. É uma grande parede na sala, coberta do chão ao teto com armas que foram usadas por nossos antepassados no campo de batalha. Escritores e diretores andam sobre a propriedade, criando esquemas e listas de localização para filmagens.

AD's e PA's e Extra PA[22] voam por toda parte, e eu estou realmente esperando que possamos adicionar DP às iniciais

[22]Ele faz uma brincadeira com as siglas usadas pela produção do programa. **AD**: assistente de direção, **PA**: produtor de arte. Ele gostaria de acrescentar **DP**: dupla penetração.

frequentemente usadas em linguagem comum muito em breve. Mas então, na biblioteca, Vanessa desfaz aquela esperança excitante tão rápido como o a transformação da carruagem de Cinderela em uma pequena abóbora triste.

"Nada de sexo."

Vamos examinar meu contrato. Eu não tenho que assinar um acordo de confidencialidade de US $ 50 milhões como qualquer outra pessoa que esteja remotamente envolvida, mas eu tenho regras.

Porra de regras. Por toda parte que eu olho: o que fazer, não fazer, o que falar, pelo de amor de Deus.

Ninguém sabe mais como se divertir?

"O que você quer dizer com, nada de sexo? Eu assisti ao seu show— sexo é o ponto. Todas as partes boas estão bloqueadas, mas é sexo de piquenique, sexo à luz de velas, sexo após a caminhada através da floresta. Eu estava realmente ansioso por essa parte."

Vanessa sacode a cabeça, seu cabelo curto e brilhante balançando. "Prepare-se para a decepção. Esta é a edição real. É especial. Regras especiais."

"Eu não quero ser especial. Quero ser como todos os outros caras em seu show. Apenas, mais bonito. Pela manhã ser chupado por uma concorrente, então sexo com outra diferente à noite. E ninguém fica irritado. É um estudo fascinante sobre o comportamento humano." Bato palmas. "Bravo, querida."

E ela ainda está balançando a cabeça. Droga.

"Neste caso, estamos vendendo a fantasia. O conto de fadas. Que a mulher que você escolher, será sua rainha. E para manter essa fantasia em movimento, você pode festejar, mas não pode fazer sexo."

"Você está me dizendo que você realmente encontrou vinte nobres virgens?"

Porque se for esse o caso, não vai ser tão divertido como eu pensava.

“Eu estou dizendo que não importa se elas são virgens, contanto que o público acredita que elas são.” Vanessa olha para a janela, batendo com o dedo na mesa. “Quero dizer, você está apenas procurando se divertir, certo? Você realmente não estava pensando em se estabelecer com uma dessas garotas, não é?”

“Não pretendo me estabelecer por um tempo muito longo, doçura. Meu irmão está todo coberto com publicidade positiva, enquanto uma das minhas funções é gerar um herdeiro, os homens podem ter filhos até seus cinquenta anos, então eu tenho muito tempo para pôr em prática.” Levanto meu copo de scotch, brindando o Todo Poderoso. “Louvado seja o Senhor.”

A Vanessa acena. “Perfeito. Então eu acho que nós dois vamos conseguir exatamente o que estamos procurando, Henry.”

Dou uma olhada no resto do contrato.

“Você deve mandar seu advogado olhar atenciosamente.” diz.

“Não preciso.” Olho para cima, com a caneta bem equilibrada. “Não há proibição para boquetes, não é?”

Vanessa ri. “Não. Apenas seja discreto.”

Dou uma piscadela. “Discreto deveria ter sido um dos meus nomes do meio.”

Logo depois de “Irônico.”

Assino a página final com um entusiasmo ansioso que John Hancock[23] invejaria. Vanessa pega o contrato e o guarda em uma pasta de couro. “Parabéns, você acabou de comprar-se um mês de diversão.”

Inclino para trás na minha cadeira, cruzando meus braços atrás da minha cabeça, contente com o mundo.

“Oh, mais uma coisa”, acrescenta Vanessa. “É sobre a sua

[23]John Hancock foi um mercador, estadista e político norte-americano. Ele serviu como presidente do Segundo Congresso Continental e foi o primeiro e terceiro Governador de Massachusetts

equipe.”

Dez minutos depois, todos estão reunidos na biblioteca. Cook, Fergus, James e sua equipe de segurança, estão em um círculo e eu estou no centro, como se estivesse prestes a levá-los para o campo de futebol para a vitória.

“Eu estava explicando para a Sra. Steele que não há necessidade da minha equipe privada assinar acordos de confidencialidade. Porque a Casa do Pembrook, da qual todos vocês são membros, é melhor e mais honrada do que isso.” Encontro os olhos de cada pessoa, olhando particularmente para Fergus. “Não somos?”

Vovó não é a única que sabe como manipular.

“Isso significa que temos apenas uma regra: ninguém diz nada a Rainha. Eu não posso enfatizar isso o suficiente.”

Continuo a encarar lentamente para cada um deles. Fergus me encara, Cook sorri, James e seus rapazes parecem que vão vomitar.

Estendo minha mão, palma para baixo, e movimento para eles adicionarem suas mãos em cima. “O que vocês dizem?”

“Seus pais estão rolando em suas sepulturas, Deus conforte suas almas”, Fergus range, fazendo o sinal da Cruz.

E por dentro, eu me encolho. Difícil.

Por fora, encolho os ombros. “Não será a primeira vez, meu velho.”

Então é a vez de Fergus recuar. Ele olha para baixo, timidamente.

“Vamos lá,” eu ralho, “não fique triste comigo. É assim que se faz

agora. O Papa tuíta, os políticos nos trolam e o herdeiro do trono encontra sua Rainha na televisão em um reality Show."

"É insípido e de mau gosto", ele argumenta.

"Onde você esteve? Todo o maldito mundo é insípido e de mau gosto."

Minha voz muda então, suavizando, e eu quase acredito em minhas próprias palavras. "Mas ela pode estar lá fora, Fergus, apenas esperando por mim para encontrá-la. A mulher que eu vou amar; a futura mãe dos meus filhos; a senhora que está destinada a ser a rainha de Wessco—ela poderia ser uma delas. E isso não seria uma linda história para contar?"

Fergus olha para o meu rosto por um momento, e sua expressão não amolece. Mas então acena levemente sua cabeça. E dá um passo à frente, colocando sua mão sobre a minha. "Seu pai teria dado uma boa risada sobre isso. Sempre gostei de um mergulho no lado selvagem, esse é um dos bons."

Sorrio e bato nas costas dele. Então eu olho para Cook. Ela sorri amplamente, suas bochechas redondas cheias e seu sotaque grosso como melaço.

"Eu não tuíto como o Papa, mas..." E acrescenta a mão sobre a minha e a do Fergus.

James sussurra com os outros meninos, depois se vira para mim, falando pelo grupo.

"Isso pode ser considerado uma traição, senhor."

Eu zombo. "Não. Ninguém está falando sobre trair segredos do governo ou derrubar a monarquia. É apenas um caso de... o que ela não sabe não vai machucá-la."

O pobre James esfrega a nuca, parecendo que vai se borrar todo.

"Não posso mentir para a rainha, Príncipe Henry."

Agito minha cabeça. "E nunca te pediria isso. Mas... se ela não perguntar diretamente, então não é realmente uma mentira."

“Eu envio e-mail com relatórios diários para Winston. Ele vai ter o meu rabo se descobrir que eu não lhe disse sobre isso.”

Sim, isso é complicado. Winston é o chefe-geral no Palácio.

“Então é melhor ter certeza de que ele não descubra. Continue seus relatórios... apenas mantenha-os... vagos. Geral. ‘Estamos todos bem aqui no Castelo de Anthorp como diabos você está?’”

James ainda parece um elo fraco.

Então jogo todas as minhas cartas na mesa.

“Olha, James, eu sou o Príncipe de Pembrook agora. E eu percebo que não sou o Nicholas. Nunca serei. Mas se isso der errado, não deixarei que você ou seus rapazes levem a culpa, eu juro. Então, se resume a confiança. Ou você acredita em mim ou não.”

E eu realmente preciso de alguém para acreditar em mim. Mesmo por pouco tempo.

Os olhos azuis de James leem os meus, como se estivesse mergulhando em meu cérebro. Depois de um longo momento, esfrega as mãos pelo rosto. “Foda-se, estamos com você, Príncipe Henry.”

Os rapazes acenam atrás dele e eu não consigo não sorrir.

“Você é um bom homem. Sempre gostei de você. Você vai longe, posso dizer.”

James e o resto dos rapazes da segurança adicionam suas mãos á pilha. E porque eu não quero ser um total idiota, não grito ou balanço nossas mãos unidas. Eu apenas aceno para cada um deles, bato em nossas mãos, e digo: “Estou orgulhoso de todos vocês. E grato a cada um. Não vou desapontar vocês. Força equipe.”

Capítulo 07

Sarah

Sr. Haverstrom não ficou satisfeito quando eu apresentei a minha carta oficial do ato da realeza, me dispensando do trabalho pelas próximas seis semanas. Mas, como ele bem reconheceu, não posso ser demitida. Mesmo sabendo que vou sentir falta da biblioteca, dos frequentadores e de almoçar com Annie e Willard, tudo vai valer a pena. O desconhecido *Matched* não é nada em comparação ao terror de ficar de pé na frente de centenas de pessoas. Sem disputa.

Dez dias depois da Srta. Herald aparecer em nossa porta, um carro chega para nos levar a Castelo de Anthorp. A propriedade é apenas um pouco mais de uma hora de carro de Castlebrook. É um terreno protegido, a propriedade privada da família real, então, mesmo lendo alguns livros sobre a história do castelo e ter visto fotos, eu nunca realmente o visitei.

Quando o carro passa por uma longa e sinuosa entrada e para em frente a gigantescas portas de madeira e ferro, eu decido pela primeira vez que um livro simplesmente não pode comparar. O cheiro de sal e mar está no ar, e o vento que sai da água chicoteia meu cabelo. É ensolarado e fresco, e o castelo de pedra cinzento enorme com suas pontas e torres, bandeiras e flores, ponte levadiça e fosso, é a minha ideia de um conto de fadas—como a *Cinderela* ou a *Pequena Sereia*.

Sim, com as ondas batendo nas rochas abaixo do penhasco, A Pequena Sereia é a comparação perfeita. Além de ser o meu filme favorito da Disney.

Alguns dos membros da equipe do show carregam e levam nossas para o castelo. Vejo outras mulheres, com roupas de grife e óculos escuros, saindo de carros nas proximidades. Reconheço duas delas—a duquesa de Perth, Laura Benningson e Lady Cordélia Ominsmitch—mas o resto eu nunca vi, porém tenho certeza que Penny as conhece. Senhorita Herald nos cumprimenta no saguão principal e nos dá uma excursão rápida. Penélope escolhe o quarto dela quase que imediatamente—um grande quarto rosa no segundo andar, perto da escada principal e perto de toda ação.

"Eu gostaria de explorar um pouco mais sozinha, se estiver tudo bem", digo a Srta. Herald. "Eu vou escolher um quarto depois."

"Tudo bem," ela responde. "A produção, o guarda-roupa e a maquiagem estão em toda a ala oeste, mas qualquer outro quarto vazio está disponível."

Ela entrega a Penélope sua agenda para o dia. A primeira sessão de filmagem é esta tarde, em frente ao castelo com o elenco completo, incluindo o Príncipe Henry, para fotografar as cenas de abertura do primeiro episódio. Antes disso, Penny tem uma entrevista, uma consulta com a estilista, e uma hora de cocktail para encontrar—socializar com as outras meninas no castelo.

Dou um abraço em minha irmã antes que Srta. Herald a leve.

"Divirta-se, Pen."

Seus olhos castanhos macios dançam para mim. "Você também. Se você detectar algum fantasma neste lugar velho, tente tirar uma foto!"

Quando elas saem, passeio lentamente pelo castelo, absorvendo tudo, olhando para o teto e as paredes e tudo mais. Penso nas pessoas que estiveram onde estou agora, cujos passos eu poderia estar refazendo— senhores e senhoras, poderosos soldados e guerreiros, poderosos reis e comandantes rainhas.

É gratificante e emocionante ao mesmo tempo. Como a energia e o espírito deles estivessem nas paredes, falando comigo, me mostrando—guiando o meu caminho. Antes que eu saiba, estou no

canto da ala leste no terceiro andar. É bem tranquilo aqui, um pouco longe da agitação das principais áreas de filmagem. A porta range quando eu a abro, entrando no quarto.

E minha respiração para.

Oh. Inferno. Sim. Encontrei o meu quarto. Porque para mim, este é perfeito—absolutamente perfeito.



Mais tarde, quando o sol se põe no céu, mas ainda há algumas horas até escurecer, o elenco completo de meninas e equipe, estão em frente ao castelo. Vanessa Steele, a produtora executiva, anunciou que todos os assistentes e acompanhantes do elenco devem permanecer fora do set. Uma vez que está acontecendo tomadas ao ar livre, ela não quer arriscar que qualquer um de nós apareça nestas filmagens.

Encontrei o local perfeito para assistir a gravação—no lado arborizado do castelo, no alto de uma colina, perto de uma árvore, que de quebra ainda serve para me esconder apenas por precaução. Tenho uma visão perfeita da entrada do castelo e a companhia de meu livro. Sentada de costas contra a árvore, suspiro com contentamento. Isso vai ser maravilhoso. Então abro meu livro... e praticamente pulo fora da minha pele quando uma tosse soa por trás de mim.

Eu não vi ninguém quando cheguei aqui.

Fechando meu livro, olho por trás do tronco cautelosamente. Só o suficiente... para ver a inconfundível visão de Sua Alteza Real, Príncipe Henry, a poucos metros de distância.

Com um suspiro, eu me esquivo atrás da árvore.

Cresci inundada com histórias e notícias da família real e cartazes de nossos belos príncipes presos às paredes do meu quarto—todas as meninas em Wessco faziam isso. Nicholas era o sério, calmo e

bem falado, honrado—assim como o Sr. Darcy. Henry sempre pareceu mais como Fiyero Tigelaar de *Wicked: a vida e os tempos da bruxa malvada do Ocidente*—divertido, apaixonado, e imprudente, focado apenas na próxima festa e seu próprio prazer.

Levanto-me e espio atrás da minha árvore para outro vislumbre.

E meu coração começa a galopar, minha cabeça fica embaçada, e parece que minha garganta está se fechando. Porque—doce menino Jesus em uma manjedoura—ele está vindo para cá! Seus longos e decididos passos apontam em minha direção. Isso significa que quando ele chegar preciso falar com ele. Embora só o tenha encontrado por um breve momento—no ano passado em um pub, quando ele estava com seu irmão e Olivia Hammond, que agora é a princesa Olivia, a Duquesa de Fairstone—e embora esteja familiarizada com os detalhes da vida do Príncipe Henry John Edgar Thomas, ele ainda é apenas um belo estranho. E não me sinto bem com estranhos.

Meus olhos procuram uma rota de fuga. Enrolar-me atrás da árvore como um caracol em sua concha não funcionará—ele obviamente, já me viu. *Droga.* Olho para os galhos—eu sou uma excelente alpinista—mas infelizmente até mesmo o mais baixo dos galhos está fora do alcance de um salto. *Merda em dobro.*

Ele está quase aqui. *Merda, merda, merda.*

Acho que estou hiperventilando. Posso desmaiar. O que resolveria o problema de ter que falar com ele, mas seria ainda mais embaraçoso—estou falando por experiência própria.

Mentalmente, eu me agito. Só preciso pensar em algo para dizer.

E agora a única coisa que preenche minha mente é: *pense em alguma coisa, pense em alguma coisa, pense em alguma coisa.*

Minhas mãos ficam suadas e entorpecidas.

Eu poderia perguntar sobre a mãe dele—sempre uma aposta segura. Exceto que... a sua mãe está morta.

Droga, que tudo vá para o inferno!

E... Henry está aqui.

Meus olhos caem e eu congelo, como um veado preso nos faróis maiores e mais brilhantes. Olho para suas botas escuras e brilhantes como espelhos negros. E forço meu olhar para cima, sobre suas longas pernas vestidas de preto... calça de poliéster? Seus quadris e cintura estão cobertos por uma jaqueta branca com botões muito brilhantes, tons roxos e franjas douradas em cada um de seus largos ombros.

É uma roupa ridícula—como um traje roubado do Príncipe Encantado—e ainda assim ele consegue parecer fantástico.

O botão superior está preso ao pescoço, acentuando um sexy pomo de Adão. Ele tem um queixo cinzelado; um maxilar forte, ligeiramente áspero; lábios assassinos; um nariz reto e majestoso; espessos cabelos loiros escuros selvagens e olhos tão bonitos que roubam sua respiração, palavras e pensamentos. Eles são de um tempestuoso tom de verde, mais quentes que esmeraldas cruas aquecidas pelo sol. Lembro-me da primeira vez que nos encontramos, pensei que nenhuma das fotos que eu já tinha visto dele fez justiça aos seus olhos. E, neste momento, reforço essa opinião.

Se eu não estivesse naturalmente sem palavras, eu estaria agora.

A sobrancelha do príncipe Henry levanta-se, olhando para mim de um modo quase descontente.

“Alguém morreu?”

É uma pergunta ridícula, que esqueço até de entrar em pânico.

“O que?”

“Ou você é uma bruxa?” Ele estala sua língua, balançando a cabeça. “Desculpe—Wicca[24]? Pagã? Adoradora das trevas? Qual é o termo para o pacote atualmente?”

Isso realmente está acontecendo?

[24]Wicca é uma religião xamânica moderna baseada em rituais pagãos antigos, e também pode ser chamada de bruxaria.

“Uh... Wicca, eu acredito que seja aceitável.”

Henry balança a cabeça. “Certo. Você é uma Wicca, então?”

“Não. Católica. Não especialmente devota, mas...”

“Hmm.” Ele aponta o dedo para minhas mãos. “O que você está lendo?”

“Oh... O Morro dos Ventos Uivantes?”

Henry acena de novo. “Heathcliff, certo?”

“Sim.”

“Então é sobre um gato gordo laranja[25]?”

Minha mente está tentando descobrir o que ele está falando. O desenho! Ele acha que é sobre Heathcliff o desenho animado.

“Na verdade, não, é sobre um jovem e uma mulher que...”

Seus olhos enrugam e seus lábios sorriem, fazendo minhas bochechas ficarem quentes e rosadas.

“Você está me provocando, Alteza?”

“Sim.” Ele riu. “Mal, aparentemente. E, por favor, me chame de Henry.”

Minha voz é arejada, hesitante, quando eu tento.

“Henry.”

Seu sorriso permanece, mas suaviza—parecendo que gostou de ouvir a palavra. E depois me lembro de me curvar como devia desde o início. “Oh! E eu sou—”

“Você é Lady Sarah Von Titebottum.”

---

[25]Ele faz uma piada trocando os personagens. Heatcliff de O Morro dos Ventos Uivantes e Heatcliff e os Cattilacs é um desenho animado americano realizado em 1984 pela companhia DIC Entertainment. Foi transmitido no Brasil pela emissora de televisão SBT do ano de 1988 até 1990.

O calor se desdobra no meu estômago.

“Você lembrou?”

“Eu nunca esqueço um rosto bonito.”

Minhas bochechas vão de rosa a vermelho brilhante. Mudo de cor com mais frequência do que um camaleão. É uma maldição.

“Normalmente não sou bom com nomes.” Seus olhos deslizaram para meus quadris, tentando olhar para trás. “Mas Titebottum se destaca.”

Quando nervosa, eu normalmente fico muda. Esse momento é uma exceção a essa regra.

Sorte a minha.

“Você pensaria assim, embora diversos de meus professores tivessem um problema com a pronúncia. Vamos ver, havia *Teet-bottom, Tight-butt-um*, e um que insistiu que deveria ser *Titty-bottom*. Não é todos os dias que você pode ouvir um professor distinto dizer a palavra tit[26]. O que sempre manteve a classe entretida por semanas.”

Henry inclina a cabeça para trás, rindo novamente. “Isso é ótimo.”

Meu rosto agora está se aproximando do roxo. Respiro fundo e lentamente. “Hum… por que você perguntou se alguém havia morrido?”

Ele gesticula para minhas roupas. “Nas duas vezes que te vi, você vestia preto. Por que isso?”

“Oh.” Olho para o meu vestido preto de mangas longas, até os joelhos, com um colarinho branco e botas pretas. “Bem, o preto é fácil; ele combina com tudo. Além de tudo, não sou o tipo de cores vibrantes; não gosto de me destacar. Você poderia dizer que eu sou um pouco... tímida.”

---

[26]Tit é teta, eles fazem uma piada com o sobrenome dela. As pronúncias erradas são engraçadas e desconcertantes. Tetas-bunda, ou bunda-apertada, ou mamilos-bundas.

E o prêmio pelo maior eufemismo do ano vai para...

“Isso é uma vergonha. Você ficaria linda em tons de joias. Esmeralda, ametista...” seus olhos vagueiam, parando em minhas pernas, então em meus seios. “Em um vermelho rubi, você deixaria os homens de joelhos.”

Olho para o chão. “Você está de gozação de novo.”

“Não.” Sua voz é dura, quase áspera. “Não, eu não estou.”

Meus olhos capturam os seus, e seguro o olhar.

Há encontros em livros que se destacam e que alteram o curso da história. Encontros profundos entre personagens quando uma alma parece dizer para a outra, “Aí está você—eu estive procurando por você.”

Claro, a vida não é uma novela, então eu estou provavelmente imaginando esse sentimento deslizando dentro de mim, como se as coisas estivessem mudando ao redor antes de finalmente se encaixarem no lugar certo. E acho que a minha mente está brincando comigo—imaginando que é interesse o que vejo nos olhos do Príncipe Henry.

Profundo interesse.

Minha respiração engasga e eu tusso, quebrando o momento.

Então gesticulo para sua jaqueta. “Você realmente acha que está qualificado para dar conselhos de moda?”

Ele ri, esfregando a nuca. “Pensei que eu parecia uma ferramenta completa, agora tenho certeza disso.”

“Os produtores escolheram isso para você?”

“Sim. Eu devo ir até o castelo a cavalo. Fazer a minha grande entrada.” Rapidamente, os dedos compridos desabotoam o casaco. Henry encolhe seus ombros o deixando cair no chão, revelando uma camisa branca confortável e gloriosamente esculpindo seus braços.

“Melhor?”

“Sim”, eu guincho.

Seu sorriso provocante retorna e então segura à parte de trás de sua camisa e a puxa. E minha boca se abre com a visão de pele morna, mamilos marrons perfeitos, e cumes perfeitos de seus músculos em todo seu abdômen.

“O que você acha disso?”, pergunta ele.

Acho que isto é pior do que eu pensava.

Henry Pembrook não é um Fiyero—ele é um Willoughby. Um John Willoughby de Razão e Sensibilidade—emocionante, charmoso, imprevisível e sedutor. Marianne Dashwood aprendeu da maneira mais difícil que se você se envolve com um destruidor de corações, você não pode ser surpreendida quando seu coração for partido em mil pedaços.

Dou de ombros, tentando parecer normal e nem um pouco afetada. “Pode parecer exagerado, tipo *Putin*[27] em seu cavalo.”

Ele balança a cabeça, depois coloca a camisa de volta e meu estômago se revira com uma estranha mistura de alívio e desapontamento.

“Por que você não está com as outras meninas?”

“Eu? Oh, eu não faço parte do show. Eu não podia imaginar...”

“Então, por que está aqui?”

“Penélope. Minha mãe não a deixaria participar, a não ser que eu ficasse de olho nela.”

“Toda família tem uma criança selvagem. Penny é a sua?”

É preciso ser um para identificar o outro.

“Sim, definitivamente.”

Henry inclina a cabeça, a luz do sol fazendo de seus olhos um

[27]Vladimir Putin, presidente russo apareceu em algumas fotos andando a cavalo, com peito nu, o intuito da foto era projetar a imagem de um homem viril.

verde mais profundo, quase fervendo. “E quanto a você? Há algo selvagem em você, Teet-Bottom?”

Minhas bochechas ficam em chamas. “Nem um pouco. Eu sou a chata. A boazinha.”

Seus dentes raspam seu lábio inferior e parece... safado...

“Corromper os bons é meu passatempo favorito.”

Oh sim, definitivamente um Willoughby.

Abraço meu livro ao meu peito. “Não sou corruptível.”

Seu sorriso se alarga. “Bom. Eu gosto de um desafio.”

Um membro da equipe aparece de repente, arrastando um grande cavalo branco atrás dele. “Estão prontos para você, Príncipe Henry.”

Mantendo seus olhos em mim, ele coloca um pé no estribo e suavemente oscila para cima na sela. Com as mãos nas rédeas de couro, ele dá uma piscadela.

“Vejo você por aí, Titty-bottom”

Cubro meu rosto e solto um gemido.

“Eu nunca deveria ter lhe dito isso.”

“Não pode me culpar. Faz você corar em tantos tons encantadores. São só suas bochechas que coram?” Seu olhar se arrasta em meu corpo, como se ele pudesse ver debaixo das minhas roupas. “Ou acontece em outros lugares?”

Cruzo meus braços, ignorando a pergunta.

“Acho que está sendo um valentão, príncipe Henry.”

“Bem, na escola primária eu gostava de puxar as tranças das meninas. Mas hoje em dia eu só puxo o cabelo de uma mulher em uma situação muito específica.” A voz dele cai para um tom mais baixo. “Deixe-me saber se você quiser uma demonstração.”

Suas palavras fazem imagens de membros lisos, entrelaçados e

gemidos ofegando, chamejar em minha mente. E como uma sugestão, o rubor quente floresce sob minha pele.

Henry ri, o som profundo e masculino. Então esporeia o seu cavalo e segue em frente, deixando-me acesa como uma maldita árvore de Natal. Abro *O Morro dos Ventos Uivantes* e aperto as páginas contra o meu rosto, e encolho.

Vai ser um longo mês.



Capítulo 08

Henry

Aqui está algo que eu não sabia antes: reality show não é de fato real. Quero dizer, não no sentido que não há pessoas reais que falam e se movem ao contrário de robôs parecidos com seres humanos artificialmente inteligentes, que ficarão consequentemente conscientes de si mesmos e matarão todos nós.

Em vez de caminhar vagando pelo castelo no meio da noite, eu tenho assistido a série O Exterminador. Porém o primeiro continua sendo o melhor.

Mas o meu ponto é, *Matched* e seus roteiros não são verdadeiros. As cenas são encenadas, as filmagens planejadas e as "tomadas" são feitas diversas vezes. Alguns minutos no filme podem roubar muitas horas da vida real.

Esta já é a quarta vez que repetimos a minha cena "andando até o castelo a cavalo", e nós ainda nem chegamos à frente do castelo. Alguma coisa com a iluminação e sombra ou qualquer que seja o inferno. O cavalo está irritado e eu estou entediado.

Enquanto o diretor, Vanessa e o cinegrafista repassam a próxima tomada, olho em direção a colina, pensando sobre o instigante corar de suas bochechas. A maneira como ela espiou por trás da árvore e, em seguida tentou se esconder como se eu a tivesse apanhado fazendo algo sujo.

Eu poderia lhe mostrar como o sujo realmente parece.

O pensamento me faz rir, imaginando o tom bonito de rosa, que surgiria em suas bochechas ao ouvir o que estava passando pela minha cabeça. Gostaria de saber se a sua bunda ficaria da mesma cor depois de uma boa e quente palmada?

Aposto que sim.

Desloco-me na sela, meu pau duro só com a perspectiva.

Lady Sarah Von Titebottum. Um pássaro atraente e estranho que pelo que posso dizer, com seu vestido justo, mas monótono—um nome que combina perfeitamente com ela. Também com um rosto bonito: olhos grandes, escuros, afetados que faíscam por trás dos seus óculos e uma boca exuberante feita para gemer.

Conheci meninas como ela antes. A aristocracia é de fato um pequeno grupo, e algumas famílias são todas sobre o cuidado da sua descendência—em particular sua descendência feminina—protegida do resto do mundo. Escondidas em colégios privados, onde todas as garotas só interagem entre si. O que as torna moças reservadas, inteligentes, mas geralmente simples e tediosamente apropriadas.

Embora seja obviamente o tipo tranquilo, Sarah foi espontânea comigo. Ela era inteligente, encantadora de um modo tímido—diferente. As pessoas são tão desapontadamente previsíveis que ser surpreendido por um deslize tímido de uma garota é quase... irresistível.

“Isso mesmo, príncipe Henry”, o diretor chama. “Esse sorriso aí mesmo— é o que estamos procurando. O que quer que tenha posto ele em seu rosto, continue pensando sobre isso.”

Bem, isso não vai ser difícil.

Ao contrário do show em si, a apresentadora de M*atched* é

verdadeira. Ela é autenticamente uma quebra regras. Tão louca quanto uma caixa de rãs[28].

Ela é Emily Rasputin, uma atriz americana que era conhecida como a Rainha da Broadway em seu auge. Com um notório vício em cocaína, um escândalo de atropelamento e um divórcio escandaloso nos anos noventa que a derrubaram do seu trono. Mas ela reapareceu alguns anos atrás como a apresentadora do mais recente e mais quente reality show da televisão. Suas habilidades com o suspense, suas perguntas audaciosamente curiosas para os concorrentes se tornaram tão grande como o próprio show.

E todos adoram uma bela história de retorno triunfal. Eu deveria saber.

Mas ela é uma completa maluca—com um método próprio. Emily insiste em fazer apenas uma tomada por cena e se recusa a interagir com qualquer pessoa, a menos que esteja no programa. Emoção real e reação, de acordo com Vanessa, são o mais difícil de capturar e Srta. Rasputin conduz a isso.

Quando finalmente chego à porra do pátio do castelo, onde vinte damas estão esperando, as câmeras não param de filmar. Existem quatro... não, cinco cinegrafistas para que possam capturar cada ângulo e cada interação. Eles se movem entre nós como fantasmas através das paredes, pausando e fazendo zoom para pegar algo interessante quando o encontram.

Mas eu ignoro as câmeras e, em vez disso, concentro-me na expressão das adoráveis senhoras ao meu redor, sorrindo e adorando. Confiança que já foi tão familiar e tem sido extremamente falha nestes últimos meses surge de volta ao peito. Esta é a vida a que estou acostumado. E eu acho que fazer este show pode vir a ser a melhor decisão que já tomei.

“Aí está você”, Emily chama em seu microfone, vestindo um brilhante casaco longo dourado, quase combinando com seus cabelos loiros, e grandes brincos de aro que poderiam caber em torno de um

[28]As mad as a box of frogs (louca quanto uma caixa de rãs): uma pessoa maluca, com opiniões pouco realistas.

pulso. “Eu apresento a vocês, senhoras de Wessco, Sua Alteza Real, Príncipe Henry! Ele vem em busca do amor verdadeiro e para tornar a verdadeira rainha do amor e do seu coração na rainha de seu país.”

Emily levanta a mão, segurando um grupo de colares com sapatinhos de cristal pendurados em cada um. “No fim desta noite, o príncipe Henry colocará um sapatinho de cristal no travesseiro de cada garota que ele escolher para permanecer aqui no castelo de Anthorp. Apenas dez de vocês serão escolhidas. Então, durante todas as noites, uma senhorita irá embora até que Sua Alteza Real conceda a tiara de diamante para aquela que será sua noiva real.” Emily olha diretamente para a câmera. “Bem-vindos, ladies e nosso público em casa, ao *Matched-Royal Edition*!”



Ding!

O primeiro evento do show é um rápido encontro. Antes que as câmeras começassem a gravar novamente, Vanessa nos disse para “sermos nós mesmos”, o que quer que seja. Para não reter-se, que qualquer conversa que não funcione para o show ou não seja apta para a televisão pode ser corrigida na sala de edição mais tarde. Estou sentado em uma mesa com uma cortina preta dividindo os lados. A cortina se levanta e eu tenho dois minutos com cada dama para ver se, como Emily disse, temos uma “conexão instantânea”. Algumas das garotas eu já conheço—com uma ou duas, até já transei—não que me importe com uma repetição. Mas por enquanto, bebo meu scotch e aprecio a eletricidade de excitação e diversão que faísca em minhas veias e que praticamente ilumina todo o maldito castelo.

Ding!

E a primeira lady é... a duquesa de Perth, Laura Benningson. Conheço Laura há anos; ela é linda, com cabelos castanhos claros e brilhantes olhos azuis-claros.

Ela estava noiva de Mario Vitrolli, um piloto de corrida profissional e um bom homem, até o ano passado, quando ele morreu em um acidente na pista. Laura estava grávida na época e perdeu o bebê algumas semanas após a morte de Mario, embora felizmente, essa parte foi mantida fora dos jornais.

Inclino-me sobre a mesa e beijo sua bochecha. “Como você está, querida?”

Ela me dá um sorriso ainda tingido de tristeza. “Estou bem. Isso é um pouco louco, não é? Não sei como eles planejam lidar com a minha óbvia *não virgindade*. Todos que conhecemos sabem sobre o meu aborto.”

“De acordo com a produtora, essa é a magia dos reality shows. Um pouco de edição criativa e eles podem criar qualquer realidade desejada. Se isso te faz sentir melhor, eu também não sou virgem. Eles ficaram chocados quando informei isso. Apenas chocados.”

Laura riu, e é bom fazer alguém rir para variar.

“De qualquer forma, você pode relaxar, Henry, não estou lutando pelo trono—eu acho que seria uma rainha terrível. Sou muito preguiçosa e egoísta.”

“E muito honesta.”

“Exatamente.” Laura suspira. “Mas, quando me procuraram, eu senti que era hora, você sabe. Para tentar seguir em frente. Talvez me divertir. É uma coisa estranha, mas decidi tentar.”

Coloco minha mão sobre a dela. “Fico feliz por isso.”

Ela aperta de volta. “Eu também.”

Laura é um sim.

Ding!

Lady Cordélia Ominsmitch. Ela é a filha de um conde, e enquanto seja conhecida nos meus círculos como uma grande festeira, mantém uma reputação impecável para o mundo exterior. E ela é absolutamente linda. Grandes olhos azuis, cabelos saltitantes e mamas

mais saltitantes ainda. Meu tipo de garota.

Assim que a cortina se levanta, ela é direta.

"Nós nunca nos encontramos, Sua Alteza, mas nós poderíamos ser bons junto. Quentes juntos. Eu sou tudo o que você precisa em uma esposa e uma rainha. Tenho a aparência, a educação, a genealogia e o temperamento. E também sou virgem." Cordélia pisca. "Apertada como um tambor. Até que eu me case, eu prometi a mim e a Deus só fazer anal."

Eu engasgo com minha bebida.

Definitivamente um sim.

Ding!

Jane Plutorch. Prima de um duque e herdeira de uma fortuna construída sobre creme para verrugas— Fora Verruga é o nome oficial, eu acho. Ela é seriamente gótica. Batom preto, cabelo preto, pele de marfim, piercings, e tatuagens em seus braços.

"Eu odeio a minha família", ela diz sem nenhuma inflexão. "E eles me odeiam. Fizeram-me vir aqui, principalmente porque não aguentam mais me olhar. Só concordei porque pensei que seria fabuloso viver num castelo. Como um vampiro."

"Eu posso respeitar isso", eu digo. "E você tem um ótimo gosto para tatuagens."

Jane olha para seus braços, e é como se apenas continuar respirando consumisse toda sua energia.

"Obrigada."

Ela é um sim.

Ding!

Lady Elizabeth Figgles. Seu pai é visconde e membro do Parlamento, e ela também é de namorada Sam Berkinshire—um velho colega de escola e um dos meus melhores amigos.

"Elizabeth? O que diabos você está fazendo aqui? Onde está

Sam?”

“Sam pode ir se foder.” Ela olha para a câmera. “Você está ouvindo isso? Espero que você morra Sam! E que o seu pau fique preso em um triturador de madeira, traidor bastardo!”

“Ele te traiu? Sam?”

Sam é um cara legal. O tipo de cara que até mesmo os caras bons querem ser. Faz Abraham Lincoln[29] parecer um mentiroso.

“Seu rosto agora, é exatamente igual ao meu quando descobri—mas estou um inferno de muito mais irritada. Encontrei recibos, calcinhas que não eram minhas, camisinhas. Filho da puta inútil que não vale nada.”

Elizabeth bate na mesa com suas unhas longas o suficiente para dobrar como garras.

“Agora eu quero que Sam sinta na pele. Então te foderei. Na televisão. Muito. Espere para ver. É melhor descansar muito, Henry. Eu trouxe lubrificante—um balde inteiro.”

Uau.

Ding!

Penelope Von Titebottum. Sua mãe é uma condessa reclusa, mas Penny é agradável, divertida, atraente. E sua irmã é... interessante.

“Olá, Henry, como você está?”

“Estou bem, Penélope. Você parece bem.”

Ela pula em seu assento e alisa seus cabelos. “Obrigada Estou tão animada por estar aqui. Vamos nos divertir muito.”

“Esse é o plano.”

“E não acredito que vou aparecer na televisão! Em todo o mundo. É incrível.”

---

[29]Abraham Lincoln (1809-1865) foi o 16° presidente dos Estados Unidos e o primeiro presidente do Partido Republicano dos Estados Unidos. Reconhecido por seu caráter exemplar

“Eu vi Sarah mais cedo. Nós cumprimentamos.”

“Oh, bom. Ela não queria vir no início. Mas estou feliz que está aqui. Precisamos tirá-la de sua concha. Não muito, apenas o suficiente para lhe mostrar um pouco de diversão certo?”

Concordo. “Conte comigo.”

Penélope fica.

E isso significa que Sarah também.

Ding!

Princesa Alpacca, seu nome é de verdade pronunciado como o animal, primeira na linha do trono da Ilha Alieya, uma pequena nação abaixo do sul da França. A Rainha a convidou para Wessco depois de uma tentativa de golpe, forçando sua família ao exílio no ano passado. Ela não fala nossa língua e eu não sei uma palavra de Aliesh. Isso vai ser um grande desafio.

Guermo, seu tradutor, olha para mim como se eu fosse a própria peste bubônica em forma humana—com uma mistura de ódio, desgosto e apenas um toque de medo.

Ela fala em Aliesh, olhando para mim.

E o Guermo traduz. “Ela diz achar você muito feio.”

Princesa Alpacca acena sua cabeça vigorosamente.

Ela é bonita de um jeito bonitinho. Cabelos encaracolados, olhos castanhos, um minúsculo nariz bulboso e bochechas cheias.

“Ela diz que não gosta de você nem de seu país estúpido”, informa Guermo.

Outro aceno de cabeça e um sorriso branco ansioso.

“Ela diz que prefere se jogar no penhasco para morrer nas ondas e devorada por um peixe do que ser a sua rainha.”

Olho para cara dele. “Ela mal disse nada.”

Guermo encolhe os ombros. “Ela diz isso com os olhos. Sei sobre

essas coisas. Se você não fosse tão estúpido, você também saberia."

Mais aceno.

"Fantástico."

Ela diz algo a Guermo em Aliesh, então ele diz algo de volta—duramente e desaprovando. E agora, eles estão discutindo.

Mas eles podem ficar.

Guermo é, obviamente, apaixonado por Alpacca e ela claramente não tem ideia disso. Minha presença o forçará a admitir seus sentimentos... mas ela corresponde sua paixão? Será como viver numa novela latina dramática e apaixonada. Tenho que ver como isso termina.

Ding!

Lady Libadocious Loutenhiemer. Atleta olímpica nos últimos dois jogos. A mais jovem Wessconian a ganhar uma medalha de ouro, prima de um marquês.

"Pode me chamar de Libby. Ou Libs. Lulu. Ou LL—eu posso responder a qualquer um deles."

Ela está em uma forma incrível, tudo firme e tonificado, mas ainda definitivamente feminino. Cabelos loiros ondulados enquadra um rosto atraente com maçãs do rosto e olhos grandes.

"No meu tempo livre, eu gosto de andar de bicicleta, nadar, correr, foder..."

Sorrio. "Que coincidência—esses também são meus hobbies favoritos."

Oh, sim.

Ding!

E por aí vai. Algumas são borbulhantes e otimistas, algumas mais ambiciosas e dramáticas, mas gostei muito dos encontros e de conversar com todas. É difícil fazer cortes, mas o show deve continuar. Após o jogo do encontro, Vanessa me entrega um mapa do castelo,

marcando os quartos onde cada uma das ladies está hospedada.

Eu faço a minha parte e deixo os sapatinhos de cristal sobre os travesseiros das meninas que escolhi. Então continuo sendo filmando enquanto as câmeras continuam a gravar, capturando as reações. Gritos de alegria e decepção correm pelos corredores do castelo de pedra. E depois disso, só restam dez.



Capítulo 09

Henry

DRRRRRRRRRRRRR.

“Pare.”

Drrrrrrrrrrrrr.

“Vá embora.”

Drrrr. Drrrr. Drrrr. Drrrr.

“Puta que pariu.”

DRRRRRRRRR.

“Cala a porra da boca!”

Estou gritando com as câmeras montadas nos cantos do meu quarto. Estou contratualmente obrigado a deixar isso lá, e apesar de terem sido instaladas há mais de uma semana, esta noite é a primeira em que funcionam. Caralho, agora elas não desligam nunca.

Drr. Drr. Drr. Drr. Drr. Drr.

É a versão em áudio da tortura aquática chinesa. Lenta e seguramente está me deixando louco. Toda vez que eu pisco, respiro ou rolo e coço a porra do meu nariz ou a porra das minhas bolas, a porra dessas coisas se move. E elas não são silenciosas fazendo isso.

DRRRRRRR. DRRRRRRR. DRRRRRRR.

Atiro meu travesseiro à esquerda, que parece ser a mais ativa.

Mas o ataque não chega. E agora não tenho nenhum travesseiro. Então, só fico deitado, olhando para o teto.

Ouvindo o último som que com certeza, ouvirei antes de morrer.

Drrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrrdrr...

Tenho tentado dormir durante as últimas três horas, e agora são duas da madrugada e tenho que estar vestido e lá embaixo para filmar por volta das seis e meia. Mesmo para uma pessoa com insônia como eu, isso vai ser difícil. Preciso de algumas horas pelo menos. Neste ponto, eu aceitaria até alguns minutos.

DRRRRRRRRRRRRRRRRRR.

E nem a minha guitarra eu consigo tocar. Por causa desse som maldito.

Toc, Toc.

Isso é novo. Sento-me, olhando para as câmeras para ver quem está fazendo o barulho diferente.

Toc, Toc.

Mas está vindo da porta. Pulo da cama e cubro minha bunda nua com um par de calças do pijama—com cuidando para não dar um show às câmeras. Então abro a porta.

E Lady Elizabeth está do outro lado, seus lábios vermelhos esticados em um sorriso lascivo. “Olá amor. Hora de foder!”

Ela está com um top de couro preto pequenininho, e uma pequena calcinha preta que parece... bem, está fabulosa nela. Elizabeth tem o corpo de uma stripper—alta, firme, a cintura fininha, com pernas longas. Ela entra no quarto, o quadril balançando, segurando um vibrador em uma mão e um par de algemas na outra.

Nota as câmeras e grita. “Uma maldição perfeita! Podem nos gravar em todos os ângulos!”

“Elizabeth...” suspiro.

Mas qualquer outra palavra é momentaneamente presa na minha garganta quando ela se inclina sobre a borda da cama, e levanta a bunda para a câmera. “Vá para o inferno, Sammy.”

Agora, minha cabeça e meu coração não estão interessados... mas meu pau certamente está. Ele fica em pé pronto para a festa. Ele é um cretino.

Ainda assim, cruzo os braços sobre o meu peito. “Isso não vai acontecer, Elizabeth. Sam é meu amigo, um dos poucos que eu tenho.”

Ela bate seus longos e falsos cílios e joga os cabelos. “Vai acontecer sim.”

Quando Elizabeth tenta me abraçar, seguro seus antebraços e dou um passo para trás.

Ela faz uma careta. “Então por que você me deu um sapatinho de cristal? Por que ainda estou aqui, Henry?”

“Assim você não vai sair por ir e se vingar—fodendo qualquer pessoa. Não até que você e Sam resolvam este mal entendido.”

Ela bate o pé, desliza fora de meu aperto, e fica deitada no centro da cama.

“Me Foda, Henry. Vou implorar se você quiser.”

Meu pau acena. Doente bastardo.

Esfrego meus olhos. “Você precisa sair.”

Ela sorri timidamente. “Obrigue-me, Meu Príncipe.”

O-kay.

Abro a porta, caminho pelo corredor até os dois seguranças parados no topo da escada, e aponto meu polegar em direção ao meu quarto. “Faça-a ir embora.”

Às vezes ser eu, não é tão ruim.

Em momentos como esse, quando eles estão suavemente, mas fisicamente escoltando Elizabeth para fora da porta, e não preciso fazer

nada.

"Tudo bem", ela chama por cima do ombro. "Amanhã então!"

E bato a porta atrás deles.

Não foi assim que eu pensei que seria. As câmeras zombam de mim em um som estéreo.

Drrr. Drrr. Drrr. Drrr.

Cristo, eu estou cansado. Eu preciso dormir. Preciso de paz. E preciso que minhas bolas não fiquem tão azuis que estão praticamente roxas. Tão roxa como Sarah Von Titebottum—

Minha mente faz uma parada brusca com o pensamento inesperado. E a imagem que o acompanha é—a garota estranha, corada, com seus óculos, seus livros e sua bunda apertada.

Sarah não é uma concorrente no programa, por isso estou disposto a apostar minhas bolas roxas que não há uma câmera em seu quarto. E, não posso acreditar que estou pensando nisso, mas, melhor ainda—nenhuma das outras meninas saberá onde me encontrar—incluindo Elizabeth.

Deixo as câmeras ruidosas me seguirem até o banheiro, mas então, como em uma operação de elite do Serviço de Inteligência Secreta, eu grudo na parede abaixo de seu alcance e escorrego para fora da porta.

Menos de cinco minutos depois, estou vestido em minha calça do pijama, uma camiseta branca, descalço com a minha guitarra na mão e batendo na porta do quarto de Sarah. Verifiquei o mapa que a Vanessa me deu antes. Seu quarto está no terceiro andar, no canto da ala leste, afastado da parte principal do castelo. A porta abre apenas uma fresta e os olhos castanhos escuros olham para fora.

"Santuário", eu imploro.

Sua sobrancelha se franze e a porta se abre um pouco mais. "Eu imploro seu perdão?"

"Não durmo em quase quarenta e oito horas. A namorada do meu

melhor amigo está tentando me devorar e o som das câmeras que me seguem ao redor do meu quarto está literalmente me deixando louco. Estou pedindo que você me aceite."

E ela cora. *Ótimo.*

"Você quer dormir aqui? Comigo?"

Eu zombo. "Não, não com você—apenas em seu quarto, amor."

Não penso em quão insultantes essas palavras são—até que elas saem da minha boca. Posso ser mais idiota?

Felizmente, Sarah não parece ofendida.

"Por que aqui?" Ela pergunta.

"Antigamente, as ordens religiosas costumavam dar santuário a quem pedisse. E desde que você se veste como uma freira parecia à escolha lógica."

Não sei por que disse isso. E não sei o que há de errado comigo. Alguém atire em mim e termine logo com isso.

Os lábios de Sarah se apertam, sua cabeça se inclina, e seus olhos assumem um brilho perigoso.

Eu acho que Scooby-Doo expôs isto melhor quando ele disse *Ruh-roh.*

"Deixe-me ver se entendi direito—você precisa da minha ajuda?"

"Correto."

"Você precisa de abrigo, proteção, santuário que só eu posso dar?"

"Sim."

"E você acha que me provocar sobre minhas roupas é uma estratégia sábia?"

Levanto minhas mãos. "Eu nunca disse que era sábio. Porém, exausto, indefeso e desesperado."

Faço um beicinho… mas de uma maneira viril.

“Tenha pena de mim.”

Um sorriso puxa seus lábios. E é aí que eu sei que ela aceitou. Com um suspiro, Sarah abre a porta. “Bem, é o seu castelo. Entre.”

Huh. Ela tem razão—é o meu castelo. Eu realmente preciso começar a lembrar disso.

Sinto-me enorme quando entro e olho ao redor. É um dos menores quartos, não tão ornamentado como os do segundo andar—usado apenas por criados quando o castelo está lotado. Mas a cama é grande—uma king—e ocupa muito do quarto, com um pequeno sofá e mesa lateral perto da lareira.

“Como você ficou presa aqui?” Eu pergunto. “Não havia outros quartos disponíveis?”

“Eles estavam, mas eu escolhi este.”

“Por quê?”

Seus olhos brilham. “Porque tem a melhor característica.” Sarah estende o braço direito, apresentando o assento de janela almofadado como uma locutora de algum game-show apresentando um novo automóvel.

“Um assento na janela é a melhor característica entre todas?”

Ela balança a cabeça para mim de uma maneira piedosa e eu me lembro disso—no ano passado, quando nos conhecemos naquele pequeno pub, ela fez exatamente a mesma coisa.

“Não é apenas um assento na janela—é um recanto!”

Minhas sobrancelhas se erguem. “Um recanto?”

“Um recanto de leitura!”

É só então que noto o arco curvo acima da janela, criando uma pequena alcova, a bolsa de couro usada no canto e um monte de livros antigos cuidadosamente empilhados em uma extremidade do assento almofadado, que deve pertencer a Sarah.

“Um recanto de leitura é uma coisa mágica”, Sarah explica, a cor assumindo suas bochechas pálidas de emoção. Uma aparência agradável nela. “Todo leitor verdadeiro aprecia um espaço confortável e tranquilo construído apenas para leitura.”

Eu aceno. “Um recanto. Entendi.”

Apoio minha guitarra contra a mesa de cabeceira. Então eu viro para a cama e caio logo de cara. O colchão é macio, porém firme, como uma folha de aço envolvida em uma nuvem. Eu rolo ao redor, gemendo alto e longo.

“Oh isso é bom. Realmente, realmente bom. Que cama grande!”

Sarah limpa a garganta. “Bem. Deveríamos, provavelmente, dormir. Será um longo dia amanhã.”

O travesseiro tem um cheiro doce, como algodão-doce. Só posso imaginar que seja dela. Será que se eu pressionar o nariz na curva do seu pescoço, a sua pele teria o mesmo cheiro delicioso?

Afasto para longe o pensamento, quando eu a vejo rigidamente pegar um travesseiro e um cobertor do outro lado da cama, levando-os para... o recanto.

“O que você está fazendo?”

Ela olha para cima, seus olhos de corça se alargando. “Preparando-me para dormir.”

“Você vai dormir aí?”

“Claro. O sofá é muito desconfortável.”

“Por que não podemos dividir a cama?”

Sarah engasga... e gagueja. “Eu... não posso dormir com você. Eu nem te conheço.”

Abro meus braços. “O que você quer saber? Pergunte qualquer coisa— eu sou um livro aberto.”

“Não é isso que quero dizer.”

“Você está sendo ridícula! É uma cama enorme. Você poderia soltar um pum e eu nem ouviria.”

E o rubor está de volta. Como uma vingança.

“Eu não vou... eu não...”

“Você não solta seus gases?” Eu brinco. “Mesmo? Você não é humana?”

Ela amaldiçoa em voz baixa, mas eu adoraria ouvir em voz alta. Aposto que a desinibida Sarah Von Titebottum seria uma visão deslumbrante. E muito divertida.

Sarah sacode a cabeça, me prendendo com os olhos.

“Há algo errado com você.”

“Não.” Explico calmamente, “Eu sou apenas livre. Honesto comigo mesmo e com os outros. Você deve tentar isso algum dia.”

Ela cruza os braços, toda indignada e trêmula. É adorável.

“Estou dormindo no recanto, Alteza. E é isso.”

Sento-me, devolvendo seu olhar.

“Henry.”

“O que?”

“Meu nome não é Alteza, é Henry porra, e eu prefiro que você o use.”

E ela estala.

“Bem! Henry Porra, feliz?”

Sorrio.

“Sim. Sim, estou.” Me espreguiço na cama magnífica. “Durma bem, Titebottum.”

Eu acho que ela rosnou para mim, mas é abafado pelo som do cobertor e travesseiro. E depois... há o silêncio. Belo e abençoado silêncio.

Movo-me, ficando confortável.

Eu viro em meu lado e sinto o cheiro no travesseiro.

Aperto mais meus olhos... mas é impossível.

“Puta que pariu!” Eu me sento.

E Sarah levanta. “O que? O que está errado?”

É a culpa. Entrei no quarto dessa pobre menina, confisquei sua cama e a obriguei a dormir em um buraco na parede. Talvez eu não seja o homem que meu pai era ou o cavalheiro que meu irmão é, mas não sou tão idiota.

Eu levanto, puxo minha camisa sobre minha cabeça. Marcho em direção ao assento da janela. Sinto os olhos de Sarah viajar pelo meu peito nu, braços. E estômago, mas ela se vira, mantendo sua distância.

“Você fica com a maldita cama”, digo a ela. “Vou dormir no maldito buraco.”

“Você não precisa fazer isso.”

Passo a mão pelo meu cabelo. “Sim, eu tenho.” Então me levanto ereto e apropriado, uma personificação de Hugh Grant em um de seus papéis reais clássicos. “Por favor, lady Sarah.”

Ela pisca e sua pequena boca franze. “Okay.”

Então ela sobe na cama, debaixo das cobertas. E eu me aperto no banco da janela, os joelhos dobrados, o cotovelo encravado contra o vidro gelado, e meu pescoço dobrado em um ângulo estranho que eu vou sentir amanhã.

A luz é reduzida a uma escuridão, e por vários momentos tudo que eu ouço são as respirações macias de Sarah.

Mas então, na escuridão sua voz delicada flutua em um suspiro.

“Tudo bem, nós podemos dormir na cama.”

Música para meus ouvidos. Não a faço me dizer duas vezes—já cumpri a minha nobre cota para a noite. Eu tropeço para fora do

recanto e subo na cama.

Isso é melhor.

A luz na mesa de cabeceira ao lado de Sarah brilha. “Eu estou acordada agora. Vou ler um pouco, se não te incomodar.”

“O Morro dos Ventos Uivantes?” Eu bocejo.

“Sim. Durma bem, Henry.”

E algo sobre o modo como ela disse meu nome desta vez—a doçura de sua voz—me faz sorrir. Até...

“Hmm, hmmm, hmmm, hmmm, hmmmmm, hmm, hmm...”

E eu estou mais uma vez olhando para o teto. “Que som é esse?”

“O que? Oh, isso é—me—desculpe—eu cantarolo enquanto leio.” A cama mexe enquanto ela dá de ombros. “Hábito.”

“Bem, pelo amor de Deus, não.”

Estou sendo um idiota. Quando ela não responde nada por alguns segundos, começo a me preocupar, se a chateei. Não é culpa dela o meu cansaço e excitação... e esse tesão da porra. Sarah não merece ter sua cabeça arrancada.

Mas antes que eu possa pedir desculpas, ela diz: “E eu aqui pensando que você era do tipo que gostava de um bom gemido.”

E por um momento estou atordoado. E então eu rio, virando de lado, de frente para ela. “Isso foi uma piada, Sarah Titty-teet-butt-um?”

“Deveria ser sim.”

“E foi uma piada suja. Estou impressionado. Vou ter que reavaliar completamente a minha impressão sobre você.”

Ela cobre sua linda boca com as mãos. “Elas escapam de vez em quando, mas geralmente só com Penny ou Willard e Annie.”

E de repente, eu não me sinto mais cansado.

“Willard e Annie?”

“Meus melhores amigos. Trabalham comigo na biblioteca.”

“Você é bibliotecária?”

Ela assente. “Mmm-hmm. Na Concordia Library.”

Descanso minhas mãos atrás da minha cabeça. Deixando minha imaginação correr selvagem.

“Eu sempre quis foder encostado nas prateleiras. Você já tentou?”

E sem olhar, posso senti-la corar—como os raios do sol vermelho de Krypton.

“Não.”

Olho para ela, meus olhos subindo e descendo pelo seu corpo.

“Eu posso ver isso. O cabelo comprido e escuro, o óculos, uma saia de lápis cinzenta apertada e uma blusa branca confortável com os dois primeiros...” Olho para baixo em seus seios impressionantes, “... três botões desfeitos. Você é o epítome de bibliotecária sexy.”

Ela ri como eu tivesse dito algo bobo.

“O que?”

“Eu nunca fui chamada de sexy um dia em toda minha vida.”

“Então você foi redondamente enganada.”

Sarah fecha seu livro e o coloca sobre a mesa de cabeceira, e uma sensação vitoriosa ferve em meu peito. Como se eu tivesse ganhado algo.

“Eu já disse que você pode dormir aqui. Você não precisa me bajular.”

Olho em seus olhos, sorrindo. “Se eu tentar bajular qualquer parte sua, você saberá.” Antes que ela tenha tempo para corar, eu pergunto: “Se você é uma bibliotecária quente em sua vida real, o que você está fazendo aqui durante o próximo mês? E não me diga que é por causa de Penélope. Conheci Penélope, ela é uma mulher astuta. Ela

teria descoberto uma maneira de chegar aqui com ou sem você. Deve haver outro motivo."

Sarah cruza os braços e acena. "Você é muito perspicaz, sabe."

"Obrigado. Você está desviando o assunto."

Com um gemido alto que vai direto para o meu pau, Sarah se joga de volta em seu travesseiro, sua cabeça afundando, parcialmente obscurecendo seu rosto.

"Eu deveria me apresentar em um simpósio. Na frente de centenas de pessoas!"

"Ah... Vou adivinhar e dizer que falar em público não é sua coisa favorita?"

Sarah se vira de lado, enfiando as mãos sob a bochecha inocentemente. "É paralisante. Eu não sou uma admiradora de Edgar Allan Poe,[30] mas falar em público é o meu próprio "Enterro Prematuro[31]."""

Eu também nunca fui um grande fã de Poe— falando sobre infortúnio—mas eu entendo o que ela quer dizer.

E tenho a solução perfeita.

"Você deve me imaginar nu." Estalo a cintura da calça do meu pijama. "Eu posso tirar isso, se você quiser. A imagem vívida curará tudo que te aflige, menina doce."

Ela balança a cabeça. "Acredito que a estratégia tradicional é imaginar o público nu."

"Mas me imaginar nu é muito mais divertido."

E nós dois rimos, embora seja verdade.

Sarah se senta e alcança minha guitarra dedilhando uma

[30]Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um poeta, escritor, romancista, crítico literário e editor norte-americano. Autor do famoso poema "O Corvo".

[31]The Premature Burial " é um conto de horror sobre o tema de ser enterrado vivo , escrito por Edgar Allan Poe (1809-1849), e publicado em 1844 em The Philadelphia Dollar.

sequência de notas. A guitarra está apoiada contra a mesa de cabeceira em seu lado da cama. “Então... você realmente sabe como tocar essa coisa?”

“Eu sei.”

Ela se deita de lado, o braço curvado, descansando a cabeça na mão, me olhando com curiosidade. “Você quer dizer, ‘brilha, brilha estrelinha’, ou ‘ABC’ e tal?”

Reviro meus olhos. “Você percebe que essa é a mesma música, não é?”

Seu nariz encolhe enquanto pensa sobre isso, e seus lábios se movem enquanto silenciosamente canta as músicas em sua cabeça. É adorável. Então ela cobre seu rosto e ri em voz alta.

“Oh meu Deus, eu sou uma imbecil!”

“Você não deve ser tão dura consigo mesma, mas se você diz.”

Sarah estreita os olhos. “Bruto.” Então ela mostra a língua.

Grande erro.

Porque é macia e rosa e muito molhada... e agora eu tenho vontade de chupar. E então isso me faz pensar em outros lugares rosados, macios e molhados em seu corpo cheiroso... então estou duro.

Dolorosamente, dolorosamente duro.

Graças a Deus pelos cobertores grossos. Se este inocente e corado pássaro percebesse que havia um pau quente, duro e furioso em sua cama, a poucos centímetros dela, desmaiaria por ter todo o seu sangue correndo para suas bochechas ou bateria no teto em estado de choque—se agarrando a ele com suas unhas como um gato petrificado sobre a água.

“Bem, você aprende algo novo todos os dias.” Ela ri. “Mas você realmente sabe tocar guitarra?”

“Você soa duvidosa.”

Sarah encolhe os ombros. “Muito foi escrito sobre você, mas

nunca ouvi dizer que você toca um instrumento."

Aproximo-me dela e sussurro: "É um segredo. Sou bom em muitas coisas que ninguém sabe."

Seus olhos se reviram mais uma vez. "Deixe-me adivinhar, você é fantástico na cama... mas todos já sabem disso." Então ela faz como se estivesse tocando bateria e imitando os efeitos sonoros para o fim de uma piada. "*Ba dumb ba, chhhh.*"

Então eu rio duro, quase tão duro quanto meu pau.

"Tímida, inteligente, um senso de humor impertinente, e uma maluca total. É uma combinação estranha, Titebottum."

"Espere até você me conhecer—eu sou definitivamente um tipo único."

O engraçado é que eu estou começando a pensar que é absolutamente verdade.

Esfrego as mãos, em seguida, gesticulo para a guitarra. "De qualquer forma, passe para cá. E fale o nome de um músico. Qualquer músico."

"Umm... Ed Sheeran."

Balanço a cabeça. "Todas as garotas adoram Ed Sheeran."

"Ele é um grande cantor. E ele tem aquela coisa quente do ruivo", ela brinca. "Se você nascesse um príncipe com cabelo vermelho? Mulheres em toda parte adorariam você."

"As mulheres de todos os lugares já me adoram."

"Se você fosse um príncipe ruivo, haveria mais."

"Tudo bem, silêncio agora bunda espertinha. E ouça."

Então eu toco "Thinking Out Loud." Na metade da música, olho para Sarah. Ela tem o sorriso mais bonito, e eu acho que nunca pensei em todos os meus vinte e cinco anos: essa é a sensação de ser Ed Sheeran.

Sarah morde seu lábio inferior quando termino. Então aplaude. Sua voz é mais calma, mais risonha com sonolência. “Você toca muito bem, Henry.”

Agito meu dedo. “Eu te disse. Nunca duvide de mim.”

Ela boceja grande e demorado. “Faça isso novamente.”

E embora eu sinta a exaustão me puxando, não quero dizer não.

Penso por um minuto. “Aqui está um dos meus favoritos.”

Eu toco “Aleluia.”

“Eu amo esta música, também.” Sarah sorri serenamente e cantarola baixinho e suavemente enquanto toco.

Depois, eu resmungo um bocejo. Quando coloco a guitarra no chão, digo a Sarah: “Você tem excelente afinação. Você canta?”

Ela se estica, empurrando seus peitos incrivelmente cheios contra a camisa escura do seu pijama, e minha boca seca.

“Só no chuveiro.”

Grande erro número dois.

Eu gemo.

Sarah coloca seus óculos na mesa de cabeceira, franzindo o cenho. “Você está bem?”

“Eu vou ficar. Algum dia. Estou realmente muito cansado.”

“Desculpe. Você veio aqui para descansar e eu o mantive acordado.”

Sorrio enquanto me deito no travesseiro. “Eu não me importo.”

Embora ela esteja na outra extremidade da cama enorme, parece... agradável, reconfortante... deitada assim.

“Boa noite, Henry.”

“Bons sonhos, Sarah.”

Capítulo 10

Henry

Quando acordo pela manhã, Sarah está longe de ser vista. E o fantasma de ser descartado depois de uma conexão de uma noite caminha sobre minha sepultura. Mas eu afasto a sensação.

Porque hoje é o dia em que a diversão começa. Tenho um treino com Libby Loutenhiemer na praia, que significa suor, respiração ofegante e ela com uma roupa de lycra apertada e minúscula. Talvez um cocktail depois dos exercícios... que espero levar a um igualmente suado mas diferente tipo de esforço físico, fora do alcance das câmeras.

Minha ereção matinal é particularmente persistente, provavelmente devido ao cheiro delicioso que encheu minhas narinas enquanto eu dormia e ainda se agarra à minha pele. Mas eu não tenho tempo de bater uma, então vou para o meu quarto rapidamente para me trocar, coloco uma camisa, shorts e meus tênis de corrida, e sigo para a corrida na praia.

Uma hora mais tarde, descubro mais uma vez que nada disso é como eu imaginava.

Merda, eu não estou em tão boa forma como pensei.

Porque Libby é um animal, e eu não quero dizer no estilo cachorrinho. A mulher é uma atleta olímpica, mas ainda assim...

Uma corrida na praia de cinco quilômetros, saltos de corda, abdominais, escaladas e uma centena de flexões mais tarde, acho que posso estar a passos rápidos de um ataque cardíaco.

O que significa que se vovó morrer, o trono vai para o primo mudo Marcus—a única pessoa menos adequada para governar do que eu. Por essa razão, eu continuo, mas não é fácil. Eu posso não dar a Libby a tiara de diamantes, mas estou tendo pensamentos sérios em lhe dar a posição de ser a minha personal trainer.

Finalmente, paramos para recuperar o fôlego. Estamos na praia, ambos curvados na cintura, mãos em nossos joelhos, o mar frio soprando na nossa pele aquecida e pingando.

"Isso foi tão divertido!" Libby diz. "Você é o primeiro homem que já foi capaz de acompanhar meu ritmo."

Dou um polegar para cima. É tudo o que posso fazer, porque meus músculos e órgãos vitais gostariam muito de deitar e morrer agora.

Ela se aproxima e sussurra em meu ouvido: "Eu quero chupar seu grande pau suado, Henry."

Apague isso—nem todos os órgãos estão prontos para morrer ainda.

"Essa é a melhor coisa que eu ouvi há anos."

Ela ri, pegando minha mão, nos virando... e andando direto para Vanessa Steele.

Não.

"Isso foi ótimo, os dois, espero que tenham se divertido. Libby precisamos que você faça o cabelo e maquiagem para sua a sessão *pós*-encontro quente."

Porra não.

"E Henry, você precisa tomar banho e se vestir para o encontro da tarde". Ela bate em seu pulso. "Estamos com o cronograma apertado."

Fale sobre a maior empata foda.

Libby parece tão desapontada quanto eu. Ela brinca com a gola

da minha camisa.

"Mais tarde, sim?"

Eu aceno, e ela me dá um beijo rápido na bochecha.

Atrás dela, alguém a distância na praia chama minha atenção. Aperto os olhos, olhando mais de perto. Ela está sozinha, com uma camiseta enorme e calças pretas, fazendo o que parece ser uma rotina de artes marciais, e parecendo muito boa fazendo isso. Apenas quando imagino que ela é a garota que eu não paro de...

Libby percebe e se vira também.

"Sarah pratica o aikido", ela diz. "Ela é muito boa."

Quando Vanessa leva Libby para longe, fico ali por mais algum tempo.

Assistindo.



Durante a tarde, tenho um piquenique com Cordélia Ominsmitch e seu cachorro.

Encontro com ela no pátio do castelo, enquanto as outras meninas e membros da equipe estão a vários metros de distância, atrás das câmeras, se me mantiver de costas para eles, parece quase normal. Cordélia caminha em minha direção, sorrindo, carregando um mini poodle branco bem alimentado, com olhos negros e irritado.

As câmeras rolam enquanto Cordélia me alcança, vestindo calças jeans bem ajustadas, botas altas de couro marrom e uma blusa florida, com um decote revelador. Ela é adorável. Eu permaneço parado, com um braço dobrado em minha parte inferior das costas, e aceno a cabeça.

“Olá, Henry.”

“Como vai, Cordélia?”

“Estou muito bem agora.” Ela balança os cílios maliciosamente. “Mas eu estive pensando, eu gostaria de tirar nosso primeiro beijo do caminho. Então, não ficarei nervosa pensando nisso, e já terei certeza de como somos mágicos juntos.”

Ela está brincando com as câmeras—eu já vi isso sendo feito o suficiente para saber. Mas eu não me importo.

“Estou no jogo se você estiver.”

Inclino-me, ela se aproxima—então o desagradável vira-lata em seus braços rosna e tenta morder meu rosto. Felizmente, eu me afasto a tempo.

“Oh! Walter, não!”

Ela sorri lisonjeira. “Este é Walter.”

Eu rosno. “Prazer em conhecê-lo, Walter.”

Ele rosna de volta.

Cordélia morde o lábio. “Desculpe. Ele é muito protetor comigo.” Ela olha para o cão e ele começa a lamber seu queixo. “Não é precioso?” ela diz. “Você ama a sua mamãe. Quer dar um beijo na mamãe? Ok, dê a mamãe todos os seus beijos.”

E então Walter ataca Cordélia—com a língua. E ela o deixa. Ele lambe seu queixo, seus lábios, e quando ela ri… parece que seus dentes e língua ganham uma limpeza completa também.

Então ela o coloca no chão e se vira para mim, com os olhos brilhando e sorrindo.

“Agora… sobre nosso beijo?”

Olho para a boca exuberante e perfeita de Cordélia, então para baixo para o cachorro… lambendo vorazmente seu próprio pau. E faço uma careta.

“Talvez mais tarde.”

Ou… não.



“Corta!”, O diretor grita.

E Vanessa avança com uma prancheta na mão. “Isso foi ótimo. Muita tensão sexual fervendo como uma provocação do que ainda estar por vir. Adoro. Vamos nos refrescar e tirar mais algumas fotos de Henry e Cordélia no conversível para a montagem e dublagem da cena. Depois vamos para a área de piquenique; está quase pronta.”

Mas então, por trás da câmera, alguém bate no tripé de iluminação. Que se inclina e cai, a lente estourando com um pop alto e se estilhaçando. Um minuto depois, há uma comoção, com as garotas aglomerando-se. Há sussurros e olhares preocupados, e Laura Benningson pergunta se alguém precisa procurar um médico.

“Não”, ouço a resposta de Penélope. “Não, ela ficará bem em alguns minutos.”

Empurro a multidão até o centro, onde Sarah permanece estranhamente imóvel. Sua pele está cinza, seu rosto está congelado em terror, e seus olhos são planos e vazios. E sinto como se estivessem socando meu estômago, porque eu me lembro disso. No ano passado no pub, a primeira vez que falei com ela. Quando alguém deixou cair uma bandeja de copos, e ela congelou de medo.

Penny tem seu braço ao redor da parte inferior das costas de Sarah, suavemente sussurrando palavras que eu não consigo ouvir. E é como se meu coração parasse no meu peito e meu estômago se revirasse ao vê-la tão imóvel e com medo. Começo a me aproximar, mas antes de eu chegar a ela, Sarah volta. Acordando ofegante e piscando, e abraçando sua irmã.

Que raio foi isso?

Penny chama a minha atenção e balança a cabeça, me dizendo silenciosamente para não me aproximar. Para fingir que está tudo bem.

Eventualmente, todos voltam às suas tarefas—a equipe se prepara para a próxima gravação, as meninas conversam e bebem champanhe.

Mas Sarah permanece ao lado. E parece menor de alguma forma, como se estivesse tentando afundar em si mesma. Querendo dobrar-se e desaparecer. E não gosto disso. Sarah é muito bonita para não ficar em pé e ereta para que todos possam vê-la. E ela é... boa. Acredite ou não, isso é raro no meu círculo. Sarah me ajudou na noite passada. Mesmo que isso a deixasse desconfortável, ela o fez de qualquer maneira.

E agora eu quero fazer algo por ela.

Quero ver o sorriso de Sarah Titebottum. Um sorriso apaixonante, ousado e desinibido. Mas, mais do que isso, há uma parte pequena e egoísta de mim que quer fazê-la sorrir. E ser o motivo do seu sorriso.

Olho ao redor do set—todo mundo está zumbindo como abelhas trabalhadoras se preparando para a próxima tomada. Cordélia está quase sufocando com tanto pó, polvilhado pela menina da maquiagem, Vanessa está falando com alguns dos cinegrafistas, e o conversível que eu deveria dirigir está parado lá... tão solitário.

E percebo isso... alguém deixou as chaves na ignição.

Furtivamente, me aproximo de Sarah.

“Você já andou em um conversível?”

Ela ergue os olhos bruscamente, como se não me visse se aproximar. “Claro que sim.”

Minhas mãos deslizam em meus bolsos e me inclino para trás em meus calcanhares.

“Você já esteve em um conversível dirigido por um príncipe?”

Seus olhos são mais leves ao sol, com uma pitada de ouro. Eles enrugam quanto ela sorri.

“Não.”

Aceno. “Perfeito. Fazemos isso em três.”

Agora Sarah parece nervosa. “Fazer o que?”

Vejo James do outro lado, seus olhos escaneando a multidão—longe o suficiente para que ele nunca chegue aqui a tempo.

“Três..."

“Eu não sei o que você quer dizer.”

“Dois...”

“Henry...”

“Um.”

“Eu...”

“Vai! Vai! Vai!”

“Vai para onde?” Sarah pergunta alto o suficiente para chamar a atenção.

Então, envolvo meu braço em torno de sua cintura, levantando-a de seus pés, levando para o carro e colocando-a no banco do passageiro. Então, pulo no lado do motorista.

“Merda!” James pragueja. Mas então o motor está rugindo para a vida. Dou ré, batendo em mesa cheia de comida, e os pneus cantam enquanto viro e dirijo pela propriedade... em direção ao bosque.

“A estrada é naquela direção!” Sarah grita e o vento faz seus longos cabelos escuros virarem um redemoinho.

“Eu conheço um atalho. Aperte o cinto.”

Nós voamos para o bosque, enviando uma enxurrada de folhas em nosso rastro. O carro salta e se agita, e sinto a mão de Sarah enrolar-se em torno de meu braço. Isso é bom.

“Abaixe.”

“O que?”

Empurro sua cabeça para baixo e abaixando ao mesmo tempo, para evitar ser chicoteado no rosto por um galho baixo de um pinheiro.

Depois que passamos, Sarah se senta, com olhos de coruja, olhando para o galho e depois para mim.

Sorrio. “Se você queria que eu empurrasse sua cabeça para baixo, amor, você poderia apenas ter dito isso.”

“Você é insano!”

Acelero ainda mais, desviando de um tronco. “O quê? Você é a única que faz piadas sujas?”

Tem uma curva acentuada logo à frente. Coloco meu braço na cintura de Sarah. “Aguenta aí.”

E tão rápido quanto isso, nós emergimos das árvores, acima de uma inclinação íngreme, e no asfalto liso da rodovia. Verifico os retrovisores, e o caminho está livre.

Sarah pisca pra mim. Seus óculos estão tortos, então o conserto para ela.

“Eu tenho a sensação de que você já fez isso antes.”

Inclino a cabeça para cima, desfrutando da sensação do sol e da brisa—como um cão em um passeio. “Burlar a segurança é uma das emoções da minha vida.”

Ela balança a cabeça, espantada. “Por quê?”

“Porque eu não deveria.”

E então ela sorri. Assim como eu queria. Grande e descaradamente. Meu peito aquece e meu coração bate mais rápido.

Pressiono o botão no rádio e "Setting the World on Fire" de Pink surge dos alto-falantes.

“Esta é uma boa canção”, diz Sarah.

“Então aumente o volume”, digo a ela.

E ela o faz, então levanta suas mãos, tentando pegar o vento.



Nós dois decidimos que estamos com fome. E embora a cidade natal de Sarah, Castlebrook, seja a cidade mais próxima do castelo, não há Mega Burger em Castlebrook. Então seguimos na direção oposta, porque Mega Burger vale o tempo extra de quarenta e cinco minutos.

Quando paro no *drive thru,* o rapaz no chapéu de papel pontudo salta.

“Puta merda!”

Olho para Sarah. “Eu escuto muito isso.”

“Caramba cara... você é o Príncipe Henry.”

Concordo. “É um prazer conhecê-lo.”

“Ei, posso tirar uma foto?”

“Certo.”

Ele se inclina para fora da cabine e me inclino para fora do carro, e ele bate uma selfie.

“Faça-me um favor”, peço, “não poste na mídia social. Supõe-se que esteja trabalhando e se a rainha descobrir que estou fazendo corpo mole ficará muito chateada. Você não gostaria dela zangada.”

Ele ri, balançando a cabeça.

Depois que o garoto traz nosso pedido eu pago, lhe dando uma boa quantia de dinheiro. “Use isso para presentear o maior número possível de carros que vierem atrás de mim. Se sobrar alguma coisa, é

seu."

O garoto acena. "Impressionante. Sempre achei que você fosse legal."

"Eu tento." Batemos os punhos e logo saio.

Sinto Sarah me observando atentamente enquanto dirijo.

"Isso foi muito legal."

"Isso foi fácil." Encolho os ombros. "Minha mãe costumava dizer que a bondade é contagiosa. É preciso apenas uma pessoa para começar o melhor tipo de epidemia."

Estaciono em uma parte deserta perto da praia, desligo o motor, nós nos encostamos no capô do carro para comer o nosso flamejante—ataque do coração—prestes a acontecer—com as batatas fritas.

Hesitantemente, pergunto sobre seu episódio anterior. "Você está se sentindo bem agora?"

Seu sorriso é pequeno e envergonhado. "Sim."

"O que aconteceu... acontece sempre?"

Sarah inclina a cabeça. "Não com muita frequência."

Estou em território desconhecido. Eu não quero que ela fique desconfortável, mas, ao mesmo tempo, quero saber mais sobre esses episódios. Quero saber mais sobre ela, ponto final.

"Olha, Sarah, sinta-se livre para me dizer se eu te chatear, mas é... uma condição médica?"

"Fugas temporárias, provocadas por barulhos altos. Eu tentei alguns tratamentos, mas é apenas algo que tenho que conviver. Se houver um acidente, às vezes eu apenas... *desligo*."

"Você parecia tão assustada. Para onde você vai quando desliga?" Pergunto muito gentilmente.

Sarah engole em seco, olhando para o chão. "Lugar algum. É apenas... cinzento. Não há piso, nem teto ou paredes, sem som. É como

se eu fosse... sufocada em cinza."

Cubro sua mão pequena e quente com a minha. "Sinto muito. Você sabe por quê? O que os levou a começar?"

O sorriso de Sarah é apertado. "Todo mundo tem suas peculiaridades."

Então ela respira profundamente e habilmente muda o assunto. "Você está gostando de filmar esse show?" Sarah pergunta. "Limitando sua escolha para a rainha?"

Eu aceno. "Até agora, Guermo é a minha escolha."

Ela riu.

"O que você está achando do show, até agora?" Pergunto.

Ela geme. "Eu acho que é um concurso de beleza glorificado."

"Você não aprova?"

Ela encolhe os ombros. "Suponho que poderia ser pior. Pelo menos eles estão incluindo uma variedade de mulheres, não apenas aquelas que se qualificam as regras dessas leis repugnantes, sobre quem um príncipe herdeiro pode casar."

"Você é virgem?" pergunto.

"Bem... sim."

"Então por que você está reclamando? Você se qualifica."

Os olhos de Sarah brilham com irritação e ela praticamente rosna para mim. "Porque sou mais que meu hímen, Henry! Basear o valor de uma mulher realizada, inteligente e apaixonada em um pedaço frágil de pele é degradante. Como você se sentiria se seu valor dependesse de seu prepúcio?"

Penso sobre isso. E então sorrio. "Eu estaria bem com isso, na verdade. Ouvi dizer que era um prepúcio impressionante—todas as enfermeiras estavam adulando sobre ele. Provavelmente está sendo exibido em um museu agora."

Sarah me olha fixamente por um tempo, então ri em voz alta—um som rico, gutural e sensual.

“Você é um ser humano terrível.”

“Eu sei.” Balanço a cabeça na calamidade de tudo.

“E você é uma feminista ainda pior.”

“Concordo. Isso é algo em que preciso trabalhar. Você vai me ajudar, não vai? Devemos passar tanto tempo juntos quanto possível, a cada minuto do dia e da noite. Eu estou com esperanças de mudar isso.”

Sarah empurra meu ombro. “Ha! Você está apenas esperando para mudar isso.”

Agora é minha vez de rir. Porque ela não está nem um pouco errada.

“Mas nunca houve ninguém? Mesmo?”

Sarah encolhe os ombros. “Nós fomos educadas em casa quando éramos jovens… mas há dez anos, houve um menino.”

Esfrego minhas mãos juntas. “Aqui vamos nós, diga-me tudo. Quero todos os detalhes doentios e esquisitos. Ele era um jogador de futebol? Grande e forte, capitão da equipe, o garoto mais popular na escola?”

Podia imaginar isso. Sarah é delicada, longa e esbelta, mas elegante, linda—qualquer jovem estaria desesperado pra tê-la em seu braço. Ou em seu colo. Em sua cama, no capô do carro, montado em seu rosto… todas as opções anteriores.

“Ele era o capitão da equipe de xadrez.”

Eu cubro meus olhos com a mão.

“Seu nome era Davey. Ele usava esses adoráveis casacos de tweed e gravatas, tinha cabelos loiros e era um pouco pálido por causa da asma. Usava óculos iguais aos meus e tinha um par diferente de meias xadrez para todos os dias do ano.”

“Você está me zoando, certo?”

Ela balança a cabeça.

“Meias xadrez, Sarah? Estou tão decepcionado com você agora.”

“Ele era legal”, ela repreende. “Deixe meu Davey em paz.”

Então ela ri novamente—encantada e livre. Meu pau reage duro e rápido, ênfase no duro. É como a porra de um granito.

“Então, o que aconteceu com o bom e velho Davey?”

“Eu estava sozinha na biblioteca um dia ele veio e me convidou para o Baile da Primavera. E eu estava tão animada e nervosa que mal podia respirar.”

Eu imagino como ela deve ter parecido. Mas na minha mente Sarah realmente não é diferente do que ela é agora. Inocente, doce e tão real que não podia enganar alguém se sua vida dependesse disso.

“E então antes que ele pudesse terminar a pergunta, eu...”

Não percebo que estou inclinado em sua direção até que ela para de falar e eu quase caio.

“Você... o que?”

Sarah esconde o rosto com as mãos.

“Eu vomitei sobre ele.”

E eu tento não rir. Eu juro que tento... mas eu sou apenas humano. Então acabo rindo tanto que o carro treme e eu não consigo falar por vários minutos.

“Cristo Todo Poderoso.”

“E eu tinha almoçado peixe e batatas fritas.” Sarah está rindo também. “Foi terrível.”

“Oh, coitadinha.” Balanço a cabeça, ainda rindo. “Pobre Davey.”

“Sim.” Ela limpa os olhos com o dedo. “Pobre Davey. Ele nunca mais se aproximou de mim depois disso.”

“Covarde, ele não te merecia. Eu teria nadado através de um lago inteiro de vômito para levar uma garota como você ao baile.”

Ela sorri tão brilhantemente para mim, suas bochechas rosadas e redondas como duas maçãs brilhantes.

“Acho que essa é a coisa mais legal que alguém já me disse.”

Mexo as sobrancelhas. “Eu sou a favor de elogios.”

Sarah sacode a cabeça. “De qualquer forma. Assim que a notícia se espalhou pela escola, ninguém mais queria se aproximar de mim. E aqui estou: vinte e cinco anos e provavelmente, mais virgem do que a Virgem Maria.”

Sarah faz o sinal da cruz, no caso de ser blasfemo, eu acho.

“Mas você tem alguma experiência, não é?” Deslizo meus dedos juntos significativamente. “Mesmo… apenas com si mesma? Se tocar faz bem para a alma.”

Sua reação é um rubor de nível cinco… carmim.

“Isso é privado”, ela murmura.

“Isso é um sim.”

Santo inferno, as imagens que vêm à minha mente. Meu pau geme—disposto a desistir de uma bela trepada só para dar uma boa olhada em Sarah Von Titebottum dando prazer a si mesma.

“Desde que eu estou ficando em seu quarto, nós devemos elaborar um sistema. Uma meia na porta ou tal. Eu não quero atrapalhar. Ou... você pudesse me deixar assistir—eu sou um espectador fantástico.”

Ela me olha, ainda corando. “Eu não gosto mais de você.”

Toco seu nariz. “Mentirosa.”

Quando paramos no pátio do castelo, James está esperando. E ele não parece feliz. Na verdade ele parece um Hulk loiro... antes de começar a esmagar. Sarah também percebe isso.

“Ele está irritado.”

“Sim.”

Saímos do carro e ela se vira tão rápido que há uma brisa. “Eu deveria ir encontrar Penny. Tchau.”

Eu a chamo. “Covarde!”

Sarah apenas acena com a mão sobre seu ombro.

Lentamente, me aproximo dele. Como um explorador, no fundo das selvas da Amazônia, fazendo o primeiro contato com uma tribo que nunca viu o mundo exterior. E eu estendo a minha oferta de paz.

É um Mega Quarteirão com queijo.

“Eu tenho um hambúrguer.”

James a arranca da minha mão com raiva. Mas... ele não joga fora.

Ele se vira para um dos homens atrás dele. “Mick, traga-a aqui.”

Mick—um cara grande, do tamanho de um caminhão—traz uma bolsa marrom. E os olhos azuis frios de James se voltam para mim.

“Depois de falar com sua ex-equipe de segurança, eu tive uma audiência com Sua Majestade a Rainha no ano passado, quando você foi nomeado herdeiro. Dado o seu histórico de fugas intermináveis, pedi a sua permissão para garantir a sua segurança por qualquer meio necessário, incluindo este.”

James enfia a mão na bolsa e tira uma coleira infantil—o tipo que você vê em um monte de crianças em parques de diversões, com

um macaco perturbado saindo de uma mochila, sua boca larga e aberta, como se estivesse prestes a comer quem o está usando.

E James sorri. “A rainha Lenora disse que sim.”

Eu já suspeitava que vovó não gostasse mais de mim; agora tenho certeza disso.

“Se for preciso”, James adverte, “Vou conectar isso a você e a outra ao velho Mick aqui.”

Mick não parece mais feliz com essa porra de perspectiva do que eu.

“Eu não quero fazer isso, mas...” encolhe os ombros, com nenhuma explicação necessária. “Então, da próxima vez que você sentir vontade de escapar! Lembre-se do macaco, Alteza.”

James coloca a coisa revoltante em sua bolsa. E eu me pergunto se fogo o mataria.

“Estamos entendidos, príncipe Henry?” James pergunta.

Eu respeito um homem disposto a dar suas bolas de bandeja por seu trabalho. Eu não gosto do macaco... mas eu respeito isso.

Pisco dou um sinal ok com meus dedos.

“Perfeito.”

Capítulo 11

Sarah

A equipe do Matched nos acorda antes do amanhecer, batendo em portas como sargentos num quartel, para o descontentamento vocal das competidoras. Se há uma coisa que a aristocracia feminina valoriza acima de tudo, é seu sono da beleza. No passado funcionários foram demitidos—mortos, por muito menos.

Eu acho que a produtora intencionalmente quer que elas beirem seus limites, mal-humoradas, enfurecidas—prontas pra se atacarem entre si.

O drama vende, quase tanto quanto o sexo.

Pediram para arrumarmos rapidamente uma mala para apenas uma noite. Apenas uma mala por pessoa, o que para este grupo, é um desafio. Eles não informam o nosso destino, apenas disseram para levar roupas apropriadas para uma festa na piscina. Os pastéis e o chá dinamarqueses estão dispostos na mesa da sala de jantar, mas só temos tempo de beliscar e sair para o aeroporto.

Uma vez lá, somos levadas para uma grande sala de espera, separada e protegida do público. A parede de detrás é toda de janelas, de frente para a pista onde aviões privados ficam. Henry olha para fora da janela, com uma camisa branca abotoada e calças pretas, de costas para a sala das garotas, apoiando uma mão no vidro. Ele parece atento em algo, olhando fixamente.

Paro ao lado dele, espreitando sob seu braço, para ver o que ele

vê.

E meu coração cai.

Porque é um avião militar. Quatro soldados uniformizados desembarcam, e com uma precisão quase cirúrgica, levando um caixão, coberto com a bandeira Wessco dourada e roxa, e colocam-no sobre uma mesa prata com rodas.

Estou paralisada enquanto se movem, marchando no mesmo tempo, um homem em cada lado—com reverência escoltando os restos para o carro fúnebre em espera. Três dos soldados ficam para trás, enquanto um deles atravessa a porta, na extremidade da sala de espera que agora ocupamos.

Só então viro a cabeça e vejo uma mulher de cabelos escuros, de meia-idade, com um casaco bege enrugado, segurando a mão do menino ao lado dela. Ele parece ter uns dez anos. O soldado inclina a cabeça, falando suavemente, e entregando à mulher um envelope bege.

Henry observa por um momento, e então anda em direção a eles. E eu sigo logo atrás.

Os olhos do soldado brilham quando o vê, imediatamente se tornando rígido com uma saudação. Henry faz uma pausa a poucos passos de distância, dando uma saudação em troca. E então o soldado se inclina e Henry acena com a cabeça. O soldado endireita-se, dá algumas palavras finais para a mulher, e lhe informa que vão esperar por ela no carro até que ela esteja pronta.

A mulher o observa se afastar, levantando um lenço ao nariz. E é só então que ela percebe Henry—percebe quem ele é.

“Oh, Vossa Alteza.” Ela se curva e o menino ao lado dela imita o movimento. “Olá. Eu não sabia que estava aqui.”

“É uma viagem sem aviso prévio. Senhora...?”

“Campbell. Sra. Margery Campbell.” Ela acaricia o cabelo do menino. “E este é o Louis.”

“Sra. Campbell. Olá, Louis.”

“Olá, Príncipe Henry”, diz o menino sem sorrir.

“Quero oferecer minhas condolências pela sua perda.”

A Sra. Campbell esfrega os olhos com o lenço. “Obrigada.” Ela olha amorosamente para o caixão através da janela. “Esse é o meu mais velho, Charlie.”

“Charlie Campbell”, Henry diz, como se ele estivesse gravando o nome em sua memória.

“Está certo. O capitão de Charlie me disse que foi uma emboscada, disse que ele foi muito corajoso. Charlie entrou no fogo para que os outros garotos pudessem se proteger.”

“Um ato heroico que eu tenho certeza que esses rapazes nunca esquecerão”, oferece Henry.

A Sra. Campbell acena a cabeça. “Ele sempre foi um bom rapaz. Protetor. E agora ele está no céu com seu pai, cuidando de todos nós.”

Inclino-me em direção a Louis. “Aposto que Charlie adorava ter você como irmãozinho.”

O garoto funga acenando a cabeça. “Ele me ensinou como pescar. Como tenho praticado, sou muito bom agora.”

Eu aceno, mal conseguindo segurar as lágrimas. “E sempre que você pescar pense em Charlie e assim ele sempre estará com você.”

Louis acena de novo.

Henry tira a carteira do bolso e entrega à senhora Campbell um cartão. “Se houver algo que eu possa fazer por você— qualquer coisa— quero que você ligue para meu escritório. Por favor.”

Ela pega o cartão, sorrindo com os olhos úmidos. “Eu vou, obrigada.” Então ela olha para Henry, contemplativamente. “Você se tornou um jovem tão bom, príncipe Henry. A princesa Calista ficaria tão orgulhosa.”

Henry olha para baixo. “Espero que sim”, diz, sua voz suave e áspera.

“Oh, tenho certeza disso. Nós, mães, sabemos essas coisas. Ela ficaria tão orgulhosa de você como eu...” Sua voz quebra quando se vira para olhar o caixão coberto pela bandeira. E seu rosto desmorona. “Oh meu menino... meu pobre e doce Charlie...”

Ela cobre o rosto, soluçando em suas mãos, e as lágrimas escorrem através de seus dedos.

Sem hesitar, Henry a puxa em seus braços e pressiona sua cabeça contra seu peito.

É uma ruptura no protocolo—os cidadãos comuns não devem abraçar a realeza—mas Henry parece não se importar.

“Eu sinto muito”, ele sussurra, alisando seu cabelo. “Desculpe-me.”

Quando o rosto do pequeno Louis se contorce, eu o abraço também, o acalmando com palavras suaves e carinhosas que só posso esperar lhe trazer conforto.

E nós ficamos assim por um tempo, até que suas lágrimas cessam e respirações profundas são tomadas. Henry deixa a Sra. Campbell com um aperto de mãos e um lembrete para ligar para seu escritório se ela precisar de qualquer coisa. Depois, juntos, voltamos para o nosso grupo de espera.

“Isso vale ouro para a televisão!” Vanessa Steele praticamente pula em seus saltos agulha. “Quando esse episódio for ao ar—o príncipe consolando a mãe em luto—será a maior queda de calcinhas que a humanidade já viu.”

A princípio, Henry parece doente, e depois... irado.

“Você filmou isso?”

“Lógico que filmamos isso. E lhe disse que tudo será revelado—e isso foi fenomenal. Emoção real; você não pode montar esse tipo de coisa.”

O dedo de Henry dispara, apontando para o carro fúnebre que sai. “Aquele rapaz morreu por seu país. Pelo *meu* país. Ele deu sua vida

protegendo o chão sob seus pés."

Vanessa se endireita, percebendo o descontentamento dele.

"E quando eu terminar com isso, todos saberão seu nome. Sua história e sacrifício."

Merda. Eu sou ingênua, mas não *tão* ingênua assim. As motivações do programa não têm nada a ver com honrar os mortos.

Henry acena, esfregando os lábios. E faz um movimento para o cinegrafista. "Posso ver?"

O cinegrafista lhe entrega um objeto um dispositivo prata, como Penny me explicou—para capturar a cena discretamente em público, mas poderoso o suficiente para filmar de longas distâncias na mais alta definição. Henry o vira em suas mãos.

Então ele o deixa cair no chão, então pisa nele até ficar em pedaços sob sua bota, dando atenção especial em pulverizar o cartão de memória.

"Henry!" grita Vanessa. "Pelo amor de Deus!"

"Este é um dos piores dias de suas vidas, em uma série de dias horríveis", ele rebate. "Você não vai transformar isso em entretenimento."

A produtora ferve. "Você sabe o quão caro é esse equipamento?"

Henry zomba. "Conte-me."

E então se afasta.

Na pista enquanto subimos os degraus para o avião, Henry é o último na fila. Dou meia volta e fico atrás dele. Ele ainda está furioso—o rosto fechado, os ombros tensos e os punhos apertados.

"Isso foi incrível", digo a ele suavemente. "Eu acho que o que você fez foi incrível."

Henry balança a cabeça amargamente.

"Não. Foi apenas decente." Seus olhos queimam com um verde

tempestuoso. “Suas expectativas não devem ser tão baixas.”

“As minhas expectativas em relação a você?”

“A todos.” Suas palavras são cortantes e afiadas. “Aumente suas expectativas, Sarah.”

Então ele se vira, me dispensando, e entrando no avião.



O avião pousa em Hampton Hills, um elegante destino para os ricos e famosos na região mais setentrional de Wessco. Uma caravana de SUV´s com janelas escuras nos leva ao The Reginald Hotel, onde Matched reservou a piscina interna para uma festa privada. Ao entrar, Henry retira suas roupas ficando apenas em seus shorts de banho e segue direto para o bar. A câmera o acompanha enquanto se move para uma poltrona reclinável, com um copo de uísque em cada mão.

Meu peito aperta quanto o vejo observando as garotas se divertindo na piscina, com uma coleção colorida de biquínis fio dental. Empurro as mangas da minha camisa preta, me sentindo pegajosa e desconfortável na sala quente e úmida. Até que Vanessa Steele saca novamente seu detestável megafone, ordenando que todos os assistentes e acompanhantes deixem a área.

“Venha jogar, Henry!” Lady Cordélia chama, segurando uma bola de praia sobre sua cabeça e se aproximando do operador de câmera que está na beira da piscina.

Ele toma um gole de bebida, sorrindo. “Vou me juntar a você assim que eu terminar, docinho.”

Olho para longe e me movo em direção a Penélope, onde ela está comparando a cor de suas unhas com Laura Benningson, perto da prancha de mergulho.

“Estou indo para o quarto, Pen”, digo a ela. “Comporte-se, okay?”

Minha irmã acena sorrindo.

E minha cabeça quer girar na direção de Henry para um último olhar, para ver se ele foi "jogar" com Cordélia. Mas eu me forço a manter meus olhos treinados na porta.

E então saio.

Mais tarde, depois de jantar peixe e batatas fritas no meu quarto, eu deito na cama tentando ler *Jane Eyre*[32], mas meu coração não está nele. As palavras se misturam e a única coisa que vejo em minha mente é Henry Pembrook, deitado semi nu em uma poltrona, sorrindo, rindo e bebendo. Será que ele ficou na piscina? Ou foi para um dos quartos das meninas—Cordélia, Elizabeth ou inferno, Penélope—para uma festa mais privada?

Fecho meu livro com um estrondo.

Coloco meus sapatos e pego o elevador até a piscina. É tarde, e os salões do hotel estão silenciosos e vazios. James, o segurança pessoal de Henry, está do lado de fora da porta da área da piscina.

"Ele ainda está aí?", pergunto.

"Ele está, Lady Sarah."

Tento parecer indiferente, mas não acho que consigo.

"Ele está sozinho?"

Os olhos azuis de James estão suaves com simpatia; não posso dizer se é para Henry ou para mim.

"Sim. Estava envolvido até algumas horas atrás com as filmagens, mas ele não saiu. Também não comeu."

Aceno. E contra meu melhor julgamento, permito que meus pés me levem para dentro.

Henry está no fundo, a parte superior do corpo flutuando em

[32]Jane Eyre é um romance da escritora britânica Charlotte Brontë publicado em 1847. O livro foi lançado originalmente em Londres, pela Editora Smith.

uma boia, um copo de uísque quase cheio na mão. E ele está cantando. "*Patinho de borracha, você é o único. Você faz o tempo do banho muito divertido.*"

"Você percebe que é uma piscina e não uma banheira, não é?"

Seus olhos estão turvos. Bêbado.

"Lá está ela. Para onde você foi, pequeno pato? Você perdeu a festa. Foi divertido."

"Estava no meu quarto."

Ele levanta seu copo, derramando o conteúdo na piscina. "Não me diga, você estava lendo. Qual foi o menu desta noite?"

"*Jane Eyre.*"

Um som de nojo vem de sua garganta. "Isso é deprimente. Nem sequer uma boa pornografia de levantar até múmia ou um bom e antigo romance meloso?"

Eu bufo, porque o Príncipe Henry conhece esses termos e é engraçado.

"Não essa noite."

"Bem, deixe-me saber quando você tiver um desses—quero que você leia para mim. Em voz alta."

Como esperado, eu coro, e Henry ri.

Então ele abaixa a cabeça para a água, bebe um bocado, e o cuspe para o alto e arqueia-se. "Olhe, eu sou uma fonte."

Balanço a cabeça. "Você é um imbecil."

Ele fez um beicinho. "Essa é maneira de falar com o herdeiro do trono?"

"Nesse momento? Sim." Cruzo os braços. "Você deve sair—já está todo enrugado."

"Ou você poderia se juntar a mim? Venha, pule—mostre-me sua melhor bola de canhão."

“Não estou usando um biquíni.”

“Então, nade nua. Vou manter meus olhos fechados, eu juro.”

Ele levanta a mão, com os dedos cruzados, para me mostrar que não está mentindo.

E eu rio. “Acho que não.”

“Do que tem medo?”

“Morrer. Não sei nadar.”

Se ele está surpreso com a admissão, não demonstra.

“Você não deve ter medo de morrer, Sarah—todo mundo faz isso. A única coisa a temer é você não viver antes disso.”

Eu me aproximo, e meus pés param na borda. “Isso é muito poético, Henry. Agora saia—é perigoso beber e nadar sozinho.”

“Então não me deixe nadar sozinho! A água está deliciosa. Entre, e deixe-me levar você até o outro lado da piscina—enfrente o seu medo—e então sairei como um bom rapaz, eu prometo.”

Desta vez, seus dedos estão abertos, descruzados. Ele sai da boia, segurando sua bebida acima da água, e se aproxima. Esperando.

Ele vai ser teimoso sobre isso, eu posso dizer. E há algo estranho, florescendo dentro de mim que quer tentar. É uma voz calma, mas insistente, um suave cutucão. Estou começando a pensar nisso como o *Efeito Henry*, porque ele me faz sentir tantas... coisas. Segura e selvagem e talvez um pouco louca às vezes.

Henry me faz querer arriscar. Em novas experiências.

E com ele.

Então, respiro fundo e tiro meus sapatos. Tentando controlar minhas pernas tremendo, me movo e abaixo sobre a borda, na água. Meus pijamas de algodão moldam meu corpo, mas eles são leves, então não me arrastam para baixo. Mesmo assim, seguro firmemente na borda com as mãos e meus dedos ficando brancos pela pressão.

E Henry está bem ali, sua pele lisa e quente, seu braço como uma faixa de ferro em torno de minha cintura—forte e sólida.

“Essa é uma mulher corajosa,” ele sussurra contra meu ouvido.

Viro-me em seus braços, apertando meus braços ao redor de seu pescoço. Minhas pernas tremem, e a sensação de nada abaixo delas me faz entrar em pânico.

“Calma, eu tenho você.”

Henry estica suas costas, me prendendo ao seu tórax, como se ele fosse minha própria boia. Então pega sua bebida na beira da piscina. “Segure isso pra mim?”

Suavemente, ele nos empurra para fora da parede, e a água faz pequenas correntes contra seus ombros e braços enquanto deslizamos para o meio. Meu tremor alivia um pouco.

“Vê?” Henry ironiza. “A água é sua amiga. Você quer aprender a nadar? Eu posso te ensinar.”

“Eu não sei.” Olho a água com desconfiança.

“Por que você está com medo o tempo todo?” ele pergunta não de forma desagradável, mas com uma simples curiosidade.

“Eu não estou. Apenas gosto de... consistência.”

“Consistência é um tédio.”

“É seguro. Se você sabe o que está vindo, nunca será pego de surpresa.”

Henry revira os olhos.

“Por que você está triste o tempo todo?” Pergunto.

“Eu não estou triste, sou patético. Há uma diferença.”

Ele fica quieto por um momento, e o único som entre nós é o suave som da água.

“Você acha que Charlie Campbell viveu?” Henry se pergunta. “Antes de morrer?”

Gotas brilham em seus cílios como diamantes. Tento me concentrar nisso e não na mágoa envolvida na questão.

“Espero que sim. Às vezes, é tudo que existe. Esperança.”

Henry acena. “Acho que você está certa.”

Levanto sua bebida e brindo, “A Charlie.”

Henry sorri suavemente enquanto tomo um gole, antes de segurar o copo em seus lábios.

“A Charlie,” ele diz, depois bebe.

Ele tira o copo vazio da minha mão e o envia flutuando para longe. Então mexe os braços pela água, nos empurrando suavemente para frente.

E então, ele apenas... me olha. Com calor e diversão. Meus óculos escorregam e eu os retiro.

“Porra, mas você é bonita”, murmura Henry.

Instintivamente, meu queixo mergulha e eu olho para baixo em seu peito.

“Ninguém lhe disse isso?”

Encolho os ombros. “Na verdade não.”

“Eles deveriam,” insiste suavemente. “Você deveria ter sido informada todos os dias de como você é linda—por dentro e por fora.”

E há um grande inchaço de ternura em meu peito, em torno do meu coração, que quase parece muito grande para conter. Não por causa do elogio, mas por causa dele. Este príncipe lindo, quebrado, triste. Henry já ouviu o quanto ele é brilhante? O tipo forte, generoso e bom? Eu não acho que disseram e eles deveriam ter dito a ele. Todos os dias.

Antes que perceba, estamos do outro lado da piscina na parte rasa. O ombro de Henry escova a borda lisa e cheia de azulejos.

“Aqui.” Ele fica em pé e meus pés tocam o fundo da piscina. “Não

foi tão ruim, foi?”

Estamos próximos o suficiente para que eu possa sentir sua respiração—madeira envelhecida, uísque e homem.

“Não. Não foi tão ruim.”

E sinto que estou em um transe, como se estivesse em um sonho. Nossos olhares se bloqueiam e o dedo de Henry corre de minha testa para minha bochecha até o queixo, tirando uma mecha do meu cabelo úmido.

"Sarah...” diz quase gemendo.

Ele inclina-se para mais perto, lentamente...

E eu pisco e me afasto.

Porque talvez ele esteja certo depois de tudo. Talvez *eu* tenha realmente medo o tempo todo.

Movo-me para a borda da piscina, fora de seu abraço. Uma cachoeira escorre das minhas roupas enquanto me levanto, com minha voz rapidamente tingindo-se com alegria.

“Vamos lá, vamos sair.”

Eu enrolo em uma toalha, que estava na poltrona, ao redor do meu peito e desdobro a outra, segurando-a para ele. Henry hesita, parecendo pronto para argumentar.

“Você prometeu”, o lembro.

Ele suspira dramaticamente e abaixa os lábios na água, soprando-a chateado. Mas então sobe os degraus, segurando o corrimão, e tira a toalha de mim, esfregando sobre seus ombros e baixando os braços.

Tento não olhar, mas quando ele seca o estômago, meus olhos caem—e o contorno claro e duro de sua ereção grossa contra seus shorts de banho é inconfundível. E magnífico.

Eu sei que ele me pegou olhando quando me provoca: “Você vai me colocar na cama, Titebottum? E me dar um beijo de boa noite em...

algum lugar.”

Aperto a toalha em meu peito, odiando meu indecoroso olhar, mas ainda respondendo, “Não. Essa honra vai para James.”

Ele zomba. “Desmancha prazeres.”



Capítulo 12

Henry

Depois da nossa noite na piscina, as coisas ficaram diferentes entre nós. Mais. Mais próximos. Eu ainda a faço corar lindamente—agora floresce em suas bochechas um rosado suave e não o intenso escarlate profundo que resultou das minhas primeiras provocações. Sarah ainda se mantém na maior parte, lendo em um canto ou debaixo de uma árvore, mas ela sai para assistir enquanto filmamos, e mais de uma vez a vi conversando e rindo com Laura Benningson e a Princesa Alpacca, com a ajuda de Guermo traduzindo.

Não dormi no meu próprio quarto—ou tentei—desde a primeira noite. Pensei que os produtores me dariam uma merda por isso, mas Vanessa explicou que não estão contando com as câmeras pegando qualquer coisa interessante lá—elas só estão lá no caso de alguma coisa boa acontecer.

E enquanto meus dias passam entre tirolesa, bungee jumping, cisalhamento de lã em uma fazenda de ovelhas ou nadar em fontes termais com uma lady diferente cada vez, tudo antes de conceder um número decrescente de sapatinhos de cristal—como uma fada de dente masculino—minhas noites são passadas em um inferno feliz de luxúria não correspondida.

Porque não posso esquecer a sensação de ter Sarah lisa, macia e molhada pressionada contra mim na água. Ela está quase constantemente em meus pensamentos.

Ela assombra meus sonhos.

E ela foi o motivo em mais de uma vez, em me fazer acordar com um doloroso pau duro aconchegado contra a mais doce, mais gostosa das Titebottums—usando cada pingo do meu autocontrole para não me esfregar nela enquanto ela dorme.

À noite, quando Sarah cantarolava ao ler seus romances clássicos na cama, anseio sentir aqueles lábios adoráveis cantarolando em torno de meu pau. Quando suspira em seu sono, eu penso em como ela soaria gemendo por mais. Quando Sarah distraidamente torce seus cabelos em torno de seu dedo, imagino meu punho fechado naquelas tranças escuras e sedosas e ensinando cada deleite sujo que eu sei—e eu sei muitos.

Na outra noite, quando entrei no quarto, Sarah estava no banho. Fiquei do lado de fora da porta fechada do banheiro, escutando o gotejar e o movimento da água enquanto ela se movia, lavando-se, tocando-se, e quase gozei na minha calça como um garoto de doze anos.

Está se tornando um problema.

Mas eu não considero, nem por um momento, ficar em meu próprio quarto. Porque a melhor parte e a parte mais dura—o trocadilho pretendido—é que depois de estarmos na cama, com Sarah de pijama de algodão macio, nós dois embalados debaixo das cobertas para manter fora o ar gélido e as luzes baixas... nós conversamos, sobre tudo e nada e todas as coisas nas entrelinhas..

Ela fala de sua mãe com suas estufas e flores; Penny com seus sonhos de Hollywood; seu chefe mal humorado, que parece ter uma relação com o velho Fergus; sua biblioteca arrumada e simples, sua vida organizada. Digo a ela sobre Nicholas e toda a fé errada que ele tem em mim, embora Sarah insista que não seja verdade. Falo sobre a corajosa Olive, espirituosa e como eu desejo que eles não morem tão longe. E em tons suaves e envergonhados, falo sobre a Vovó— e o quanto eu a decepcionei uma e outra vez.

E Sarah Titebottum, não é tão tímida e reservada como parece, é uma otimista temente a Deus. Ela não tem paciência para auto piedade ou arrependimento, mas em vez disso, acredita em seguir em frente e para cima, em avançar um pequeno passo de cada vez.

Embora eu esteja familiarizado com a história básica, Sarah me conta com entusiasmo sobre Lady Jane Grey, a Rainha dos nove dias da Inglaterra, de quem ela leu um livro uma vez. Era um relato romantizado de como ela acabou se apaixonando por Guildford Dudley, o homem que sua família a forçou a se casar. E, quando os poderes mal intencionados apoiavam ilegitimamente Lady Jane como rainha, foi esse amor que lhe deu a força de sonhar grandes sonhos sobre as coisas que ela poderia fazer para seu povo e seu país. O sorriso de Sarah era tão delicioso, seu rosto tão animado quando nós falamos que não tive coração para apontar que a jovem Lady Jane nunca teve a chance de realizar qualquer um dos seus planos. Porque eles cortaram sua cabeça.

Sarah não me pergunta sobre o meu próprio futuro, meus pensamentos em me tornar rei, e eu sou grato por isso. Porque eu ainda não quero pensar nisso. Mas há uma luz em seus olhos e uma admiração em sua voz que me faz sentir, no fundo, que Sarah acredita que eu poderia ser bom nisso.

E é diferente de Nicholas. Ou vovó.

Por razões que eu não posso contar em meus dedos, o fato de que esta moça pura e despreocupada acredita nisso—que acredita em mim—me faz pensar que um dia eu poderia acreditar também.



No meio da segunda semana de filmagens, nos envolvemos em uma gravação ao ar livre na varanda por volta das oito da noite. Assim que o diretor grita corta, Elizabeth se enrosca em volta de mim como uma videira de hera venenosa, sussurrando as coisas sujas que ela quer fazer em frente às câmeras—algumas das quais não tenho certeza de que as leis da física permitiriam.

Desvencilho-me e corro em direção ao meu quarto. Bem... meu e de Sarah. Mas quando eu entro, encontro-a enchendo sua bolsa velha

com seus livros—parecendo de saída. Ando para o recanto, apoiando minha mão na parede atrás dela, e me inclino.

"Pra onde você está esgueirando-se tão tarde da noite?"

Ela olha para mim, sua boca apertando em um arco divertido.

"Não estou esgueirando-se e não é tão tarde, Henry."

Ela cheira a doces e eu a quero lamber. De cima e para baixo, em todo o lugar.

Então finjo que ela não falou e continuo com a minha linha de pensamento—de qualquer forma é mais interessante.

"Você está saindo para um encontro quente com um amante secreto? Ou talvez você pertença a um clube de sexo? Um lugar decadente, que você visita em todas as chances que tem, mas não quase tão frequentemente como gostaria, onde cada fetiche—por mais depravado—é realizado."

Meus olhos percorrem seu corpo, acariciando visualmente as curvas maravilhosas debaixo de seu colarinho preto apertado e leggings. "Talvez uma fantasia de bibliotecária impertinente? Ou é um jogo de gato e rato? Você foi pega percorrendo os quartos de alguns ricos e bem-dotados aristocratas e tem que implorar: '*Oh, por favor, não me entregue, meu Senhor! O que eu posso fazer para persuadi-lo? Faço qualquer coisa...*"

As sobrancelhas delicadas se elevam acima da armação de seus óculos. "Isso é muito... específico. Parece que você andou pensando muito nisso."

"Você não tem ideia." Me aproximo mais. "Para onde vamos, amor?"

"Nós?" Seus olhos estão mais escuros—dilatados— e seu peito sobe e desce em respirações rápidas, excitadas. Gostaria de saber se ela percebe isso. "Tenho uma reunião. Minha mamãe mandou seu carro para me levar. Você não pode vir Henry."

“Eu posso *vir* muitas vezes[33]. Minha resistência é lendária. Quer que eu lhe mostre?”

Sua voz sai suave, rouca. “Você não pode vir comigo.”

“Soa como um desafio.” Sorrio lentamente. “Aposto que eu poderia apenas no tempo certo.”

Seu celular vibra, alertando um texto que diz que seu carro está na frente. Ela pisca e passa por debaixo do meu braço, fugindo—e como o cachorrinho que eu sou, quero ir atrás dela.

“Que tipo de reunião?”

Sarah veste o casaco. “Uma reunião do clube.”

E estou prestes a trazer o clube de sexo novamente e intensificar meu lado obsceno, mas então tudo se torna claro.

“É um clube do livro, não é?”

Claro que é.

Sarah assente. “A reunião bimestral dos Austenitas.”

E aqui estou eu, novamente, tentando não rir.

Sarah olha para o meu rosto e bate o dedo no meu peito. E o contato pequeno e afiado faz meu pau crescer grosso e duro.

O celibato está me deixando louco.

“Não se atreva a rir.”

Mordo meu lábio e a pego olhando minha boca.

“Os Austenitas” eu repito, limpando a garganta. “O que os austenitas fazem, exatamente?”

“Discussões de personagens, leitura em voz alta, eventos comunitários... às vezes encenamos peças de teatro.”

“Parece fascinante. Nunca fui a uma reunião do clube de leitura.

---

[33] Henry faz um trocadilho com gozar. “Eu posso gozar muitas vezes”, deixei “vir” para dar sentido a frase.

Parece algo que todos deveriam tentar pelo menos uma vez."

Sarah cruza os braços, fazendo seus seios apertarem e se levantarem.

"Você odiaria."

Eu cruzo meus braços, e seus olhos caem em meus bíceps—ela tem feito isso muito ultimamente, a voyeur virgem travessa.

"Estou sentindo que você não quer que eu vá. Você tem vergonha de mim? Isso dói, Titty-bottum. Estou ferido."

Sarah ri com desdém. "Não, não estou. E não tem nada a ver com eu não querer que você vá é que—você não pode ir. Há cerca de trinta Austenitas. Assim que o verem, a notícia espalhará e todos saberão que você estava em Castlebrook."

"Oh, que horror, porque Castlebrook é o centro da cena social e das elites da mídia."

Isso foi sarcasmo, no caso de você não ter certeza. É por isso que Sarah revira os olhos por trás de seus óculos. "Basta um conjunto de lábios soltos para a rainha descobrir que você estava lá quando você deveria estar aqui. E os produtores não querem que você vá a lugar algum, de qualquer maneira."

"Eu posso escapar?"

Ela sopra uma respiração em suas franjas escuras, que caíram muito perto de seus olhos.

E agora estou pensando em Sarah soprando outras coisas.

"E então você terá que usar o macaco."

"Não temo nenhum homem ou macaco. Mas é meio assustador, não é?" Dou um gemido. "Fodido James."

Sarah zomba de mim. "Certo, o fodido James está tentando mantê-lo seguro, vivo e longe de ser sequestrado, como é o trabalho dele ou algo assim. Idiota."

Olhem para isso. Sarah também pode ser sarcástica. É sexy. E

ela disse a palavra fodido—o que me faz pensar em fodê-la—na cama, no sofá... Cristo, no recanto. Ela seria absolutamente selvagem no recanto.

Fale sobre uma fantasia—que está indo direto para o topo da sessão punheta.

"Eu vou ficar entediado aqui sozinho", lamento apenas para vê-la sorrir. "Eu acho que vou bater uma. Ou... cinco. Porque é assim que eu sou. É como me cuido."

Mas a coisa é: desta vez... Sarah não cora. Ela só olha para mim, olhos vidrados como se estivesse vendo uma versão alternativa de mim. Uma que se masturba. E julgando pela maneira como ela engole duramente e corre à língua ao longo de seu lábio inferior, ela gosta do que vê.

Porra, isso é tão quente.

Ela pisca, saindo, adoravelmente atrapalhada. "Eu... ah... eu tenho que ir."

Aceno.

No meio da porta, Sarah para e se vira. "Henry?"

"Mmm?"

Ela aponta o dedo para mim. "Fique."

Eu sorrio e a saúdo.

Com olhos estreitados, sai fechando a porta atrás dela.

Sento-me no sofá desconfortável durante cinco minutos inteiros, pensando. E então eu me levanto.

Porque ainda não gosto de fazer o que me dizem.

Duas horas depois, o carro para na frente da Concordia Library—estou assumindo que é aqui que acontece a reunião do clube sagrado de livro. Sarah tinha um ponto válido sobre isso não ser bom, se a notícia que eu estava na cidade se espalhar por aí, então eu dei a ela uma vantagem e planejei entrar sem ser detectado para vê-la em ação.

Ela também teve razão sobre o maldito macaco.

É por isso que James está dirigindo e o grande Mick está como copiloto.

Por fora da janela escurecida da SUV, olho para o grande edifício marfim. Uma biblioteca construída para uma rainha. Posso vê-la trabalhando aqui—posso vê-la amando tudo isso. Combina perfeitamente com ela, esta casa quase mágica de adoração construída para livros.

A estrada principal está quase deserta e não há uma única pessoa na frente da biblioteca mal iluminada. Quando sigo Mick até os degraus de pedra de marfim, por um momento eu me pergunto, esse *é um movimento perseguidor? Será que cruza uma linha? Um limite?* Mas então, foda-se, eu sou um príncipe, não temos limites—é uma das vantagens. Qualquer um que diga o contrário está fazendo isso errado.

A porta está destrancada e facilita nossa entrada. Eu nunca tinha notado como uma biblioteca de noite é estranha—grande e silenciosa—como um mausoléu. Mas percebo isso agora enquanto olho para o andar principal, ouvindo o eco. Desço um lance de escadas ao lado da mesa da recepção, uma luz é projetada por pequenas janelas nas portas. Olho pelas janelas e vejo uma sala no final de um longo corredor. É do tamanho da sala de aula, o tipo de lugar onde um estudo da Bíblia ou uma reunião dos Viciados em Sexo Anônimos podem ser realizadas. Ou um clube do livro.

A porta está aberta o suficiente para ouvir, mas fechada o suficiente para que eu fique sem ser detectado; se ficar do lado de fora.

Inclino-me contra a parede, ouvindo o tom encantador da voz inconfundível de Sarah. E descubro um lado completamente diferente dela—outra versão para adicionar a todas as outras. Acho que nunca vou conhecê-la completamente.

Sarah parece confiante, eficiente e segura, quase profissional. E pergunto se é este lugar, se é porque é o seu domínio e por isso ela aqui floresce. Quase me faz lembrar minha avó em seu escritório ou quando estava se dirigindo ao Parlamento.

Quando parece que estão terminando, Mick e eu mergulhamos em uma sala ao lado. Está cheia de caixas com um cheiro estranho, um saco de máscaras de esqui, latas de tinta vermelha, cartazes e cartazes—um diz "Liberdade aos Patos Butterwald."

O que diabos é um pato Butterwald?

Quando a última gota de leitores ávidos sai pelo corredor e apenas três vozes distintas permanecem na sala—e eu sei a quem essas vozes pertencem— com Mick esperando do lado de fora, entro na sala.

"Não me diga que eu perdi tudo? Droga."

Todo o rosto de Sarah se ilumina. O que me faz sentir um pouco bêbado.

"Henry! O que você está fazendo aqui?"

"Não consegui ficar longe."

Só estou meio brincando.

Uma figura maravilhosamente voluptuosa com olhos azuis brilhantes e cabelos loiros se aproxima do outro lado da sala, suspirando, "Uau. Uau, uau, uau."

Esta deve ser Annie—a que Sarah fala sobre ela e Willard frequentemente.

"Esta é Annie", Sarah diz.

Ela é o tipo que eu geralmente escolhia—alegre e facilmente feliz com um olhar de pura adoração ao herói em seu rosto. O engraçado é

que ela é a amiga de Sarah, e esse fato coloca uma barreira imediata em meu cérebro, silenciando qualquer atração.

"E esse", Sarah gesticula para um homem baixo em uma cadeira grande com um enorme cachimbo entre os lábios, "é Willard."

Willard não se levanta, mas abaixa a cabeça em vez de curvar. Não é apropriado—mas—dada a minha irritação com todas as coisas "apropriadas", não me incomoda.

"Cachimbo impressionante", digo a ele. "Posso te chamar de Sherlock?"

Ele sorri. "Só se eu puder te chamar de Princesa."

Inclino minha cabeça para o lado, enquanto penso nisso. "Acredito o suficiente que a minha masculinidade pode suportar isso."

"Excelente."

Willard pega uma jarra com um líquido âmbar na mesa ao lado dele.

"Conhaque? É barato, mas faz o trabalho."

"Por favor."

Enquanto ele me serve uma dose, Annie diz, "Pelo amor de Deus, Sarah, quando você disse a Haverstrom que você tinha assuntos oficiais do Palácio para cuidar, eu tinha certeza que você estava abandonando o barco. Que tipo de negócio Sarah tem com você, Alteza?"

"Ela está me ajudando a reorganizar a biblioteca do Palácio." Pressiono meu dedo em seus lábios e ela quase desmaia. "Mas isso é um segredo—presente surpresa para a Rainha."

Olho para Sarah onde está empacotando uma caixa de papéis, e ela sorri suavemente para a mentira.

"Você teve uma boa reunião, amor?" Pergunto a ela.

E há aquele rubor rosa bonito, outra vez, embora não estou certo do porque aparece desta vez.

“Sim, foi muito bem.”

Saboreando meu conhaque, os provoco, “Vocês abrem a reunião com um sacrifício aos deuses do livro? Um animal ou talvez um leitor renegado?”

Fumaça sopra dos lábios de Willard quando responde: “Somente às terças-feiras.”

“Você já pensou em escrever um livro, Príncipe Henry?” Annie sussurra. “Meu ex-namorado, Elliot, sempre disse que queria.”

Willard verifica seu relógio.

Então Annie continua.

“Você poderia escrever sob um pseudônimo revelando os segredos dos bastidores do palácio. Ou” um olhar malicioso surge em seu o rosto, enquanto olha para Sarah, então de volta para mim, “poderia ser um conto mais sexy. Sobre uma jovem virgem que doma o príncipe mundano e selvagem—como *em Cinquenta Tons de Cinza,* mas com o tema da realeza.”

“Acho que eu leria.” Willard encolhe os ombros.

Pensando bem, eu também.



De volta ao Castelo de Anthorp, Sarah e eu nos preparamos para dormir: escovamos os dentes e nos trocamos no banheiro. Eu, com a minha calça de pijama habitual e sem camiseta, Sarah com sua calça de algodão e top simples – hoje é uma camisa de algodão fino, e seus seios parecem incríveis. Depois nos sentamos na cama. Pego minha guitarra e começo a dedilhar algumas notas.

“A propósito, o que é um pato Butterwald?” Pergunto. “Eu vi caixas e uma placa o mencionando em uma das salas da biblioteca.”

“Oh, isso é para o próximo mês.” Ela tira os óculos e os coloca na mesa de cabeceira. “Para o protesto que estamos organizando para permitir que os patos encerrados em Butterwald Parque sejam soltos.”

“Protesto?” Indago.

Ela assente. “Os Austenitas são muito ativos na comunidade.”

Coloco minha guitarra para baixo, apoiando-a contra a parede. “Vocês são terroristas?”

Sarah rola seus olhos bonitos. “Não seja bobo. Somos... uma organização comprometida em trazer consciência às questões sociais, através do que pode ser visto como métodos um pouco controverso às vezes.”

“Exatamente.” Aceno. “Terroristas.”

Sarah belisca meu braço.

“Ow... terroristas violentos”, eu brinco.

Ela joga a cabeça para trás e ri, seu cabelo escuro caindo sobre seus ombros e suas costas. Sarah é fascinante. Houve um tempo em que eu realmente pensei que ela era simples? Sou um imbecil— Sarah é deslumbrante. Nunca conheci ninguém como ela.

E eu quero beijá-la, agora mesmo.

E então eu quero voltar para a biblioteca, para aquele lugar que ela ama, e beijá-la lá também. Na frente de seus amigos, na frente... Cristo, Nicholas *adoraria* ela.

E quero ser esse homem para ela.

Sarah me pega olhando e inclina a cabeça. “O que foi?”

E minha boca de repente seca. Porque eu nunca fiz isso antes. A única vez que eu falei sobre sentimentos com uma mulher envolvida direção ou apreciação e um monte de contorções: *mais duro, mais apertado, mais rápido, sim, assim está bom, assim—não pare.*

Tento engolir e minha voz sai baixa e áspera, como um rapaz inexperiente no pátio da escola.

“Eu gosto de você, Sarah. Gosto muito de você.”

Ela continua a me olhar, e eu vejo quando a compreensão escurece seus olhos grandes e redondos.

“Eu... eu também gosto de você, Henry.”

Sarah observa quando pego sua mão que descansa na cama e a trago para meus lábios. Suavemente, beijo a parte de trás dela e cada um de seus dedos pequenos. Até suas mãos são lindas.

Sua respiração para quando viro sua mão e coloco um beijo de boca aberta no interior de seu pulso sensível, sugando-o levemente.

E então, preciso da sua boca. Não me lembro da última vez que eu precisei tanto de algo.

Talvez eu nunca tenha.

Inclino-me e os olhos de Sarah se fecham. Acaricio sua bochecha suave, seguro seu queixo com a minha mão, e então eu aperto meus lábios contra os dela. Ela é tão macia e quente, tão fodidamente doce. Pressiono mais a minha boca e viro nossas cabeças, mudando de direção—sugando seu lábio inferior carnudo, então deslizando minha língua.

E é quando ela se afasta, abaixa a cabeça olhando para as mãos. Sarah está respirando com dificuldade e suas bochechas estão coradas, e ela está linda.

E depois... a porra do inferno.

“Eu não posso fazer isso com você, Henry.” Ela olha para a cama. “Não posso ficar com você.”

“Você está comigo agora.”

Sarah balança a cabeça. “Não desse jeito.”

“Claro que você pode. Acho que você é incrível.”

Ela olha para mim, então, com medo e tristeza rasgando seu

rosto. “Você acha agora, mas você é um Willoughby[34].”

Coço a cabeça. “Isso não é um canguru?”

Sarah aperta os olhos com força e é quase como se ela estivesse gaguejando. Como se não conseguisse fazer as palavras saírem. E quando faz, eu gostaria que elas tivessem ficado onde estavam.

“Não, é Willoughby—de *Razão e Sensibilidade*. Ele era o personagem que Marianne se apaixonou. Ele era selvagem, inapropriado, egoísta e leviano, e ele a destruiu.”

“Sarah, você não está fazendo nenhum sentido.”

“Não posso estar com você, porque estou esperando o meu coronel Brandon[35].”

“Quem diabos é Brandon?”

“Ele é sério e talvez um pouco chato, mas ama Marianne. Brandon é confiável e estável; romântico e apropriado. Isso é o que eu quero; é com quem eu quero estar.”

“Apropriado?” A palavra raspa na minha garganta como um espinho. Deslizo da cama e começo andar, repensando suas divagações. “Deixe-me ver se entendi direito: você não pode me beijar porque um idiota chamado Willoughby fodeu, ferrou e quebrou alguma garota de um livro chamada Marianne?”

Ela dá um pequeno sopro de raiva e balança as mãos. “Quando você diz assim, parece loucura.”

“Isso é porque é loucura!”

Sarah torce as mãos. “Ele quebrou seu coração. Quase a matou.”

Eu a encaro, sentindo algo se quebrando dentro do meu próprio

---

[34]Personagem do livro de Jane Austen – Razão e sensibilidade. Willoughby tem uma personalidade impulsionada pela necessidade de seu próprio prazer, se divertindo com qualquer mulher que cruze o seu caminho e que alimente seus hábitos desonestos.

[35]Personagem do livro Razão e Sensibilidade.

peito.

“E você acha que eu faria isso com você?”

“Eu sei que você faria.”

“Porque eu sou um Willoughby?”

Sua cabeça se ergue.

“Porque eu sou insensível, egoísta e inapropriado. Porque você está esperando alguém melhor aparecer.”

Sarah balança a cabeça. “Isso não está saindo certo.”

Há um tipo diferente de dor quando você é ferido por alguém que realmente se importa. Dói profundamente, como uma queimadura—começa com picadas e queimaduras, então ele se enrubesce e se espalha dentro de você, corroendo sua carne.

Deixando em seu rastro um buraco enorme.

Cruzo meus braços e dou um sorriso, como não me importasse com porra nenhuma.

“Como é à vista da sua torre de marfim, Sarah? Deve ser adorável julgar todos abaixo de você, enquanto você se mantém alta demais para ser tocada.”

Ela se ajoelha na cama. “Não é desse jeito. Eu me importo com você, é só—”

“Eu sou egoísta e irresponsável e inapropriado—te escutei pela primeira vez. Você poderia ter guardado todas essas sílabas e me chamar apenas de idiota.”

“Henry...”

“Acho que você é uma covarde. Viu o que eu fiz? Simples, conciso.”

Seus olhos se prendem. Então Sarah pisca e olha para longe.

“Não sou uma covarde. É só... como minha vida é. Eu gosto...”

Ando para o “recanto” e pego o primeiro livro que vejo. “Você não tem uma vida. Você se esconde neste quarto e se acovarda atrás desses livros. É fodidamente triste.”

A voz de Sarah é suave, mas firme. “Eu percebo que machuquei seus sentimentos, mas não há necessidade de ser cruel.”

Eu ri. “Você acha que machucou meus sentimentos?”

“Se essa raiva é uma indicação, tenho certeza.”

“Isto não é um ataque de raiva, é um despertar.” Aceno o livro para ela. “Esses não são seus amigos, Sarah—não há nenhum Coronel Brandon saindo da página para vir te amar.”

“Eu sei disso!” E então seus olhos seguem o livro na minha mão. “Henry, tenha cuidado, é frágil.”

E isso só me irrita ainda mais. Sua preocupação por essa coisa inanimada e estúpida.

“Você ainda me vê? Cristo, estou em pé na sua frente— e ao contrário de você, realmente vivo.” Aceno meus braços ao redor, balançando o livro pela capa traseira. “E você está mais preocupada com papel e tinta, porra!”

E este é o fim de tudo.

Com uma rachadura, a espinha do livro se espalha pela metade, suas páginas se soltam, voando por todo o quarto, caindo no chão como um bando de pássaros brancos feridos.

“Não!”

A angústia absoluta na voz de Sarah atravessa a minha própria, vencendo a minha raiva e deixando para trás um resíduo de arrependimento.

Ela cai de joelhos, recolhendo as páginas e arrancando o livro danificado da minha mão.

“Eu não quis fazer isso”, digo calmamente, no caso dela não saber.

Seu cabelo escuro cai sobre seus ombros escondendo seu rosto.

“Sarah, você me ouviu? Eu sinto muito.”

Por que parece que isso é tudo que digo ultimamente?

Seus ombros estremecem; acho que ela está chorando. E meu estômago parece que está cheio de vermes—balançando e se contorcendo, nojento.

“Eu lhe darei dinheiro para substituí-lo. É um livro. Quero dizer… há mais de um.” Tropeço como um total idiota.

“Era muito valioso?”

Quando Sarah ainda não responde, coloco minha mão em suas costas. Ela sacode se afastando de mim. Com seus olhos estão molhados, furiosos e feridos.

“Saia” ela assobia.

“O que?”

“Cai. Fora!” ela grita mais alto desta vez, reunindo a última das páginas em seus braços e as colocando suavemente na cama.

Chuto o chão com a ponta do meu pé, murmurando, “É o meu castelo.”

E isso a leva ao limite.

Sarah empurra, mais duro do que eu esperava. Suas bochechas estão vermelhas e os olhos selvagens. Eu seria tão duro como uma barra de aço agora, se não estivesse tão preocupado que eu realmente a machuquei.

“Sarah, vamos lá…”

Quando não me movo rápido o suficiente, ela empurra meu peito novamente.

“Saia do meu quarto, seu filho da puta infantil!”

Estou prestes a responder com algum comentário irreverente, mas antes que eu consiga a sua respiração para, quebrando em um

soluço, e eu percebo com horror que ela está tentando muito não estourar em lágrimas.

Estendo a mão. “Eu estou—”

Sarah ergue a mão, desviando o olhar e fechando seus olhos.

“Apenas vá, Henry. Por favor.”

E como é o mínimo que posso fazer, saio.



Capítulo 13

Sarah

Acordo tarde no dia seguinte, pelo menos tarde para mim—meus olhos estão inchados e meu peito está dolorido. Pesado. Não saio do meu quarto até eu saber que ele está fora da propriedade. Ouço seu helicóptero chegar para o seu encontro com Cordélia—alpinismo, pesca no gelo, pastoreio de gado ou algo igualmente ridículo. Depois que o helicóptero parte, eu vou para quarto de Penélope com meu pobre livro danificado. Ela observa o livro como se fosse um bebê pássaro com uma asa quebrada, e nem tenta me enganar que ficará bom e o toca suavemente. Porque ela é uma boa irmã.

Ela realmente não se importa com *Razão e Sensibilidade*, mas se preocupa comigo. Penny sabe o quanto este livro significa para mim—mesmo que não signifique muito para ela.

Ao contrário de certo príncipe bonito, e sem coração que não deve ser nomeado.

Tento não pensar no suave toque de seus lábios contra os meus, antes de tudo ficar ruim. Recuso-me lembrar do brilho em seus olhos verdes escuros enquanto olhava para mim, como nenhum outro homem já olhou antes—como se eu fosse algo precioso, um tesouro que ele queria mais do que seu próximo fôlego. E eu definitivamente não me concentro naquela sensação maravilhosa e emocionante que se espalhou na parte inferior do meu estômago. Cheio de desejo, emoção e alegria.

Bloqueio tudo e foco no meu pobre livro, maltratado. É mais

simples assim.

Pedimos a um dos membros da produção uma fita adesiva e reparamos o dano da melhor forma possível. Então Penny passa o resto do dia entre cabelo e maquiagem e, em seguida, passa pela "berlinda" de uma entrevista cara a cara, enquanto eu gasto o meu tempo andando em torno do castelo. E penso em ir embora, voltar para o meu apartamento, meu trabalho... a minha vida.

Quero dizer, realmente, o que diabos estou fazendo aqui?

Mas, é perfeitamente possível que minha mãe force Penny a voltar para casa comigo. Ela está se divertindo muito e aprendendo algumas coisas sobre a produção de televisão—fazendo amizade com a equipe, desenvolvendo contatos. Assim, por enquanto, de qualquer forma, estou presa como um rato numa ratoeira. Em um castelo.

Levo um sanduíche para o meu quarto como substituto para o jantar e assisto as notícias em vez de ler. Ao pôr do sol, estou exausta e adormeço cedo.

Tarde da noite, batem na porta do meu quarto. E eu odeio a emoção que passa através de mim, odeio a deliciosa onda em meu estômago e o aumento em meu pulso quando levanto para responder. Porque meu corpo sabe quem está do outro lado. E— é algo traiçoeiro— que não posso esperar para me deliciar com a visão dele, sentir a força de sua presença, sentir o calor de sua pele. Meu sangue aguça para meu coração perdoar e esquecer—mas digo que estou sendo tola e que a ferida que ainda dói no meu peito é apenas um arranhão.

Inspiro quando minha mão toca a maçaneta – preparada o ataque sensual e esmagador que é Henry Pembrook.

Ele parece cansado. E triste. E minha ferida pulsa mais dolorosamente.

Seus olhos verdes geralmente dançantes agora estão aborrecidos e protegidos. A barba loira no queixo, que normalmente lhe dá um fascínio irresistível, agora parece quase cansada de guerra. Puxo o topo do meu roupão mais apertado e seguro o nó no cinto, como se isso fosse capaz de me proteger do seu charme.

“O que você quer?”

Cílios longos e grossos piscam inocentemente—ele sabe o que está fazendo.

“É hora de dormir. Eu gostaria de dormir. Ou podemos conversar se preferir? Eu poderia tocar algo suave para você na guitarra... Ou você pode ler cantarolando enquanto eu tento dormir e não vou reclamar uma única vez, eu juro.”

Há uma nota esperançosa em sua voz enquanto fala do que se tornou nossa rotina noturna. E eu quero abrir a porta para ele. E meus braços. Do modo que eu abraçaria um menino que sente muito por ter quebrado o seu brinquedo favorito.

Mas não faço—eu não posso. É autopreservação. Henry não é um mero menino—e sua insensatez é capaz de destruir muito mais do que um brinquedo.

Ajusto meus óculos porque me faz sentir inteligente e forte.

“Você não vai dormir aqui, Henry.”

Ele muda a sua tática. Sorrindo diabolicamente. Persuasivamente. Ele apoia a mão no batente da porta, inclinando-se. “Vamos, Sarah. Foi um acidente. Já disse que sinto muito. Por que você está fazendo tanto alarde sobre isso?”

Isso é bom. É o que eu preciso. Sua frivolidade e escárnio. Ela enraíza minha raiva, e a raiva constrói uma parede mais forte do que a mágoa.

Seus olhos varrem minha boca franzida, mandíbula apertada e olhos duros e inflexíveis. Ele passa uma mão através de seu cabelo, puxando os fios.

“Isso é estúpido, é apenas um livro! Vou te dar um novo amanhã cedo. O que mais quer que eu faça? Diga-me e eu vou fazer.”

“Qualquer coisa?”

“*Qualquer coisa.*”

Abro a porta um pouco mais, inclinando-me para mais perto e olhando diretamente em seus olhos.

“Me. Deixe. Sozinha.”

Henry se encolhe, as sobrancelhas caindo impotentes. “Eu não posso fazer isso.”

Encolho os ombros, canalizando a cruel filha adotiva de Miss Havisham, Estella, de Great Expectations.[36]

“Então você não está realmente arrependido, está?”

Seus punhos apertam e seu corpo curva, como se quisesse socar alguma coisa. Estranho, mas eu não estou nem um pouco com medo. Porque nas profundezas da minha alma, sei sem duvidar que, mesmo Henry tendo me magoado, ele nunca me machucaria.

“Se você não queria me deixar entrar, por que diabos você abriu a porta em primeiro lugar?”

O sorriso de Estella puxa meus lábios. “Então eu não poderia fazer isso.”

E juntas, Estella e eu fechamos a porta na cara do príncipe herdeiro.

[36]Miss Havisham, Estella personagem do livro Grandes Esperanças de Charles Dickens que conta a história de Philip Pirrip. É dividido em três volumes e foi adaptado para o cinema e para a TV várias vezes. Foi escrito durante a era vitoriana. A falta de amor na relação de Estella com sua mãe adotiva, Miss Havisham, cria uma mulher que trata os outros cruelmente e tem um comportamento geralmente frio. Mesmo que ela seja uma mulher bonita, isso é ofuscado pelo fato de que ela não tem a capacidade de mostrar amor aos outros.

Henry

Volto para o meu quarto, deito na cama e tento dormir com a irritante sinfonia das câmeras—e falho. Estou programado para passar a manhã toda filmando com Penélope, tomo isso como um sinal que talvez Deus não tenha desistido de mim completamente. Porque Penélope é borbulhante e extrovertida e, ao contrário de sua irmã, ela gosta de mim—ela sempre gostou de mim. A ter do meu lado pode não me colocar na calcinha de Sarah—embora um homem possa sonhar—mas isso pode me ajudar a voltar para as boas graças de Sarah.

Vanessa nos organiza na praia como os bonecos Barbie e Ken. “Segure as mãos e caminhe lentamente pela praia. Fale um com o outro e ria como se estivesse se divertindo.”

Não posso acreditar que eu pensei que esse reality show de merda seria divertido. Cristo, eu sou um idiota.

Vanessa se afasta e chama o cinegrafista: “Filme em ângulo amplo. Certifique de pegar o nascer do sol ao fundo.”

Aproveito minha chance com a irmã Titebottum mais jovem. “Queria falar com você sobre Sarah...”

“Você está com algum microfone?” Ela me corta, seu sorriso congelado no lugar.

“Uh... não. Vanessa só quer o visual, nenhum som.”

“Ótimo.” Penélope olha fixamente para a água. “Então não haverá ninguém para testemunhar eu dizendo que você é um bastardo de merda e espero que você morra gritando.”

É concebível que Penélope não gosta de mim tanto quanto eu

pensava.

“Volte novamente?”

“Príncipe ou não, se eu pudesse, cortaria suas bolas, as deixaria em pó fino, então a colocaria na água, e te forçaria a beber.”

Eu engulo em seco.

“Isso é... criativo.”

Penélope ainda está sorrindo serenamente, tornando toda a troca ainda mais bizarra. E enervante.

“Você ficou louca? Cristo, é só uma porra de um livro!”

“Não para ela. Veja príncipe babaca”, ela continua “sua família te ama. Seja qual for a intriga ou o drama no palácio, eles realmente te amam. Nem todo mundo tem isso. Nossa mãe é maluca e nossa família não daria duas merdas se Sarah e eu caíssemos de um penhasco e desaparecêssemos para sempre. Sempre foi assim. Exceto pela querida Tia Gertrude. Ela foi a única que se importou com a gente. Antes de morrer, nos convocou para dar a nossa parte de sua herança, porque sabia, apesar de sua vontade, que os imbecis dos seus filhos não fariam.”

A mão de Penélope segura a minha em um aperto de morte.

“Tia Gertie me deu suas joias, porque ela disse que eu era dura e brilhante. Ela deu a Sarah sua rara coleção de livros, porque disse que Sarah era uma sonhadora. E lhe falou que ela poderia vendê-los por um bom dinheiro ou mantê-los para si, mas de qualquer maneira, Sarah tem seus sonhos. Eles significam o mundo para minha irmã, e você destruiu um. O que faz de você um pau grande, gordo, flácido e inútil.”

“Eu...”

Não tenho ideia do que dizer.

A chance de responder passa quando Vanessa se move a nossa frente nos enquadrando com os dedos para o fotógrafo ao lado dela. “Tire fotos, Jerry. Lindo.”

Sem perder uma batida, Penny se transforma ao meu lado, joga seus braços ao redor do meu pescoço, levanta uma perna para trás, e sorri grandemente para a câmera clicando.

Como uma sociopata profissional.

Puta que pariu.



À tarde, eu deveria fazer um piquenique com Laura em um vale florido, saído daquele horrível filme *Crepúsculo*. Não posso chamar essas excursões orquestradas de "encontros", mesmo em minha própria mente. Meu senso de humor não é tão delirante. De qualquer forma, o piquenique não acontecerá. Eu tenho planos mais importantes para executar.

Planos secretos, fora das câmeras.

E para que aconteça, eu preciso de James.

Ele está entre os tripés de iluminação, braços cruzados, olhos sempre vigilantes.

“Aqui está o negócio”, digo a ele calmamente, “Eu vou escapar esta tarde. Vou deixar você me seguir, desde que você mantenha certa distância e”, aponto para Vanessa personificada em uma câmera camuflada no SUV, “desde que seus homens os mantenham afastados. Isto está rigorosamente fora dos radares. De acordo?”

Seu aceno de cabeça é rápido e rígido. “Claro, senhor.”

Meia hora depois a *Missão Abandonar Matched* é realizada com sucesso. E eu estou no conversível, com apenas James me seguindo, em meu caminho para a biblioteca.

Encontro Willard nas catacumbas da Biblioteca Concordia—Sarah explicou que é aqui que eles fazem a preservação e o trabalho de restauração. São dois andares abaixo do nível do solo, mas surpreendentemente moderno, bem iluminado e livre de poeira. Uma pequena e preciosa senhora—felizmente para mim—com uma visão fraca, me dirigiu para o lado oposto da vazia recepção.

Willard olha para cima quando entro, deslizando em sua cabeça um grosso e avermelhado óculos que mais parece de ficção científica e arregala os olhos. “Princesa. Isto é surpreendente. A que devo esse prazer?”

“Eu preciso de sua ajuda.”

Ele riu. “Oh, como os poderosos caíram. Eu amo isso. Como posso servir?”

Nunca conheci outro homem que poderia tão habilidosamente transmitir em seu tom o oposto do que suas palavras significam. Sarcasmo, seu nome é Willard.

“Sarah está chateada comigo.”

O canto da boca se curva para cima.

“Sarah raramente fica com raiva e quando fica, isso nunca é bonito. Você chutou um cachorrinho?”

“Não. Destruí um de seus livros.”

Ele congela no lugar e sua voz fica aturdida em suavidade.

“Qual?”

Minha barriga se contorce de vergonha. “*Razão e Sensibilidade.*”

“Por quê... você fez isso?”

Esfreguei a minha nuca. “Eu não queria... eu perdi a paciência...”

“Saia.”

Willard tira os óculos de sua cabeça, batendo-os contra a mesa.

“Não, você não entende...”

“Compreendo perfeitamente. O que você não parece compreender é que Sarah é a minha melhor amiga. A única que eu tenho. Não vou te ajudar. Desapareça, princesa.”

Ele se vira para ir embora.

E eu grito: “Ela está ferida!”

Isso o faz pausar no meio do caminho, suas costas se enrijecem.

“Eu não a deixei irritada, a magoei terrivelmente. Ela ainda está sofrendo... e eu não aguento mais, Willard.” Minhas mãos encontram seu caminho em meu cabelo.

Movo-me para frente dele, dobrando meus joelhos para olhar em seus olhos, o que parece bastante adequado.

“Ajude-me a melhorar isso. Não por mim, mas por Sarah. Por favor.”

Willard me olha por vários momentos. E então suspira.

“O que você precisa?”

“Eu preciso de suas conexões, seus contatos. Preciso encontrar um livro.”

Depois de uma viagem de três horas, Willard e eu estamos em uma loja de livros raros, empoeirada e abarrotada, entre dois prédios fechados, a um quarteirão de um acampamento de sem tetos. Sob os olhos suspeitos do dono da loja, eu verifico a mercadoria.

Parece uma transação de drogas.

“O que você acha?”

Willard fala com o seu grande cachimbo curvado entre seus lábios.

“Depende. O que você acha Princesa?”

Giro a brilhante primeira edição de *Razão e Sensibilidade* em minhas mãos enluvadas em látex—insistência do dono. Cuidadosamente, folheio as páginas imaculadas... com a voz suave e arejada de Sarah na minha cabeça—desde a primeira vez que nos encontramos, naquele pub há mais de um ano.

“A única coisa que cheira melhor do que um novo livro é um livro velho.”

Largo o livro.

“Não é este. Ela deseja um livro que tenha sido lido—marcado com dobras e que deteve muitos suspiros—não um que tenha sido enjaulado em vidro toda a sua vida. Ela vai querer uma que tenha sido amado.”

Muito lentamente, Willard sorri. “Ainda há esperança para você.”

Passo pela porta do Castelo Anthorp às duas da manhã—exausto e, ainda assim, triunfante. As salas ainda estão quietas e vazias, todos os meus hóspedes sugando avidamente os peitos do sono da beleza. Sigo para as escadas, mas uma forma sai da sala de música—e uma voz.

“Você perdeu dois encontros hoje.”

Não tão vazio quanto eu pensava.

Viro-me para encarar Vanessa, ainda de terninho e salto alto, e um scotch com soda na mão.

“Eu tinha algo importante para cuidar.”

“Mais importante que o show?”

Eu riria, mas estou muito cansado.

“Sim, muito mais.”

Ela dá um gole em sua bebida enquanto caminha em minha direção, deliberadamente. “Nós precisávamos dessas filmagens, Henry.”

“Você as terá amanhã.”

Seus lábios crispam como se de repente sua bebida fosse amarga. “Você estará na sala de jantar, vestido e pronto para o café da manhã com a princesa Alpacca, às seis da manhã, fui clara? Eu tenho lidado com *talentos* mais difíceis, Vossa Alteza. Se sabe o que é bom para você, você vai se lembrar disso.”

Endireito meus ombros, baixo minha voz e sem sequer tentar… soando como o meu pai. “Não tenho *talento*, Vanessa—e não respondo bem á ordens. Pelo bem do seu show, você realmente deveria tentar se lembrar disso.”

Sarah

Eu sou uma covarde. Não deve ser uma surpresa, mas acontece.

Eu sou uma idiota. Isso é novo. E incômodo.

Pela noite—ou pela manhã, acho que seria mais preciso—deito

na cama, olhando para o teto, e me deparo com essas verdades frias e duras. Henry danificou meu livro e isso é perturbador, mas não foi por isso que o chutei e me recusei a vê-lo. Não é por isso que rejeitei suas desculpas.

É por causa do beijo. Continuo pensando nisso, não importa o quão desesperadamente eu tento esquecer—meus lábios ainda formigam com a carícia de sua boca. Foi mais adorável do que eu imaginava ou esperava que pudesse ser. Meu estômago girou e minha cabeça se acendeu, e meu coração bateu rápido e emocionado como se eu fosse morrer—enquanto me sentia mais viva que eu já senti.

Porque eu queria que Henry me beijasse. Queria beijá-lo de volta. E eu não queria parar em apenas um beijo. Queria me empurrar contra ele e sentir sua força proeminente em toda parte. Seus braços impressionantes me abraçando, suas mãos grandes me tocando. Eu queria sentir a pressão dura de seu peito contra meus seios, a solidez do seu estômago, e sentir seus quadris contra os meus enquanto ele me cobria sobre a cama.

Quero saber o sabor de sua pele, o escovar de sua barba, o gosto de sua boca.

Ele não é o que imaginei para mim—sou honesta sobre isso. Henry é selvagem e imprudente, mas isso não resume quem ele é. Ele também é gentil, amável e paciente, e de quebra, habilidosamente inteligente... e maravilhoso. Sem mencionar aquelas partes que deixei de fora.

Henry pode me destruir; o prenúncio está claramente escrito. É uma história tão antiga quanto o tempo: A sabichona inexperiente e o garanhão safado.

Caramba, eu sou uma piada.

Mas a maior parte do meu coração não se importa. Diz que vale a pena. Grita comigo, que somos fortes o suficiente para sobreviver à quebra. Marianne sobreviveu. Vamos colar-nos novamente e guardaremos memórias incríveis de um rápido romance arrebatador, como eu nunca conheci.

Meu coração me pergunta se já não estou cansada—cansada de estar com muito medo para saltar e pular, cansada de manter meus pés tão firmemente no chão. Eu gemo e cubro meu rosto com um travesseiro. E o seu cheiro me envolve, me preenche. Aperto-o mais e inalo seu cheiro, me sufocando dele.

E agora me tornei um clichê também.

Que se dane tudo.

Coloco o travesseiro de lado e saio da cama. Hora de ser uma mulher madura. Vou encontrá-lo, aceitar e pedir desculpas. Nem me incomodo com o meu roupão ou chinelos; apenas corro para a porta saindo para o corredor—me deparando com um item duro, grosso do lado de fora da minha porta.

As emoções são coisas misteriosas. Às vezes se constroem lentamente, surgindo como uma onda antes de aumentar num pico e bater sobre você.

Mas não isso é o que estou experimentando agora.

Enquanto me abaixo para pegar o velho e gasto livro no corredor, minhas emoções batem como uma bala. Duras e penetrantes, abrindo um buraco no meu peito. Eu sorrio enquanto lágrimas surgem em meus olhos. É como a máscara do símbolo do teatro—alívio e dor, alegria e tristeza. Poderia dizer que é uma das melhores coisas que alguém já fez por mim, e isso seria verdade. Mas não é por isso que significa o mundo absoluto para mim.

Significa muito porque Henry fez isso. E ele fez isso por mim.

Traço as letras na capa, balançando a cabeça. E então abro o livro e suspiro.

Ele escreveu nele. Uma cópia da primeira edição de *Razão e Sensibilidade* que sobreviveu relativamente ileso aos séculos, e o bastardo louco escreveu nele.

Claro que sim.

Eu rio enquanto as lágrimas escorrem pelas minhas bochechas,

me sentindo um pouco desarticulada.

Agora você pode sonhar um novo sonho.

H

Seguro o livro contra meu coração, envolvendo meus braços em torno dele, levando-o comigo enquanto ando diretamente para o seu quarto. Mas Henry não está lá. Por um momento terrível, me pergunto se ele encontrou um quarto diferente para dormir—talvez o de Cordélia ou Libby.

E a dor que me atravessa através, tira meu fôlego.

Mas Henry faria isso? E eu sei a resposta antes de terminar o pensamento.

O Henry que eu conheço—não o cara selvagem nos jornais ou o suposto rei que, como minha irmã diz terá um harém, mas o cara que gosta de falar em sussurros suaves sobre coisas bobas, tarde da noite; aquele que toca sua guitarra e me ouve cantarolar, aquele que me leva para passear em trilhas através do bosque; o homem que queria me ensinar a nadar e que queria ter certeza de que eu vivesse antes de morrer —ele não faria.

Meu Deus, eu sou uma idiota.

Quero encontrá-lo, preciso vê-lo... agora. Checo a biblioteca primeiro, a sala de jantar e sala de música, e eu ouço o zumbido das câmeras, instaladas nas paredes, seguindo-me enquanto caminho. Vou para a cozinha... e lá está ele, largado sobre a mesa, curvado com a cabeça apoiada nos braços. Seus olhos estão fechados, sua boca macia e seu maxilar relaxado.

Henry parece tão mais jovem assim. Tranquilo.

Eu vi Henry brincalhão e provocante. O vi frustrado e tenso. Mas pacífico é seu estado mais bonito. Estendo minha mão, traçando o topo firme de sua testa, bochechas, nariz e queixo, sem realmente tocá-lo.

Com uma ingestão de ar, seus longos cílios vibram e seus olhos verdes escuros me olham.

“Sarah?” Ele pergunta sonolento.

Eu amo como ele diz o meu nome, quente e suave como um abraço reconfortante.

“Obrigada pelo livro, Henry”, sussurro. “Obrigada.”

Ele se senta, sorrindo adoravelmente e amarrotado. “Você gostou?”

“Eu adorei.” E espero que ele ouça a sinceridade em meu tom. “É o meu mais novo favorito.”

“*Razão e Sensibilidade* sempre foi o seu favorito.”

“Mas agora é o meu favorito por uma razão melhor.” Estendo a mão para ele. “Vamos. Hora de dormir.”

Henry pega minha mão, mas quando eu lhe dou um puxão para levantá-lo, ele puxa mais forte e um segundo depois, estou entre seus joelhos espalhados. Ele olha para minha mão na sua, passando seu polegar através dos nós dos meus dedos, enviando um quente formigamento latejando entre minhas pernas.

“Desculpe-me pelas coisas que eu disse.” Sua voz é rouca e os formigamentos aumentam. “Eu não quis dizer nada daquilo.”

“Eu sinto muito.” Minhas palavras correm para fora porque há tanto que eu quero dizer. “Eu não acho que você é egoísta ou leviano. Não acho que você é um Willoughby. E eu não acredito que você me machucaria.”

“Eu machuquei você.”

Meu coração quebra, não por mim, mas por ele.

“Só porque eu te magoei primeiro.”

Seus lábios se afundam nos cantos e sua cabeça dá um pequeno aceno. “Você se tornou... importante para mim, Sarah. Eu erro muito; sempre. Mas não quero estragar tudo.”

Que estranho par nós somos. O menino triste e a menina assustada.

Olho nos olhos dele, me aproximando, colocando minhas mãos em seus ombros. “Eu não vou deixar você estragar tudo.”

“Somos amigos então?” Ele pergunta. “Sou normalmente muito bom nisso.”

É o que eu quero realmente ser—a amiga de Henry?

Novamente, eu sei a resposta antes de terminar o pensamento. E a resposta é não. Mas não posso simplesmente dizer isso. Como funcionaria? Como seria? Eu nunca fui boa em falar e não vejo como desta vez seria diferente. Meu estômago agita ameaçadoramente.

Tenho que pensar, descobrir, e organizar as palavras da maneira certa. Descobrir o que Elizabeth Bennet teria dito se tivesse que fazer o discurso em vez do Sr. Darcy.

Então eu aceno. “Sim, claro que somos amigos.”

Bolas, bolas, bolas.



Vamos para cama, mas nenhum de nós dormiu. Não sei sobre Sarah, mas estou muito aliviado por estar perto dela novamente. Animado. É como a noite de Natal depois que você abriu seus presentes e conseguiu exatamente o que queria mais do que qualquer coisa. Ninguém quer dormir depois disso; você só quer continuar tocando e segurando e olhando o fascinante brinquedo novo.

“Você acha que fui tola, ficando tão chateada sobre um livro?” Sarah pergunta deitada de costas, olhando para o teto.

Levanto meu braço, mostrando a pulseira de identificação de platina ligada ao em meu pulso.

“Minha mãe me deu isso quando eu tinha oito anos. Nunca a tiro. Possuo um Maserati e a coroa, mas este é o meu bem mais precioso. Eu entendo o valor sentimental.”

Ela suspira, virando na cama para me encarar, com as mãos enfiadas debaixo da bochecha. É minha pose favorita dela, a mistura perfeita de fodidamente quente e inocência.

E eu quero beijá-la tanto que meus lábios palpitam.

“Eu exagerei, por... várias razões. Vou tentar não fazer mais isso. De agora em diante eu vou imaginar o que sua avó faria, primeiro. Ela é uma mulher tão forte, um modelo a ser seguido. Não consigo imaginá-la chorando por nada.”

“Eu a vi chorar uma vez.”

Sarah chega mais perto, sua perna descansando perto da minha debaixo das cobertas. “Você viu? Quando?”

Enfio meu braço sob minha cabeça, descansando no meu antebraço, olhando para o teto, contemplando. “Depois que o avião dos meus pais caiu... foram necessários alguns dias para encontrarem os destroços. Você se lembra?”

Sarah balança a cabeça, e os cantos de sua boca caem com simpatia.

“Aqueles dias me deram tempo para pensar... para inventar um pouco de fantasia na minha cabeça. Sempre tive uma imaginação intensa. Então, mesmo depois de terem recuperado seus corpos, eu não acreditei. Pensei que era tudo um truque—algum ardil maligno de um país adversário que os mantinham em cativeiro. Ou, que talvez, tivesse sido apenas um engano.”

Então, um sorriso triste puxa meus lábios enquanto me lembro

do menino que eu tinha sido. Apesar de toda a merda tóxica girando em torno de nós—as complicações que vêm como parte integrante de quem nós somos—meus pais fizeram um bom trabalho de me manter isolado. Protegido. E assim, ao contrário do meu irmão mais velho e perpetuamente realista, aos dez anos de idade, eu ainda estava esperançoso e otimista.

Ainda jovem—e tragicamente inocente.

"Eu os imaginei em uma ilha remota em algum lugar, nos esperando encontrá-los. Imaginei meu pai com uma barba longa e emaranhada, construindo uma casa da árvore para eles com ramos e folhas de palmeira. E minha mãe, fazendo pequenas xícaras de chá com cascas de coco."

Sarah sorri suavemente. "Como *Robinson Crusoé*."

"Sim." Limpo minha garganta, raspando o nó que se instalou lá, porque essa parte é mais difícil. "Eu tinha certeza, que se pudesse ver os corpos, seria capaz de revelar a verdade. Convencer a todos que deveríamos continuar procurando por eles. Então, fiz o carro me levar ao necrotério."

Porque embora eu ainda fosse um menino, tinha um título antigo na frente do meu nome, e não havia um motorista ou membro da equipe que pensasse em me questionar.

"Quase cheguei à sala fria onde guardavam os restos mortais. Havia guardas, é claro, mas todos estavam dispostos a me deixar entrar. Exceto a médica. A Drª. Ramadi era a médica legista chefe—encarregada dos casos VIP—chefes de Estado e outros. E ela ficou na frente daquela porta como Gandalf[37] o Cinzento com uma prancheta em vez de um bastão. E se recusou a me deixar passar."

"Fiquei furioso. Bati meu pé como um pequeno fedelho arrogante e lhe disse: 'Eu sou Príncipe de Wessco—*seu* Príncipe—então saia do meu caminho.' E ela olhou de volta para mim e disse: 'Você é uma criança, Alteza. E sua mãe e seu pai não se parecem com eles mesmos.

[37]Gandalf é um personagem fictício das obras do autor e filólogo britânico J. R. R. Tolkien, O Senhor dos Anéis.

Não vou deixar essa imagem ficar em sua mente."

"Foi um impasse durante vários minutos... até que a rainha atravessou a porta. Não sei quem a chamou, mas lembro de pensar em quão cansada ela estava. A Rainha nunca parecia cansada, mas estava naquela noite. A Drª. Ramadi saiu e minha avó me perguntou o que no mundo eu estava pensando. E contei a ela tudo sobre minha teoria—a ilha e as xícaras de chá, tudo isso. Quando eu o fiz, comecei a desmoronar; era difícil falar. Eventualmente, acabei implorando: 'Por favor, vovó. Eles estão lá fora—eu sei que eles estão. Por favor, me ajude vovó."

Faço uma pausa por um momento, distraído pelas palavras ecoando em minha memória e a sombra do sentimento doentio que torcia minha barriga. Desamparo.

"E então, ela me abraçou. Realmente me abraçou. Foi a primeira vez—a única vez—ela nunca fez mais isso. Seus braços eram tão fortes. Minha avó pressionou meu rosto contra seu peito e acariciou meu cabelo, e disse: 'Oh, meu doce menino, eu te daria qualquer coisa... mas eles se foram, Henry. Eles foram embora."

"Então ela chorou. Nós dois choramos."

Sinto a mão de Sarah no meu queixo, seu polegar me acariciando. Seu rosto perto do meu e os seus belos olhos brilhantes e tristes. "Sinto muito, Henry."

Dou um aceno. E termino a história.

"Mais tarde, descobri que a Rainha agradeceu a Drª. Ramadi pelo que fizera. E depois... ela prontamente a demitiu."

Sarah suspirou. "O que? Mas por quê?"

"Eu perguntei a mesma coisa. E minha avó me disse: 'A dissolução não é tolerada, você deu uma ordem a Drª. Ramadi—e a ordem de um príncipe sempre deve ser obedecida. Mesmo quando ele está errado.' E então ela disse: 'Então, esteja atento às ordens que você dá, meu menino. De uma forma ou de outra, terão consequências."

A respiração de Sarah foge dela, fazendo cócegas no meu peito.

“Uau. Como... isso é... pesado.”

Minha boca se abre em um sorriso malicioso. “É.” Coloco uma mecha do seu cabelo sedoso atrás de sua orelha. “E é por isso amor, que todos nós estamos tão fodidos.”



Capítulo 14

Henry

E o show continua. Ainda é uma distração, continua divertido e um inferno de muito melhor do que pesadelos e sentar sozinho na biblioteca à noite debruçado sobre detalhes chatos e leis, e a minha obsessão sobre a altura do penhasco que eu tenho que conduzir o meu país. Se eles realmente deixarem eu me tornar um rei.

Mas... *Matched* é tão diferente do que eu imaginava. Agora eu tenho Vanessa escolhendo quais meninas eu deveria enviar os sapatinhos—porque eu realmente não me importo. Todas as fantasias de sexo sujo que pensei em realizar quando tudo começou, agora nem estou mais interessado e muito menos em qualquer uma das ladies.

Bem, isso não é inteiramente verdade. Não estou mais interessado em foder qualquer uma concorrente—nem mesmo um pouco. Uma irmã em particular de uma concorrente, no entanto... essa é outra história.

Envio os sapatinhos a várias meninas, incluindo Libby e Jane Plutorch. Jane reage previsivelmente, o que quer dizer que ela não tem nenhuma reação. Princesa Alpacca e o sorrateiro Guermo fugiram e casaram em uma cerimônia secreta que não foi descoberta até que publicaram nos jornais. Vanessa está emocionada—será uma grande publicidade, ela diz, quando o show for ao ar.

Depois de uma semana, só temos quatro finalistas: Cordélia, Laura, Elizabeth e Penny. Em uma manhã estou filmando cenas com Laura na praia. É suposto que fiquemos sentados na areia nos

acariciando, procurando por conchas—tudo deve ser terrivelmente romântico.

Mas não há nada romântico sobre areia cobrindo suas bolas.

Com a água correndo por cima dos meus pés, olho pela praia, observando Sarah em sua roupa de ginástica, executando seus exercícios de aikido. E Laura me olha fixamente.

"Ela é adorável, não é?" Laura pergunta, de pé ao meu lado.

Estreito os olhos, balançando a cabeça.

"Quem quer que a consiga será um cara de sorte, eu acho."

Seu comentário amplia o vazio em meu peito.

"Sim." Forço um sorriso. "Muita sorte."

"Henry—"

Antes que ela possa continuar, um carrinho de golfe surge e Vanessa Steele salta dele e segue até a praia em nossa direção.

"Ei, nós temos um problema. Você tem alguns convidados inesperados no portão. Você deve dar uma olhada."

Convidados? Quem viria aqui para me ver?

Salto no carrinho de golfe e dirijo até o portão principal. Chegou a tempo de ouvir Franny Barrister, a condessa de Ellington, destruindo um pobre e desorientado segurança.

"Não me diga que não podemos entrar, sua bunda de cavalo. Onde está Henry, o que você fez com ele?"

Simon, o melhor amigo de meu irmão, vê eu me aproximar, seus brilhantes olhos azuis brilhando. "Ali está ele."

Eu aceno para o segurança abrir o portão.

"Simon, Franny, o que vocês estão fazendo aqui?"

"Nicholas disse que você não parecia muito bem da última vez em que falou com você. Ele nos pediu para dar uma olhada em você",

explica Simon.

O olhar astuto de Franny me irrita. “Ele não parece bêbado. E obviamente não se enforcou nas vigas— isto é melhor do que eu esperava.”

“Obrigado pelo voto de confiança.”

Simon olha em torno do terreno, no conjunto de membros da produção e nas tendas armadas. “Que diabos está acontecendo aqui, Henry?”

Limpo minha garganta. “Então... a coisa é... eu estou meio que... filmando um reality show de namoro aqui no castelo, começamos com vinte mulheres e agora estamos com quatro, e quando acabar, uma delas receberá a tiara de diamantes e se tornará minha noiva. Pelo menos em teoria.”

Soou muito melhor na minha cabeça.

“Não conte a Nicholas.”

Simon esfrega a mão pelo rosto. “Agora vou ter que evitar as ligações dele—sou terrível com segredos.”

E Franny solta um gemido tilintar. “Isso é fabuloso! Você nunca decepciona garoto malvado.” Ela bate no meu braço. “E não se preocupe, quando a rainha te jogar para fora do palácio, vamos adotá-lo. Não é mesmo, querido?”

Simon concorda. “Sim, como um cão abandonado.”

“É bom saber.” Então gesticulo para o carro deles. “Bem... foi bom vocês passarem por aqui.”

Simon acena. “Você não vai se livrar de nós tão facilmente, companheiro.”

“Sim, definitivamente vamos ficar.” Franny bate palmas. “Eu tenho que ver isso!”

Fantástico.

Dou a Simon e a Franny uma grande turnê, informo sobre as regras e as concorrentes. Quando entramos na grande sala, onde grande parte da produção se reúne, Cordélia e Elizabeth se afastam quando Franny passa, assim como cobras abrindo espaço para outra cobra. Um tempo atrás, Franny era a Rainha das Meninas Malvadas— mas desde que se apaixonou por Simon, ela é muito melhor.

Ela olha para o patamar no alto da escada.

“Interessante. São as irmãs Titebottum?” Pergunta. “Penélope e Sarah?”

Minha voz se suaviza involuntariamente quando olho para elas. “Sim. Você as conhece?”

A expressão de Franny é sombria. “Sim. Um pouco.”

“Bom. Agora que eu penso sobre isso, você poderia ser útil para Sarah. Ela é terrivelmente tímida e você é tão... não. Estou tentando tirá-la de sua concha.”

“Todo mundo sabe que a melhor forma de tirar uma tartaruga do seu casco é enfiar um dedo em sua bunda. Já tentou isso?”

Bufo. “Eu faria se pudesse, acredite em mim.”

Franny suspira. “Mmm. Tudo bem então, vou me apresentar para a garota tímida.”

Ela sobe as escadas, seus saltos pretos clicando, para fazer exatamente isso.

Observo o trio trocar gentilezas e então Franny passa o braço através do de Sarah. “Eu já gosto de você. Seremos melhores amigas.”

Quando a tarde se transforma em noite, Penny, Elizabeth, Laura e Cordélia sobem para se trocar para o jantar e Sarah segue a etiqueta junto com sua irmã. Aparentemente, é uma noite de encontro em grupo—vão filmar enquanto levo as quatro meninas em um jantar para "agitar as coisas", como esclareceu Vanessa.

Simon e Franny assinam papéis de divulgação no caso de serem pegos pela câmera. Antes de começarem a gravar, Sarah desce as escadas. Seu cabelo está solto, brilhante e enrolado nas pontas. Ela está usando um vestido cocktail de seda, elegante do jeito apropriado, e perco a capacidade de falar. Vovó ficaria muito contente.

Ela parece linda, mas raramente parece outra coisa. A razão pela qual fiquei mudo foi porque em vez de suas roupas pretas típicas, o vestido que Sarah está usando é… vermelho.

Vermelho rubi.

A cor aquece sua pele e traz o ouro em seus olhos.

"Uau," eu sussurro.

Ela sorri, suas bochechas corando em um tom de rosa, e inquieta pressiona sua mão contra o estômago. "Obrigada. É da Penny, Franny me ajudou a fazer uma rápida alteração—sabia que ela costura?"

"Franny é uma mulher multifacetada."

"Sim."

Então, agora sou o único inquieto. "Qual é a ocasião? Encontro quente?"

Sarah engole em seco e olha pra mim, esperançosamente. "Não. Eu só pensei que poderia ser a hora de… tentar algo novo."

"O algo novo parece realmente bom em você."

Sarah parece prestes a dizer algo mais, mas então o diretor pede que a filmagem comece. Ela se afasta, enquanto Penélope desce as escadas, com os ombros para trás, boa parte dos peitos para fora, e a cabeça loira erguida—num pequeno e agradável vestido azul royal.

Quando ela chega ao último degrau, inclino e beijo sua mão. Penny ri para as câmeras, e depois toma seu lugar perto da porta.

Laura desce as escadas em seguida, em um vestido cor-de-rosa claro, com uma saia flutuante. Ela parece melhor agora do que algumas semanas atrás—suas bochechas estão mais cheias e sua palidez está quase sumindo. Ela me dá um beijo na bochecha e eu devolvo o favor.

Mesmo Penny e Laura sendo lindas, meus olhos continuam vagando até Sarah, onde ela conversa com Franny e Simon.

Não consigo parar de olhá-la.

Então há uma comoção no topo da escada quando Cordélia e Elizabeth discutem sobre quem será a próxima a descer. E ainda melhor?

Elas estão usando exatamente o mesmo vestido.

Para as mulheres—especialmente as nobres—é o pecado original. Você pode foder seu homem e insultar sua mãe, mas é melhor você não usar o mesmo vestido.

Cordélia e Elizabeth ainda não perceberam, mas você sabe o exato momento que isto acontece—porque logo depois, elas começam a gritar e arrancar os cabelos uma da outra.

Vanessa Steele assiste ao drama com alegria—parecendo uma criança em uma loja de doces no Natal.



O restaurante é um pub discreto, confortável como o The Goat,

porém mais sofisticado, com um pequeno palco em uma extremidade. O lugar está lotado, quase todas as mesas ocupadas e há um barulho alto de conversas—como um som ambiente usual. As reações dos clientes para mim são... fora do comum, estranhas. Eles observam minha movimentação, mas continuam suas conversas como se não estivessem surpresos que um príncipe acabou de atravessar a porta, como se soubessem que não deveriam ter notado. E eles não olham uma única vez para as câmeras.

"Quem são essas pessoas?" Pergunto a Vanessa quando ocupamos nossos lugares.

"Extras. Figurantes americanos—chegaram esta manhã, mas o público nem notará nada." Ela mexe os dedos. "A magia da televisão."

Sento com as ladies em uma mesa, onde as câmeras estão instaladas, enquanto alguns dos membros da equipe, bem como Sarah, Simon e Franny ocupam uma mesa ao lado.

Peço bebidas para todos—tequila. Três rodadas mais tarde, Elizabeth e Penélope estão jogando pedra, papel e tesoura para a próxima dose. Quando as bebidas não chegam rápido o suficiente, elas começam a fazer desafios. A perdedora tem que subir no pequeno palco e cantar com seu coração.

Penny perde. Então começa surtar. "Oh meu Deus, oh meu Deus, eu não posso cantar... sou uma péssima cantora... não posso cantar na televisão—vou parecer uma idiota. Talvez eu possa dançar em vez disso, um rápido número de sapateado?"

"Não." Cordélia aponta seu dedo. "Nós apostamos em cantar. Esse era o acordo. Se você não pagar, nós vamos cortar seu cabelo."

Penny franze o cenho e preventivamente agarra seu couro cabeludo.

"Ninguém vai cortar o cabelo da minha irmã."

Cada par de olhos se volta para o final da mesa, surpreso. Porque a voz é firme e um pouco ameaçadora. E isso vem dos lábios de Sarah. Gostaria de saber se isso faz parte de sua decisão de "*tentar algo novo.*"

Sarah olha para Cordélia. “Vou subir e cantar por ela.”

“Você?” Cordélia suspira ironicamente. “Você mal consegue falar. E é contra as regras, de qualquer forma.”

Sarah não recua, nem uma polegada. “As regras mudaram.”

Boa garota.

Cordélia balança a cabeça, seu rosto torcendo-se de despeito. Em seguida ela pega um copo, o segura com um braço esticado, e o deixa cair no chão, quebrando-o.

Quando nada acontece, e Sarah simplesmente continua a olhar com desdém, a confiança viciosa desaparece dos olhos de Cordélia.

“Você deve limpar isso,” Sarah diz, aconselhando-a. “Alguém poderia se machucar.”

Franny estala sua língua. “Toda essa porra de fofoca fez de você uma Cadela Má, Cordélia. Você deveria quebrar o seu selo agora — talvez isso ajude na sua condição.”

Já falei que eu amo a Franny?

Mas estou focado em Sarah, em seu pequeno vestido vermelho, no palco, murmurando para si mesma torcendo os dedos em nós e parecendo como se a qualquer momento fosse desmaiar ou vomitar.

Levanto-me e vou para seu lado. “Como vamos fazer? Será Davey 2.0?”

Sua garganta se convulsiona quando engole. “Provavelmente. Não sei o que estava pensando.”

“Você estava pensando em defender a sua irmã.”

Sarah olha para a multidão, que não a notou ainda—seus olhos infinitamente grandes e escuros, seu rosto mais pálido a cada segundo.

E ela sussurra, “Eu não posso fazer isso, Henry.”

Desprendo seus dedos por ela. “Sim você pode. Estarei aqui o tempo todo.”

Seus olhos se voltam para mim e lhe dou uma piscadela. Puxo uma cadeira e pego um violão que está apoiado na parte de trás do palco, testando as cordas e ajustando o amplificador.

A pub fica em silêncio, todos assistindo. Esperando.

Sarah respira profundamente e fecha os olhos—não tão firme ou tão apertado—suavemente, como se estivesse sonhando. E toco as notas iniciais, suaves, tristes e consistentes.

É "Aleluia".

E então ela começa a cantar, e estou tão orgulhoso dela, quero escalar uma montanha só para gritar isso. Sua voz é clara e assombrosamente linda. Naquele momento, cada pessoa no público se apaixona por ela. E quando Sarah canta sobre ficar diante de Deus sem nada em seus lábios, mas somente Aleluia—me apaixono por ela ainda mais também.

Quando chega à parte que eu sempre interpretei como falando sobre o sexo—movendo-se um no outro e ofegando—Sarah abre seus olhos, mas só olha para mim. E sinto que seus olhos penetrantes podem capturar minha alma.

Então eles estão fechando novamente e ela termina a canção como deve ser finalizada—pungente e sem vergonha com a emoção quebrada que soa em cada sílaba. "*Aleluia, Aleluia, Aleluia, Ale... luuuu... ia.*

Quando seus lábios se fecham e a nota final ainda está tocando no ar, a pequena Sarah Von Titebottum traz a casa abaixo.

E a noite não acaba por aí, nem sequer perto. Quando voltamos para o castelo, Vanessa tem uma surpresa. "Eu pensei que precisávamos subir o quociente divertido por aqui, então... vamos ter

uma festa.”

Ela nos leva para o salão, onde o inferno sagrado—Bartholomew Gallagar, Hannibal Lancaster, Sam Berkinshire, e cerca de meia dúzia dos meus melhores amigos e velhos companheiros da escola estão esperando.

“Surpresa! Divirta-se, Henry.”

Emily, a apresentadora, faz a introdução dos nossos novos convidados para as câmeras—que ainda estão gravando, gravando e gravando. E então eu estou cumprimentando os rapazes, dando tapinhas nas costas e bebendo.

Nicholas despreza Lancaster, mas eu sempre achei que ele estava procurando diversão.

“Seu bastardo sortudo” ele me diz, examinando o salão. “Você já fodeu todas, ou está passando-as?”

Os olhos de Sarah cortam por cima do ombro, ouvindo Hannibal e franzindo o cenho para o seu comentário.

Ele tira o cabelo castanho dos seus olhos quando localiza Cordélia. “Não estive com uma virgem em anos. Se ainda houver, me aponte em sua direção.”

Bato em seu ombro quando de repente começa uma discussão barulhenta perto do hall de entrada... por que só agora Sam viu Elizabeth.

“Lizzy?” Ele engasga. “Que porra você está fazendo aqui?”

Elizabeth desencadeia o inferno.

“Vai se foder, Sam! Você não tem direito me fazer perguntas, seu traidor!”

Apresso meu passo até eles.

“Henry?” E há tanta acusação na palavra de Sam.

“Não é o que parece. Eu posso explicar.”

Mas Elizabeth me bate com um soco. “Espere até o programa ir ao ar e todos me assistirem trepando com Henry.”

Não é verdade, mas ela parece ter uma emoção sobre a agonia que aparece no rosto de Sam.

“Pegue um grande balde de pipoca e assista com sua avó”, Elizabeth sibila.

“Você está dizendo que não gosta da minha avó?” Pergunta Sam arrasado e indignado.

“Estou dizendo que eu não gosto de você!” Elisabeth chia, seus cabelos voando como a Medusa.

Então Sam se vira para mim. “Eu vou arrancar suas bolas.”

Levanto minhas mãos. “Não é assim, Sam.”

Então, com um rugido, ele me ataca.



Sarah

Henry parece feliz. Bem, ele está. Depois que ele e Sam Berkinshire rolaram no chão por um bom tempo, a segurança os separou. Sam jurou a Elizabeth que as coisas que ela tinha encontrado—camisinhas e recibos—eram itens que ele tinha comprado para ela, para usar só com ela. Então ele confessou que a calcinha... ele tinha comprado para si.

Eu não esperava por isso.

E parece, que nem Elizabeth—ela não acreditou e ainda se

recusou a falar com ele.

Mas Henry está rindo, provocando e falando com todos na sala. Ele está no meio de um círculo de pessoas, homens e mulheres, contando histórias de suas travessuras e dos rapazes quanto estavam no colégio interno. Os risos são altos, abundantes e verdadeiros. Henry é o centro das atenções e é bom nisso, esticando e florescendo como uma planta exuberante ao sol.

Então, os instrumentos chegam e Henry pega sua guitarra e Sam retira uma gaita do bolso. E parece que Simon Barrister, o Conde de Ellington, toca bateria. Sua esposa, Franny—uma personalidade encantadora e animada—observa atentamente, adorando, pronta para gritar e aplaudir como uma adolescente em um concerto. Posso ver o por que.

Porque quando começam a tocar, e Henry começa a cantar a canção de Tom Petty "You Don't Know How It Feels"—usando jeans baixo, e uma camiseta branca lisa, seu cabelo diabolicamente bagunçado, seus braços flexionando quando dedilha os acordes, com suas tatuagens em exibição e seu sorriso pecaminoso—é a coisa mais sexy que já vi.

Não posso imaginar nada mais quente.

Mas então seus olhos se encontram com os meus e ele me dá uma piscadela, e admito que estou errada.

E quero pular nele. Literalmente, me atirar nele. Meus seios doem pelo toque dessas mãos fortes e seus longos dedos. Minhas coxas se apertam com um desejo bruto. Quero fazer coisas com ele—coisas que não posso colocar em palavras—e minhas bochechas queimam apenas em pensar nelas. Eu quero que ele me faça coisas—tudo. Qualquer coisa que ele quiser.

Quando a canção termina e eles começam outra, desvio meus olhos para longe. Sinto-me leve, bêbada e só um pouco quente. Abano meu rosto e me sirvo uma bebida, engolindo de uma só vez pela minha garganta seca. É tudo tão avassalador—selvagem, mas maravilhoso.

Com os sons da música me seguindo, saio do salão para um

corredor mais frio, querendo recuperar o fôlego por um momento. E eu costumava pensar que todas as heroínas que desmaiam em meus romances eram exageradas.

Mas agora sei que suas reações foram todas aceitáveis. Agora eu entendo bem.

E espero que antes que esta noite acabe eu entenda também todas as outras sensações—os gostos eróticos e toques— que eu já li a respeito.

A sala de música está a poucos passos do salão, a música e as conversas da festa ainda chegam claramente. Corro o dedo sobre a brilhante laca preta do piano, fecho os olhos e sonho com o que poderia acontecer hoje à noite. Imagino os gemidos satisfeitos de Henry, sua respiração ofegante em meu ouvido, sua gloriosa boca suja falando em uma voz áspera, carregada de desejo.

E então escuto uma voz atrás de mim—e não é de Henry.

“À primeira vista, não há muito sobre você. Mas de perto, você é realmente bonita. Eu gosto disso.” É um dos amigos de Henry—o rude. Ele está parado entre mim e a porta. E embora eu queira dizer a ele para ir embora ou passar por ele, meus pés estão congelados. Porque há um olhar em seus olhos que conheço muito bem, que já vi muitas vezes do que quero me lembrar.

Crueldade.

E isso me paralisa.

“Você está com medo?” Ele pergunta, se aproximando.

E eu não posso me mexer.

Então ele sorri lentamente.

“Eu gosto disso também.”

Capítulo 15

Henry

É sobre isso que estou falando. A música está alta, as bebidas estão fluindo e o salão está vivo com fumaça e vibração, e todos estão rindo. Todo mundo está se divertindo. Cristo, eu estava perdendo isso. Olá. Minha velha vida, muito tempo que não nos vemos.

Aperto as cordas na minha guitarra, debatendo o que devemos tocar a seguir. Black Crowes? Lumineers, talvez?

É quando um cinegrafista esbarra em uma mesa. Que se inclina antes de cair, enviando o relógio, vaso e pratos de porcelana para o chão com um estrondo forte e estridente.

Instintivamente, procuro por Sarah.

Varro o salão uma vez, depois de novo lentamente e com mais cuidado. Mas eu não a vejo. E a inquietação começa como um sussurro, uma carícia suave. Deixo a guitarra contra a cadeira e me levanto, girando em um círculo, examinando, procurando a cabeça escura e a forma bonita que eu reconheço em qualquer lugar.

Mas ela não está aqui.

E o mal-estar se torna preocupação. Minhas mãos começam a suar e meu coração se acelerar... Hannibal Lancaster não está em nenhum lugar à vista.

Hannibal, a quem meu irmão odeia.

Hannibal, a quem Nicholas não tolerara sequer olhar para sua

esposa, e muito menos estar perto o suficiente para falar com ela.

A preocupação se torna em pânico—o tipo que agita e cutuca minha barriga e faz levantar os cabelos na minha nuca. E é aí que eu faço a conexão que meu cérebro idiota era muito estúpido e egocêntrico para descobrir antes:

Meu irmão jamais odiaria alguém... sem uma razão muito boa.

Caminho até Penélope, colocando a mão em seu braço. “Onde está sua irmã?”

Ela pisca para mim antes de olhar ao redor do salão. “Eu não sei.”

Sem precisar dizer nada, Penny caminha até onde Elizabeth e Sam está conversando em tons quase silenciosos e animados.

“Vocês viram Sarah?” Ela pergunta. Quando ambos balançam suas cabeças, tenho que moer os dentes para não gritar.

Aproximo-me de Franny e Simon. “Vocês viram para onde Sarah foi?”

Os olhos afiados de Franny se agitam. “Eu a vi faz pouco tempo.”

Eu puxo meu cabelo, pronto para começar a derrubar as paredes, e Simon coloca a mão no meu ombro. “Ela não pode ter ido muito longe, Henry.”

Minha garganta se aperta, fazendo minha voz sair rouca.

“Mas... o acidente. Ela não é boa com barulhos altos.” Simon assente, mesmo que ele provavelmente não entenda. “Nós a encontraremos.”

“Príncipe Henry.”

É James. Olhar vigilante, como uma águia.

“Lady Sarah passou por ali.” Ele aponta para uma porta distante que leva a um pequeno corredor e depois a sala de música.

Eu poderia abraçá-lo agora mesmo. Em vez disso, bato em seu

braço. “Bom homem.”

Então corro na frente dele.

Quando chego à sala de música, meu pânico é queimado pela raiva com a cena que vejo.

Raiva quente e violenta, que eu nunca conheci.

Porque Sarah está no sofá, seu rosto pálido como a morte e seus olhos em um branco tão sem vida, com aquele maldito olhar vago, fodidamente horrível. E Hannibal Lancaster está ao lado dela, com as mãos sobre ela, tocando seus seios.

Levanto-o e o arremesso do outro lado da sala. “Se afaste dela, porra!”

E então estou ajoelhado, acariciando sua bochecha. Sarah está tão pálida. Eu daria qualquer coisa para vê-la corar agora.

Levanto-me quando Hannibal se aproxima, encarando Sarah atrás de mim. E sinto os outros correndo para a sala, mas não tiro meus olhos de Lancaster.

“O que você fez com ela?”

Ele encolhe os ombros, puxando o punho de sua camisa. “Nada. Um minuto ela estava bem e no seguinte estava totalmente fora. Acho que ela usou algo, talvez uma viagem ruim.”

A veia da minha têmpora lateja.

“Uma mulher fica catatônica e seu primeiro pensamento é pegar seus seios?”

“Oh, por favor, ela adorou. Olhe-a, pelo amor de Deus—essa provavelmente foi a maior ação que já teve em sua vida.”

Ouvi histórias sobre fúria assassina. Crimes de paixão. Mais frequentemente do que não os perpetradores não podem se lembrar de suas próprias ações. Eles estavam confusos, suas mentes e memórias confusas e obscuras.

Não é assim comigo.

Estou plenamente ciente do que estou prestes a fazer.

Eu vou matar esse filho da puta com minhas mãos.

E o idiota de merda nem percebe o que vai acontecer.

Pego Lancaster pela sua camisa e jogo meu punho no centro de seu rosto, repetidamente.

E de novo.

E de novo.

Há uma trituração molhada debaixo dos meus dedos que deveria ser repulsiva, só que isso me impulsiona para mais. Gostaria de ouvir esse som mais e mais. Mas quando recuo para outro golpe, braços sólidos me prendem por trás, passando sob meus ombros e bloqueando-os atrás da minha cabeça—me restringindo.

E a voz de James raspa em meu ouvido, “Isso é o suficiente. Você não pode matá-lo.”

“Afaste suas mãos de mim!”

Eu luto, mas ele me aperta. E então outra voz corta a minha raiva, me fazendo ponderar.

“Henry”, Franny diz. “Há um tempo e lugar para a retribuição. Agora não é esse momento.”

Seus olhos escuros são suaves com simpatia. Com compreensão. Mas então ela me lembra de algo muito mais importante.

“Ela precisa de você, agora.”

Ela precisa de mim.

Sarah precisa de mim.

E é como se um interruptor tivesse virado e cada célula em meu corpo muda e é reprogramada.

“Tudo bem”, digo a James, tentando me afastar. “Tudo certo!”

Ele me solta e fico de joelhos aos pés de Sarah. Penny está ao

seu lado segurando sua mão e sussurrando suavemente.

Toco seu queixo, em sua pele fria. “Sarah, olhe para mim.”

Mas ela não se move, não pisca. Há uma mancha de sangue em seu rosto—e é uma surpresa quando percebo que é dos meus dedos. Está escuro contra a palidez de sua pele, como uma mancha negra que deixei para trás. E fico subitamente ciente de todos na sala. As câmeras ainda estão filmando e todos os olhos estão focados em Sarah. Observando-a boquiabertos.

Ela não gostaria disso.

Então fico de pé, pegando-a em meus braços. A apoio contra meu ombro e empurro através do mar de corpos até a porta. Vanessa está em pé, com os braços cruzados.

Ao passar por ela, eu rosno, “A festa acabou.”



Eu levo Sarah, direto para o nosso quarto.

Nosso quarto.

E agradeço que esteja no terceiro andar, escondido em um canto do castelo—longe de tudo e de todos. Sarah está mole em meus braços, como um fantoche da qual as cordas foram cortadas.

“Eu sinto tanto,” sussurro, com meus lábios contra sua testa. Seus óculos estão torcidos, então os tiro. Sento-me na borda da cama, com os pés no chão, embalando-a em meus braços. Sua pele está fria, e eu a abraço mais forte.

“Eu sinto muito. Desculpe-me.”

E lamento. Mais arrependido do que já estive na minha vida. E isso realmente quer dizer algo.

É minha culpa. Eu a trouxe aqui. Se não fosse por mim, ela nunca teria ouvido falar de Hannibal Lancaster. Sarah estaria em seu pequeno apartamento simples, em sua pequena cidade, com os seus livros e amigos, cercada por pessoas que a amam, que nunca a machucariam. Ela estaria feliz... estaria segura.

Se não fosse por mim.

"Eu sinto muito."

Com um suspiro horrível e rouco, ela desperta batendo os braços.

"Está tudo bem. Você está bem." Eu a seguro, alisando seu cabelo. "Você está bem, sou eu. Estou bem aqui, eu tenho você."

Sarah para de lutar e soluça. "H... Henry?

Continuo balançando-a. "Sim, sou eu. Você está bem."

E logo em seguida seus braços estão me puxando para mais perto, suas mãos me agarrando, segurando-me como se algo estivesse tentando arrancá-la de mim. E ela está chorando.

Não, não simplesmente chorando. Soluçando. Grandes e arfantes, soluços que me destroçam. Seguro-a ainda mais perto, balançando e ninando, pressionando seu rosto na dobra do meu pescoço, tentando me tecer ao seu redor.

"Está tudo bem, Sarah."

"Eu... eu estava com... tanto medo."

"Eu sei, mas estou aqui agora. Eu tenho você."

"Eu odeio isso", ela engasga, pressionando-se no meu pescoço. "Odeio ter medo o tempo todo. Eu odeio isso."

E não consigo pensar em nada para dizer. Não posso dizer que está tudo bem, porque não está. Está tudo fodido e errado. Então dou a ela a única coisa que eu posso: *eu*. Deixo-a saber que não está sozinha.

"Eu tenho medo também."

Sua respiração prende em sua garganta, e seus se lábios pressionam no meu pescoço.

“O que você quer dizer?”

Ela me abraça mais apertado, descansando sua bochecha no meu ombro e minhas mãos a puxam para mais perto, ambos tremendo.

“Tenho medo de querer ser rei, de querer fazer o bem”, eu me desfaço. “De pensar que eu poderia ser capaz e realmente tentar... apenas para falhar. Para simplesmente descobrir que não sirvo. Estou com medo de desiludir todo mundo, que eles se magoem porque sou tão fodido. Portanto não me importo... e tudo porque estou tão assustado.”

Corro a mão pelos seus cabelos, acariciando, do jeito que a minha mãe costumava fazer quando eu estava doente. Seu estremecimento lentamente diminuindo no silêncio que se segue à minha confissão. Suas lágrimas se reduzem a um leve gotejar.

“Eu acredito em você, Henry,” Sarah diz suavemente. “Eu acredito que você pode fazer qualquer coisa... tudo o que você definir em sua mente, porque você se importa tão profundamente com todos que conhece. Você será incrível. Eu sei disso do fundo do meu coração e da minha alma. E o que digo é verdade, eu prometo—e não deixaria você tentar e falhar.”

E é milagroso como suas palavras me fazem sentir. Como se eu tivesse cem metros de altura e fosse mil vezes mais forte. Como se eu fosse um super-herói ou um deus.

Eu quero... ser o Rei.

Corro o dorso da minha mão sobre sua bochecha. “Eu deveria te reconfortar.”

Ela sorri suavemente. “Você fez.”

Pressiono um beijo em sua testa e nem penso em deixá-la escapar. Encosto na cabeceira da cama e mantenho Sarah nos meus braços, sua cabeça no meu ombro, a respiração doce contra o meu pescoço... até ela adormecer.

Capítulo 16

Henry

"O que há de errado com ela?"

Quando os olhos topázio de Penélope se endurecem e o queixo levanta, eu sei que escolhi exatamente as palavras erradas.

"Nada. Não há nada de errado com ela."

"Isso não foi o que eu quis dizer."

Passo por ela através da porta, para a área de estar do quarto. Acho que nunca estive neste quarto em particular. É coberto em tons de rosa e fúcsia e mais rosa repugnantemente feminino, como se a Barbie *Dreamhouse* tivesse vomitado sobre ele.

Penélope fecha a porta e fica na minha frente, segurando o cinto do roupão defensivamente.

"As fugas" começo, "quando ela se 'desliga'— Sarah chamou isso de peculiaridade. Não é uma peculiaridade, né?"

O aperto no rosto de Penélope se dissipa, suaviza, e algo como tristeza surge em seus olhos. "Não."

Meu coração dispara no meu peito e minha respiração acelera. Porque eu sabia disso antes de entrar aqui—mas ouvir alguém dizer isso, ouvir sua irmã confirmar que há algo de errado com Sarah—algo que talvez eu não consiga consertar, alguma parte quebrada dela, que Sarah nem ao menos vai me mostrar, e muito menos me dar a chance de consertar... É horrível.

“Eu vi isso acontecer em homens, soldados com PTSD[38]. Eles apagam e ficam presos em outro lugar, outra hora... Um *mau* momento. É assim que é com ela?

Os lábios de Penélope se dobram, o queixo tremendo. “Sim.”

Uma centena de manchetes horríveis pisca na minha cabeça de uma só vez. Eu aperto meus olhos fechados, mas ainda as vejo.

“O que aconteceu com ela?” Minha voz soa torturada até para meus próprios ouvidos. “Por favor, Penny, eu tenho que saber.”

Seus cabelos loiros pálidos balançam quando ela dá um pequeno aceno concordando, quase para si mesma, então me movo para sentar no sofá. E eu tenho que forçar meu joelho a parar de tremer com a energia não consumida me preparando para o que está por vir.

O fogo aparece e sua voz é gentil quando ela fala, como uma babá lendo sua carga de conto de fadas na hora de dormir. Você já notou como realmente até os contos de fadas são fodidos?

“Nossa mãe era tradicional quando se tratava de casamento. Escola muito antiga— ‘Até que a morte nos separe’. Um enxoval para costurar, uma virgem na noite de núpcias—toda a maldita coisa. Ela era... inocente... apenas dezoito quando se casou com o nosso pai. Ele tinha trinta e cinco anos. Seus pais, nossos avós, eram idiotas frios; já te disse isso. Eles ficaram felizes em se livrar dela. Depois do casamento, ele a levou para sua propriedade em Everly.”

Everly é mais um brejo do que uma cidade. Montanhas irregulares de um lado, oceano frio do outro—o tempo tão áspero e duro como uma pedra de um castelo.

“Minha primeira memória é o som da minha mãe gritando... implorando para ele parar. Meu pai ficava com raiva sem motivo algum. E era impiedoso. Sádico. As coisas ficavam calmas por algumas semanas depois, algumas vezes por alguns meses... mas depois tudo aconteceria de novo. Sarah e eu não frequentamos a escola; tivemos

[38]Estresse pós-traumático.

tutores. Ele dizia que era a melhor educação, mas eu acho que só queria o controle. O punhado de servos que tínhamos eram completamente dedicados a ele—por serem leais ou aterrorizados, nunca vou saber."

Penélope olha para o tapete cinza e malva, seus olhos brilhando, vendo algo que eu não posso.

"Costumávamos nos esconder no guarda-roupa. Sarah tinha lido As Crônicas de Nárnia e eu acho que alguma parte dela orou para que fosse real, que pudéssemos ser transportadas para algum lugar—qualquer lugar, exceto onde estávamos. Nós tapávamos nossos ouvidos e segurávamos os vestidos da mamãe sobre nossas cabeças para tentar amortecer os sons. Você não pensaria que poderíamos ouvir tão claramente", ela diz e olha para mim com lágrimas brilhando como gotas de gelo em seus olhos. "Quero dizer, era um maldito castelo. Mas os sons eram transmitidos e ouvimos cada bofetada, cada grito."

Suas sobrancelhas se juntam e sua testa enruga. "Eu tinha... cinco a primeira vez que Sarah fez isso, então ela teria cerca de sete."

"Ela fez o quê?" Pergunto.

"A primeira vez que ela deixou o guarda-roupa."

As palavras caem como chumbo no meu estômago. Como estilhaços.

"Sarah não podia suportar. Segurei a mão dela e pedi a ela que ficasse. Ela me disse para ficar lá, não importando o que acontecesse, não importando o que eu ouvisse." Lágrimas caem silenciosamente, uma após outra, pela bochecha lisa de Penélope. "E então Sarah saiu do quarto e começou a quebrar as coisas."

"Quebrar as coisas?"

Penélope acena. "Um vaso no corredor, pratos de porcelana na sala de estar—uma vez Sarah puxou um espelho com moldura de ouro para fora da parede. Qualquer coisa que fizesse barulho. Isso tiraria sua atenção da mamãe. Ela ia de quarto em quarto, até..."

Só quando Penélope parou de falar, percebo que parei de

respirar.

"Até?"

Seus olhos castanhos claros olham diretamente para os meus. "Até ele a pegar."

Minha mente está em branco. Apagada. Como se uma cortina pesada descesse, bloqueando qualquer luz, pensamento ou imagem.

"A pegar." Rolo as palavras em torno de minha língua. "Eu não... eu não entendo."

Penélope olha para mim. "Eu acho que você entende."

O ar é expulso dos meus pulmões.

"Você está... você está dizendo que ele a machucava? Que ele... batia nela? *Sarah*?"

"Sim."

Eu não sou um idiota. Estudei engenharia na universidade e fiquei entediado com isso. Tenho uma profunda compreensão da história e da arte, da estratégia militar e da ciência. Conheço palavras— grandes e pequenas. Entendo seu significado quando a juntam. Quando elas estão acostumadas a sugerir, deduzir, insinuar.

Mas isso... não faz sentido. Não consigo processá-las.

Ou talvez eu simplesmente não queira.

"Mas... como?"

Como alguém poderia machucar a doce e meiga Sarah? Minha Sarah. Ela é tudo que é amável, boa, engraçada, bonita e surpreendente neste mundo. Por que alguém quereria lhe causar dor? Como isso é até mesmo possível?

Penélope funga. "Normalmente com os punhos. Às vezes com o cinto. Se ela caísse, ele a chutava—"

"Pare." Náusea torce e enrola meu estômago, me dobrando. "Por Jesus Fodido Cristo, pare."

Porque a cortina é levantada e as imagens que derramam para fora das palavras de Penélope são repulsivas e vívidas. Meus pensamentos são cortados quando penso em outra coisa. Algo que não juntei até este momento.

"Ela manca," digo a Penélope em uma voz colorida de cinzas. É quase imperceptível, mas eu notei. "Quando está cansada, ela manca."

"Essa foi à última gota para mamãe. Ele quebrou a perna de Sarah. Eles estavam bem na porta do quarto em que eu estava, quando tudo aconteceu. Foi tão alto—um estalo." Penny aperta os olhos fechados. "Deus, eu ainda posso ouvir."

Eu quebrei meu braço uma vez. Cai do jeito errado durante uma partida de rugby. Doeu como uma puta. Eu sei exatamente o que ela quer dizer sobre o som—é distinto. Depois que você o ouve você nunca mais esquecerá.

"Ele não nos deixou sair, não deixou a mamãe levar Sarah ao hospital. Durante três dias ele nos manteve em um dos quartos do andar de cima." Penélope estremece ao respirar e chora suavemente. "Sarah estava com tanta dor. E então, Joseph, o motorista—ele só estava conosco por alguns meses—nos ajudou a escapar quando nosso pai adormeceu. Eu lembro que ele chegou e pegou Sarah nos braços e nos disse, 'Abaixo dos degraus da parte de trás, o carro está esperando—rápido agora.' E o momento mais terrível foi quando nós três ficamos sentadas no banco de trás e Joseph teve que correr para chegar ao banco do motorista. Estávamos tão perto... fiquei olhando a porta, esperando que meu pai rompesse e nos matasse."

O rosto de Penélope perdeu toda a cor agora. Ela esfrega seus olhos e bochechas com mãos cansadas. "Mas ele não o fez. Joseph nos levou ao hospital e cuidaram da perna de Sarah, mas nunca curou da maneira que deveria. A tia Gertrude nos levou, fazendo seus advogados providenciar o divórcio, e eles conseguiram convencer nosso pai de que se ele chegasse perto de nós novamente, detalhes de suas ações e fotos das contusões de Sarah se tornariam públicos. Ele estava na Suíça, da última vez que ouvi, e espero todos os dias que uma avalanche caia sobre ele."

Meu peito parece cheio de concreto. E eu quero chorar. Não choro desde que eu tinha dez anos de idade, mas eu posso agora. Por ela. Pela maldita injustiça disso. Quero cair de joelhos e gritar ao céu. Quero amaldiçoar Deus em seu rosto.

Eu quero cortar, queimar, mutilar e matar.

E é esse último pensamento que finalmente me dá o foco que tão desesperadamente preciso. Tomo algumas respirações profundas, então me levanto e coloco a mão no ombro de Penélope, apertando-o. “Obrigado por me dizer.”

Ela me dá uma sombra de um sorriso. Mas quando eu ando em direção à porta, Penélope segura minha mão em um aperto frio. “Henry. Você não pode... você precisa deixar minha irmã sozinha. Não pode brincar com ela. Eu sei que Sarah parece forte e, de certa forma, ela é, mas por dentro... ela é tão frágil. Sarah é genuína e boa e... não é como nós.”

Penélope Von Titebottum e eu somos cortados do mesmo tecido egoísta. Selvagem. Carente. Sabemos como o jogo é jogado, como virar todas as cabeças para o nosso caminho. Nós prosperamos nele—a atenção, a adoração dos outros. Quero dizer... olhe para este programa de merda que entrei.

Sem me preocupar com nada.

Sem um pensamento para o meu país, as minhas responsabilidades ou até mesmo um segundo de preocupação com os sentimentos das mulheres que se inscreveram para ele. O objetivo é fazê-las se apaixonar por mim—pensar que elas têm a chance de viver sendo regiamente fodidas, enquanto o mundo inteiro assiste.

Tudo porque eu queria uma distração.

E se alguns corações forem quebrados no processo? Não é muito ruim. Porque isso é quem nós somos.

O que meu irmão me disse uma vez?

Não podemos mudar quem somos.

“Não.” Digo a irmã de Sarah. “Ela não é nada como nós.”



Minhas mãos tremem enquanto ando até o grande salão—para a Parede Fantástica da Morte.

O bastão é o primeiro a cair. Bola e corrente cravada e oxidada. Eu dou um balanço de teste.

Isso vai servir.

O próximo é o xará da minha avó—o machado de batalha. Ele tem uma alça para que possa ser colocado nas costas, e a lâmina ainda é afiada.

Chega a vez da espada com punho cravejado de joias. É mais pesada do que eu esperava. Empurro para frente e imagino executá-la através de um estômago, em seguida, assistir pacientemente como os ácidos vazam da ferida na cavidade do corpo, que consequentemente corroem órgãos vitais. É uma maneira lenta e horrível de morrer.

Perfeito.

Após a seleção cuidadosamente de quatro outros portadores da morte, penso e reflito no meu caminho até os degraus para o terceiro andar. Quando entro no quarto, Sarah está acordada, sentada no sofá. Ela vestiu seu pijama e um roupão branco macio, e sua voz está cheia de sono. “Eu acordei e você não estava aqui.”

Seus olhos flutuam sobre meus braços e peito, carregados de armamento. “O que você está fazendo?”

“Estou indo embora.”

Sua garganta se aperta. “Onde... onde você vai?”

Quando falo, mal reconheço minha própria voz.

“Vou encontrar seu pai, e depois vou matá-lo. Duramente. Eu pensei que seria grosseiro não perguntar se você gostaria de me acompanhar e assistir.”



Capítulo 17

Henry

Ela me dá aquele olhar. Que estou familiarizado agora. Ele puxa a carne do meu coração.

É um pequeno sorriso, uma sacudida de cabeça como se quisesse dizer, estúpido, garoto estúpido.

“Henry, você não pode matar meu pai.”

“Oh, eu posso.” Minha voz é baixa, escura e viciosamente certa. “Acredite em mim, eu posso.”

Ela estende a mão e pega a minha.

“Penny contou para você.”

Meu queixo treme, balançando a cabeça.

Repasso cada interação que Sarah e eu tivemos, observo cada detalhe, erro ou excesso. Eu já a assustei? Fui brusco em algum momento? Penso na noite em que estraguei seu livro, as coisas que disse e quero bater na minha própria cabeça com o bastão.

“Eu deveria ter sido mais cuidadoso com você.”

Sarah olha para mim, com olhos grandes e inocentes. “Você é cuidadoso comigo.”

Ela tira a espada da minha mão e a deixa de lado. Depois desliza a alça que segura o machado de batalha do meu ombro e o coloca sobre a mesa. Uma por uma ela me desarma, e eu deixo. Então ela me leva

para o sofá pela mão e se senta.

“Não penso mais no meu pai, Henry.”

“Mas isso não é verdade. Toda vez que você se desliga, é por causa dele.”

Sarah lambe seu lábio inferior, e sua testa franze enquanto pensa sobre o que quer dizer.

“Quando você odeia alguém, eles são uma parte de sua vida; eles começam a ocupar espaço em seus pensamentos, todos os dias. Reivindicam seu foco e, de certa forma, eles têm controle sobre você. O que aconteceu comigo, aconteceu; ninguém pode mudá-lo agora.” Sua voz se torna mais forte, então, mais determinada. “Mas ele não tem mais nada. Nem um segundo a mais do meu tempo, minha energia ou meus pensamentos. Minha vida é minha, Henry... e é uma boa vida.”

Sarah olha para nossas mãos juntas.

“Então veja você, se você o matar por mim, tudo será destruído novamente. O coloquei para trás. E gostaria que ele ficasse lá.”

Levanto sua mão para a minha boca, beijando as costas, me forçando a ser gentil, porque a raiva ainda ronda e gira dentro de mim como uma labareda.

“Não é justo.”

Sarah dá um sorriso tão triste.

“Você tinha uma mãe e um pai que o amavam mais do que qualquer outra coisa no mundo. E eles foram levados muito cedo. A vida não é justa, Henry. Para nenhum de nós.”

Não. Não é bom o suficiente.

Seguro seu rosto em minhas mãos. “Deve ser para você.”

Inclino-me e beijo sua testa dela. E levanto.

“E se eu não posso fazer isso justo, então vou fazer isso mesmo assim. Olho por olho. Ver se ele vai gostar quando eu quebrar a porra —”

Sarah se levanta e pressiona seus lábios contra os meus. É tão inesperado, que congelo. Mas então, quando sua boca se move sobre a minha, começo a descongelar. Sua boca é tão suave, tão doce. O beijo é quase casto—pelo menos é o mais casto que já tive. Não é ensaiado.

E ainda assim, Sarah consegue fazer meu coração bater contra minhas costelas como um animal em uma gaiola.

"O que você está fazendo?" Sussurro, quando ela se afasta um pouco.

"Estou distraindo você." Sarah olha para mim incerta. Por trás daqueles óculos ridiculamente primitivos, com seus olhos grandes e escuros que poderiam me colocar de joelhos. "Está funcionando?"

Minha língua traça meu lábio inferior—provando-a.

E desejo muito mais.

"Não tenho certeza. Continue tentando, vou deixar você saber."

Ela sorri rápida e muito aliviada... então se aproxima, envolvendo seus braços em meu pescoço, e me beija.

Seus lábios envolvem meu lábio inferior, depois o superior, toda a doçura ansiosa, agradável. E é bom—não acho que em nenhum outro beijo eu tenha me sentido tão bem. Eu poderia fazer isso por horas.

Minhas mãos encontram a parte inferior de suas costas e a puxo para perto, apertando-a contra mim. Então, suavemente, abro a boca e ela espelha meu movimento, abrindo-se para mim também. E é como se meu sangue tivesse se transformado em gasolina, e o toque de nossas línguas é a faísca.

Aprofundo o beijo, mais duro—mais exigente—assumindo a liderança, mas ela me encontra em cada passo do caminho. Coloco sua cabeça em minhas mãos, segurando enquanto mergulho e devoro. Um lindo gemido escapa de seus lábios e eu devoro isso também. Não consigo respirar e meu coração está fazendo o seu melhor para quebrar as minhas costelas.

Mas então, fecho meus olhos bem apertados e paro... e suspiro

contra o seu pescoço.

“Sarah... talvez, não devêssemos. Talvez devêssemos apenas...”

“Estou cansada de ter medo, Henry. Eu estou tão cansada de estar viva... mas não estar vivendo. Eu quero isso; quero isso por um longo tempo. Eu quero... você.” É só então que a hesitação obscurece seus olhos. “Você me quer também?”

Agarro seus braços. “Mais do que qualquer coisa ou pessoa em toda a minha vida.”

Sarah pega minhas mãos, e as pressiona em seus seios. Eles são macios, cheios e absolutamente perfeitos.

“Mostre-me.”

Debaixo do seu roupão, seu pijama é fino como papel. Traço meus polegares através dos seus mamilos, sentindo-os endurecer. Eu quero chupar até ela ficar irracional. Quero lamber cada centímetro de sua pele e ver o rubor de desejo. Eu quero sentir seus dedos apertarem minha bunda e suas unhas arranharem minhas costas.

Há tantas coisas que sei—depravado, sujo, carinhoso... e quero lhe ensinar cada maldita coisa.

Envolvo meus braços ao redor dela e a levanto do chão. Com um gemido, minha boca está de volta a dela. Suas mãos pequenas alisam meu maxilar enquanto a levo para a cama. Paro contra uma parede no caminho, batendo em um quadro, levantando sua perna com uma mão e a envolvendo em torno do meu quadril para que eu possa empurrar contra ela.

Sua cabeça é jogada para trás e suas costas arqueiam, e ela se contorce lindamente contra mim.

E a porra da coisa mais estranha acontece. Aqui estou, pressionado contra a suavidade de Sarah, duro como pedra e quente como o fogo, mas o pensamento que inunda minha mente é o... meu irmão.

Nicholas.

Eu não entendi antes, não realmente. Como ele enfrentou aquele dia que abalou nossas vidas. Como mudou tudo..., desistiu... jogou tudo para cima.

Mas agora... agora faz sentido.

Porque eu desistiria da coroa por Sarah. Desistiria do meu nome, do título—trocaria meu país, perderia meu direito de primogenitura, mentiria, mataria, enganaria e roubaria, por isso.

Por ela.

Uma risada ressoa em minha garganta quando dou conta da minha própria ignorância. Como fui estúpido.

Mas agora eu sei. E nada será como antes.

Sarah recua quando me sente rir. “O que é isso? Estou fazendo algo errado?”

Acaricio seu rosto e escovo seu cabelo.

“Não, você é perfeita. É tudo tão fodidamente perfeito.”

Nicholas estava certo. Vou ter que lhe dizer em breve que ele estava certo.

O amor é mais forte.

Quando chegamos finalmente à cama, caio sobre ela, rolando, empurrando e insano. Minhas mãos estão por toda parte. Levantando sua camiseta, puxando sua calça, beijando sua pele quente no momento em que é revelada. Sarah suspira e puxa minhas roupas também, bonita e selvagem, sem um traço de inocência tímida à vista. Ela levanta os braços e sua camisa se foi.

E os seus seios dela. Oh, perfeitos, pálidos, cheios, com os mamilos rosa escuro que imploram por atenção. Fico feliz em ajudar. Beijo meu caminho em torno dos globos deslumbrantes, mordiscando e chupando, e suas mãos se enterram em meu cabelo, puxando, mais necessitada.

Quando fecho meus lábios sobre um mamilo, ela ofega—forte,

agudo e alto—então aguça para um longo gemido. Estalo minha língua, sugando-o duramente até que seus quadris estão levantando, procurando por atrito. É louco e rápido, desesperado e áspero... mas não conseguimos abrandar.

Sarah empurra meu ombro, nos rolando até ficar no topo, sentada sobre mim. E se move por puro instinto, perfeitamente posicionada em meu pau e rolando seu quadril. Ela levanta minha camisa, suas mãos vagando e seus lábios beijando meu peito. Sarah lambe o sulco no centro do meu abdômen, uma e outra vez—ela realmente parece gostar dessa parte. Seu cabelo cai ao redor do meu tronco, fazendo cócegas como plumas de seda.

Eu quero levar o meu tempo, quero conhecer todas as sardas em sua pele... antes disso tenho que fazê-la gozar. O desejo é como um trem descontrolado, imparável e furioso.

Eu nos rolo de volta até Sarah estar embaixo novamente. Fico de joelhos e aprecio a visão dela deitada, pernas abertas, desejo e luxúria fazendo seus olhos brilharem. Segurando seu olhar, deliberadamente desabotoou minha calça. Seus olhos caem quando a tiro sem sair da cama, mas mantenho minha boxers preta.

Seria muita tentação se a tirasse, e apesar dela estar muito excitada, não acho que esteja pronta para levar as coisas tão longe. Sarah me toca, pressionando sua mão no esboço grosso e duro do meu pau sob o tecido, e meus olhos rolam para trás em minha cabeça.

Empurro contra a mão dela, os quadris empurrando, porque é tão fodidamente divino.

Começo a deslizar sua calça do pijama por suas pernas bem torneadas a jogando sobre meu ombro. E agora ela está embaixo de mim, com uma simples calcinha branca de algodão... e nada mais. Seu peito subindo e descendo, seus lábios inchados de meus beijos ásperos, seus seios cheios com os mamilos endurecidos.

Sem tirar meus olhos dos dela, me movo por cima dela, espalhando suas pernas mais largas, olhando profundamente em seus olhos, para seu rosto bonito. Eu alinho meu pau contra Sarah, bem contra seu clitóris, e posso sentir o quanto ela está quente e molhada,

mesmo através do algodão.

Empurro lentamente e longamente contra ela.

“Henry”, Sarah choraminga deliciosamente. “Henry.”

E nada nunca soou tão doce.

Afasto meus quadris e empurro novamente.

Ela choraminga e sua cabeça cai para o lado.

“Gosta disso?” pergunto com a voz rouca.

A cabeça de Sarah salta com um aceno descontrolado e suas mãos agarram meus braços. Ela levanta o quadril para encontrar com o meu e então estou me dobrando, pressionando-a na cama. Beijando áspera e selvagemente, reivindicando sua boca carnuda, certamente como ela me possui.

“Henry, Henry, Henry”, Sarah canta contra meus lábios, vibrando com o movimento do meu pau contra ela. A pressão é perfeita, o prazer viaja pelas minhas pernas, costas, estabelecendo-se em meu pau e apertando minhas bolas.

Sarah grita quando goza, arranhando, selvagem e linda. Arqueando, subindo seu quadril ela endurece—tudo apertado e denso. Bombardeio mais e então estou com ela, gozando em um fluxo quente e pulsante que faz minha mente ficar em branco com tanta felicidade.

E depois, nos beijamos, nos tocamos e rimos—ambos uma bagunça suada, pegajosa e muito felizes para nos mover.

Mais tarde, depois que eu pego um pano no banheiro e nos limpo, deito de costas com ela me abraçando.

“Nós deveríamos conversar.”

Sarah vira de lado para ficar de frente para mim, mesmo quando seus olhos se fecham.

“Falar não é meu forte.”

Traço a ponta do seu nariz com a ponta do meu dedo.

“Não é verdade. Você está ficando melhor nisso.”

Meu instinto me diz que com Sarah, simples e direto é sempre o melhor caminho a percorrer.

“Eu gosto de você”, sussurro, pressionando um beijo na ponta do seu nariz, seu queixo, sua sobrancelha lisa. “Eu gosto tanto de você.”

Sarah morde meu queixo, acariciando meu pescoço e ombro.

“Eu também gosto de você. Muito.”

Eu tive relações sexuais com centenas de mulheres, algumas das quais realmente gostei... mas esse aqui é um dos momentos mais íntimos da minha vida.

“Quero viajar com você. Eu quero levá-la a todos os lugares. Quero lhe mostrar tudo. Agora que eu sei o que está debaixo de suas roupas”, passo a mão por seu estômago, massageando seus seios, e ela geme com doçura, “você pode usar todo o preto que quiser e prometo não te provocar por isso.”

Sarah sorri e eu me sinto invencível.

“Eu gosto quando você me provoca.”

Mordisco em seu lábio, e seu queixo. “Você já viu a biblioteca do palácio?”

“Não.”

“Você vai amar. Dois andares e mais livros do que você poderia ler em três vidas. E quero que conheça minha avó.”

“Tudo bem, Henry.”

“Quero te comprar tantas coisas. Tudo.”

Eu quero cobri-la de joias, sedas... e coroas.

“Eu não preciso de coisas”, ela diz suavemente, seus olhos lindos e escuros.

A puxo para mais perto, meu pau duro e exigente pressionado contra seu ventre.

“O que me faz querer comprar ainda mais.”

Sarah envolve seus braços ao redor de meu pescoço, brincando com o meu cabelo. E antes dela falar, sinto a palavra—o mundo—tentando erguer entre nós, nos separando.

“Mas...”

Mas o programa—esse maldito show que nem me interessa—que eu nunca me importei. Mas a equipe que preenche o castelo neste exato momento e os contratos que eu assinei. Mas as outras mulheres—incluindo sua própria irmã—que ainda tenho que entreter e me envolver pelas próximas duas semanas.

Tô fodido.

Penso em todas as vezes que a vovó falou sobre minhas responsabilidades sobre o dever, a honra e a importância de seguir com meus compromissos.

Cristo, isso é uma merda.

Mas eu quero fazer a coisa certa. Não quero mais ser esse rapaz estúpido—aquele que arruma pretexto e inventa desculpas pra tudo, depois que a sujeira vem à tona.

Honra significa algo diferente para mim agora. Algo mais. Porque Sarah merece um bom homem, um homem honrado. Firme, confiável e verdadeiro.

E eu quero ser esse homem para ela.

“Mas, estou preso por mais duas semanas de filmagens. Dou-lhe a minha palavra e falo pela Casa do Pembrook.”

Sinto quando ela acenar. “Isso não é algo pequeno.”

Olho em seus olhos. “Eu não quero continuar filmando. Você sabe disso, não sabe?”

Sarah suspira, e sua expressão é tão aberta, tão confiante. E Isso me humilha.

“Eu sei.”

“Se pudesse, eu ficaria aqui na cama com você. Você acredita nisso?”

“Sim. Mas você não pode.”

“Não. Não posso.”

Caralho de show. E tudo é culpa da minha estupidez.

Onde diabos está o bastão?

“As outras mulheres, Henry... você não vai tocar nelas?” Sarah endurece contra mim. “Não gosto disso. E não vou tolerar isto.”

“Não, claro que não. Eu mal olho para elas, eu juro. Todos os meus toques—minhas mãos, meus lábios, meu pau—todos eles pertencem a você agora, doce Sara.”

Ela sorri. “É bom saber.”

Mas então seus olhos se estreitam. “Você tocou nelas? Assim?”

Eu ri do fio de ciúme em seu tom.

“Não. Eu sou praticamente um monge. Parece que o destino tem conspirado desde o início para que possamos terminar aqui.”

“Bom.”

Querendo ter certeza de que estamos claros, e não há mal entendidos, eu reitero: “Então eu vou fazer o que tenho que fazer, seguir as etapas, honrar o meu compromisso nas próximas duas semanas. Mas nós vamos ter isso, aqui neste quarto; estaremos juntos. Sim?”

Sarah me dá um aceno e eu quero suspirar de alívio.

“Sim.”

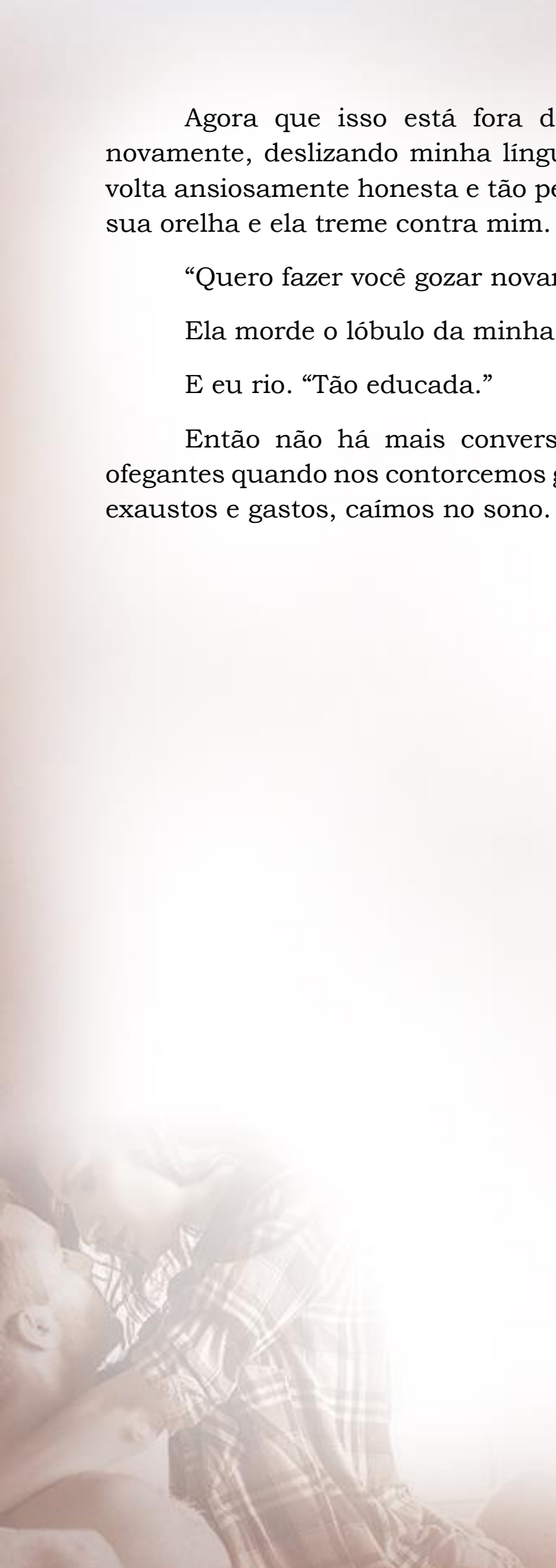
Agora que isso está fora do caminho, me inclino e a beijo novamente, deslizando minha língua contra a dela. Ela pressiona de volta ansiosamente honesta e tão perfeita. Meus lábios se arrastam até sua orelha e ela treme contra mim.

“Quero fazer você gozar novamente, Sarah.”

Ela morde o lóbulo da minha orelha. “Sim, por favor.”

E eu rio. “Tão educada.”

Então não há mais conversa. Só nossos gemidos e suspiros ofegantes quando nos contorcemos gozando. Até que, muito mais tarde, exaustos e gastos, caímos no sono.



Capítulo 18

Henry

Na manhã seguinte, acordo com o meu nariz enterrado na pele macia de um pescoço perfumado e fios de cabelo fazendo cócegas no meu rosto. Aperto Sarah e dou uma mordida em seu ombro, mas ela apenas geme sonolenta.

Pobre coitada—eu a mantive acordada até muito tarde fazendo coisas muito, muito ruins.

E não consigo parar de sorrir com isso.

Saio das cobertas, tomo banho e me visto. Hoje é dia de filmagem; Laura e eu vamos passear o dia todo. Antes de sair, fico de joelhos ao lado da cama e aliso o cabelo de Sarah, em seguida, acaricio o seu braço de cima até embaixo, até que eventualmente seus cílios longos piscam e seus olhos se abrem.

Ela inala. “Henry? Que horas são?”

“Cedo. Volte a dormir. Eu só não queria sair sem dizer adeus. Como você está se sentindo, querida?”

Nunca estive com uma virgem. E apesar de ontem à noite não ter sido a grande “primeira vez” para Sarah, foi um monte de pequenas *primeiras*. Como sou o experiente, quero ter certeza que ela esteja bem com isso.

Ela se estica e o lençol desce, expondo seu elegante pescoço e seios perfeitos—minha boca seca e a minha cabeça fica em branco.

“Eu sinto... de ressaca”, Sarah diz. “Drenada.” E então ela sorri maliciosamente. “E excitada. Acho que você criou um monstro, Sua Alteza.”

Minha cabeça cai na cama com um baque. Por que estou deixando este quarto novamente? Oh, isso mesmo, meu pau me lembra—porque eu sou um idiota.

“Segure esse pensamento.” Eu a beijo, rápido e brincalhão. “E não se mova deste lugar. Nós vamos continuar quando eu voltar para você esta noite.”

Sarah

É um dia glorioso. Depois que Henry sai, eu volto a dormir e não acordo até o meio-dia. Penny vem me ver, para ter certeza que estou bem após a noite passada. Ela explica que Lancaster foi expulso depois que Henry o espancou até quase virar uma polpa sangrenta. Eu normalmente não sou uma pessoa vingativa, mas neste caso, farei uma exceção.

Penélope também diz que Elizabeth está partindo esta manhã com o Sam. Ela queria ficar até finalizar as etapas como Henry também falou—por causa do programa—mas Sam bateu o pé.

“Bom para eles”, Penny diz, e eu concordo.

Depois que ela sai, eu tomo banho me visto, pego algo rápido na mesa de serviço de comida e depois volto rapidamente ao andar de cima, para ser uma preguiçosa. Deito no recanto e leio, descansando minha testa contra o vidro frio da janela, mas minha mente continua

vagando de volta para o que Henry e eu fizemos ontem à noite.

Agora eu vejo o motivo de tanto barulho.

Eu não sou completamente sem noção. Eu sei o que é um orgasmo e tenho sido capaz e feliz de fazer isso sozinha durante anos. Mas ter com Henry... *apenas Uau.*

Ele é ousado e confiante; acho que essa é a minha parte favorita. A maneira como ele se move, como me toca e a si mesmo—como tem a certeza do que fazer. E ele sabe disso. E é lindo e emocionante ao mesmo tempo. E eu gostei de conversar depois, limpou o ar. Vai tornar a coisa mais fácil. Ele é o príncipe herdeiro e estrela do show. Não posso esperar que ele largue tudo como Elizabeth fez. Preciso ser compreensiva. E eu sou. Verdadeiramente.

Além disso, são apenas mais duas semanas. Será como se esse tempo não existisse.



É depois de seis e já escuro quando a porta do quarto abre. Henry se inclina contra ela, me observando. Seus olhos brilham com uma luz intensa, quase perigosa. Tudo sobre ele é apertado e firme—seu maxilar, seus ombros, suas mãos cerradas.

Um arrepio ondula em minha pele quanto ele anda para frente, como um jaguar ou leão—toda graça suave e poder letal. Henry segura a parte de trás da camisa enquanto anda deslizando-a para cima e para fora, revelando os músculos tensos dos seus braços e abdômen. Sua calça está baixa em seus quadris, exibindo um caminho de cabelo dourado que segue um trajeto abaixo da cintura. E a visão de esfregar meu rosto, meus lábios, contra esse cabelo vem à mente. Será que é suave? Crespo? Será que Henry gemeria se eu o agarrasse ou ele agarraria meu cabelo e levaria minha boca para lugares mais interessantes?

Quando chega até a cama, Henry envolve sua mão em torno dos meus tornozelos e me puxa até a borda. “Estive pensando sobre isso o dia todo.”

É só quando falo que percebo que estou ofegante. “Sobre o que?”

E o homem que será meu rei cai de joelhos diante de mim.

“Sobre provar você. Vou te lamber até minha língua cair. Alguma objeção?”

Oh Deus...

Seus lábios deslizam em um meio sorriso adoravelmente torto. “Sem palavras, amor? Foi algo que eu disse?”

Suas mãos entram em minha saia, agarrando minha calcinha a deslizando por meu quadril e pernas. Seus movimentos são seguros e confiantes.

Então olha para o material de seda bege em sua mão, quase curiosamente. “Como faz isto? Fazer algo tão simples ser tão quente que posso gozar somente com duas estocadas?”

Henry pressiona minha calcinha em seu rosto e inala—seus olhos fechando-se alegremente com prazer.

Oh meu Deus...

Ele não retira minha saia, só empurra até a minha cintura—me expondo ao ar frio e ao seu olhar quente. Meu batimento cardíaco pulsa em meus ouvidos, não rápido e errático, mas em um ritmo profundo, duro e constante.

Henry beija minha panturrilha, então atrás do meu joelho. “Eu preciso de suas palavras, doce Sarah. Você me quer lambendo você?”

“Sim” sussurro tão suavemente que mal posso me ouvir.

“Diga assim: ‘Ponha sua boca em mim, Henry. Prove-me, me beije, foda-me com a sua língua.’”

Eu vou morrer. Ele vai me matar com palavras, excitação e necessidade.

“Sim, tudo isto.” Engulo e tento dar o que ele quer. “Prove-me Henry. Foda-me com —”

Eu não termino—porque com um gemido profundo, ele está em mim. Sua língua chupando-me e lambendo, faminta—esfomeada. É incrível. Estonteantemente divino. Minha pele se sente eletrificada e quente, úmida, pulsando prazer através de minhas veias. Deixo minha cabeça cair de volta para a cama, porque eu não posso segurá-la, e minhas pernas se espalham, com o quadril se contorcendo. O querendo, querendo isso, querendo deixá-lo fazer qualquer coisa e tudo, contanto que nunca pare de me tocar.

“É tão bom... tão bom... Henry.”

Minhas palavras são incoerentes como meus pensamentos e eu realmente não sei o que estou dizendo.

Henry levanta minha bunda aproximando-me mais da sua boca. Sinto seus dentes contra meus lábios macios, sua língua lambendo de cima e para baixo traçando círculos firmes ao redor do meu clitóris repetida vezes.

Mas então ele afasta sua boca, mordiscando a pele macia da minha coxa. “Me dê suas mãos,” Henry diz com seu hálito quente contra mim.

Levanto meus braços e ofereço minhas mãos. Ele as coloca bem onde as quer—entre minhas pernas, com meus dedos me segurando aberta para ele, meus polegares em minha fenda, expondo minha carne mais sensível.

“Fique assim” grunhiu Henry. “Porra, olhe para você.” Ele me lambe com a ponta da língua. “Uma buceta tão linda, rosa e apertada.”

Oh meu Deus, oh meu Deus...

“Você gosta dessas palavras, não é?” Seu dedo arrasta em minha abertura lisa, lentamente circulando e circulando. “Elas te deixam molhada.”

“É tão... sujo”, eu suspiro, mas não me sinto envergonhada.

“É por isso que é divertido.” Henry pressiona um beijo no meu clitóris e eu gemo tão alto. “Porque você é tão fodidamente doce.”

Então Henry ergue os seus olhos para os meus. “Agora, Sarah... assista.”

Lentamente, ele me lambe de baixo para cima. Na segunda passagem, ele para na minha abertura e pressiona e empurra para dentro e fora, profundo e duro, me fodendo exatamente como disse... com a sua língua. Eu suspiro e ele geme. Construindo dentro de mim, aumentando—a intensidade—o prazer. Tento continuar assistindo, porque é isso que Henry quer, mas isso é demais.

Minhas pernas tremem em suas costas, as minhas coxas apertando. Começo a me contorcer e a implorar.

“Por favor, por favor, por favor, oh, por favor...”

Tão perto.

Perto... tão perto...

Sua língua é substituída por seus dedos longos e grossos. E quando seus lábios se fecham sobre meu clitóris, sugando suavemente, meus músculos apertam naqueles dedos e minha mente fica branca quando um prazer explosivo invade meu corpo. Onda após onda faz meu corpo arquear e minha boca se abrir em um grito.

Depois de um tempo, quando o aperto de meu orgasmo diminui para um contentamento lânguido, Henry beija seu caminho até meus lábios. Seu beijo é duro e dominante, com dentes e língua.

E sim, eu provo o meu gosto em seus lábios—como nos livros.

Mas não há vergonha ou nojo. É excitante, erótico e perfeito—porque tudo com Henry é perfeito. E me sinto tão incrivelmente desejada com ele. Envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e costas, em qualquer lugar que eu possa alcançar.

“Isso foi... incrível”, digo.

Os lábios de Henry acariciam meu pescoço e uma risada ressoa em seu peito.

“Isso... foi apenas o começo.” Henry se inclina longe o suficiente para puxar minha camisa sobre minha cabeça e empurrar minha saia para o chão. Então rola em suas costas, me enganchando debaixo dos braços e me levantando sem esforço até que eu estou montando seu peito.

Eu deveria estar envergonhada—quero dizer, minha virilha está praticamente na sua cara. E parece que Henry quer avançar de praticamente para literalmente.

Ele estala seus dedos parecendo despreocupado, jovem e incrivelmente feliz. “Segure na cabeceira da cama e traga essa buceta doce aqui para cima.”

E eu rio, porque quem diz isso?

“Você tem certeza?”

“Minha língua não está nem perto de cair. Eu preciso de mais de você, Sarah.”

Henry está tão confortável, tão seguro e confiante em sua própria pele. E me faz sentir assim também. Bonita e ousada. Corajosa. Como se eu pudesse fazer qualquer coisa—dizer qualquer coisa—ser qualquer coisa.

Mas no momento, tudo que eu quero ser é toda dele. Então me movo e sigo o comando do meu príncipe.

Henry

Na escola secundária, meus amigos e eu fizemos um jogo bêbado chamado “Como eu gostaria de ir.” A ideia era pensar no modo mais grandioso e melhor de morrer—como se afogar em um tanque de

cerveja ou explodir o laboratório de química para a felicidade de todos os alunos. Acabei de descobrir a melhor e mais sublime maneira de morrer é: com Sarah Titebottum sentada no meu rosto.

Essa é a maneira que eu iria—foda sim.

Sua buceta é perfeita. Ela cheira a rosas e tem gosto de sol, porra. Na última hora e meia, ela gozou três vezes. Acho que torci minha língua.

Valeu totalmente a pena.

Sarah suspira satisfeita, se aconchegando ao meu lado, seus lindos olhos fechados.

Olho para o teto e tento não pensar em como eu estou dolorosamente duro ou no peso palpitante de minhas bolas. É possível que meu pau realmente pudesse estourar—o que dói até mesmo pensar—isso é o quanto estou duro.

A mão de Sarah desliza ao longo do meu peito.

“Henry?” ela fala suave e doce.

“Mmm?”

“Quero fazer isso com você.”

Meus olhos se abrem. E eu realmente fico mais duro. Mas tenho que ter certeza de que ela está dizendo o que eu acho que está dizendo—eu não estou em estado de ser confundido.

“Fazer o que?”

Sarah se debruça sobre seu braço, olhando para mim com as bochechas coradas. E há uma nova franqueza em seus olhos, uma audácia que eu não acho que estava lá ontem. O que a torna ainda mais sexy.

“Eu quero colocar minha boca em você.” Ela olha para baixo para onde minha cueca é uma tenda tão alta que deve ser engraçado. Eu propositadamente as mantive para que não me empolgasse. Ela nua é uma coisa—os dois nus e se esfregando é outra coisa totalmente

perigosa.

Deveria perguntar se ela tem certeza. Eu deveria dizer que ela não precisa.

Mas o que eu realmente digo é: “Porra, Cristo, sim, por favor”.

Ela riu e eu sinto isso no meu pau dolorido. Então abaixa a cabeça e começa a dar beijos na minha clavícula. Beijos macios e sussurrados de lábios quentes. Sarah passa a língua por um mamilo sensível, e solto um gemido.

“Eu me sinto bêbada, Henry. Selvagem. E eu quero fazer você se sentir tão bem como me fez sentir. Quero tanto te dar isso.”

Levanto-me novamente, puxando-a para mim, beijando-a molhado e profundo. “Você faz, Sarah. Cristo, tudo que você faz—é incrível.

Ela se move para baixo, e começo a ofegar. Sua língua lambe o meu abdômen e faz redemoinhos em torno do meu umbigo, tenho que fechar minhas mãos em punho nos lençóis para evitar agarrar sua cabeça e foder sua boca. E quando sua rosada língua molhada mergulha abaixo do cós da minha boxer, quase perco o controle de vez.

Preciso de uma distração. Então faço perguntas estúpidas que eu já sei as respostas.

“Você já fez isso antes?”

Ela riu em minha pele. “Não.”

E eu gosto de ouvir isso em voz alta. O conhecimento de ser o seu primeiro.

Ela é só minha.

É tão ganancioso, tão possessivo—meu, meu, cada centímetro dela é meu. Se Sarah pudesse ler meus pensamentos, ela provavelmente me chamaria de sexista—talvez misógino—mas eu não me importo.

É incrível. E se pensar nisso me faz um porco, bem… *Oink, oink.*

“Mas eu li sobre isto. Algumas cenas dos romances são muito... detalhadas.”

Quando ela puxa a cueca, levanto meu quadril— Sarah tira de uma só vez e meu pau bate contra meu estômago.

“Quão detalhadas?” Eu rosno, tentando não perder minha mente do caralho.

Ela fica confortável em seus cotovelos, ajusta seus óculos, e olha para o meu pau como se fosse algo a ser descoberto. Ele gosta da atenção, engrossando e se contraindo, como uma vadia por atenção que ele é. Sarah me agarra na base e aproxima sua boca - perto o suficiente para que eu possa sentir sua respiração quente em mim.

“Bem, os livros dizem que esta é a parte mais sensível, especialmente esta pequena crista aqui.”

Sarah rola sua língua em volta da ponta, depois lambe a crista em questão. Minha cabeça cai no travesseiro e é tão bom que é quase doloroso.

“Isso é verdade”, eu gemo.

Então ela beija para cima e para baixo do eixo, descrevendo os detalhes.

“E, sempre mencionam que massagear os testículos, torna isso muito melhor.” Sua voz se torna provocante. “Eu deveria testar essa teoria?”

Garota insolente

Tudo o que posso fazer é assentir. Começo a gemer quando ela agarra minhas bolas na mão, fazendo com que o prazer quente e pesado ilumine cada nervo do meu corpo.

“Como é que eles chamam isso?” Pergunto. Não faço ideia do porquê. “Não consigo ver Jane Austen escrevendo a palavra *pau*.”

É possível que eu só queira ouvir a palavra dos lábios de Sarah.

“Depende do livro”, diz, e me lambe da base até a ponta, girando

em torno da cabeça inchada e dolorida, antes de lamber seu caminho de volta para baixo com sua língua quente e molhada. E então ela faz isso de novo.

"Não Austen, mas alguns livros chamam de pau, ou pênis."

Porra.

"Outros chamam de vara ou espada... e a mulher é a bainha."

"Parece doloroso."

Sarah ri, e então desliza a cabeça do meu pau na caverna molhada de sua boca e eu deliro gemendo.

Ela remove sua boca, me acariciando lentamente.

"E isso," ela passa o polegar pela ponta, esfregando o pré-cozo, "às vezes é chamada de 'pérola do desejo', e eles sempre dizem que tem gosto doce ou salgado." E então ela me chupa. "Mmm... é um pouco salgado."

E eu vou gozar.

"Leve-me em sua boca, Sarah. Todo ele. Sugue-o duramente. E rápido. Agora."

E Sarah faz exatamente isso. Coloca meu pau em sua boca apertada e molhada, sugando e engolindo—envolvendo sua pequena mão em torno do que não pode tomar, bombeando duro.

"Isso é bom, tão bom, amor."

Suavemente, seguro a parte de trás da sua cabeça, firmemente, então empurro para cima entre seus lábios cheios e quentes. "Porra, caralho, porra..."

Quando o clímax me atinge, intenso e rápido, saio de sua boca. Cubro sua mão com a minha, mostrando a ela como golpear rápido e apertado no final. E com um gemido gutural, eu gozo e gozo na mão de Sarah e no meu estômago, espesso e quente.

Quando posso, levanto a mão e puxo-a contra mim. Beijo seus lábios macio e suave.

Em seguida ela se inclina para trás, sorrindo orgulhosamente. “Eu acho que o sexo oral é fantástico.”

E seria adorável... se não fosse tão quente.

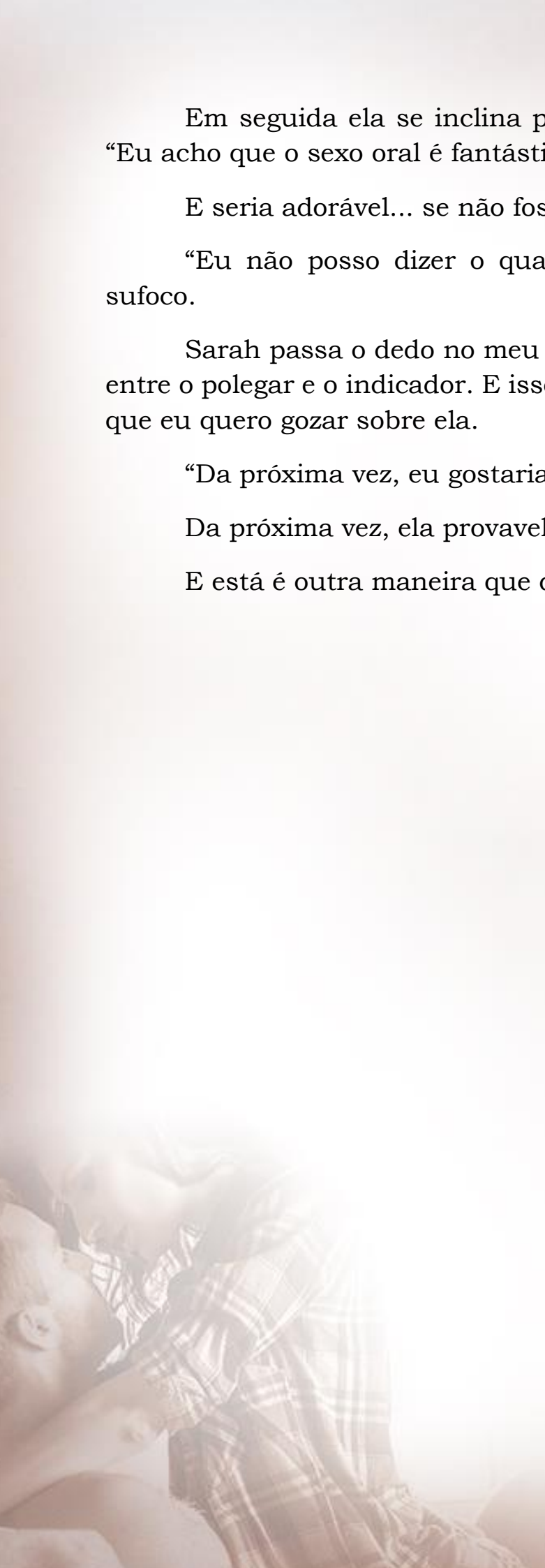
“Eu não posso dizer o quanto estou feliz em ouvir isso.” Eu sufoco.

Sarah passa o dedo no meu estômago, esfregando meu esperma entre o polegar e o indicador. E isso me faz pensar em todos os lugares que eu quero gozar sobre ela.

“Da próxima vez, eu gostaria de tentar engolir, Henry.”

Da próxima vez, ela provavelmente vai me matar.

E está é outra maneira que definitivamente morreria feliz.



Capítulo 19

Sarah

A minha relação com Henry vai maravilhosamente bem... por três dias. Isso foi quando eu cometi um erro, um erro crucial de julgamento: deixo meu quarto. Enquanto ele está filmando. Enquanto ele está filmando com outras mulheres, incluindo minha irmã.

Começa na sala de jantar, onde Henry está tomando café da manhã com as três concorrentes restantes—Penny, Laura e Cordélia. Henry está de bom humor, sorrindo e rindo... e brincando com as três. E é assim que começa. Há um gosto amargo na parte de trás da minha garganta quando eu penso, *ele deveria estar brincando comigo, e só comigo.*

A parte racional do meu cérebro me lembra: discutimos isso. Henry me perguntou se eu acreditava quando disse que não queria continuar filmando e eu disse que sim.

Então, por que estou imaginando agora que talvez ele não estivesse sendo totalmente sincero? Que talvez, só talvez, gostasse de ter três belas mulheres o bajulando durante todo o dia—o porco—e uma mulher diferente, de olhos arregalados em sua cama à noite.

Ele certamente parece gostar agora.

Os olhos de Laura fecham em êxtase enquanto come as omeletes preparadas pelo chef trazido pelo programa. E então diz, “Henry! Você tem que tentar isso, é surreal.”

São somente *ovos* malditos.

Mas então, Laura coloca um pedaço da omelete no garfo... o mesmo garfo que acabou de usar... e oferece a Henry.

E isso é o que me leva ao limite. Eu tenho que ir embora. Não espero para ver se ele pega do garfo. Cristo, isso é uma péssima ideia.

Pouco antes de me virar, com os punhos cerrados, Henry pega meu olhar, e tudo o que vê no meu rosto o faz parar de mastigar e apagar o sorriso em seus lábios.

Mas ele não me segue. Apenas continua tomando seu café da manhã e filmando.



As coisas continuam a desmoronar na hora do almoço, como uma avalanche. Eles estão filmando lá fora, ao redor do perímetro do castelo. Está frio e ventoso, mas o sol está quente. Henry está andando com Cordélia e seu cãozinho Walter. Ele segura a coleira de Walter e eles conversam enquanto andam sorrindo, fazendo uma imagem tão bonita juntos.

Henry não segura a mão ou põe o braço em volta dela. Ele mantém Walter firmemente entre eles em todos os momentos, como um muro protetor babão, assim quando Cordélia se inclina para um beijo, ele é capaz de se inclinar para trás, virar seu ombro e abaixar rapidamente pegando uma bola e a jogando para que Walter possa ir buscar.

Sei de tudo isso—eu vejo isso.

Mas não ajuda o sentimento absolutamente miserável dentro de mim quando os vejo juntos. É um anseio, como se minha alma quisesse abandonar o meu corpo, é uma dor esmagadora, uma sensação como se meu coração e meus pulmões estivessem sendo espremidos.

Depois de sua caminhada com Cordélia, Henry vem direto ao meu encontro no pátio, com sua testa enrugada de preocupação. Ele põe a mão no meu braço e com esse simples toque, meu estômago vibra e embrulha. Ele é um órgão fraco, sem resistência e não precisa de muito para agradá-lo.

"O que há de errado com você?" Henry pergunta.

Abro a boca para responder, mas ele não me deixa.

"E não diga 'nada'. Eu sei que há algo. Você está me olhando como se quisesse explodir em lágrimas ou me chutar nas bolas, e você não consegue decidir qual fazer primeiro."

Eu rio, porque é como se ele estivesse lendo minha mente.

"É isso, não é?" Seus olhos movimentam entre nós dois e para as câmeras e produção. "É o que está te incomodando."

E eu não menti para ele até este ponto, então por que começar agora?

"Sim."

Henry acena e seu rosto fica tenso com consternação. Mas antes que possa dizer qualquer outra coisa, Penélope está lá, envolvendo seus braços ao redor de Henry, parecendo adorável em jeans bem ajustados e um top castanho casual, sem uma pista sobre a conversa que acabou de interromper.

"Vamos, Henry! É a nossa vez na cozinha. Eles querem que preparemos um bolo vulcão de chocolate! Eu adoro bolo de chocolate, mas nunca fiz um em toda a minha vida... vai ser um desastre épico!"

E então minha irmãzinha olha entre nós.

“O que está acontecendo? Qual é o problema?”

E esta é a minha irmã. De todas as pessoas, eu deveria ser capaz de assistir Henry com minha querida irmã.

Balanço a cabeça e olho nos olhos de Henry. “Estou sendo tola. Está tudo bem.”

Ele hesita.

“Realmente, Henry, está tudo bem.”

“O que está tudo bem?” Penny pressiona. “O que diabos está acontecendo entre vocês dois?”

E vejo o momento em que Henry decide ir em frente. Seu rosto se abre em um sorriso e sua voz muda—com entusiasmo obviamente falso, mas sou a única que reconhece isso.

“Nada está acontecendo, Pen. Sarah quer explorar os túneis abaixo do castelo—supostamente há uma antiga masmorra lá embaixo, talvez um túmulo ou dois—mas ela está muito assustada para ir sozinha.”

Penny grita. “Oooh, isto é assustador! Bem, o Henry pode te levar depois das filmagens, mas não me conte! Não poderei dormir mais uma noite neste lugar velho novamente.” Ela puxa o braço de Henry.

“Vamos lá, eles estão esperando por nós. E você ainda tem que tomar banho e se trocar.”

Henry a deixa puxa-lo, olhando por cima do ombro uma última vez para me olhar.

Acontece que, assistir Henry brincar de casinha com minha irmã não ajuda, piora. Quando ela joga o açúcar de confeiteiro nele animadamente, eu quero vomitar. E quando ele limpa um pouco de farinha em sua bochecha com um pano—um movimento estritamente

platônico— percebo que pra mim já deu. Terminou. Não posso assistir mais a isso. Eu não quero.

E mais do que isso, não posso me esconder no meu quarto sabendo que cenas como esta — ou piores — continuam acontecendo fora dele.

Sinto que seus olhos me seguem quando giro no meu calcanhar e piso duramente para o andar de cima.



Duas horas mais tarde, encontro-a em nosso quarto, embalando suas coisas, com John Cale cantando “Aleluia” suavemente ao fundo em seu celular. Observar Sarah recolher lentamente seus pertences, vendo seus livros preciosos empacotados na bolsa à porta, tudo pronto para ir, me deixa lívido. Furioso. Ela realmente acha que pode simplesmente ir embora?

Ela realmente acredita que eu a deixaria ir?

Quero jogar todas as coisas dela pela janela para o oceano e amarrá-la à porra da cama—e eu sei o quão desagradável isso soa, e é por isso que não estou dizendo em voz alta.

Não quero controlá-la; eu só quero mantê-la. Seu espírito gentil, sua bondade amável se tornou o centro do meu mundo e não tenho certeza se sei como funcionar mais sem isso. Pego meus pensamentos de volta—eu não quero amarrá-la à cama, pelo menos não agora.

Agora mesmo, eu só quero amarrar Sarah a mim.

Cruzo os braços, me encostando-se à porta fechada. Ela pula quando falo, como se não soubesse que eu estava ali.

“O que você está fazendo?”

Minha voz é calma, mas eu sei que meus olhos estão brilhantes e intensos, e há uma energia frenética visível em meus membros, porque nós dois sabemos exatamente o que ela está fazendo.

“Eu vou para casa agora.”

Aceno, observando cada movimento dela. O balanço suave de seus quadris, sua bunda firme que foi feita para morder, a inclinação suave de sua mandíbula que agora está tensa com sua frustração.

Sarah coloca uma pilha de suéteres na mala e eu avanço rápido e afiado. E um segundo depois—seus suéteres não estão mais na mala, eles estão espalhados por todo o quarto, porque foi onde eu os joguei.

“Ei!”

Olhando para mim, Sarah pega um, balança, dobra e o coloca na mala—e então ele está fora novamente, voando sobre o meu ombro.

“Pare com isso!”

Aproximo-me mais, ficando nariz com nariz. “Pare com isso. *Você* não vai a lugar nenhum.”

Sarah levanta os braços. “Por que não? Penny tem estado em seu melhor comportamento—não há nenhuma razão para eu estar aqui!”

“Eu sou a razão!” Grito de volta. “Preciso de você aqui!”

Sarah olha para longe, para o canto do quarto. “Eu não posso fazer isso. Não aguento mais. Pensei que poderia, mas não posso. Ver você com elas faz algo feio e doloroso brotar dentro de mim. Talvez você possa me encontrar quando tudo acabar e então podemos ver se há algo entre nós...”

Se há algo entre nós? Ela perdeu a porra da mente?

“Vou sair do programa. Hoje.”

Isso a faz se endireitar—ela realmente não estava esperando isso. Sarah realmente pensou que eu ia apenas deixá-la sair pela porta. Não posso decidir se isso é engraçado ou triste.

“Não acho que você pode fazer isso.”

“Posso fazer o que quiser... isso vem com o título.”

“Vanessa ficará furiosa.”

Encolho os ombros. “É por isso que mantenho meus advogados com seus pagamentos em dia.”

Sarah se aproxima, lentamente, cautelosamente, olhando para mim.

“Você faria isso? Sair, só porque isso me deixa chateada?”

Eu quase rio. “Claro.”

“Por quê?”

E então sou o único a olhar para ela, com olhos perplexos e intrigados.

“Porque eu estou apaixonado por você, doce garota tola.”

Sarah continua quieta, apenas... olhando para mim. E a umidade cresce em seus olhos.

Pressiono minha mão em seu queixo.

“Você não sabia disso? Você não pode ver, Sarah? Estou absolutamente louco por você.”

Sua respiração estremece quando ela inala. “Eu não tinha certeza. Eu esperava, mas...”

Tiro seu óculos e os coloco na mesa de cabeceira para que eu possa beijar suas pálpebras, provando suas lágrimas.

“Eu te amo.”

Então beijo cada bochecha e seu queixo delicado. “Eu amo, amo, amo você.”

Eu beijo a ponta do seu nariz e sua boca perfeita.

E então estamos caindo na cama. Empurro de lado malas e roupas, fazendo espaço, mas meus lábios nunca deixam os dela. Deslizo minhas mãos até sua cabeça, segurando-a e guiando-a, nossas línguas acariciando e rodando. E então eu angulo minha boca para encontrar a de Sarah, e minhas mãos deslizam sobre seu couro cabelo. Ela recua para puxar a bainha da minha camisa, e levanto os braços para ajudá-la.

Suas mãos mergulham em meu cabelo, acariciando e agarrando. Seus lábios estão na minha clavícula, sob meu peito, meu pescoço e minha mandíbula.

Puxo sua camisa e a tiro, e abro o fecho do seu sutiã e o jogo e somos pele contra pele aquecida.

E não há palavras. Nós não precisamos delas. Nossas mãos falam por nós—explorando desesperadas. Nossas línguas mostram nossa adoração molhada e nossos olhos falam nossa confissão—nossa adoração um pelo outro.

Quando estamos completamente nus, deslizo pelo corpo de Sarah, chupando seus mamilos rosados e endurecidos. Suas costas se curvam e suas pernas se espalham e eu continuo beijando e lambendo sua buceta até estar choramingando e se contorcendo na cama e puxando meu cabelo. Então fico cara a cara com ela. Seus dedos se espalham pelo meu rosto, me abraçando enquanto me beija com tudo o que ela é e me dá tudo o que tem.

Mergulho minha mão entre suas pernas e gemo em sua boca quando sinto como está molhada, tão apertada e doce. E então não são só meus dedos traçando seus lábios inferiores, abrindo-a—é a cabeça dura e inchada do meu pau. O uso para espalhar sua umidade, para esfregar seu clitóris, e quando eu sei que Sarah não pode suportar mais um minuto, quando ela precisa me sentir tão desesperadamente quanto eu a ela, seguro meu pau e pressiono para dentro dela.

Gemo com a sensação do seu calor, em como é confortável estar dentro dela. Com a sucção, o aperto ganancioso de sua buceta apertando a cabeça do meu pau. Respirando irregularmente, me retiro.

Olho para o rosto de Sarah. Seus olhos estão cerrados, observando-me ofegante quando empurro nela novamente, um pouco mais desta vez. E ela geme, ardentemente, profundamente, com fome.

Sinto suas unhas cavarem em meus braços e seu quadril se levantar, precisando de mais. Precisando de tudo.

Eu pressiono meu pau em seu aperto novamente, desta vez sem parar. Suavemente, lentamente, deslizando para dentro.

Não pergunto se ela está bem; só observo seu rosto bonito, seus olhos fechados, suave e inabalável, enquanto absorve todas as sensações.

E porra, as sensações são esmagadoras. Sarah se aperta em torno de mim, os músculos molhados agarrando-me, embalando-me dentro dela.

Com meus cotovelos na cama, fico sobre ela, nariz a nariz, fôlego a fôlego. Recuo meus quadris, em seguida empurro duro e rapidamente—então estou completamente enterrado dentro dela.

A boca de Sarah abre em um grito curto, arqueando o pescoço. Pressiono minha boca sobre a dela, engolindo seus gemidos, lambendo seus lábios e sugando sua língua. Sarah abre seus olhos e eles brilham com alegria e calor e desejo dolorido.

Ela lambe os lábios e passa os dedos pelo meu cabelo.

“Você está dentro de mim,” sussurra contra a minha boca, e é quase demais. “Você está dentro de mim, Henry.”

Aceno impotente. Depois, entrelaçamos nossos dedos e erguemos nossas mãos sobre sua cabeça. Logo em seguida, começamos a nos beijar como se fosse o fim do mundo, então começo a me mover.

Firme e gentilmente, rolo meu quadril, esfregando seu clitóris com a base do meu pau. Sarah se move comigo, seu quadril levantando-se e circulando.

E é tão fodidamente lindo. Tão certo.

Qualquer coisa que veio antes não é nada. Isso é tudo o que

importa. Esta garota corajosa e impressionante em meus braços é tudo que vou precisar para sempre.

Minha mente fica sem peso e meu corpo toma conta. Os círculos se voltam para estocadas, mais duras do que antes, sua buceta molhada e seus gemidos agudos me deixam enlouquecido. Sarah aperta minha bunda, empurrando-me mais fundo.

“Henry,” ela ofega, seus dedos deslizando e segurando meus ombros com uma urgência. “Henry.”

Envolvo meus braços a puxando para mais perto, deixando-a saber, que estou com ela.

“Assim amor. É isso aí. Você vai gozar e vai gozar em torno do meu pau. Esse é meu amor.”

Meus quadris não param de se mover, esfregando, empurrando profundamente dentro dela.

E quando esse grito perfeito, soluçando, feliz brota de seus lábios momentos depois, quando Sarah pressiona sua têmpora contra minha bochecha e endurece porque o prazer está envolvendo seu corpo e é muito intenso para se mover...

É quando deixo meu orgasmo bater. Afundo meu rosto no pescoço dela e bombeio duro e rapidamente—e então estou enchendo-a, gozando em pulsos poderosos que reduzem a minha voz a grunhidos e gemidos, e meu coração a um naufrágio que pertence somente a esta mulher.

Depois, levanto a cabeça e sinto a carícia de sua mão contra minhas costelas. Beijo seus lábios, seu nariz e enxugo as lágrimas que escapam dos cantos de seus olhos.

E Sarah olha nos meus olhos e sussurra,

“Eu te amo, Henry.”

E este é o momento mais perfeito da minha vida.

“Nós não usamos nada.”

Provavelmente não é a coisa mais romântica pós-sexo que eu já disse. Mas os preservativos são a regra de ouro da relação real, e esta é a primeira vez que a quebro.

Sarah acena contra o meu peito, onde descansa a cabeça.

“Eu sei.”

“É minha culpa. Eu deveria ter pensado nisso.”

“Eu poderia ter pensado nisso também. Eu era virgem, não uma idiota.”

“Eu fui testado; você não precisa se preocupar.”

“Não estou preocupada.”

Viro-me de lado para que eu possa ver seus olhos. “O que você está pensando agora?”

"É o momento errado do meu ciclo para um bebê. Mas, eu li uma vez que há uma palavra para pessoas que só usam o método do ritmo para o controle da natalidade."

“Qual é a palavra?”

“Pais.” Sarah sorri.

Eu rio, então sopro um suspiro e olho para o teto. “Eu ficaria bem se você estivesse grávida. Quero dizer... não seria ideal no grande esquema das coisas, minha avó cagaria certamente um tijolo e faria o ridículo que pode ser minha vida ainda mais caótica. Mas eu cuidaria de você. E estaria bem com isso... feliz, animado mesmo. Isso é loucura?”

Sarah pensa por um momento. “Se for, então nós dois somos loucos, porque isso também resume meus pensamentos.”

Sarah se aconchega mais perto, desenhando círculos em meu peito com a ponta de seu dedo, e gosto da sensação dela contra mim. “Acho que é assim que você fica quando está apaixonado. Nada parece muito grande ou muito assustador, porque você sabe o que quer que aconteça, você não enfrentará sozinho.”

Poucos momentos depois, saio da cama e pego um pano, o molhando sob a água morna na pia do banheiro. Volto e limpo suavemente o fluido rosa entre suas pernas. Um rubor sobe em suas bochechas, mas Sarah não se opõe. Depois de fazer o mesmo comigo, deslizo sob as cobertas e envolvo meu braço em torno dela.

Beijo o topo de sua cabeça e passo meus dedos através de seu cabelo enquanto ela cai no sono, sua respiração firme, fazendo cócegas contra meu pescoço. Mas não adormeço. Eu fico acordado, a observando—porque ela é tão linda e perfeita. Minha querida garota.

Nunca tive alguém que fosse apenas minha, corpo e alma—minha para proteger, segurar e amar. E é isso que Sarah é... minha. Ela pertence a mim. Nós pertencemos um ao outro.

Eu me visto cedo na manhã seguinte para poder falar com Vanessa, e dizer que estou fora. Levo um de tempo para sair, porque os lábios de Sarah são terrivelmente tentadores. Não consigo parar de beijá-los.

Mas, eventualmente, forço meus pés a cruzar a porta.

E, menos de cinco minutos depois, volto rapidamente, desabotoando minha calça e tirando a roupa enquanto entrava. É importante ser eficiente.

“O que está acontecendo?” Sarah pergunta.

“Nua, agora mesmo. É intoxicação alimentar.”

“O que?”

“Todos têm—algo no serviço de alimentação ontem à noite. Todos que comeram lá contraíram.”

E todos comeram ali—os produtores, a equipe, Penny, Laura e Cordélia... todos menos Sarah e eu.

Tiro meus sapatos, minha calça caindo no chão. Meu pau salta livre, duro e firme, pronto e balançando um pouco enquanto me movo como se estivesse dizendo olá.

“Por que você ainda tem roupas?” Me aproximo dela. “Aqui, vou te ajudar.” Começo a tirar a sua roupa salpicando beijos sem parar. “Temos horas, provavelmente dias.” Inclino-me sobre ela e a beijo mais, mais profundo, mergulhando em sua boca bonita da maneira que vou mergulhar nela muito em breve.

“Nós podemos fazer isso por dias, Sarah.”

Desabotoo minha camisa rapidamente, mas quando tento tirar meus braços das mangas, minhas mãos ficam presas nos punhos. Então puxo bruscamente, enviando os botões voando pra todo lado. Sarah ri de mim, com a minha ânsia. Mas estou mais do que ansioso—na fronteira do desespero, com esse desejo insaciável de toca-la, fodê-la, segurá-la, estar perto dela. Estou fora de controle da melhor maneira, como se Sarah fosse uma droga fabulosa—um vício positivo—e vou fazer qualquer coisa por uma dose.

Sem camisa e sorrindo, levanto-a e coloco sobre a cômoda delicadamente, sentindo que preciso ser cauteloso. Sarah provavelmente está dolorida de ontem e Deus, eu sou como um animal no cio, querendo esfregar e fodê-la, mesmo se nós dois morrermos de fome.

“Peça para eu ir devagar.” Fico entre suas pernas e seguro seu rosto em minhas mãos. Eu me inclino e a beijo levemente—sorvendo seus lábios. “Diga-me para eu parar, Sarah.”

Suas sobrancelhas se juntam e sua cabeça balança, como se as palavras não fizessem sentido. “Não, por favor.” Ela alcança minha

cintura e prende suas pernas sobre meu quadril, atraindo-me contra ela. “Não pare Henry.”



Capítulo 20

Henry

Sarah tem uma pequena sarda avermelhada um centímetro abaixo do seu umbigo. Tem duas no interior de seu cotovelo, e uma pequena constelação pontilhada através de sua omoplata esquerda. Uma cicatriz fina e incolor traça seu osso da canela direita, e outra marca a parte externa de sua coxa esquerda, debaixo de seu quadril. Eu observo cada marca, cada imperfeição perfeita, enquanto nos escondemos em nosso quarto e exploro cada centímetro de sua pele. Horas depois, não há um lugar que não tenha beijado, lambido ou acariciado.

Ela se deita de costas agora, cílios baixos, me observando com olhos escuros e sedutores que fazem meu pau latejar. Novamente.

Mas... ainda não... a minha boca está se divertindo demais. Aperto meus dentes contra a carne macia de sua coxa e as pernas de Sarah se abrem mais, por conta própria. Pressiono um beijo em sua buceta macia e um rubor rosado brota em seu peito, se espalhando sob sua pele, todo o caminho até a ponta dos dedos de seus pés.

Eu tinha razão... Sarah fica corada em toda parte.

Arrasto meu dedo até sua fenda quente e, em seguida, para seu clitóris, esfregando círculos escorregadios e firmes. “Você está tão molhada.” Eu me admiro.

E ela se esconde atrás de suas mãos, murmurando: “Eu sei.”

Puxo seus pulsos e seus olhos voam para mim. “Nunca, jamais

se envergonhe disso. É lindo.” Deslizo a ponta da minha língua para cima e para baixo através de sua umidade. “Não é bonito? Eu amo isso. Significa que posso continuar transando com você, querida, durante horas e horas... por quanto tempo quiser.”

Sua buceta doce fica ainda mais molhada e eu rio no fundo do meu peito.

“Você definitivamente gosta dessas palavras, não é?”



Faço amor com ela no chuveiro. Seu cabelo é mais longo e mais escuro quando está molhado e o vapor da água envolve sua pele com um brilho orvalhado. Eu a levanto em meus braços e a pressiono contra a parede fria empurrando em movimentos constantes, firmes e medidos. Giro meus quadris, esfregando para frente e para trás sobre o seu clitóris rígido e necessitado.

Sarah passa os dedos ao longo do meu maxilar, olhando nos meus olhos, enquanto seus seios saltam em cada impulso. Ela traça meus lábios com seu polegar e eu mordisco e chupo a ponta do seu dedo.

“Eu te amo, Henry,” diz ternamente, mas firme. “Eu só... eu só amo você...”

As palavras fazem meus joelhos se transformarem em gelatina quente e enquanto seu tom não exige uma resposta—eu lhe dou assim mesmo. “E eu te amo.”

Depois, a pressão aquecida serpenteia pela minha coluna, acumulando no meu estômago. O orgasmo de Sarah a toma em silêncio—um suspiro simples de boca aberta, um aperto de sua buceta, me lança para minha própria libertação. Estoco dentro dela uma última vez, sua bochecha cai contra minha garganta e a minha pressionada acima de sua cabeça, contra o jato do chuveiro.

Eventualmente, temos de comer, e não quero incomodar o pessoal com pedidos ou ver ninguém. Assim, no meio da noite Sarah desliza em seu roupão e eu coloco só minha calça de pijama, e nós descemos furtivamente até a cozinha a procura de comida. Em seguida, pegamos o nosso saque—água, uma garrafa de vinho, um pedaço de queijo, um pão fresco e um saco de cookies—voltamos ao quarto e fazemos um piquenique na cama.

O vinho nos deixa sonolentos. Sarah me alimenta com os dedos e lambo as migalhas que caem sobre seu colo. E falamos sobre pequenas coisas—cores favoritas e aniversários—pequenos fragmentos de informação que, embora quase insignificantes individualmente, juntos compõem um grande pedaço de cada pessoa.

Não dormimos completamente, mas roubamos cochilos rápidos entre as vigorosas rodadas de sexo. Descanso a cabeça no peito de Sarah, enquanto ela canta baladas velhas, suaves e chatas, passando os dedos pelas mechas úmidas do meu cabelo. Eu não consigo ter o suficiente de sua voz e ela está um pouco obcecada com meu cabelo. Outras vezes, Sarah repousa sobre mim, mole e meio bêbada, e os únicos sons no quarto são nossas respirações sincronizadas e a vibração combinada dos nossos batimentos cardíacos.

O sol nasce e aparece através da janela, mas nenhum de nós percebe. E não sou o único que se diverte a explorar um corpo.

Logo depois de sentir o pulso do orgasmo de Sarah em meus

dedos, e lamber seu doce mel fora deles pela terceira vez, estou deitando de costas—e Sarah está entre meus joelhos espalhados, colocando sua boca para um uso fabuloso.

Ela acaricia a pele delicada do meu pau grosso com seu nariz.

"É tão suave", Sarah ronrona, sua respiração quente contra mim. "Como pode ser tão suave e duro ao mesmo tempo?" Ela lambe de cima para baixo, ficando completamente bem familiarizada e se divertindo no processo.

Ela mordisca a pele da minha coxa, fazendo-me um idiota. Sarah sopra o pelo do meu abdômen, me fazendo rir. Envolvendo seus lábios em torno da cabeça do meu pau, chupando com sua deliciosa boca e esfregando com a língua, até que não há nada no meu cérebro.

Sugando cada pensamento diretamente para longe.

Então, os lençóis farfalham enquanto ela vai descendo e eu sinto a pressão de sua língua, molhada e quente, arrastar para cima e para baixo na costura das minhas bolas—e é tão fodidamente bom que meu coração praticamente se afasta do meu corpo.

"Sarah", eu gemo. "Venha aqui."

Ela balança a cabeça, os cabelos escuros brilhantes balançando. "Estou me divertindo aqui."

E então Sarah abre aquela boca bonita, e usa para chupar minhas bolas.

"Jesus, porra." Gemo, me contorcendo de prazer.

Minhas palavras a encorajam, enquanto sua boca permanece ocupada, sua mão envolve meu pau, do jeito que ela sabe que eu gosto, e me acaricia em movimentos longos e firmes. Quando amaldiçoou mais uma vez, Sarah geme e sinto a vibração até a minha alma fodida.

E é aí que me descontrolo, quando decido que não posso ficar mais um segundo sem estar dentro dela.

Sentando, agarro Sarah sob seus braços e arrasto contra mim. Coloco a mão em seu cabelo, embrulhando as mechas ao redor dos

dedos, segurando com o meu punho, e as mãos dela se estendem contra meu rosto, os dedos cavando—cada um de nós segurando o outro com uma vontade cativa. Enquanto nossas bocas se devoram, os dentes estalam, as línguas rodam e apunhalam.

É áspero—o mais áspero que já me permiti ficar com Sarah. E ela liberta gemidos de prazer.

Então agarro seu quadril, arrastando-a sobre o meu pau, e invisto dentro dela, duro e cheio. Nós dois gememos e é tudo deslumbrante. Mas percebo quando suas sobrancelhas se unem e seus olhos se apertam em uma pequena e rápida careta.

Com uma mão segurando a sua nuca e outra em sua coluna, paro de me mover, fazendo-a olhar em meus olhos.

"Você está dolorida?"

Sarah sorri com um encolher de ombros. Porra, tão bonita. "Só um pouquinho."

Engulo com força, e roço minha mão acima em sua cintura até os seus seios. "Podemos parar Sarah. Há outras coisas que podemos fazer... eu não quero te machucar."

"Não dói, não realmente."

Abaixo a cabeça, lambendo o seu mamilo endurecido, trazendo-o para a minha boca e sugando-o.

"Não realmente?" Digo com meus lábios em volta dela, mordendo apenas levemente. "O que isso significa?"

O queixo de Sarah se levanta por um momento, esticando seu pescoço, me oferecendo mais dos seus seios. Mas então inverto o curso, puxando seu seio com um pop molhado e levando sua boca até a pele sensível na curva do meu pescoço.

E então Sarah me morde. *Realmente* morde. Não chega a ferir a pele, mas definitivamente deixa um hematoma.

"Isso dói?" Ela pergunta, tão docemente. Então me morde de novo.

Sibilo, e meus dedos agarram suas coxas. “Sim.”

Sarah beija a picada, lambendo a marca dos seus dentes.

“Você quer que eu pare?”

Desta vez ela chupa enquanto me morde, e meu pau se contorce dentro dela.

“Não”, eu arquejo.

Sarah levanta a cabeça e beija meus lábios. “Isso é o que ‘não realmente’ significa. Que dói apenas um pouco, mas é tão bom, que não importa. E eu quero mais.”

E Sarah está tão quente, molhada e apertada ao meu redor, meus olhos se fecham. Ela envolve os braços em meu pescoço, enquanto agarro seu quadril e a guio pra frente e para trás, lentamente, movendo-a para cima e para baixo em meu pau, antes de roçar minhas mãos sobre suas coxas e a deixo assumir.

“Eu não...” Sarah choraminga contra meu ouvido. “Eu não sei como.”

“Não há como, amor. Mova, como se sentir melhor. De qualquer maneira e do jeito que você quiser.”

Sarah fecha os olhos e morde o lábio. Então gira a bunda, testando a sensação nela. E Cristo, ela é uma aprendiz rápida. Seu queixo se levanta e sua coluna ondula, “oh... oh isso é... você está tão profundo assim, Henry.”

Meus lábios correm sedentos por sua clavícula. “Sim, tão profundamente.”

Arrasto a ponta do meu dedo para baixo de sua coluna, em seguida, subo novamente, no mesmo ritmo que Sarah me monta. Sua respiração se torna mais dura, seu quadril se move mais rápido e ela é adorável, selvagem em sua paixão—perseguindo o pico por nós dois.

Seu quadril perde o ritmo, estremecendo e sacudindo, suas coxas tremendo onde seus joelhos estão na cama.

Falo contra sua orelha, desejando ouvir o som de sua voz.

“Você vai gozar, doce? Gozar duramente para mim? Em cima de mim?”

Um gemido agudo escapa da garganta.

“Diga”, raspo duramente. “Diga agora.”

Os braços de Sarah apertam em torno do meu ombro e sua voz flutua de sua boca.

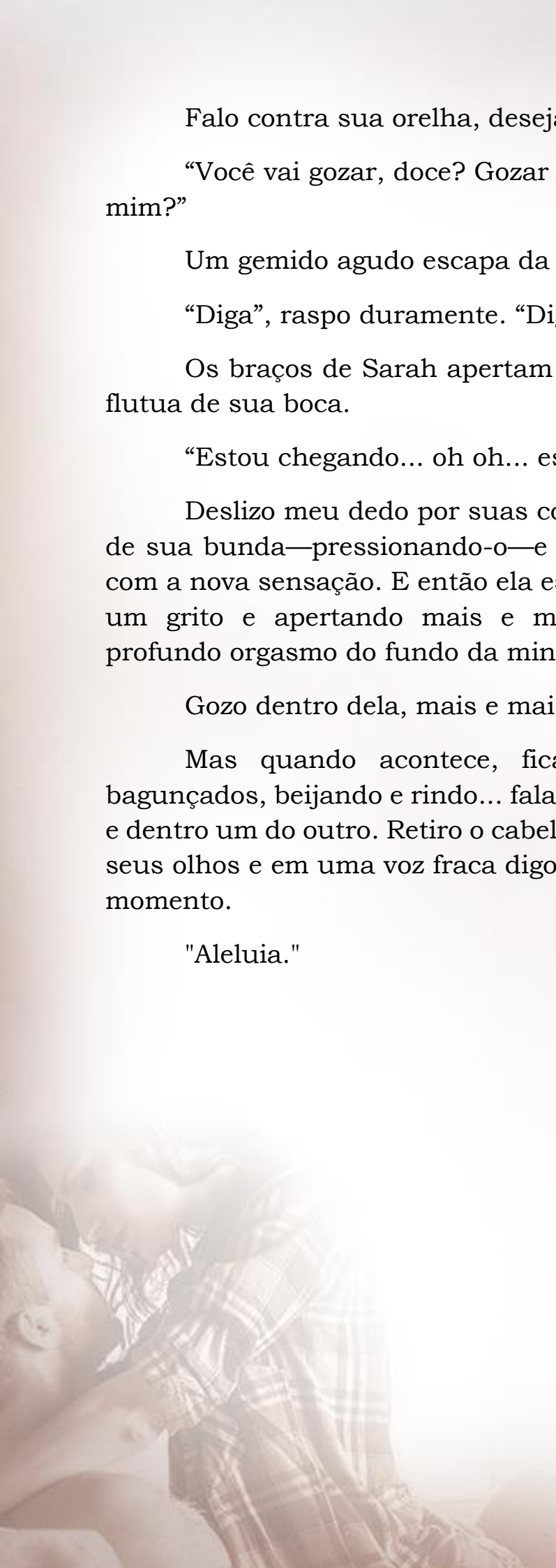
“Estou chegando... oh oh... estou quase.”

Deslizo meu dedo por suas costas, apoiando no topo da entrada de sua bunda—pressionando-o—e os músculos de Sarah se apertam com a nova sensação. E então ela está voando, gozando, vibrando com um grito e apertando mais e mais o meu pau—arrancando um profundo orgasmo do fundo da minha alma, juntos.

Gozo dentro dela, mais e mais, como se nunca fosse parar.

Mas quando acontece, ficamos ambos suados, pegajosos, bagunçados, beijando e rindo... falando coisas amorosas—tudo envolto e dentro um do outro. Retiro o cabelo úmido de seu rosto, olhando para seus olhos e em uma voz fraca digo a única palavra apropriada para o momento.

"Aleluia."



Capítulo 21

Henry

Infelizmente, chega o momento em que temos que parar. Depois de dois dias. A maioria da equipe já se recuperou da intoxicação alimentar e estamos prontos para retomar as filmagens. Nas docas. Um cruzeiro ao pôr do sol, jantar e dança—muito romântico. Fui um idiota por pensar que eu poderia continuar como se nada tivesse acontecido quando tudo na verdade mudou.

E se eu estivesse na posição de Sarah? Sabendo que ela estava passando horas e horas, com outros homens? Não me teria levado alguns dias para quebrar—eu teria arrancado os braços dele em minutos.

Depois de um banho quente, me visto e olho para o seu corpo quente adormecido na cama, às mãos dobradas debaixo da bochecha, um sorriso brincando em seus lábios rosados. E desta vez, eu simplesmente não tenho coragem de acordá-la. Escovo sua testa com meu polegar e dou um beijo lá. Com um suspiro, Sarah se aconchega mais nos cobertores, e é assim que eu a deixo—quente, segura e feliz.

O céu cinzento que me cumprimenta do lado de fora, e as nuvens de tempestade se acumulam sobre a água. Vanessa já está na doca quando eu chego; encontro-a na tenda branca, fazendo anotações em sua prancheta. Ela olha para cima quando entro.

“Bem, você está aqui. E cedo—pela primeira vez.”

Ela fala rapidamente com um dos membros da equipe, e assim

que ele sai ficamos sozinhos.

A pele de Vanessa está pálida e parece ainda mais magra, mais fina do que quando nos conhecemos. É óbvio que ela teve intoxicação alimentar também. “Como você está se sentindo?”

Vanessa encolhe os ombros. “Vou sobreviver. Mas estamos em um horário super apertado agora—não há espaço para atrasos, tudo bem?”

“Sim, sobre isso...”

“E eu estava pensando para a cerimônia de entrega dos sapatinhos de hoje à noite—você deve enviar Penélope para casa.”

“Por que a Penny?” Pergunto, apenas por curiosidade.

Seus olhos azuis-gelo parecem quase brancos nesta iluminação—desprovido de qualquer cor. “Porque isso deixa Laura e Cordélia para o episódio final. A Bela contra a Cadela. Será como Time Edward versus Time Jacob[39] novamente—as pessoas vão adorar.”

“Penny é legal.”

Vanessa encolhe os ombros involuntariamente. “Ela é mais uma garota de festa. Penélope é boa, mas Laura é a porra de uma santa.” Ela faz uma anotação na prancheta. “Então você está bem com isso?”

Cruzo os braços e me inclino contra a mesa. “Vanessa, eu não vou gravar mais novos episódios.”

Seus olhos pulam para mim. “Que diabos você está falando?”

“As coisas mudaram. Isto não é mais um bom ajuste para mim.”

“É sobre a irmã de Penélope, não é? A quieta...” Vanessa balança a cabeça. “Sempre os malditos quietos. Tudo bem, seja o que for—eu realmente não me importo com o que você faz à noite ou com quem gasta seu tempo, mas você vai ficar até o fim. Eu dei meses da minha

[39]Personagens de Crepúsculo, a série de histórias de fantasia e romance sobre vampiros, escrita por Stephenie Meyer.

vida para este show—você não vai estragar tudo agora, Henry."

Eu sabia que Vanessa ficaria chateada, então mantenho minha voz calma e direta. "Já tomei minha decisão."

Mas então Vanessa diz algo que me gela "Pelo amor de Sarah, você pode querer reconsiderar."

Lentamente, me aproximo dela. "O que isso significa exatamente?"

Ela cruza os braços, os cotovelos apontando. "Significa que Sarah Von Titebottum assinou uma liberação—qualquer filmagem que temos dela é nossa para usar como quisermos. E eu tenho um monte disso. Posso contar uma história muito interessante sobre a pequena Sarah. Como ela conspirou e planejou entrar no programa como assistente de sua irmã, mesmo quando não a selecionamos. Como ela seduziu e roubou você, não apenas das outras ladies, mas de sua própria irmã. Você ficaria espantado com uma imagem, um pouco de edição e música de fundo pode fazer. As outras garotas me apoiarão—pelo menos algumas delas—e quando eu terminar, qualquer um que assistir vai achar que Sarah é uma cadela desagradável, egoísta e traiçoeira."

Meu maxilar aperta o suficiente para quebrar. "Mas nada disso é verdade."

Vanessa encolhe os ombros. "Isto é um reality show, Henry. O que a verdade tem a ver com isso?"

Minhas mãos ficam úmidas e a raiva pica sob minha pele como faíscas elétricas.

Vanessa anda pelo espaço, olhando para o teto e fala quase filosoficamente. "Não acho que isso seria bom para o seu povo, se você realmente decidir casar com ela. E se não o fizer, os tabloides terão um dia produtivo. O que provavelmente iria agravar o seu 'problema'—as crises que ela tem." Vanessa balança a cabeça. "Seria muito difícil para Sarah."

Então ela desliza para frente, sua voz iluminada. "Ou, você pode

terminar os dois últimos episódios.” Vanessa gesticula para o barco. “Algumas horas no barco com Laura, um jantar em frente à lareira com Cordélia, e depois o final. Ninguém ficará surpreso se, após o final, você se separar amigavelmente da vencedora da tiara de diamantes—acontece com mais frequência neste negócio. Você honrará os acordos que assinou, e nós dois conseguimos o que queremos. E então, você e Sarah serão livres para caminharem até o pôr do sol. Conclusão perfeita e feliz para todos.”

Meus punhos se apertam em frustração, como um animal encurralado serpenteando antes de atacar. Mas mais do que isso, há um impulso irresistível de manter Sarah segura. Para protegê-la—sempre—a qualquer custo, especialmente dos problemas que eu mesmo procurei. Eu não quero que ninguém sofra por causa das minhas escolhas de merda—nem Nicholas ou vovó ou Wessco—mas especialmente ela.

Nunca ela.

“E agora... o que vai ser Alteza?”

Duas horas depois, eu estou no barco com Laura. Sentados em uma mesa perfeitamente preparada, com *brunch* e as câmeras filmando. Eu tentei ligar para Sarah—e continuo tentando—mas o sinal é um lixo. Antes de partimos, disse a Vanessa para dizer a Sarah que vou falar com ela assim que eu voltar esta noite. Mas eu confio em Vanessa tanto quanto confio em uma jiboia que promete ser boazinha com um gatinho.

“O que você está fazendo aqui, Henry?”

Bebo meu suco de laranja e champanhe desejando algo mais forte. Porque tudo parece tão fodidamente errado. “O que você quer dizer? Estou comendo com você.”

A cabeça de Laura se inclina e seus lábios se curvam em simpatia.

“Mas você está apaixonado por Sarah.”

Olho bruscamente para a câmera. Estamos com microfones, e isso não faz parte do script. Não é a maneira que o programa deve acontecer e eu não sei se isso voltará contra Sarah.

“Eu...”

“Já estive apaixonada, Henry. Sei como parece”

“É complicado.”

O rosto de Laura brilha com bondade e compreensão. “Não, é a coisa mais simples do mundo. O céu é azul, a terra é redonda... o Henry ama a Sarah. Não é verdade?”

E finalmente me bate o que ela está fazendo. Desde o início, este foi o show de Vanessa—a história que ela queria contar. E o resto de nós eram apenas peças no tabuleiro de xadrez. Mas Laura está me devolvendo. Dando-me a oportunidade de contar a história—nossa história, minha e de Sarah—mesmo que apenas uma única vez. Eles podem editá-lo, mas pelo menos, será dito.

“Sim. Eu a amo.”

Os olhos de Laura se enchem de lágrimas. “Bom.”

Cubro suas mãos com as minhas. “Eu sinto muito.” Eu nem sei do que estou pedindo desculpas.

Laura enxuga seus olhos, então acena para mim. “Não seja bobo, eu vou ficar bem.”

“Sim, você ficará” E pela primeira vez desde que tudo isso começou, eu esqueço tudo sobre as câmeras—e é só eu e uma amiga, conversando. “Um dia, você encontrará um homem que adora o chão que você pisa, que irá te fazer tão feliz. Ele está lá fora, agora mesmo em algum lugar, apenas esperando para conhecê-la.”

Laura encolhe os ombros. “Eu já tive. Talvez só tenhamos isso

uma vez na vida.”

Aperto suas mãos. “Isto é bobagem”. Eu penso em Sarah e tudo o que ela passou, o quão forte ela é, como faz sua própria felicidade. “Às vezes a vida é injusta, Laura. Mas você não pode desistir. Você precisa apenas seguir em frente e a felicidade a encontrará novamente. Eu acredito nisso.”

Ela sorri. E então uma rajada de vento sopra e nos atinge, derrubando as flores e os vidros sobre a mesa.

“Vamos ter que mudar tudo para dentro”, o cinegrafista diz.

As câmeras baixam e eu e Laura levantamos. Sem aviso, o barco se inclina e Laura cai no meu peito. Eu a agarro, apoiando minhas costas contra a parede externa da cabine para evitar cair.

Laura olha nos meus olhos. “Henry...”

Sua expressão está em branco e seu rosto pálido. Ela engoliu em seco. “Henry, eu...”

"Sim?"

E é quando ela abre a boca... e vomita em cima de mim..

Bem... *Que porra.*

Sarah

Não estou preocupada quando eu acordo sozinha. Passo a mão pelo lugar vazio na cama. Henry deve ter saído cedo para encontrar Vanessa e decidiu me deixar dormir.

Mereço isso pelos últimos dias.

Rolo de costas, olhando para o teto, repetindo esses dias na minha cabeça repetidas vezes. A forma como suas mãos exploraram e agarraram minha pele—possessivo e desesperado. As palavras que ele ofegou e promessas que sussurrou.

Ele me ama.

Henry Pembrook me ama.

E o que eu sinto por ele, nem consigo colocar em palavras, é tão grande. Excitação borbulha sob minha pele e calor aquece minha barriga. Nada será como antes. Antes eu estava feliz comigo mesma—com minha pequena vida. Mas isso é diferente. Parece que estou na beira de um penhasco de uma montanha, o vento chicoteando meu cabelo, o sol me cegando—mas não há medo. Somente alegria, pura e direita. Eu não vou cair. Não posso.

Porque Henry me mostrou como voar.

Estico meus braços acima da minha cabeça, fazendo meus pobres músculos sobrecarregados gemerem. O lugar macio entre minhas pernas lateja em uma sensação deliciosa, usada da melhor forma. Tomo um longo banho quente. Enquanto eu passo a bucha com sabão sobre meus seios e minhas coxas, são as mãos e a boca de Henry que eu vejo. Que eu sinto. E sorrio quando descubro manchas minúsculas e marcas de mordidas em minha pele. Prova de que não foi apenas um sonho. Não foi uma fantasia inspirada pela leitura da imaginação de alguém em algum livro.

Esta é a minha história.

Penny está esperando por mim no sofá quando saio do banho. Ela está um pouco pálida devido a intoxicação alimentar e com olheiras sob seus olhos.

“Como você está se sentindo, Pen? Melhor?”

Ela olha para o meu rosto e diz: “Vou cortar o pau dele!”

Acho que ela está se sentindo melhor.

Então se deita no sofá, gemendo dramaticamente. “Diga que você não deixou Henry Pembrook estourar sua cereja. Diga que não aconteceu!”

“Bem...” Eu começo. Mas isso é tudo que Penny me deixa falar.

“Filho da puta!” Depois de mais alguns gemidos e mais gemidos, senta-se e pega minha mão suavemente. “Eu tenho certeza no que diz respeito à primeira vez, Henry fez tudo certo. Mas ele não é para você, Sarah. Ele não é o tipo que sossega. Quero dizer, olhe onde estamos—este show. Henry está pulando de uma garota para outra. O que você acha que ele tem feito em seus ‘encontros’ com as outras mulheres? Você realmente acredita que ele não se animou nas malditas fontes termais? Com Cordélia?”

“Ele não fez. Nós conversamos sobre isso.”

Penny lança as mãos para cima. “Oh bem, vocês falaram sobre isso—então está tudo resolvido. Porque Deus sabe, que os caras nunca mentem. Especialmente ricos, mimados, intitulados, garotos *reais*. Estes são os mais verdadeiros de todos.”

Eu sorrio e balanço a cabeça para ela. Porque ela não entende.

“Ele me ama, Penny.”

Ela zomba. “Claro que sim. Ele lhe disse quando suas bolas estavam enterradas profundamente ou logo depois que ele gozou?”

Balanço a cabeça novamente. “Não, foi antes, mas —”

“Antes? Você sabe quantos homens disseram que me amavam antes—só para ter uma chance de me foder?” Penny levanta os dedos enquanto lista os nomes. “Vamos ver, Barry Windstormer, Alfred Sullivan, Timothy Englewood—embora ele fosse grande como um touro, valeu a pena totalmente—Ryan Fitz—”

“É diferente entre Henry e eu.” Aperto sua mão. “Ele realmente me ama. Eu o conheço, Penny, de uma forma que ninguém mais conhece. O que temos é novo... é profundo e real. Estou certa disso.”

Minha irmã se cala, mas ainda não parece convencida.

“Certa vez, mamãe também teve essa certeza.”

Eu hesito.

“Temos certeza, Sarah, até os bastardos provarem que estamos erradas.” Penny corre a mão pelo meu braço. “Eu não quero ver você se machucar. Não quero que você seja outro entalhe em sua coroa—e eu não quero vê-la se tornar notícia nos tabloides; nós duas sabemos que seria especialmente terrível para você. E quando o show for ao ar, a publicidade —”

“Henry vai desistir do programa. Não vai ao ar, porque ele não vai terminar. Henry está falando com a produtora agora.”

Os olhos de Penny se arregalam. “Ele lhe disse isso?”

“Sim. Veja, nem todos são bastardos e muitas vezes as ações significam mais do que palavras.”

O barulho de carros flutua da entrada que conduz ao castelo. E vejo a fila familiar de SUV´s.

“Ele voltou.”

Visto um suéter preto e calça, e prendo meu cabelo em um coque úmido. Então desço correndo para mostrar a Penny como ela está errada.

Chego ao hall de entrada, Vanessa Steele aparece através de uma pilha de papéis, dando instruções sobre a iluminação e configuração para a equipe correndo ao redor. Olho para trás em direção à porta, mas Henry não passa por ela. E não o vejo em lugar nenhum.

“Onde está Henry?” Pergunto.

Vanessa me dispensa sem olhar. “Ele está em um encontro com Laura.”

Não levei um soco no estômago, mas as palavras me fazem querer dobrar como se realmente tivesse sido. Sinto Penélope em pé atrás de mim ouvindo, suas emoções crescendo como um vulcão pronto para entrar em erupção.

“Ele falou com você?” Pergunto a Vanessa.

“Resumidamente, sim, antes de entrar no barco.”

Eu sinto meu rosto começar a esquentar, mas tento ser forte. “Henry disse alguma coisa sobre mim? Sobre o programa?”

Ela levanta o pulso, verificando seu relógio de diamante. “Não tenho tempo para conversar, senhorita Titebottum—tenho um show para planejar.” Vanessa olha por cima do ombro. “Certifique-se de estar vestida e pronta para a sessão de hoje, Penélope. E você deve usar aquele vestido azul-escuro—a cor fica bem em você.”

Vanessa se move para passar por mim, mas minha mão avança agarrando seu braço.

Porque eu não vou ser dispensada.

E então olho para seu rosto, olhando em seus olhos.

“Você está mentindo.”

Ela olha para mim por alguns segundos e então suspira. “Eu tenho a sensação que Henry sentiu que as coisas seriam mais fáceis desta maneira, para todos os envolvidos. Ele disse que falaria com você quando voltasse. E essa é a verdade.”

E Vanessa sai do meu aperto e se afasta.

De volta ao meu quarto, Penélope vibra ao meu lado como um pequeno tornado loiro que quer destruir tudo em seu caminho. “Porra. Ele. Ele não merece você. Eu poderia literalmente matá-lo por isso.”

Tento ligar para o celular de Henry novamente, mas a ligação vai direto para o correio de voz.

“Deve ser algum tipo de mal entendido. Não vou entrar em

pânico, Penny."

"Como pode ser um mal entendido? Henry disse que ia parar e obviamente não parou. Não seja ingênua, Sarah. Ele passou o fim de semana te metendo em transe e agora está onde? Com Laura Benningson. Em um barco. Provavelmente dizendo as mesmas coisas que lhe disse. O pobre e incompreendido Príncipe. Henry conhece as mulheres, Sarah. Ele sabe quem são as quebradas, que nos esforçamos para nos consertar."

Sinto-me doente. Meu estômago se contorce e cai. E pela primeira vez, eu me sinto... usada.

Penélope olha ao redor do quarto, seu rosto firme e afiado, as rodas girando furiosamente em sua mente. "Nós devemos ir embora. Apenas arrumar nossas malas e sair. Agora mesmo."

Minha voz é oca, como um eco de mim mesmo.

"Você assinou um contrato, Penélope."

"Que se foda o contrato; eu não preciso deles. Jerry, o cinegrafista, tem um cunhado que é um agente em Los Angeles. Ele enviou minhas fotos e vídeos e ele me quer voando para lá no próximo mês." Penny aperta minha mão. "E mesmo que não tivesse acontecido isso, você é mais importante para mim do que esse reality."

Minhas costas endurecem. "Eu não vou fugir. Se os sentimentos do Henry mudaram, ele pode ter a decência de me dizer na cara."

"Não há nada de decente sobre ele! E você não está fugindo, está dizendo para ele se foder! Que não pode mexer com você, como se você fosse um idiota apaixonada. Henry pode ter tomado sua cereja, mas quem se importa—pelo menos você terá seu orgulho. Vamos, Sarah. Seja forte."

É isso que significa ser forte? Acho que não. Para mim, significa ter fé em Henry, até que ele me dê um motivo real para não. Não estou pronta para desistir dele ainda e digo tudo isso a minha irmã.

Penny suspira, seus ombros caem, e passa o comando para a sua rainha do drama. "Você veio aqui por minha causa—tudo isso é

por minha causa. E se você acabar machucada por causa disso, nunca vou me perdoar."

Eu a abraço.

"Não há nada a perdoar. Eu sou uma garota grande, Penny. Sou responsável por minhas próprias escolhas. Ninguém mais."

E Henry também.



Eu coloco "Aleluia" por John Cale em repetição no meu celular e sento no recanto, não lendo, mas olhando para fora da janela. Esperando. Uma tempestade chegou, a chuva e o vento, atirando o castelo e as ondas do oceano rugindo contra as rochas. Penny eventualmente adormece no sofá. Cancelaram a filmagem da noite. Um membro da equipe disse à minha irmã que eles decidiram ancorar o barco em alto mar, para esperar a tempestade em vez de tentar fazer uma tentativa para a costa. A preocupação me apunhala quanto vejo as ondas quebrando, violentas e furiosas. Espero que ele esteja bem... por favor Deus, que ele esteja bem.

E então eu percebo que eu tenho orado por "ele" e de repente um tipo diferente de preocupação me invade. Porque Henry não está sozinho no barco. Ele está com a Laura—linda, divertida e verdadeiramente uma pessoa legal—Laura. Apesar do que eu disse a Penny, não sou ingênua.

Henry não deveria estar no barco. Ele me prometeu. Por que ele foi?

Quando a linda canção se repete, penso em todas as coisas que aconteceram nos últimos dias. Tantas mudanças.

E sinto que estou caindo, afinal—como se minhas asas tivessem sido cortadas.

Eu tenho medo e estou insegura sobre tudo. Não é só sobre Henry. Sinto falta do meu apartamento. Sinto falta da biblioteca e da alegria simples dos meus livros. Eu sinto falta da consistência e da garantia em saber como cada dia vai começar e terminar. Eu anseio por isso, no fundo, da mesma forma como uma pequena tartaruga busca a proteção calorosa do seu casco.

A noite passa mais rápido do que eu imaginava. E quando o sol se ergue acima do horizonte, e a voz de John Cale silencia, eu limpo minhas lágrimas e lavo meu rosto.

Hora de crescer.



Capítulo 22

Henry

Isso que é uma noite fodida! Um desastre terrível de uma noite. Em um barco. Em uma tempestade. Com uma mulher com intoxicação alimentar, vomitando enjoada, implorando que segure o seu cabelo e pedindo a todo instante para eu faça o maldito tempo mudar.

Mexa-se, Stephen King[40]—agora sou o mestre do horror.

Enquanto subimos para o portão, tudo o que posso pensar é em um banho quente e aquela cama grande e perfeita, com Sarah quentinha e nua firmemente contra mim.

Ajudo Laura a sair do carro e entrar no castelo; ela está fraca e cansada. Mas dentro do castelo está um caos. Membros da equipe agitados e gritando, e... Willard.

Por que diabos Willard está aqui?

Pelo canto do olho, vejo Vanessa Steele, indicando a um cinegrafista para começar a filmar. Antes que eu possa dizer uma palavra, a pequena Penélope Von Titebottum avança e me dá um maldito soco.

"Idiota!"

Dou um passo fora do seu alcance, mas por pouco.

---

[40]Stephen Edwin King é um escritor americano, reconhecido como um dos mais notáveis escritores de contos de horror fantástico e ficção de sua geração

Sarah desce as escadas, parecendo pequena e frágil. Com bolsa pendurada em seu ombro... cheia com seus livros.

“Sarah... o que está acontecendo?”

Sua pele está tão pálida, seus olhos enormes e escuros enquanto me olha atentamente de cima para baixo. “Você voltou. Vocês estão bem? Alguém se machucou? Estava preocupada com a tempestade.”

“Não, estamos bem. Estamos todos bem.”

Logo, algo muda em seus traços. “Você disse que não iria. Você saiu dizendo que estava indo cancelar tudo, Henry. E em vez disso, esteve fora toda noite—acho que mereço uma explicação.”

Esfrego minha testa. “Eu ia parar, mas... desta forma é mais fácil. Só mais alguns dias, Sarah. É melhor assim—confie em mim.”

“Melhor para quem, Henry?” Lágrimas enchem seus olhos e quero morrer. E seu tom goteja com traição. “Eu esperei por você. Acreditei em você, como uma tola. E você estava com Laura toda a noite, fazendo —”

“Nada!” Eu grito, porque—*porra, caralho!* “Nada aconteceu entre mim e Laura.”

Claro, há uma pausa no barulho, apenas o suficiente para que a voz de Laura seja ouvida quando diz a Cordélia, “Henry foi maravilhoso. Ele me segurou a noite toda.”

Sarah empalidece então a acusação retoma seu lugar na expressão dela.

“Enquanto ela vomitou seus intestinos!” Eu grito. “Em cima de mim! Aqui, sinta é o cheiro de vômito e não de buceta.”

Há um suspiro alto e um grito, nós viramos a tempo de ver a cabeça de Laura, seus olhos fechados e seus joelhos moles enquanto desmaia. Felizmente, Willard faz o resgate—ele se move rapidamente e a pega antes dela atingir ao chão. Lentamente, ele abaixa até seus joelhos e depois de um momento, Laura abre os olhos, piscando para ele.

“Você me pegou.”

“Sim”, Willard responde gentilmente.

“Eu sou Laura.”

“Olá, sou Willard. Sinta-se livre para cair em meus braços a qualquer hora.”

Laura cobre a boca com a mão. “Eu cheiro terrivelmente.”

Ele a olha—já totalmente encantado.

“Não me importo.”

Penélope quebra a cena terna quando aparece ao lado de Sarah, com as mãos nos quadris. “Bem? Ele desistiu?”

A voz de Sarah tem um toque de morte. “Não.”

As faíscas praticamente saem dos olhos de Penny—bem na minha testa.

“E não vai? Ele continuará saindo com as outras mulheres?”

“Eu não estou saindo com elas,” protesto. “Não desse jeito.”

Somente Sarah parece acreditar. “Sim.”

“Eu sabia.” Penny balança a cabeça. “Estou feliz por ter chamado Willard de antemão. Mandaremos a equipe pegar nossas coisas. Vamos, Sarah.”

Pego o braço de Sarah. “Não é como parece, eu juro. Eu posso explicar.”

Ela faz um esforço visível para controlar sua respiração. “Não, eu acho... acho que Penny está certa. Uma nova perspectiva será muito boa para mim. É muita coisa acontecendo de uma vez. Não vou ficar aqui com você saindo...” Sarah olha para longe, sufocando as palavras. “Eu preciso de algum espaço longe de tudo isso.”

Quer dizer espaço longe de mim. E o *espaço* é apenas mais uma palavra para o banimento.

E por um momento eu perco a cabeça.

“Puta que pariu!” Eu chuto a mesa ao lado da escada—enviando um vaso de cristal caindo e quebrando no chão, emitindo o som da explosão de arma enquanto se quebra em mil pedaços.

E o rosto encantador de Sarah empalidece a um branco total. Seus olhos envidraçam e seu corpo fica imóvel como a morte.

E parece que minhas costelas se transformam em pó.

Porque ela se foi, perdida em um inferno criado por seu pai...

E fui eu quem a mandou para lá.

Palavras angustiadas são arrancadas de meus pulmões. “Sarah... não...”

Antes que eu possa pegá-la em meus braços, Penny está lá, puxando-a e gritando.

“Afaste-se dela! Fique longe!”

Os olhos de Penélope são selvagens, e sua boca é repuxada em um rosnado feroz, pronta para rasgar em pedaços qualquer pessoa que se aproximar da irmã que ela tanto ama.

Estamos congelados em nossos lugares por apenas alguns minutos, mas parece muito mais tempo. E escuto um som horrível de raspagem que vem de sua garganta quando Sarah retorna, ofegante e apavorada, agarrada à Penny. Então levanta a cabeça e olha para mim.

Dou um passo para frente novamente, mas Sarah se afasta, arrastando Penélope junto. Levantando a cabeça e olhando para mim. “Pare.”

E é tudo tão horrível. Como é possível que as coisas passem de perfeitas—os momentos mais perfeitos da minha vida—para ruínas?

Mantenho minha voz calma e firme. “Sarah, por favor, apenas... por favor.”

Nem sei o que estou implorando.

“Fique... fique longe de mim.”

E com um último olhar agonizante ela se vira e com Penny, sai pela porta.

Eu avanço, mas meus passos se transformam em tropeços, e antes que eu sinta, estou de joelhos. Talvez seja a exaustão ou talvez seja o conhecimento que o único relacionamento na minha vida no qual pensei ter finalmente acertado, a única mulher que me despertou para o amor, a pessoa pela qual eu arrancaria meu coração... não quer ficar perto de mim.

Laura está em pé agora, parada ao lado e observo enquanto Willard se vira para seguir Sarah pela porta.

“Willard!” Eu chamo. “Espere.”

Olhos castanhos macios nadando em compaixão olham para mim. “Desculpe companheiro. Ela é minha melhor amiga. Talvez... apenas a deixe recuperar o fôlego, sabe?”

E então ele também sai.

Não sei quanto tempo fico lá de joelhos, com a cabeça entre as mãos. Eu sinto pessoas se movendo, ouço seus sussurros, mas depois há uma onda de ar frio da porta, e uma voz clara e furiosa que eu conheço muito bem, corta através da minha névoa.

“O que em nome de tudo o que é mais sagrado está acontecendo aqui?”

Vovó está em casa.

Porra. Fodeu.

Levanto minha cabeça e a vejo caminhar em minha direção, como um deus do trovão, relâmpago e destruição. No meio do hall de entrada, Vanessa Steele a intercepta.

“Rainha Lenora, eu esperava que nos cruzássemos. É uma honra conhecê-la.”

E estende a mão.

Grande, grande, *grande* erro.

A rainha ergue o queixo e olha para a mão estendida de Vanessa com olhos tão afiados que é uma maravilha que não cortou seu braço.

“Você sabe quem eu sou, garota?”

“Ah!... sim... você é a rainha de Wessco.”

Suas palavras são secamente enunciadas e goteja veneno.

“Você não nos oferece sua mão. Você se curva.”

E assim como muitas pessoas mais fortes antes dela, a produtora cede... e se curva. Vovó passa por ela desdenhosamente. Vindo diretamente para mim.

Mas o estranho é... eu não sinto nenhuma culpa, vergonha ou intimidação. É como se houvesse uma pequena bola de aço no meu estômago, ou uma bola de neve rolando e crescendo mais e mais. E mesmo que eu tenha ferrado tudo, não tenho nenhum desejo de me explicar—não agora. Nem mesmo para a Rainha.

Tudo o que eu sinto é a determinação de ir a algum lugar sozinho e descobrir como consertar essa confusão.

E isso significa que vovó vai ter que esperar

“Henry, o que no —”

Fico em pé e levanto minha mão.

“Falarei em breve, Sua Majestade.”

Seus olhos se arregalam e seu peito se enche enquanto inala, como um dragão prestes a cuspir fogo.

“Em breve?! Você vai explicar —”

Olho em seus olhos e digo em um tom que não arrisca nenhum argumento—um que eu nunca usei com ela em minha vida, “ *Agora.* Não”

É possível que eu tenha atordoado ela ao ponto do mutismo, ou de lhe causar um derrame. De qualquer forma, sua boca se fecha. E

viro os calcanhares, caminho até a biblioteca e fecho a porta atrás de mim.



Durante a próxima hora, talvez duas, fico sentado na cadeira de frente para a lareira, e assisto as chamas dançar e lamber a pedra que as detém.

E eu contemplo. Pondero. Pela primeira vez na minha vida.

É útil.

E vejo tudo tão claramente, como ler um mapa—cada erro e ato equivocado. Mas não fico atolado pelos erros. Eu me recuso a afundar na auto piedade e no ódio, na dúvida e no arrependimento. Não desta vez—nunca mais.

Esse era o velho Henry. E eu realmente não sou mais ele.

O fundo do poço muda você. Vislumbrar o céu muda ainda mais.

Eu toquei a perfeição, senti seus braços em volta de mim e embora ela tenha escorregado, ela está lá fora, apenas fora do meu alcance. Esperando-me sair da minha bunda e consertar minha merda. Para provar a mim mesmo. Para me tornar o homem... e o rei... que ela merece.

E olhando para aquele fogo, juro a mim e aos meus pais, a Deus e — que se foda — o diabo também, que não vou decepcioná-la.

“Henry.”

Não ouvi minha avó entrar. Ela está ao lado da minha cadeira, olhando para mim, não com raiva ou desapontamento em seus cinzentos olhos tempestuosos—mas outra coisa. Preocupação, talvez. Curiosidade?

“Precisamos discutir o que aconteceu aqui. O que você fez meu filho?”

E lhe dou a verdade. Sem desvio ou desculpa.

“Fiz uma bagunça de coisas, Vovó. Mas... eu não vou fazer mais isso.”

Vovó me olha por vários momentos e depois diz suavemente: “Tudo bem.”

“Vou me casar com lady Sarah Mirabelle Zinnia Von Titebottum.”

As palavras saem tranquilas e verdadeiras. A terra é redonda. O céu é azul. E vou me casar com a Sarah.

Ela ainda não sabe, mas... um passo de cada vez.

“Do que eu a conheço, ela é um pouco tímida, mas nós podemos trabalhar nisso. Ela é uma linda garota.”

“Sim, ela é.” Olho em direção ao fogo. “Ela era virgem quando me conheceu. Agora não é mais.”

Minha avó coloca suas mãos em sua cintura. “Entendo. Existem maneiras de contornar essa parte da lei. A declaração juramentada de um médico deve resolver.”

Minha voz é suave, mas estável. “Eu não quero resolver dessa forma. Quero mudar a lei. Não vamos nos casar até que seja feito.”

“Mas por que isso importa?”

“É importante para Sarah... então é importante para mim. E quando eu puser o anel da mamãe em seu dedo, quero que o mundo saiba que é porque eu a escolhi. Não porque ela encaixa no perfil ou preenche os requisitos, mas porque ela é magnífica. E tenho a sorte dela estar disposta a me tolerar.”

Minha avó arfa. “Mudar a lei levará tempo. E exige uma votação do Parlamento. Que significa... politicagem.”

“Eu sei. Estava esperando que você pudesse me mostrar como ser bom nisso. Você vai me ajudar, vovó?”

Ela pisca para mim. Como se nunca tivesse me visto antes, como se estivesse aliviada e agradecida pelo que seus olhos contemplam. “Sim. Sim, eu posso fazer isso, Henry.”

Coloco minha mão sobre a dela e dou um pequeno aperto. Não é um abraço, mas é um começo.

“Obrigado.”



Pouco tempo depois, depois de explicar toda a situação à rainha, é hora de limpar a casa. Eu acho Vanessa na biblioteca, pela primeira vez parecendo esgotada e embaralhando seus papéis.

Minha voz é suave, mas com um toque letal.

“O que você disse a ela?”

Ela levanta o queixo pontiagudo. “Nada que não fosse verdade.”

Endireito meus ombros e olho para ela, exigindo: “O que você *disse*?”

“Vamos, Henry. Você sabe como isso acontece. O drama vende. E o seu encontro com a irmã? Isso é um drama extravagante perfeito.”

“Você acha que isso é um jogo? Apenas um show? Isto é minha vida.”

Vanessa cruza os braços e endurece sua postura. “Você é um príncipe. Sua vida inteira é um show.”

“Não mais.” Balanço a cabeça. “Acabou. Está tudo acabado. É o fim. Pegue suas filmagens e faça o que quiser. Quer me eviscerar na televisão? Boa sorte.” Então me inclino sobre ela. “Mas estou te avisando agora e este é o único aviso que terá—se você procurar Sarah, se a denegrir de qualquer forma, eu vou arruinar você. Eu vou usar

todos os recursos à minha disposição—e eu tenho um maldito país por trás de mim—para destruir você e tudo que tocar. Estamos entendidos, Srta. Steele?”

Seus olhos perfuram meu rosto, medindo a minha determinação e minha sinceridade. Vanessa pode não ser particularmente agradável, mas ela não é estúpida.

“Quero uma exclusiva.”

“O quê?”

“Se as coisas avançarem entre você e a devoradora de livros, será a história do século e eu quero isto. Vou segurar as filmagens e quando você anunciar seu noivado, vou fazer um documentário.” Seus olhos brilham, imaginando as manchetes. “Vai ser um maldito conto de fadas. O príncipe inquieto domado pela garota quieta. E depois de passar por uma dúzia de colchões, ele encontrou sua ervilha perfeita. Eu quero uma entrevista final para ilustrar essa história—com você e Sarah.”

Giro a oferta na minha cabeça, pesando as opções.

“Eu vou te dar uma entrevista, mas não vou falar por Sarah. Se ela quiser participar, tudo bem—se não, você se contentará apenas comigo.”

“Concordo.”

“E eu quero aprovação final.” Aponto meu dedo para ela. “Você não vai divulgar um segundo de filmagem, até que eu a veja em sua totalidade e aprove.”

Vanessa pensa sobre isso e então estende a mão.

“Negócio fechado.”

E nós apertamos nossas mãos.

E parece que eu não sou tão merda em politicagem depois de tudo.

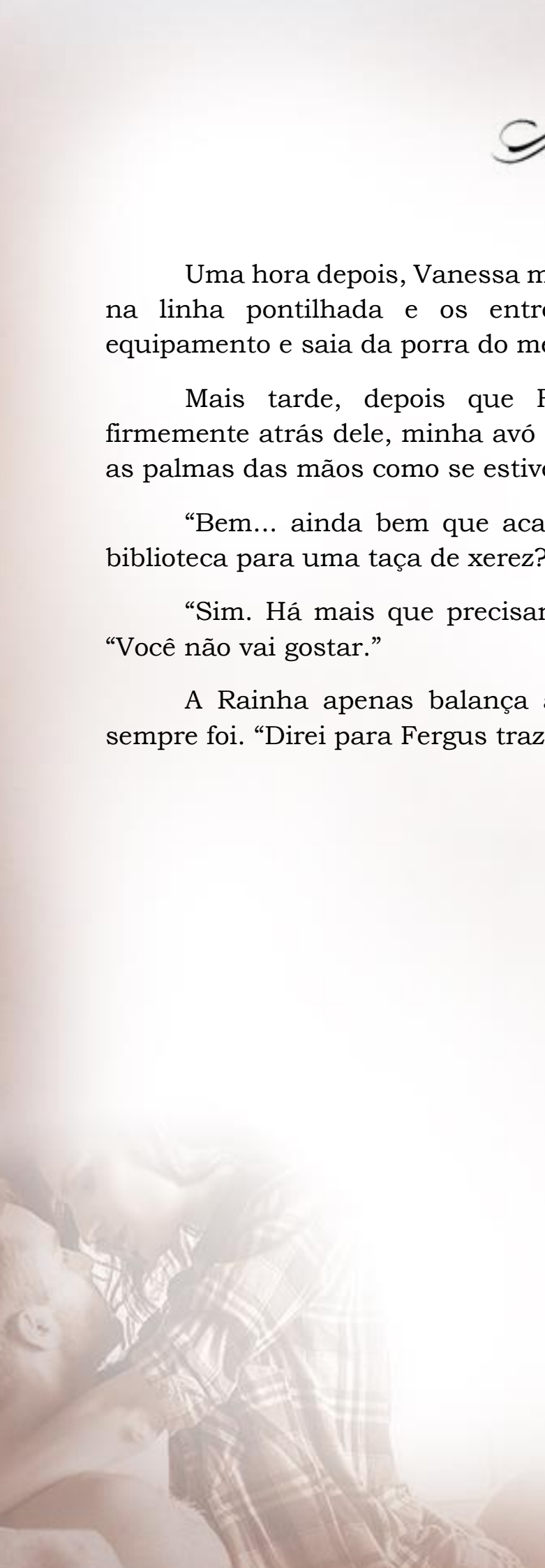
Uma hora depois, Vanessa me traz os novos contratos. Eu assino na linha pontilhada e os entrego de volta. “Agora, pegue seu equipamento e saia da porra do meu castelo.”

Mais tarde, depois que Fergus fecha a porta do castelo firmemente atrás dele, minha avó fica ao meu lado no hall, escovando as palmas das mãos como se estivesse limpando a poeira.

“Bem... ainda bem que acabou. Você vai se juntar a mim na biblioteca para uma taça de xerez?”

“Sim. Há mais que precisamos discutir.” Olho em seus olhos. “Você não vai gostar.”

A Rainha apenas balança a cabeça, firme e inabalável como sempre foi. “Direi para Fergus trazer taças extragrandes.”



Capítulo 23

Sarah

Três semanas.

Não parece tão longo. Três semanas. Não parece tanto para dizer em voz alta. Apenas duas palavras. Mas de certa forma, as últimas três semanas pareceram infinitas. Cheias de dúvidas e questionando o que eu deveria ter feito de maneira diferente—o que deveria fazer agora e em seguida. O cansativo debate interior. Eu ligo para ele? Espero que ele entre em contato comigo? Henry ainda está filmando? Devo voltar para o Castelo de Anthorp? Ele ainda está lá ou está por trás dos portões do palácio? Não houve uma palavra sobre Henry nas notícias ou manchetes. Por que ele não me ligou? Ele alguma vez pensa em mim? Quando eu disse a Henry que precisava de tempo e espaço, não pensei em terminar. Não acreditava que era realmente o fim. Deveria ter ficado mais tempo? O julguei muito rápido, o deixei muito cedo?

Mas nem tudo foi arrependimento e auto piedade.

Eu parei de chorar depois de quatro dias.

Parei de verificar meu celular por mensagem ou uma chamada perdida depois dos dez.

Depois de dezesseis dias, parei de olhar para cima e para baixo na rua quando saía da biblioteca, procurando um SUV preto e olhos verdes selvagens.

Depois de dezoito dias, aceitei que Henry não estava vindo para mim.

Eu ainda sonho com ele, no entanto. Todas as noites, na cama, ouço sua voz e imagino seus longos dedos dedilhando as cordas daquela velha guitarra. Vejo seu sorriso em minha mente e posso jurar que sinto o cheiro dele nos lençóis. E então os sonhos vêm, mas não há muito que eu possa fazer sobre isso.

Porque, às vezes, a vida é muito parecida com um livro—não conseguimos escrever nosso próprio final, temos somente que aceitar o que já está na página.

Escorregar de volta para a minha vida era fácil, porque estava pronta, como um manual de LEGO para crianças—as peças projetadas para se encaixarem sem problemas. Organizado e programado.

Mas no final da primeira semana, dia sete, algo estranho aconteceu. Algo que acabou por não ser tão ruim.

Comecei a procurar maneiras me desviar da minha rotina. Para me afastar da consistência que eu desejava. Entrei cedo no trabalho e saí depois do pôr-do-sol—não apenas para me manter ocupada, embora isso tenha desempenhado um papel, mas porque ansiava por alguma coisa... diferente. Algo novo. Satisfaço a coceira com pequenas coisas no início: reorganizando os móveis, pendurando cortinas novas, andando um trajeto diferente para casa a cada dia, oferecendo-me para cuidar do bebê dos Barnaby do andar de cima para que eles pudessem ter um encontro, indo para jantares na mamãe aleatoriamente, em vez de as quarta-feira e aos domingos.

Uma noite, Annie me levou para um pub duas cidades daqui, para conhecer seu novo namorado, Wade, que felizmente não é de todo um idiota. O lugar estava um pouco agitado, lotado e barulhento. Mas eu não me importei tanto.

Outra vez, foi para um jantar dançante com Willard. A parte engraçada foi que olhei continuamente para a banda enquanto eles tocavam, porque havia uma sensação de empurrão, puxando dentro de mim—e eu tive a vontade mais louca de subir ao palco e pegar o microfone para uma ou duas canções. Eu realmente não fiz isso, mas pensei sobre isso o tempo todo.

E não estava com medo.

Porque uma vez quebrada, não importa se os pedaços voltam a encaixar—nunca será da mesma forma. As rachaduras estarão sempre lá.

Esse é o efeito Henry.

E é milagroso. Libertador. E apesar de tudo ter acabado no final, eu sempre vou amá-lo por isso. Sempre serei grata. E sempre me lembrarei do doce e teimoso príncipe que me mudou para o melhor.



O simpósio. Meu Waterloo.[41]

Na segunda semana em que eu estava de volta ao trabalho, o Sr. Haverstrom me perguntou se eu ainda faria a apresentação, agora que meu negócio no Palácio tinha sido concluído mais cedo. Ele disse que entendia se eu recusasse, porque eu não tinha tempo para preparar uma apresentação.

Ele me deu uma saída fácil. E eu poderia ter tomado.

Mas não o fiz.

Então aqui estou. Na maior sala de conferências da Biblioteca Concordia, de frente para uma sala lotada, mais de duzentas cadeiras ocupadas e mais participantes parados ao longo das paredes. Todos os olhos em mim.

Willard e Annie estão logo à frente, o mais perto possível como apoio moral... e para me pegar se eu desmaiar. Eu sei que minhas bochechas estão brilhantes em um vermelho flamejante. Meus joelhos tremem e meu estômago gira como um pião. Quando ando até o

[41]A Batalha de Waterloo foi um confronto militar ocorrido a 18 de Junho de 1815 perto de Waterloo, na atual Bélgica. Este confronto marcou o fim da guerra de Cem Dias e foi a última batalha de Napoleão; a sua derrota terminou com o seu governo como Imperador.

microfone, o pânico sobe até minha garganta, ameaçando me sufocar.

Em seguida, fecho meus olhos e respiro profundamente, e então... imagino Henry Pembrook nu.

E eu ri. Porque ele estava certo, o babaca. Funciona mesmo.

Uma hora depois, estou encerrando minha apresentação sobre a importância de promover a alfabetização infantil especialmente entre as meninas. Mantive a minha cabeça baixa, os olhos nas minhas anotações, então, embora provavelmente não tenha sido a conversa mais envolvente, eu não desmaiei ou adormeci nenhum deles, então considero uma grande vitória.

Só tenho que passar por estas últimas linhas e em seguida a perguntas e respostas.

"Em conclusão, eu gostaria de terminar com este pensamento final: a leitura traz conhecimento e conhecimento é poder; portanto leitura é poder. O poder de conhecer, aprender e compreender... mas também o poder de sonhar. As histórias inspiram—voar mais alto, amar profundamente, mudar o mundo e ser o que jamais pensamos que poderíamos. Cada livro nos permite sonhar um novo sonho. Obrigada."

Eles aplaudem.

E eu fecho meus olhos e suspiro, desinflando com alívio. *Eu fiz, eu realmente fiz isso.* Willard solta um assobio ensurdecedor enquanto Annie soca o ar, e é maravilhoso. Eu só queria...

Uma dor de desejo começa no centro do meu peito, em seguida, traça as teias de aranha como uma rachadura em um para-brisa.

Porque eu queria que Henry estivesse aqui. Ele adoraria isso—ia explodir sua mente. E então ele faria um comentário provocante que há outras coisas que eu poderia explodir. Ou talvez eu diga isso—ele sempre despertava o lado sujo em mim.

Agito a cabeça, tentando limpar a melancolia. E olho o mar de mãos aplaudindo e cabeças acenando... e então meu coração para no meio da batida.

Meu primeiro pensamento é: ele cortou seu cabelo.

Estava quase em seus ombros da última vez que o vi. Grosso, macio, ondulado e selvagem. Mas assim também está perfeito. Curto e limpo, profissional e de aparência poderosa, com apenas o comprimento certo na frente, com alguns fios caindo sobre sua testa de uma forma sexy.

Seu terno é bege, sua gravata verde-claro, sua camisa branca—tão perfeita e elegante—como um corretor em Wall Street.

Ele está aplaudindo—com aquelas mãos fortes que eu adoro. Seu olhar é iluminado com admiração e seu sorriso... seu sorriso é tão terno que meus olhos piscam com umidade.

Eu pisco e desvio o olhar... e então lembro que estou chateada com ele. *Três Semanas*. Três malditas e horríveis semanas. Eu menti quando disse que elas não foram tão ruins —elas foram um inferno. E Henry aparece agora? Aqui? Para quê, exatamente?

Não tenho que me perguntar por muito tempo.

Porque no momento em que o Sr. Haverstrom pede perguntas, a mão de Henry dispara alta e reta, como se fosse uma criança na sala de aula que não pode esperar por mais um segundo para usar o banheiro.

Eu o ignoro.

O único problema é que ele é o único a levantar a mão.

“Perguntas? Alguém?” Inclino minha cabeça de um lado para outro, verificando todos ao redor. “Alguém afinal?”

Henry limpa a garganta. Alto. "Aham."

E várias cabeças giram em sua direção.

Mas eu ainda o estou ignorando, arrastando meus papéis. “Bem, já que ninguém tem perguntas—”

“Ele tem uma pergunta”, Willard diz claramente e sorrindo como um traidor gato Cheshire.

Vou acabar com ele quando isso terminar.

Mas, primeiro eu vou lidar com Henry.

“Sim, você aí atrás”, digo como se nunca o tivesse visto na minha vida. Como se ele não fosse nosso futuro rei. “Qual é a sua pergunta, senhor?”

Sua sobrancelha sobe como se estivesse dizendo: *“Então é assim que você vai jogar isso?”*

Murmúrios de reconhecimento ondulam pela sala, mas Henry nem parece notar.

“Minha pergunta é sobre Heathcliff.”

E sua voz... eu me esqueci de sua voz—forte e áspera, mas divertida e doce. Oh bolas, estou derretendo como uma vela barata.

Mas não demonstro. Eu cruzo os braços.

“O gato laranja e gordo, você quer dizer?”

O canto de sua boca levanta-se em um sorriso. “Não. O do Morro dos Ventos Uivantes.”

“Ah, sei. Continue.”

“Minha pergunta é, por que ninguém atirou no bastardo? As armas não existiam naquele período?”

Minha cabeça treme por conta própria. Que pergunta ridícula! “Não, armas de fogo eram usadas, mas...”

“Então alguém deveria ter definitivamente atirado na bunda de Heathcliff. Ele era um abusivo, malvado filho da puta.”

“Alguns acham que sua única qualidade é seu amor por Catherine. É isso que o redime.”

Henry balança a cabeça, sua expressão sombria. “Ele não a merecia.”

“Bem,” levanto um ombro, “Catherine não era exatamente uma santa. E eu tenho certeza que o debate sobre a dignidade de Heathcliff

continuará enquanto as pessoas lerem o livro. Obrigada."

Viro-me para o resto da sala. "Outras perguntas?"

E mais uma vez lá vai a sua mão. Rápido, forte e novamente o único levantar.

Eu não tento lutar desta vez, mas suspiro dramaticamente. "Sim?"

"É sobre o Sr. Darcy. Ele é meio esnobe—tem uma vara no seu traseiro. Uma grande."

Minhas próprias sobrancelhas se erguem acima dos meus óculos. "Você tem uma coisa para traseiros hoje, não é?"

Henry ri, totalmente sem vergonha. "Bem... traseiros firmes são alguma das minhas coisas favoritas."

E ele ainda pode me fazer corar como ninguém mais.

"Mas isso é uma discussão para outra hora. Meu ponto é: o Sr. Darcy é um pretensioso—eu não entendo."

"Bem, se você tivesse lido o livro —"

"Eu li o livro." Seus olhos verdes me observam intensamente. "Eu li todos."

E as borboletas se enlouquecem no meu estômago.

"Oh."

Saio do meu torpor e entro em foco. "Bem, o Sr. Darcy e Elizabeth Bennet são os dois lados da mesma moeda. Ele é dolorosamente reservado e ela é desinibida, mas ambos fazem suas suposições e acabam errando. No final, eles devem colocar de lado seus preconceitos, orgulho e ser honesto com eles mesmos e com o outro para tornar tudo certo."

Henry olha para mim, suave e gentil, como se nunca quisesse parar.

"Daí o título, eu acho."

“Sim.” Aceno.

Ele esfrega os dedos contra a mandíbula. “Agora sobre o Coronel Brandon de Razão e Sensibilidade.”

E eu bato minhas mãos no pódio. “Não. Você pode dizer o que quiser sobre Darcy ou o maldito Heathcliff do inferno, você pode rasgar em cada herói escrito por Dickens—eu nunca gostei de nenhum deles. Mas você não vai falar mal do Coronel Brandon! Eu não permitirei isso.”

E Henry acha a minha explosão divertida. “Não vou falar mal. Eu gosto do Coronel Brandon.”

“Então qual é a sua pergunta?”

Lentamente, furtivamente, Henry caminha para o corredor.

“Do meu ponto de vista, Marianne estragou tudo. Brandon estava lá o tempo todo, mas ela se deixou distrair pelas coisas erradas. Não estava escrito na página, mas acho que Marianne teve que se desculpar em algum momento e ele teve que perdoá-la.”

Minha garganta está seca e minha voz é como areia. “Sim, suponho que seja verdade.”

Mais perto, Henry está caminhando cada vez mais perto.

“Minha pergunta é: se seus papéis fossem invertidos—e Marianne fosse o homem e Brandon a mulher—você acha que ela o teria perdoado? Teria dado outra chance para ele, confiar que desta vez, Brandon não estragaria tudo?”

Minha cabeça flutua quanto mais perto ele chega.

“Eu... eu não sei—”

“Quero dizer, se ele se entregar e rastejar completamente. Fazer um grande gesto estupendo, algo realmente público e humilhante.”

Henry está bem na minha frente agora. Perto o suficiente para eu tocá-lo.

“Eu acho que ela não gostaria—da parte pública”, digo suavemente. “Ela ainda é um pouco... tímida.”

Henry acena a cabeça, e sua voz é baixa, crua e desesperada.

“Então, e se ele simplesmente parar na frente dela e falar ‘Desculpe. Eu sinto sua falta. Eu quero ser um homem melhor para você e porque eu te amo tanto, realmente acredito que posso ser’. Acha que ela lhe daria uma chance?”

Meus olhos ficam borrados e eu pisco porque quero vê-lo com clareza. “Eu acho que... acho que pode funcionar.”

Henry sorri, e parece que meu coração está voando para fora do meu peito.

“Bom.”

Eu aceno, chorando e sorrindo ao mesmo tempo.

Então ouço Willard à margem: “Devemos fingir que estão falando sobre o livro?”

“Espere”, Annie responde, “eles não estão falando sobre o livro?”

Willard bate na cabeça de Annie. “Você é tão bonita.”



Estamos presos na biblioteca por quase uma hora após a minha apresentação. Assim que uma pessoa reconhece Henry, a notícia se espalha como fogo e todos querem conhecê-lo. A maioria dos que estão aqui é de visitantes de Castlebrook. Eu não acho que os frequentadores regulares ficariam tão arrebatados pela celebridade de um príncipe visitante.

A segurança faz o possível para controlar a multidão e Henry é atencioso, mas posso dizer que está impaciente. Ele continua olhando para mim, quase se assegurando que eu não escape.

Embora seja apenas uma curta distância do meu apartamento,

James nos leva até lá. Quando fecham a porta, e sou só eu e Henry no banco de trás, ele me diz fervorosamente: “Estou tão orgulhoso de você. Você foi absolutamente brilhante lá em cima.”

E meu sorriso se espalha pelo meu rosto. “Obrigada. Estou feliz por você estar aqui e ter visto.”

Então ficamos calados. James faz o caminho mais longo, com curvas e desvios extras para despistar alguém da biblioteca que tente nos seguir. E Henry segura em minha mão o tempo todo.

Dentro do meu apartamento, tiro meus sapatos e penduro meu casaco no armário, e Henry está no meio da minha sala, parecendo muito grande para ela, o dono do mundo.

E há algo diferente nele. Ele ainda é o mesmo Henry que eu conheço. O rapaz selvagem com uma boca suja ainda está lá embaixo da superfície. Mas a forma como ele se comporta mudou, como se houvesse um verniz de... nobreza que não estava lá antes.

Ele dá uma volta, observando minhas capas emolduradas na parede, passando o dedo pela minha preciosa estante de livros.

Há tanta coisa para dizer, mas não posso imaginar por onde começar.

Então eu pergunto: “Quer um de chá?”

“Sim, chá seria muito bom.”

Eu aceno, e com as pernas nervosas ando para a cozinha minúscula. E assim como nossa primeira conversa naquela árvore na colina, em vez de ficar muda, eu disparo.

“Eu tenho hortelã e camomila. Mas isso é provavelmente muito sem graça para você, não é?” Tiro o pote e as latas dos armários e coloco-os no balcão. “Eu também tenho essa mistura frutada e exótica que Annie me convenceu a tentar—não é meu gosto, mas você pode—”

Henry coloca sua mão sobre a minha, estando tão perto atrás de mim, eu posso sentir o calor de seu peito forte e sentir o cheiro de sua camisa.

“Sarah”, diz contra meu ouvido, levantando arrepios ao longo do meu pescoço. “Eu gosto de chá de hortelã.”

E é absolutamente insano, mas essa pequena e insignificante confissão abre algo no meu peito—que eu nem percebi que estava mantendo firmemente fechado.

Viro a cabeça, olhando para Henry por cima do meu ombro, e ele está bem ali, perto, real e *aqui*.

“Você gosta?”

Henry acena.

“Não é muito simples para você?”

Ele balança a cabeça, limpando uma lágrima de minha bochecha que eu não sabia que tinha caído.

“É o meu favorito.”

Seus braços me prendem e eu afundo contra ele. Sinto seus lábios no meu cabelo, enquanto ele inala profundamente—me respirando.

“Eu senti tanto sua falta”, Henry sussurra. “Todos os dias.”

“Onde você esteve? Por que demorou tanto?”

Henry se endireita com um suspiro, como se fosse doloroso se afastar.

“Primeiro o chá. Depois a gente conversa.”

Não tenho certeza que eu gosto do som disso. Mas coloco a chaleira e alguns minutos depois, estamos sentados no sofá, bebendo chá de hortelã.

Henry coloca sua xícara cuidadosamente sobre a mesa e esfrega as palmas das mãos em suas calças, como se estivesse nervoso.

“Estraguei tudo, Sarah. Eu pensei que estava fazendo a coisa certa para nós na época, terminando o show, esquecendo tudo. Mas eu

estava errado. Assim como... Sr. Rochester[42].”

O calor se espalha pelo meu peito. E eu rio em voz alta.

“Você realmente leu os livros.”

Henry acena. “Todos.” Ele estende a sua mão apertando a minha. “Fez-me sentir mais perto de você. Sabendo que você tinha lido as mesmas páginas, que você sabia as palavras de cor.”

“Mas Henry, se é verdade, por que esperou tanto tempo para vir aqui? Por que não ligou ou enviou uma mensagem ou até mesmo escreveu uma carta?”

“Tinha que ter certeza que eu estava fazendo a coisa certa, não queria correr o risco de machucá-la novamente. E havia... arranjos que tinham que ser feitos. Coisas que eu tinha que colocar em ordem.”

“Que coisas?”

Ele agita sua forte mão. “Não é importante agora. O que importa é que estou aqui, para você. Nada mudou para mim e, no entanto, tudo é diferente. Como eu vejo o mundo, a parte que eu quero ter nele, é tudo diferente por causa de você. E estou pronto agora—eu posso ser o homem que você merece. Estável e consistente, altruísta e adorável. Seu próprio Coronel Brandon.”

Parece tão tolo agora. Pensamentos de uma menina tola. Henry não se compara ao Coronel Brandon—ele é muito mais. Ele é real, verdadeiro, selvagem e romântico, todas as coisas que eu pensava que só existissem nos livros.

“Eu falei com a vovó sobre nós; ela mal pode esperar para te conhecer. E... quero que sejamos como Jane e Guildford[43]... sem a

---

[42]Personagem do livro Jane Eyre, de Charlotte Brontë. Mr.Rochester é um anti-herói, um homem sombrio, arrogante e amargo acaba despertando curiosidade em Jane, uma personagem sensível e espirituosa. Durante o decorrer da história ele sente uma necessidade de proteger Jane dos perigos da vida, ele se redime do seu próprio passado para ser digno dela.

[43]Lady Jane Grey e seu marido, Lord Guildford Dudley, foram executados em 12 de fevereiro de 1554 na Torre de Londres. Guildford era primo da Rainha da Inglaterra Maria I. E a decisão para a execução partiu dela, devido ao pai de Jane liderar outra rebelião contra seu governo, ela não podia mais tolerar a ameaça protestante. E também, Philip II de Spain não viria à Inglaterra para seu casamento até que os rebeldes fossem derrotados

parte de cortar a cabeça.”

Eu rio e começo a chorar.

“Eu quero mudar o mundo com você ao meu lado, segurando sua mão. Eu te amo, Sarah, e aconteça o que acontecer, prometo que não haverá um dia em que não vou te amar com tudo o que eu sou.”

Henry segura minhas mãos e inclina-se para mais perto.

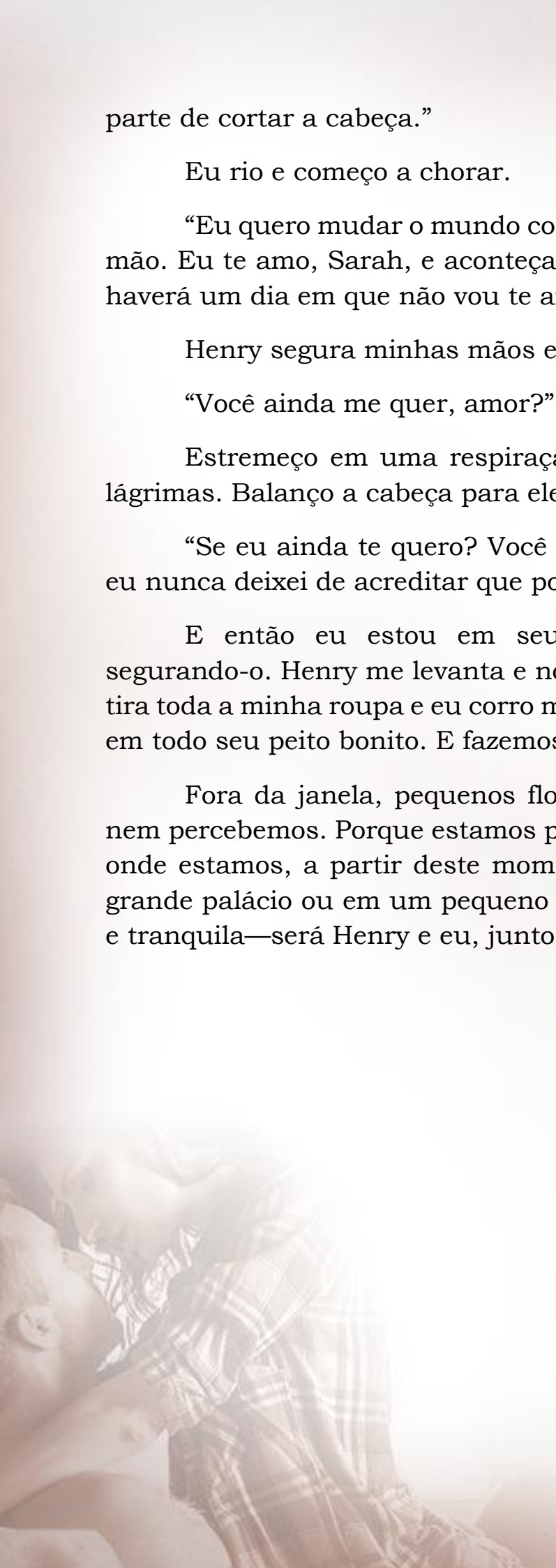
“Você ainda me quer, amor?”

Estremeço em uma respiração e meu rosto está molhado com lágrimas. Balanço a cabeça para ele, garoto bobo.

“Se eu ainda te quero? Você está louco? Você é todo sonho que eu nunca deixei de acreditar que poderia se tornar realidade.”

E então eu estou em seus braços, beijando seu rosto e segurando-o. Henry me levanta e nos leva para o quarto. Ele me deita, tira toda a minha roupa e eu corro minhas mãos para cima e para baixo em todo seu peito bonito. E fazemos amor, uma e outra vez.

Fora da janela, pequenos flocos de neve começam a cair, mas nem percebemos. Porque estamos perdidos um no outro e não importa onde estamos, a partir deste momento—seja em um castelo, em um grande palácio ou em um pequeno apartamento em uma cidade velha e tranquila—será Henry e eu, juntos para sempre.



Capítulo 24

Henry

Durante os próximos sete dias, minha vida é perfeita, porque me encaixo perfeitamente em Sarah. Ela ainda vai trabalhar na biblioteca—acabei conhecendo o seu chefe, o Sr. Haverstrom, e o paspalho do seu colega de trabalho, Pat. Eu converso sobre futebol com George o aposentado solteirão e o assisto flertar com a Maud, a voluntária viúva míope. Mas na maior parte, enquanto estou na biblioteca, eu só observo Sarah—desfruto na alegria de vê-la em seu elemento, absorvo todos os sorrisos e risadas e guardo tudo em minha memória.

Também fodemos pelos corredores, tarde da noite após o fechamento—a realidade disso, a safadeza de levantar a saia da bibliotecária sexy e pressioná-la contra as prateleiras. A forma como seus gemidos e grunhidos ecoam pelas paredes como uma sinfonia erótica... mil vezes melhor que qualquer porra de fantasia na minha mente.

E não paramos por aí.

Eu faço amor com Sarah em seu chuveiro e ela me monta duro no chão de sua sala. Eu a fodo em sua cozinha apertada e minúscula, por trás, com ela lindamente curvada sobre o balcão, e ela suga a vida fora de mim, de joelhos em seu corredor, enquanto seguro sua cabeça e empurro freneticamente em sua boca ansiosa.

Sarah prepara o jantar enquanto eu a beijo, mordisco e me esfrego nela... depois ela me deixa de pau duro com seu rubor e piadas

sujas enquanto lavo os pratos. Toco guitarra e Sarah cantarola suas pequenas canções e algumas noites, ela lê em voz alta enquanto eu cochilo com minha cabeça contra seu peito macio.

Encontro a interessante mãe de Sarah em uma das minhas manobras em voltar a cair nas boas graças de Penny. Ela gosta de mim novamente, o que é bom desde que ela parte para os Estados Unidos logo—Los Angeles, para continuar sua carreira de atriz.

Um sábado à tarde, testamos a resistência da armação da cama de Sarah, fodemos asperamente, barulhento e suado, mas depois, somente toques macios e sussurros doces. No rádio, “Little Wonders” de Rob Thomas toca e Sarah suspira.

“Eu amo essa música.”

Escovo minha mão sob seu estômago. “Eu amo seus peitos."

Sarah me golpeia na cabeça, rindo. Mas quando cubro seu mamilo com a minha boca, chupando e mexendo com a minha língua, sua risadinha se transforma em um longo gemido serrilhado.

“E eu estou feliz que você ama a música, doce.”

E é tudo tão grandioso e perfeito.

Mas o relógio está correndo como uma bomba relógio, e há coisas que eu tenho que dizer a ela que não pode esperar mais. Então, no dia seguinte, domingo, eu nos faço chá de hortelã e me sento na cadeira em sua sala e coloco tudo para fora, o mais gentil possível.

“Eu tenho que te dizer uma coisa. Você não vai gostar.”

Sarah espreita por trás de seu óculos, cautelosamente.

“Tudo bem.”

Puxo Sarah para o meu colo, sua bunda tocando minha virilha, suas pernas juntas, balançando sobre minha coxa, meus braços em torno da sua cintura, segurando firmemente.

“Eu me realistei.”

Sarah fica muito quieta e os lábios pálidos.

“Você é o Príncipe Herdeiro... você não pode...”

“Acontece que eu posso fazer muito se definir a minha mente para isso.”

“Mas a Rainha—”

“Não está feliz comigo, mas entende que isso é algo que eu preciso fazer. Será uma verdadeira implantação desta vez, em uma unidade regular. Eu vou ser registrado com um nome falso, então não vou colocar os outros homens em perigo.” Dou um aperto nela e tento brincar. “Você vai ter que me ajudar a chegar a um pseudônimo adequado—Finley Pau Grande Terceiro ou John Thomas Caralho Longo.”

Sarah não ri. Ela nem sequer sorri.

“A imprensa será avisada que estou em um Safári na África, depois escalando o Everest, e finalmente, numa missão de pesquisa na floresta tropical. Serei retratado como um aventureiro heroico. Mas você não pode dizer a ninguém—nem à Penny, Willard, nem Annie ou sua mãe. Ninguém pode saber.”

Sarah só olha para mim e sua expressão lentamente parte meu coração.

“Por que você está fazendo isso?”

Empurro seu cabelo macio para trás e espero que ela possa entender. “Porque se eu vou ser um rei, preciso saber como liderar. E eu acho que... eu acho que eu poderia ser bom nisso.”

As suas mãos escorregam de cima para baixo em meu peito, como se quer estar segura que ainda estou aqui com ela.

“Para onde eles vão te mandar?”

“Eu não sei ainda. Vou descobrir quando eu me apresentar para o serviço... em duas semanas.”

“Duas semanas? Por que você não me disse mais cedo?”

“Não queria arriscar ser manipulado. Eu não queria pressionar

você e isso me levar a desistir."

Sarah resmunga. "Você escolheu um inferno de um tempo para ser nobre, Henry."

"Eu sei". Zombo, sacudindo a cabeça com a loucura de tudo isso. "E... desculpe. Eu sei que não é o que você quer... mas é o que eu tenho que fazer."

"Por quanto tempo?" Ela pergunta calmamente.

"Dois anos."

Sarah se encolhe e me apresso a contar o resto.

"Precauções extras terão de ser tomadas para manter a minha localização em segredo. Não seremos capazes de enviar texto, Skype ou fazer ligações. Não é apenas sobre a minha segurança... você entende, não é?"

Sua voz está cheia de tristeza, mas ela assente. "Sim."

Levo minha mão para o seu queixo, precisando tocá-la, a vibração do seu pulso bate contra a ponta de meus dedos. Então, em uma voz áspera, eu prometo um juramento: "Mas eu vou escrever para você. Vou escrever para você todos os dias. Páginas e páginas de palavras adoráveis e pensamentos imundos."

Sarah sorri, mesmo quando uma lágrima escorre pelo seu rosto. "Você vai me escrever cartas? Letras reais que eu possa tocar e cheirar e segurar?"

"Letras reais." Puxo-a para mais perto, sussurrando, "papel e tinta. Já me disseram que não há nada que se compare a isso."

Três dias depois, acordo sozinho em sua cama. É cedo, ainda

está cinzento lá fora, sem o brilho total do sol de inverno. Não precisando estar em qualquer lugar tão cedo, eu pego minha guitarra e dedilho alguns acordes.

Apenas um pouco mais tarde, Sarah aparece na porta—seu cabelo deliciosamente bagunçado pelo vento, olhos brilhando, a ponta de seu nariz rosa do frio. Isso me faz querer mordê-lo—e esse pensamento me faz querer mordê-la em todos os lugares. Eu coloco a guitarra para baixo e Sarah salta para a cama e seu casaco parece como gelo e eu o tiro de seus ombros, porque ela está vestindo roupas demais.

"Eu fiz uma coisa", ela me diz, excitada. "Você não vai gostar."

"Qualquer coisa que ponha um sorriso desses em seus belos lábios, tenho a certeza que vou gostar muito."

"Eu duvido disso."

Então Sarah estende um punhado de papéis. Olho para eles e meu próprio sorriso cai rápido e duro. Ela estava certa, eu não gosto nada disso.

"Não."

"Henry—"

"Absolutamente não, porra."

A *Blue Coat Association* é o equivalente à Cruz Vermelha de Wessco. Voluntários viajam para o desastre e áreas devastadas pela guerra para entregar comida e suprimentos médicos, construir casas—qualquer que seja a necessidade da população. Seis meses atrás, uma instalação do BCA foi erroneamente atingida por fogo amigo, matando as trinta e três pessoas lá dentro.

"Vou começar um programa de leitura; eles estão muito animados sobre isso. Eu vou ensinar as crianças nos acampamentos a ler e organizar doações de bibliotecas. Posso começar pela Concordia, mas esperam que o programa possa se expandir para bibliotecas em todo o mundo."

Meu maxilar se aperta e eu balanço a cabeça. “Você não está fazendo isso, Sarah.”

“Já me inscrevi.”

“Então vamos cancelar.”

Sua boca fica apertada e seus olhos endurecem.

“Eu não pedi sua permissão e não estou procurando isso agora.”

Eu sinto a frustração crescendo dentro de mim. E o medo.

“Eu vou ser o seu rei.”

“Mas você ainda não é.”

“Eu vou ser o seu marido.”

Sarah levanta a mão. “Huh olhe para isso—nenhum anel. E não importaria se houvesse, porque se você acha que eu vou ficar na Catedral de Saint George e prometer te obedecer pelo resto de nossas vidas, você não prestou atenção.”

Não quero fazê-la duvidar de si mesma, mas eu estou desesperado o suficiente para dizer, “Pode haver explosões, barulhos altos. Você ainda não... você ainda tem um tempo difícil com eles.”

Seus olhos escurecem—e eu me odeio.

“Expliquei a situação. Eles estão dispostos a trabalhar comigo. Vou fazer o que for possível.”

Seguro seu rosto em minhas mãos. E minha voz se estrangula.

“Vai ser perigoso.”

Suas mãos cercam meus pulsos, segurando-os.

“Mas você me faz querer ser corajosa.”

Algo se curva dentro de mim, à beira de partir. E meus olhos ardem e embaçam. Porque eu perdi pessoas que amo— eu sei como isso acontece, e como se sente.

E eu não posso perdê-la.

“Eu não quero você corajosa. Quero você segura. Quero trancar você em uma torre, como em um de seus livros, para que ninguém possa machucá-la. E você estará segura e feliz e minha.”

Sarah esfrega os polegares em círculos calmantes no interior do meu pulso. “Somente os vilões trancam mulheres em uma torre.”

“Então você me faz querer ser um vilão.”

Sarah morde o lábio, pensando em sua resposta. Ela chegou tão longe desde a primeira vez que nos encontramos—ela já é uma das pessoas mais corajosas que conheço. E a mais forte. E mesmo que esta conversa me assuste pra caralho, outra parte minha está tão fodidamente orgulhosa dela. Por estar de pé, por não recuar ou dar um centímetro que seja—mesmo para mim. Talvez especialmente para mim.

“Pergunte o porquê Henry.”

“Eu não dou a mínima do por que.”

“Sim, você dá. Pergunte.”

Minha garganta fica muito apertada para engolir.

“Por quê?”

Os olhos escuros de Sarah ficam brilhantes. E ela sorri enquanto responde. E é lindo.

“Porque se eu for uma rainha, preciso saber como ser a voz das pessoas que não podem falar por si mesma. Para consolar as pessoas, ser sua amiga e sua campeã. Quero mudar o mundo com você, Henry. Para pegar o que eu sei e o que me foi dado e fazer a diferença.” Ela pisca, e uma lágrima cai de seu olho para sua bochecha suave. “E eu penso... acho que poderia ser boa nisso.”

Amaldiçoando, a puxo contra mim, segurando-a com força.

“Você vai ser incrível.”

Depois de um tempo, eu me inclino para trás e olho em seus olhos. “Se alguma coisa acontecer com você, eu vou morrer. E não

estou exagerando.” Minha voz é estrangulada e a umidade escorre de meus olhos e eu não dou a mínima. “Você está tecida em minha alma e envolvida em meu coração. E se alguma coisa acontecer com você, ambos irão murchar e morrer e eu nem me importarei.”

“É o mesmo para mim.” Sarah toca meu rosto suavemente. Docemente. Minha linda e doce garota. “Acho que teremos que nos assegurar de que nada nos aconteça, então.”

“Puxo-a contra mim, ainda aterrorizado, mas amando-a o suficiente para deixá-la fazer isso.”

“Que par nós fazemos.”

Sarah inclina o rosto para cima e me beija. "Um par perfeito.”



Dois dias depois, tenho uma coceira para uma nova tatuagem. Castlebrook não tem uma loja de tatuagens—nenhuma surpresa nisso—então Sarah e eu nos aventuramos, dirigindo três horas ao norte, perto da capital. Eu uso um boné e óculos de sol para tentar passar despercebido, mas a presença de seguranças em torno da loja nos denunciaria se alguém estivesse prestando atenção. Felizmente, o lugar está vazio quando entramos.

Puxo as fotos no meu celular e mostro ao artista o que eu quero. É um close-up do rosto de Sarah—eu tirei há alguns dias, em sua varanda. O sol estava nascendo e estávamos muito ocupados fodendo para sequer pensar sobre o sono. Ela está olhando para longe da câmera, com óculos, seu cabelo perfeitamente despenteado. É a imagem que vem à minha mente sempre que penso nela desde então, e é o que eu quero no meu antebraço direito, para poder olhar para ela quando estivermos separados.

Faço a tatuagem em uma área isolada por uma cortina preta e Sarah espera do outro lado, lendo. Estou ansioso por sua reação.

Porque Sarah é especialmente bonita quando está surpresa.

E eu não fico desapontado.

Ela suspira quando vê seu rosto marcado em meu corpo, cobre a boca com a sua mão bonita, fazendo meu pau ficar alerta, duro e dolorido por ela.

E tenho novos detalhes adicionados às tatuagens no meu braço esquerdo também. “Agora essas palavras têm um novo significado para mim”, digo enquanto ela descansa sua cabeça contra meu bíceps, seus olhos brilhando e suas bochechas coradas—porque minha tinta a deixa muito molhada.

Dever está ao lado do brasão real, *Honra* ao lado da crista militar, e sob a foto de Sarah, *Amor*.

“Dever, Honra, Amor”, digo a ela. “Mas o maior deles é o amor. A Bíblia disse isso.”

“Na verdade, Primeiro aos Coríntios diz:” “*E agora estes três permanecem: fé, esperança e amor. Mas o maior deles é o amor.*”

Encolho os ombros. “Bem, então eu consertei para eles.”

Sarah ri e seus olhos vagam para a parede de fotos de tatuagens—exemplos e sugestões.

“Eu quero fazer uma também.”

“Minha avó vai ter um enfarto.” Balanço a cabeça. “É uma coisa o futuro rei ter uma tatuagem. Mas ver a futura rainha com uma, é algo completamente diferente.”

Suas costas se endireitam com uma força silenciosa. “Estamos no século XXI. E isso significa que o que é bom para o rei é bom para a rainha. Sua Majestade verá.”

Eu beijo sua testa. “Se você quiser uma, doce, então você terá uma, a rainha aprovando ou não. Tem alguma ideia do tipo que você gostaria?”

“Tenho sim, sim.” Sarah sorri excitada. “Mas você terá que

esperar para ver. E não espiar.”

Ela desaparece atrás da cortina, falando com o tatuador em sussurros febris.

Um pouco mais tarde Sarah reaparece, com uma pequena atadura quadrada branca em seu pulso direito. Ela pega minha mão e me puxa para mais perto, vertiginosamente adorável.

“Eu queria isso aqui mesmo, então eu posso olhar para ela e tocá-la quando quiser”, diz Sarah. E então retira a atadura.

É um desenho simples, um livro aberto com duas páginas em branco, exceto por uma palavra no topo:



“Minha história ainda não foi escrita”, Sarah me toca, alisando meu maxilar, “mas eu sei que começa com você."

E eu estou tão fodidamente honrado e grato, tão absolutamente admirado por ela e tão apaixonado que mal sei o que fazer com isso. Então faço a única coisa possível que posso em face de tal presente. Puxo Sarah para meus braços e a beijo.

Em um piscar de olhos, chega a manhã da minha apresentação para a implantação—quando eu preciso deixar Sarah. Eu tento fazê-la ficar em seu apartamento, aconchegada em suas cobertas, mas ela implora e insiste em vir para o aeroporto comigo. Eu quero cada momento com ela que posso ter e então acabo cedendo.

O sol ainda não está bem alto e o ar está gelado. Na pista, ao lado do avião que me levará embora, Winston, o chefe de segurança do Palácio, nos encontra. Eu o apresento a Sarah.

“Sarah, este é Winston, o chefe de segurança. Ele irá se certificar de que você esteja segura enquanto eu estiver fora.”

Winston se curva respeitosamente. “Uma honra e um prazer, lady Sarah.”

Ela lhe dá um aceno, sorrindo graciosamente, mas timidamente, como tende a ficar com novas pessoas.

Aperto seu cotovelo e digo que só preciso de um momento privado com Winston. E então o levo para um canto.

“Você está ciente dos planos de Lady Sarah para se juntar ao BCA?”

“Estou Alteza.”

“Você está organizando a segurança dela?”

“Sim, Princípe Henry.”

Minha voz é tão fria quanto o ar. “Seu trabalho é proteger a família real, para garantir o futuro da monarquia, estou correto?”

Ele balança a cabeça, seus olhos incansáveis e inflexíveis, como uma máquina. “Correto.”

“Dê uma boa olhada nela, Winston. Sem ela, não há futuro para esta monarquia, entende?”

Ele se inclina ligeiramente. “Completamente, senhor.”

“Quero que ela esteja coberta de segurança. Somente os melhores homens. Se Lady Sarah se irritar com isso, use disfarces, mas eu quero proteção em todos os momentos. Não importa o que aconteça. Estou claro?”

Novamente, Winston acena. “Não se preocupe com isso, Príncipe Henry. Lady Sarah estará tão segura quanto à própria rainha.”

E uma pequena medida de conforto escorrega no lugar. Eu não sou um tolo, e há um conflito terrível que vem com ser quem eu sou e amar tanto alguém. Um preço. Porque amando Sarah, estou trazendo um nível de atenção e escrutínio—até mesmo o perigo—em sua vida que não estaria lá sem mim. A única garantia é que tenho os recursos para protegê-la disso. Homens como Winston e James, e as centenas de outros nobres homens de segurança e mulheres que morreriam para me manter, meu irmão, minha cunhada, minha avó—e agora minha Sarah—segura.

Bato no ombro de Winston e com um leve curvar ele segue para o avião.

Volto para o lado de Sarah, olhando seu rosto, gravando esse momento em minha mente. Empurro a manga do casaco e tiro a pulseira de identificação no meu pulso, então abro a mão de Sarah e coloco a platina na palma de sua mão.

"Mantenha isto seguro para mim, está bem? Vai ser bom saber que as duas coisas mais preciosas para mim estão no mesmo lugar."

Sarah acena a cabeça e sorri para mim no início, tão carinhosamente... Mas então seu rosto se contrai e estica quando começa a chorar. Ela me abraça e eu a seguro forte.

"Sinto muito", diz contra o meu casaco. "Eu não queria chorar."

Beijo seu cabelo, nos balançando suavemente. "Vá em frente e chore o quanto quiser meu amor. Você está chorando por nós dois."

Por mais alguns momentos finais, nós nos abraçamos.

E então é hora de partir.

Beijo-a suavemente, profundamente. E enquanto olho em seus lindos olhos, me lembro das palavras de uma vida atrás. Palavras que me confortavam quando eu precisava de conforto mais do que qualquer coisa.

Pressiono minha mão em seu rosto e sorrio. "Nós vamos ficar bem, eu e você, sim?"

Sarah respira profundamente e me dá um sorriso de volta.

“Sim.”



Epílogo

Sarah

Três anos depois

Henry cumpriu sua promessa. Ele me escreveu uma carta por dia, por todos os dias que estávamos separados, e acontece que ele é um escritor fantástico. A maioria era romântica, impertinente—exatamente como um soldado típico usaria a caneta para sua garota em casa. Algumas foram devastadores, um lugar para ele encontrar consolo, para derramar a sua dor após uma batalha difícil e as perdas que muitas vezes o acompanhou. Algumas eram filosóficas, uma maneira de resolver seus próprios pensamentos e crenças, transmitindo-os para mim. E havia outras que eram esperançosas, que falava do futuro—nosso futuro, bem como o futuro do nosso país e das pessoas e o tipo de líder que ele aspirava ser.

E eu respondi carta por carta. Minha escrita a cada dia ficando mais ousada e mais suja... Embora com toda a instrução de Henry, cheguei muito longe de estar a sua frente na conversa suja. Nos momentos em que ele precisava do meu conforto, quando as palavras eram muito difíceis para ele escrever e ele precisava de meus braços abertos, mas eu não estava lá para segurá-lo, eu lhe enviava páginas e páginas de *Eu te amo*—porque às vezes não há nada mais que possa ser dito. Outras cartas eu descrevia o meu trabalho, falava das crianças que conheci e de como todas são iguais, não importa onde vivem ou a língua que falam... Todas têm a enorme capacidade de resiliência e esperança de dar e receber amor. E havia as cartas que escrevi sobre

os meus próprios sonhos para Henry e para mim, nossos filhos, e a fonte de força para o nosso povo que eu esperava ser um dia.

Todas as nossas cartas, as minhas e as dele, estão guardadas no cofre privado Guthrie House. É estranho pensar que um dia, muitos anos a partir de agora, poderão ler nossas cartas, da mesma maneira como estudam George e Martha Washington, como uma parte da história. Para nós, elas são simplesmente palavras de Henry para Sarah e vice-versa—mas agora nós entendemos e aceitamos o lugar que um dia preencheremos no mundo. É quem somos, e estamos em paz com isso.

Quando o alistamento de Henry terminou, ele me surpreendeu – indo pessoalmente—onde eu estava em serviço com o BCA. Para outros, ele parecia um soldado áspero e barbudo, mas eu o reconheci em um instante. Aqueles olhos, e sorriso—eu corri e me joguei em seus braços e foi quando nos tranquilizamos que dois anos separados só haviam aprofundado nossa paixão um pelo outro.

Atualmente, Henry vive em Guthrie House, já trabalhando com o Parlamento e a Rainha, para mudar e melhorar Wessco. E eu tenho meu próprio apartamento na cidade. A minha mãe reclama sobre as multidões e o barulho cada vez que me visita, mas ela vem de qualquer forma. Penny teve pequenas participações em vários programas de televisão todos bem- sucedidos e um comercial extremamente famoso de um creme branqueador de dentes. Ela está em um outdoor em LA para o mesmo produto—e tira uma foto dele pelo menos uma vez por semana e me envia, porque ela ainda não consegue acreditar.

Passo meus dias trabalhando na biblioteca do Palácio e como membro de várias organizações de caridade que promovem a alfabetização. Eu ainda luto com novas pessoas e lugares, mas isso não me impede—e como eu disse uma vez a Henry, todos nós temos nossas peculiaridades.

Quanto a Henry, ele fica com as minhas noites. Quase todas e o tempo todo. É diferente aqui na cidade do que em Castlebrook—os paparazzis são implacáveis, e não há nada que eles gostariam mais do que tirar uma foto de Henry ou minha fazendo a caminhada da vergonha pela parte da manhã, depois de ter passado a noite juntos.

Temos que ser sorrateiros.

Sorte nossa, ser sorrateiro ainda é a especialidade de Henry. Eles ainda não nos pegaram.

Na verdade, eu estava com ele na noite passada, falando sobre o discurso que ele está dando agora ao Parlamento. Disse que se ficasse nervoso deveria apenas me imaginar nua, e ele disse que precisava refrescar sua memória... E não houve muita conversa depois disso.

Agora estou sentada com o príncipe Nicholas e a rainha, ouvindo Henry tomar a posição da casa de Pembrook no potencial engajamento militar de Wessco. Henry mesmo escreve seus discursos, em coordenação com sua avó, e como eu disse... Ele é um escritor e tanto.

Enquanto conclui suas observações, Henry encontra lentamente os olhos de cada parlamentar sentado.

"Esta não é uma ação que tomo levianamente. Eu vi o custo da guerra, e eu sofro pela perda de cada soldado como se fossem membros da minha própria família—porque eles realmente são."

E então sua voz muda. Surge com força e ressonância.

"Mas o mundo nem sempre é cinza. Há momentos no tempo em que a linha entre o certo e o errado é clara e limpa. E cada um de nós deve fazer a sua escolha. Foi dito que o mal floresce quando bons homens e mulheres não fazem nada. E, portanto, peço-vos que fiquem comigo hoje, ao meu lado e ao lado dos filhos e filhas de Wessco, quando declaramos com uma voz retumbante, eu não quero *não fazer nada*."

A câmara se enche em uma cacofonia de palmas—aplausos estrondosos—e cada membro do Parlamento se levanta. Para ficar com sua Alteza Real, Príncipe Herdeiro Henry.

Mais tarde, Henry desce da plataforma e caminha através da multidão de Parlamentares tagarelas, apertando suas mãos e balançando a cabeça enquanto atravessa. Quando ele chega a nossos assentos, seu irmão imediatamente o abraça, sorrindo amplamente.

“Muito bem, Henry. Você soou como um verdadeiro político.”

“Não”, interrompe a rainha. “Ele parecia um rei.”

É o elogio mais verdadeiro que ela poderia dar e Henry... cora.

Uma sensação ruim de reivindicação faz cócegas em meu estômago, porque eu definitivamente estou tomada por ele. Amar Henry me tornou selvagem e corajosa, e seu amor por mim o fez humilde e calmo. Que par engraçado nós somos—melhor do que os casais dos livros que li, e para mim este é o elogio mais verdadeiro que eu poderia dar.

Henry se vira para Olivia e a abraça calorosamente. “Olhe para você, Olive.” Ele olha para a sua barriga redonda onde um bebê cresce contra a sua blusa. “Eu vou ter que começar a te chamar de Pimentão—você está tão recheada.”

Olivia ri. E depois andamos até os carros que nos esperam e seguimos para o palácio.

Henry

Após o meu discurso, Sarah, Nicholas, Olivia, vovó e eu nos retiramos para o salão amarelo para um chá. E eu abordo o assunto que tem estado na minha cabeça ultimamente.

“Quero que Sarah se mude para a Guthrie House depois do Ano Novo.”

Minha avó praticamente engasga com seu chá.

“Absolutamente não.”

“Por que não? Ela vive praticamente lá agora de qualquer maneira. Podemos tornar isso oficial.”

A rainha levanta uma sobrancelha afiada. “Sua definição de *oficial* e a minha é muito diferente.”

Encolho os ombros. “A lei está prestes de ser mudada—e então não haverá motivo para fingir que não ficamos ‘ocupados’ em todas as oportunidades que temos em cada quarto do palácio.”

Após intenso lobby feito pela rainha e por mim, quase temos o número de votos no Parlamento necessário para revisar a lei. Temos esperança de que isso seja feito no próximo ano, dois no máximo, e então eu e todos os futuros herdeiros finalmente estaremos livres para casar com quem quisermos. E a primeira criança que Sarah e eu tivermos - seja um menino ou uma menina - será o próximo na linha do trono.

“Muita informação desnecessária, Henry”, brinca Olivia.

“Obrigada, Olivia”, diz minha avó. “Exatamente o meu pensamento.”

A rainha abaixa sua xícara de chá. “Pequenos passos, meu rapaz. A tradição ainda exige decência. O fato de Sarah acompanhá-lo a funções de estado e assuntos familiares teria sido escandaloso há apenas dez anos. Vocês nem noivos são.”

Aceno a minha mão. “Um tecnicismo.”

Nicholas ri. “Você parece terrivelmente arrogante para um homem que ainda não fez a pergunta.”

“Apenas realista.” Olho para Sarah. “Eu sou irresistível.”

Meu patinho rola seus lindos olhos.

“Seja como for”, diz a rainha secamente, “devemos dar um bom exemplo para as moças de Wessco.” Ela bate na mão de Sarah.

“Explique isso a ele, querida.”

Minha avó e Sarah têm convivido muito perto no último ano. Vovó tomou Sarah sob sua asa e se tornou uma mentora maravilhosa e forte para minha linda garota.

Não diferente do Imperador Palpatine e Darth Vader.

“Ah, não sei, Rainha Lenora” responde Sarah. “Sou uma mulher moderna e independente. Viver com Henry antes do casamento poderia ser um bom exemplo para as moças de Wessco. Qual é a frase? ‘Experimentar antes de comprar?’”

“Tente...” a rainha repreende.

E então ela olha para o rosto de Sarah.

“Você está me provocando, Sarah Von Titebottum?” Pergunta severamente.

A expressão de Sarah é contida, mas o brilho em seus olhos permanece.

“Sim, Vossa Majestade. Desculpe. Seu neto é uma influência terrível.”

De várias formas.

Balanço as sobrancelhas sugestivamente e Sarah me joga uma careta falsa antes de tranquilizar a rainha.

“Mas eu concordo com você: não vou me mudar para a Guthrie House até depois do casamento. Nós apreciamos tanto do apoio das pessoas, não devemos arriscar ofender os cidadãos mais conservadores... Não importa quão tentadora possa ser a ideia.”

Minha avó acena. "Bem dito, criança."

Faço uma careta. “Mas isso vai demorar tanto. Não quero esperar.”

A rainha não tem piedade. “Então eu sugiro que você faça a bola rolar, Henry. Se você gosta, você deve colocar um anel nela.” Então

acrescenta com orgulho, “Eu disse a Beyoncé[44] isso uma vez.”

Todos nós rimos. Porque aparentemente a Rainha tem um senso de humor.

Quem imaginaria?

Mas ainda assim... é um bom conselho.



Sarah me disse que o melhor felizes para sempre termina com um casamento. Mas se você já viu um casamento real, você basicamente já viu todos eles, capas de revistas brilhantemente comemorativa—fotos dignas do vestido branco deslumbrante com mangas de renda, o noivo arrojado em seu uniforme militar, o ouro, carruagens puxadas a cavalo, as multidões, e adoráveis meninas das flores.

A história real é aquela que vem antes. O que apenas um punhado de pessoas conhece e ainda menos conseguem ver.

Para nós, isso acontece em The Horny Goat. Sarah está deslumbrante em seu vestido ametista. Ela ainda não gosta de se destacar, ainda não é uma fã de cores fortes, mas hoje em dia suas escolhas de moda são mais vibrantes e sem medo, assim como ela.

Gosto de pensar que tive algo a ver com isso.

Nicholas e Olive estão conosco, Penélope e a cunhada saltitante de meu irmão Ellie Hammond também, bem como nossos amigos—Simon e Franny, Willard e Laura, Annie, Sam e Elizabeth. Macalister e Meg estão atrás do bar, e James e Grande Mick na porta, acompanhados por dois membros da segurança do meu irmão, Tommy

[44]Ela faz uma brincadeira com a música Single Ladies. Que fala exatamente sobre isso.

Sullivan e Logan St. James.

A gangue está toda aqui.

No palco, numa cadeira com a minha guitarra, toco no microfone e a multidão silencia.

“Meu pai costumava montar quebra-cabeças em seu tempo livre. Era um hobby para ele. Enigmas enormes e complicados com milhares de peças. Lembro-me de empurrar os meus carrinhos de brinquedo ao redor do tapete, enquanto ele se sentava em uma mesa em seu escritório, pacientemente montando uma peça após a outra.”

Vejo Nicholas sorrindo suavemente, porque ele também se lembra disso.

“E às vezes, havia pedaços, apenas um ou dois, que eram estranhos, que não parecia caber em qualquer lugar. Ele os colocava para o lado e eu achava que, talvez houvesse algo errado com eles, talvez estivem quebrados. Mas então... ele encontrava a peça que se encaixava com o seu jogo—e quando as duas peças se juntavam, você poderia ver o que eles deveriam ser. Onde se encaixavam e como eram importantes para toda a imagem.”

Varro a multidão, procurando os olhos escuros da minha Sarah, e quando encontro-os, eles já estão cheios de lágrimas.

Porque ela sabe o que está por vir.

“O relato oficial desta noite será muito correto e apropriado e... fodidamente chato. Mas está tudo bem. Porque as pessoas que estão aqui, aquelas que significam mais para mim e Sarah saberão a verdadeira história de como tudo aconteceu. Que uma vez, um rapaz lamentável encontrou uma moça tímida e encantadora e que juntos eles se tornaram algo mais... algo forte, bonito e para sempre. E uma noite ele cantou uma canção para ela, em um pub velho e fantasticamente ruidoso—uma canção com uma pergunta nela. E depois que ele tocou a última nota, ela disse sim mil vezes.”

Meus lábios escorregam em um sorriso. “Pelo menos... é assim que eu espero que ela vá fazer.”

Levo meus dedos para as cordas e toco as notas de abertura de “Marry Me” do Train.

E quando eu canto cada palavra, a letra sobre sempre o tempo não ser suficiente desgastado para um eu te amo, sobre o amor mostrar o caminho e a promessa de cantar para ela todas as noites, olho para Sarah o tempo todo e ela também não tira os olhos de mim em nenhum momento.

Ela já está chorando quando as últimas notas da guitarra soam, quando saio do palco e fico diante dela ajoelhando-me, não em um joelho, mas em dois—e eu ofereço o anel da minha mãe—um diamante oval impecável sobre uma cama de pequenos brilhantes diamantes, situado em uma banda brilhante de platina.

“Eu te amo, Sarah. Você já sabe disso, mas eu prometo dizer a você e mostrar todos os dias, mesmo assim. Prometo mantê-la segura, sempre, então você nunca irá ter medo de ser corajosa e valente... mesmo quando isso me assustar demais. Vou apreciar sua doçura, e me inspirar por sua força e bondade. E eu prometo a você uma vida cheia de aventura, emoção, diversão, e muito riso e amor para encher as páginas de mil livros.”

Sorrio para ela, minha garganta apertada com emoção e meu coração perto de estourar.

“Quer se casar comigo, Sarah?”

E com alegres lágrimas escorrendo pelo seu rosto, minha linda garota cai de joelhos comigo, pegando meu rosto em suas mãos e sussurrando, “Sim, Henry. Sim, eu me caso com você. Sim. Sim, sim, sim...”

Puxo Sarah contra mim, e nós selamos nossas palavras com um longo beijo. E os aplausos e gritos daqueles que nos conhecem melhor e nos amam, enchem o ar.

E isso, essa é a história que você não vai ver na televisão ou ler nos livros de história. A história de um príncipe indisciplinado que encontrou a rainha de seu coração, e aprendeu a ser um rei.

O FIM DESSA HISTÓRIA É APENAS O COMEÇO DE MUITAS OUTRAS...

SWEET CLUB BOOK'S



ROYALLY MATCHED

EMMA CHASE